

Universidade do Minho

Escola de Arquitectura

Rita Emília Ferreira Fernandes

**“Não é de génios que precisamos agora”,
uma leitura crítica do texto de J. A. Coderch
seguida de uma proposta de tradução**

Volume I

Dissertação de Mestrado Ciclo de Estudos Integrados ao Grau
Mestre em Arquitectura

Cultura Arquitectónica

Trabalho efetuado sob a orientação de

**Professor Doutor João Ricardo
Rosmaninho Duarte Silva**

**Professor Doutor Pedro Miguel
Correia Baía da Costa**

julho de 2020

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0>

AGRADECIMENTOS

Aos orientadores desta dissertação, o Prof. João Rosmaninho e ao Prof. Pedro Baía, pela confiança e entusiasmo que demonstraram sempre. Foi um enorme privilégio fazer parte desta equipa.

A disponibilidade e amabilidade dos contatos estabelecidos ao longo da construção desta dissertação que para além de facultarem elementos fundamentais contribuíram com as suas experiências de investigação, em especial: Ana Esteban Maluenda (ETSAM-UPM), Antonio Pizza De Nanno (ETSAB-UPC), Dirk van den Heuvel (TU Delft e Jaap Bakema Study Centre), Joaquim Moreno (FAUP), José Charters Monteiro, Marta Labastida (LAB2PT-EAUM), e Maurizio Gargano (Roma Tre).

Às instituições que, generosamente, disponibilizaram informações e material:

Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (João Figueira); Biblioteca do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra (Lurdes Eufrásio); Biblioteca Nuno Portas da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho; COAC - Col·legi d'Arquitectes de Catalunya (Andreu Carrascal Simon); Fundación Arquia (Anna Cornet Casals); Fundación Museo Reina Sofia (Sonia Pastor); Jaap Bakema Study Centre (Christel Leenen e Dirk van den Heuvel); L'Architecture d'Aujourd'Hui (Anastasia de Villepin); MACBA Museu d'Art Contemporani de Barcelona (Andrea Ferraris).

À Família,

À Carolina, à Cecília, à Eliana, à Nair,

Ao Bruno e à Marita

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

IN MEMORIAM

Joaquim Fernandes
Ventura Gomes Ferreira

“Não é de génios que precisamos agora”, uma leitura crítica do texto de J. A. Coderch seguida de uma proposta de tradução

Em Agosto de 1961 José Antonio Coderch de Sentmenat envia o texto “No son genios lo que necesitamos ahora” para Jaap Bakema em resposta a um questionário. Foi publicado na 3ª série da revista portuguesa *Arquitectura*, um mês após a sua publicação de estreia na italiana *Domus*. Durante esta série (1957-1974), foi o único texto divulgado integralmente que não passou pelo processo de tradução. Após quase seis décadas desde a sua primeira divulgação não encontramos uma publicação da tradução integral do texto para português. O objetivo principal desta dissertação passa pela realização de uma leitura crítica que complete e despiste algumas incoerências encontradas durante a leitura no processo de investigação - dos paradoxos em relação às línguas de publicação da *Domus* até à dissonância quanto à própria classificação do texto como manifesto. A leitura que apresentamos tem por base todo o contexto por detrás da escrita de J. A. Coderch, ao mesmo tempo que entramos na problemática da tradução lançando a nossa proposta em língua portuguesa, conjugando as diferentes versões publicadas. Assim a investigação, rastreamento e análise das publicações e republicações do texto ao longo do tempo nas várias geografias foram metodologias fundamentais para a construção desta dissertação - a imprensa escrita representou uma charneira de comunicação e reflexão dos modelos europeus que ao longo dos anos 1960 e 1970 tornaram menor a distância cultural entre os países. Hoje e à luz do nosso contexto ao lermos “No son genios lo que necesitamos ahora” inferimos a atualidade dos problemas que J. A. Coderch verificava à sessenta anos atrás, evidenciando-se sobretudo como um hino ao esforço, ao trabalho e à dedicação.

Palavras-chave: Imprensa; J. A. Coderch; No son genios lo que necesitamos ahora; Team 10; Tradução

ABSTRACT

“Não é de gênios que precisamos agora”, a critical reading of J. A. Coderch’s text followed by a translation proposal

In August 1961 José Antonio Coderch de Sentmenat sent the text “It is not geniuses that we need now” to Jaap Bakema in response to a questionnaire. It was published on the 3rd series of the Portuguese magazine *Arquitectura*, a month after it’s debut in the italian *Domus*. During this series (1957-1974), it was the only work released integrally that didn’t have to go through the process of translation. Nearly six decades after it first came out, a full translation of the text to portuguese still hasn’t been found. The main objective of this dissertation is the realization of a critical reading that is able to complete and lay aside some of the inconsistencies found during the study in the process of investigating - from the paradoxes relating to the languages in which it was published in *Domus*, to the dissonance when classifying the text as a manifest. The reading we present has in its base all the context behind J. A. Coderch’s writing, at the same time we enter the problematic of translating with our own proposal in the portuguese language, conjugating the different published versions. In this way the investigation, tracking and analysis of the publications and re-publications of the text throughout the time in various geographies were fundamental methodologies in this dissertation - the written press represented a chamber of communication and reflection of the european models that during the 1960s and 1970s diminished the cultural distance between countries. Today and in light of our context, when reading “It is not geniuses that we need now” we infer the actuality of the problems identified by J. A. Coderch sixty year ago, presenting itself mostly as an anthem to effort, work and dedication.

Keywords: J. A. Coderch; No son genios lo que necesitamos ahora; Press; Team 10; Translation

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
ESTADO DA ARTE	7
CAPÍTULO 1 . DO GRUP R AO TEAM 10	19
1.1 Da V Assembleia Nacional de Arquitetos Espanhóis ao Grup R (1949-1953)	21
1.2 Da relação com Josep Lluís Sert à participação no CIAM XI (1959)	26
1.3 Os encontros do Team 10 (1960-1977)	31
CAPÍTULO 2 . OBRA PUBLICADA NA IMPRENSA	41
2.1 Do projeto para <i>Torre Valentina a Las Cocheras</i> (1959-1976)	43
2.2 De “Points de vue sur la situation des jeunes architectes en Espagne” a “Historia de unas castañuelas” (1957-1967)	51
2.3 Da fotografia à fotomontagem (1951-1974)	57
CAPÍTULO 3 . DA TROCA DE CORRESPONDÊNCIA AO TRÂNSITO INTERNACIONAL	63
3.1 Da correspondência com Jaap Bakema à primeira divulgação em Itália (1960-1961)	65
3.2 Da divulgação em Portugal às publicações no estrangeiro (1961-1989)	75
3.3 Da receção do texto à sua interpretação crítica (1961-2019)	91
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117

da noi richiesto, José Antonio Coderech ci ha mandato questo scritto: i suoi pensieri, possiamo dire il suo credo: i doveri dell'architetto, il bene e il male nella professione moderna della architettura

No son genios lo que necesitamos ahora

Non é di genii che abbiamo bisogno

Un vecchio e famoso architetto americano, se ben ricordo, diceva ad un altro più giovane, che gli chiedeva un consiglio: « Apri bene gli occhi, guarda; è tutto molto più semplice di quanto ti immagini ». E gli diceva anche: « Dietro ogni edificio che vedi, c'è un uomo che non vedi ». Un uomo, non diceva neppure un architetto.

No, non credo che sia di genii che abbiamo bisogno... E neppure credo che abbiamo bisogno di pontefici dell'architettura, o di grandi dottrinari. Qualche cosa di una tradizione viva è ancora nelle nostre mani, e valgono ancora molte vecchie dottrine morali a reggere il nostro mestiere di architetti e noi stessi. Credo che abbiamo bisogno soprattutto di buone scuole e di buoni maestri...

Abbiamo bisogno che migliaia di architetti pensino meno alla Architettura, al denaro, alle Città del Duemila e di più invece al loro lavoro di architetti; e che lavorino con una corda al piede per non allontanarsi troppo dalla terra in cui hanno radici, nè dagli uomini che conoscono meglio; e lavorino con dedizione, buona volontà e senso dell'onore.

Credo che per ottenere ciò occorra innanzi tutto liberarsi di molte false idee chiare... e credo che il miglior insegnamento alla fine sia l'esempio: lavorare del nostro meglio, attenti a non confondere la debolezza umana ed il diritto di sbagliare con la volontaria leggerezza e con l'immorale calcolo dell'arrivista.

La società progredisce spiritualmente, al suo vertice, per opere e parole, e, alla sua base, per imitazione e rispetto verso l'aristocrazia. Ma una aristocrazia oggi non esiste, disfatta dal materialismo, dalla filosofia del successo.

In Spagna — i miei m'hanno insegnato — un « caballero », un aristocratico, è chi non può fare quelle cose che la legge, la Chiesa e la maggioranza della gente approva o permette. Bisogna formare una nuova aristocrazia, a poco a poco, ma cominciando subito... Al denaro, al successo, all'eccesso di guadagno, alla leggerezza, alla fretta, alla mancanza di vita spirituale e di coscienza, bisogna opporre la dedizione, la preparazione, la buona volontà, il tempo, il pane quotidiano, e soprattutto l'amore; che è accettazione e dedizione, e non possesso e dominio. Questo è ciò cui dobbiamo attaccarci.

Si pensa che la cultura, la preparazione, di un architetto stiano nel vedere, nel conoscere più o meno profondamente, le realizzazioni (cioè i segni esterni del valore spirituale) dei grandi maestri. Ma questo è applicare al nostro lavoro i criteri con cui si classificano (per segni esterni) i valori economici, nella nostra società materialista... E poi ci lamentiamo che ci sian tanti cattivi architetti; che non vi sian grandi architetti minori di sessant'anni; e che le vecchie città vadan distrutte e i nuovi paesi costruiti come scenari da cinema...

È per lo meno curioso che si parli e si pubblichi tanto sui « segni esterni » dei grandi maestri (segni in verità importanti) e non si parli quasi mai del loro valore morale.

Un viejo y famoso arquitecto americano, si no recuerdo mal, le decía a otro mucho más joven que le pedía consejo: « Abre bien los ojos, mira, es mucho más sencillo de lo que te imaginas ». También le decía: « Detrás de cada edificio que ves hay un hombre que no ves ». Un hombre, no decía siquiera un arquitecto.

No, no creo que sean genios lo que necesitamos ahora. Creo que los genios son acontecimientos, no metas o fines. Tampoco creo que necesitamos Pontífices de la Arquitectura, ni grandes doctrinarios. Algo de tradición viva está todavía a nuestro alcance, y muchas viejas doctrinas morales, en relación con nuestro oficio (mestier) de arquitecto y con nosotros mismos. Creo que necesitamos, sobre todo, buenas escuelas y buenos profesores. Necesitamos aprovechar la escasa tradición constructiva, y sobre todo la tradición moral, en esta época en que las más hermosas palabras han perdido su verdadera significación.

Necesitamos que miles y miles de arquitectos piensen menos en Arquitectura, en dinero, o en las ciudades del año 2000, y más en su oficio de arquitecto. Que trabajen con una cuerda atada al pie, para que no puedan ir demasiado lejos de la tierra en la que tienen raíces, y de los hombres que mejor conocen; siempre apoyándose en una base firme de dedicación, de buena voluntad y honradez.

Creo que para conseguir estas cosas, hay que desprenderse antes de muchas falsas ideas claras, de muchas palabras huecas, y trabajar de uno en uno, con la buena voluntad que se traduce en acción propia y enseñanza, más que en doctrinarismo. Creo que la mejor enseñanza es el ejemplo; trabajar vigilando continuamente para no confundir la flaqueza humana, el derecho a equivocarse, capa que cubre tantas cosas, con la voluntaria ligereza, la inmoralidad o el frío cálculo del trepador.

La sociedad se enriquece espiritualmente hacia la cumbre con obras y palabras, hacia la base por mimetismo y respeto a una aristocracia, que hoy prácticamente no existe, ahogada en gran parte por el materialismo, por la filosofía del éxito. En España, me explicaban mis padres, un caballero, un aristócrata, es la persona que no puede hacer cosas que la ley, la Iglesia, y la mayoría aprueban o permiten. Hay que constituir una nueva aristocracia de uno en uno. Creo que es la única manera de no perder el tren. Hay que ir despacio y empezar pronto. Empezar cada uno de nosotros y en todo caso hablar luego de ello.

Al dinero, al éxito, al exceso de propiedad o ganancias, a la ligereza, a la prisa, a la falta de vida espiritual o de conciencia, hay que enfrentar: la dedicación, el oficio, la buena voluntad, el tiempo, el pan de cada día y sobre todo el amor, que es aceptación y entrega, no posesión y dominio. A esto hay que aferrarse.

Se considera que cultura o formación arquitectónica es ver o conocer más o menos profundamente las realizaciones, los signos exteriores de riqueza espiritual, de los grandes maestros. Se aplican a nuestro oficio los mismos procedimientos de clasificación que se emplean (signos exteriores de riqueza económica), en nuestra sociedad materialista. Luego nos lamentamos, porque ya no hay grandes arquitectos menores de 60 años, porque la mayoría de los arquitectos son malos, porque las nuevas urbanizaciones resultan antihumanas, porque se destruyen nuestras viejas ciudades y se construyen casas y pueblos como decorados de cine a lo largo de nuestras hermosas costas Mediterráneas.

Es por lo menos curioso que se hable y se publique tanto, sobre los signos exteriores de los grandes maestros (signos muy valiosos en verdad), y no se hable apenas de su valor moral.

Preâmbulo

Ao longo dos anos 1960 e 1970 um conjunto significativo de artigos, conferências e capítulos de livros foram traduzidos na revista portuguesa *Arquitectura*, dando a conhecer ao leitor uma série de caminhos práticos e teóricos que estavam a ser explorados. Desde os *Archigram* aos *Problemas do ensino de arquitetura*, chegavam da Europa vozes expressivas. O pós-guerra tornou-se num período capaz de levar os arquitetos a refletir e questionar, desde a reconstrução das cidades alienadas pela II Guerra Mundial, à habitação social e até aos fundamentos do movimento moderno. Neste contexto, Portugal encontrava-se numa situação de inércia em relação a grande parte dos países europeus da altura, estava ainda sob um regime político opressivo onde o pensamento crítico não era valorizado. É esta situação que a revista *Arquitectura*, quando em 1957 lança a sua 3ª série, deseja combater trazendo para o seu corpo de trabalho uma nova geração de arquitetos (como Nuno Portas, Carlos Duarte, Pedro Vieira de Almeida, entre outros), que no decorrer das décadas seguintes, viriam a ser responsáveis por anunciar os novos pensamentos, contribuindo também eles para a produção e crítica arquitetónicas. “No son genios lo que necesitamos ahora” é certamente um exemplo dessas vozes expressivas que chegavam a Portugal, J. A. Coderch (1913-1984) em agosto de 1961 envia o texto a Jaap Bakema em resposta a um questionário. Este acaba por ser uma introdução do arquiteto ao Team 10, debatendo os problemas da arquitetura mas principalmente os problemas da sociedade. O percurso do arquiteto catalão é demarcado pela sua presença no Grup R em inícios dos anos 50, a participação no CIAM XI em Otterlo, e os vários encontros do Team 10. É ainda, do ponto de vista da revista *Arquitectura*, paradigmático ao demonstrar a atualidade desta face à imprensa internacional – o texto foi publicado um mês após a sua primeira divulgação na italiana *Domus*. Ainda na *Arquitectura* destaca-se pelo facto de ser o único texto publicado integralmente numa língua estrangeira, sem passar pelo habitual processo de tradução.

“A tradução é uma forma. Para a apreender enquanto tal, é necessário regressar ao original, pois nele reside a lei da tradução, contida na sua traduzibilidade (Übersetzbarkeit).”¹

A questão da tradução permitiu, então, evidenciar um conjunto de discursos de autores de geografias distintas, que expuseram os seus contextos através da escrita². Esses artigos abrangiam diversas áreas, desde textos sobre o urbanismo, textos que se debruçavam sobre a habitação social ou as novas tecnologias, até textos de carácter mais monográfico onde era abordada uma obra ou um arquiteto em particular. Eram, por norma, escritos com um carácter expressivo e, apesar de não serem manifestos, evidenciavam uma posição. Outra característica nestes parece ser, ainda, o estabelecimento de uma sincronia entre a tradução e o tempo. Artigos como “Problemas de Hoje”³ de George Candilis,

3 CANDILIS, George – Problemas de Hoje. *Arquitectura*, N.º 77 (Jan. 1962)

Es curioso que se hable o escriba de sus flaquezas como cosas curiosas o equívocas, y se oculte como tema prohibido o anecdótico su posición ante la vida y ante su trabajo.

Es curioso, aquí tenemos a Gaudí muy cerca (yo mismo conozco personas que lo han tratado personalmente en su trabajo), que se hable tanto de su obra y tan poco de su posición moral y de su dedicación. Es más curioso todavía el contraste entre lo mucho que se valora la obra de Gaudí, que no está a nuestro alcance, y el silencio o ignorancia de la moral o posición ante el problema de Gaudí, que esto sí, está al alcance de todos nosotros.

Con grandes maestros de nuestra época pasa prácticamente lo mismo. Se admiran sus obras, o mejor dicho las formas de sus obras y nada más, sin profundizar para buscar en ellas lo que tienen dentro, lo más valioso, que es precisamente lo que está a nuestro alcance. Claro está que esto supone aceptar nuestro propio techo o límite, y esto no se hace, porque casi todos los arquitectos, quieren tener mucho dinero, o ser Le Corbusier; y esto el mismo año que acaban sus estudios de Arquitecto. Hay aquí un arquitecto, recién salido de la Escuela, que ha publicado una especie de manifiesto impreso en papel muy valioso, después de diseñar una silla, si podemos llamarla así.

La verdadera cultura espiritual de nuestra profesión siempre ha sido patrimonio de unos pocos. La postura que permite el acceso a esta cultura, es patrimonio de casi todos, y ésta no la aceptamos, como tampoco aceptamos el comportamiento cultural, que debería ser obligatorio y estar en la conciencia de todos.

Antiguamente el arquitecto tenía firmes puntos de apoyo. Existían muchas cosas que eran aceptadas por la mayoría como buenas o inevitables, y la organización de la sociedad, tanto en sus problemas sociales como económicos, religiosos, políticos, etc., evolucionaban lentamente. Existía por otra parte más dedicación, menos orgullo y una tradición viva en la que apoyarse. Las clases elevadas tenían un concepto más claro de su misión, y rara vez se equivocaban en la elección de los arquitectos de valía; y la cultura espiritual se propagaba naturalmente. Las pequeñas ciudades crecían como plantas, en formas distintas, pero de una manera lenta y viva. Raramente existía ligereza, improvisación o irresponsabili-

dad. Se realizaban obras de todas clases, que tenían un valor humano que se da hoy muy excepcionalmente. Rara vez también se planteaban graves problemas de crecimiento, ni se tenía la sensación, como ocurre ahora, de que la evolución de la sociedad es muy difícil de prever, como no sea a muy corto plazo.

Hoy día, las clases dirigentes han perdido el sentido de su misión, y tanto la aristocracia de la sangre, como la del dinero, la de la inteligencia, la de la Iglesia, la de la política, salvo rarísimas excepciones, contribuyen decisivamente por su inutilidad, espíritu de lucro, de poder y falta de conciencia de sus responsabilidades, al desconcierto arquitectónico actual.

Por otra parte las condiciones en las que tenemos que basar nuestro trabajo varían continuamente. Existen problemas religiosos, morales, sociales, económicos, de enseñanza, de familia, de fuentes de energía, etc., que pueden cambiar de forma imprevisible la faz y estructura de nuestra sociedad (son posibles cambios brutales cuyo sentido se nos escapa) y que impiden hacer previsiones honradas a largo plazo.

Como he dicho ya tantas veces, no tenemos una clara tradición viva, imprescindible para la mayoría de nosotros. Las experiencias realizadas hasta ahora, en nuestra profesión no son suficientes para que de ellas se desprenda el camino imprescindible para la gran mayoría de los arquitectos que ejercen su oficio en todo el mundo. En el mejor de los casos se busca la solución en formalismos y tópicos de gloriosos y viejos maestros de la arquitectura actual, prescindiendo de su espíritu, de su circunstancia, y sobre todo ocultando cuidadosamente con grandes y magníficas palabras nuestra gran irresponsabilidad, ambición y ligereza. Es ingenuo creer como se cree que el ideal y la práctica de nuestra profesión puede condensarse en slogans como el del sol, la luz, el aire, el verde, lo social y tantos otros. Una base formalista y dogmática, sobre todo si es parcial, es mala en sí, salvo en muy raras y catastróficas ocasiones. De todo esto se deduce, a mi juicio, que en los caminos diversos, que sigue cada arquitecto consciente, tiene que haber algo común, algo que debe estar en todos nosotros, y aquí es donde vuelvo al principio de esto que he escrito, sin ánimo de dar lecciones a nadie, con una profunda y sincera convicción.

J. A. Coderch, arquitecto
agosto 1961

È curioso che si parli e si scriva delle debolezze dei grandi come di curiosità, e si taccia, quasi tema proibito o aneddotico, la loro posizione morale di fronte alla vita e di fronte al proprio mestiere.

È curioso: abbiamo Gaudí così vicino a noi (io stesso conosco persone che lo hanno seguito personalmente durante il lavoro) eppure si parla molto della sua opera e ben poco invece del suo impegno e della sua dedizione al lavoro. È ancor più curioso osservare quanto si stimi l'opera di Gaudí, che non è alla nostra portata, che non è imitabile, e come si taccia o si ignori invece la morale di Gaudí, la sua posizione di fronte al problema, cosa che è alla portata di tutti noi.

Coi grandi maestri della nostra epoca succede praticamente lo stesso. Si ammirano le loro opere, o, a dire il vero, le forme delle loro opere, e niente più, senza studiarle a fondo, senza cercare ciò che esse han «dentro», che è la cosa più importante, l'unica che può servirci. Certo, ciò vorrebbe dire accettare i nostri limiti; e noi non lo si fa, perchè quasi tutti gli architetti oggi vogliono o molto denaro o essere Le Corbusier, e tutto ciò entro l'anno di laurea...

La vera cultura, nella nostra professione, è sempre stata patrimonio di pochi, ma l'atteggiamento che consente di partecipare a questa cultura, è possibilità di quasi tutti; e noi non vogliamo accettarlo...

Anticamente l'architetto aveva sicuri punti di appoggio, su cui basarsi. Molte erano le cose che la maggioranza della gente accettava come buone o inevitabili; l'evoluzione della società, sia nei suoi aspetti sociali che in quelli economici, religiosi, politici, era lenta. C'era d'altra parte più dedizione e minor orgoglio, ed una tradizione viva sulla quale operare. Le classi elevate avevano un concetto più chiaro della propria missione, e raramente si sbagliavano nella scelta degli architetti di valore, e la cultura si diffondeva in modo naturale. Le piccole città crescevano come piante, in forme diverse ma in modo lento e vitale. Era rara allora la leggerezza, l'improvvisazione, l'irresponsabilità. Si realizzavano opere, in tutti i campi, che avevano un valore umano oggi molto raro ed eccezionale. I problemi di crescita non esistevano, nè si aveva la sensazione, come si ha oggi, che la evoluzione della società sia molto difficile da prevedere, se non a brevissima scadenza.

Oggi le classi dirigenti han perso il senso della loro missione e tanto la aristocrazia del sangue quanto quella del denaro, quella della intelligenza, quella della Chiesa e quella della politica contribuiscono in modo decisivo, salvo eccezioni rarissime, con la loro inutilità, il loro spirito di lucro e di potere, alla loro mancanza di coscienza, allo sconcerto architettonico di oggi. E d'altra parte le premesse su cui dobbiamo basare il nostro lavoro cambiano di continuo: problemi religiosi, morali, sociali, economici, dell'insegnamento, della famiglia, delle fonti di energia, ecc. possono mutare in modo imprevedibile l'aspetto e la struttura della nostra società (e con cambiamenti brutali, il cui significato ci sfugge); e non si possono far previsioni.

...Le esperienze fatte fin qui nella nostra professione, non bastano a dare agli architetti, alla maggioranza degli architetti che lavorano oggi nel mondo, una chiara strada. Nel migliore dei casi ci si rifugia nei formalismi e nei luoghi comuni dei gloriosi e vecchi maestri dell'architettura attuale, prescindiendo dallo spirito e dalle circostanze. È ingenuo credere, come si crede, che l'ideale e la pratica della nostra professione possano essere riassunti in slogans come quelli del sole, della luce, dell'aria, del verde, del fine sociale, ecc... Una base formalistica e dogmatica, soprattutto se è parziale, è cattiva. Anche se su strade diverse, bisogna che gli architetti coscienti oggi seguano qualcosa di comune. E da qui mi rifaccio all'inizio di quello che ho scritto senza intenzione di dare lezioni a nessuno, ma per sincera e profonda convinzione.

“Planeando para a sociedade do futuro”⁴ de Stanford Anderson, “Archigram e o mundo do futuro”⁵ de Francisco Quintana, ou “O futuro da *Arquitectura*”⁶ de Dennis Sharp, são alguns dos que manifestam a preocupação do arquiteto com o presente e com o futuro tal como acontece com “No son genios lo que necesitamos ahora”.

O *manifesto*⁷ do arquiteto catalão é um exemplo de ligação e fluidez entre as imprensas, em termos de trânsito internacional, que deram possibilidade de os artigos cruzarem até continentes⁸. Esta investigação, ao analisar este texto, em profundidade, pretende contar a sua história dando resposta a uma série de questões como: Em que língua foi escrito o texto originalmente? Porque é que na publicação da revista *Arquitectura* o texto se apresenta fragmentado, diferente comparativamente às publicações espanholas da altura? Porque é um dos poucos textos não traduzidos da revista portuguesa, quando a norma era receber os artigos e traduzi-los? O texto foi traduzido, em algum momento, para português? Se sim, a que nível foi divulgada essa tradução?

Os objetos de estudo desta investigação são as várias publicações do texto na imprensa internacional — numa tentativa de interpretar as mutações que este sofre; e o vídeo do Colégio dos Arquitetos da Catalunha (COAC)⁹ de uma conversa de J. A. Coderch com Emili Donato e Rafael Santos Torroella em 1984, onde J. A. Coderch lê o artigo e o comenta espontaneamente à medida que o percorre e que permitirá constituir, a esta investigação, um documento inédito composto pelo artigo original publicado pela *Domus*, os comentários do arquiteto passados vinte anos da publicação e comentários/notas da investigação que hoje, passados sessenta anos pretendem contribuir para uma reflexão de um escrito que se mantém atual (Volume II). O outro objetivo principal é lançar uma proposta de tradução para português, entrando assim na problemática da tradução e da *tarefa* do tradutor.

Metodologia da investigação

- Estratégias gerais

Ao longo desta investigação procedemos a uma série de leituras, levantamentos, análises

4 ANDERSON, Stanford – Planeando para a sociedade do futuro. *Arquitectura*, N. 96 (Mar./Abr. 1967)

5 QUINTANA, Francisco – Archigram e o mundo do futuro. *Arquitectura*, N. ° 99 (Set./Out. 1967)

6 SHARP, Dennis – O futuro da *Arquitectura*. *Arquitectura*, N. ° 114 (Mar./Abr. 1970)

7 Ao longo desta dissertação associa-se a palavra manifesto ao texto “No son genios lo que necesitamos ahora”, esta ligação parte do livro *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a new century* de Craig Buckley onde o texto de Coderch é refletido como o último manifesto / the last manifesto. Tendo em conta a definição de manifesto – declaração pública de intenções, motivos e pontos de vista – podemos validar que o texto corresponde a estas premissas [In Merriam-Webster dictionary, disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/manifesto>].

8 Consultar infomapa do percurso do texto de J. A. Coderch - Anexo XIX

9 DONATO, Emili – **J. A. Coderch i de Sentmenat** [registo vídeo] Espanha: COAC/ Sis Architectes, 1984. Vídeo disponível no site da Fundación Arquia (59 min.)

quantitativas e qualitativas, e conversas com arquitetos. Numa primeira fase procedeu-se a um levantamento da 3ª série da revista *Arquitectura*, colocando em evidência vários dados quantitativos e qualitativos. Os dados quantitativos deram origem a vários gráficos, organizados e legendados no caderno de anexos¹⁰, estes dados foram capazes de expressar algumas dinâmicas da revista que uma análise apenas qualitativa por vezes não evidenciaria. Outra das estratégias foi a leitura crítica de bibliografia: numa fase inicial, bibliografia mais abrangente; e numa fase final, mais específica permitindo refletir sobre o que já foi escrito e compreender o que faltava revelar sobre este texto de J. A. Coderch – neste caso foi fundamental investigar e rastrear ao máximo as publicações e republicações de “No son genios lo que necesitamos ahora” ao longo do tempo nas várias geografias.

- Processo de trabalho

A organização que esta dissertação apresenta foi o produto de um permanente processo de aproximação. Inicialmente, a investigação organizava-se em torno da revista *Arquitectura*, sendo “No son genios lo que necesitamos ahora” apenas um corolário no estudo dos modelos de importação/exportação. Num passo seguinte, chegámos à conclusão de que esse estudo era ainda demasiado abrangente, sentindo a necessidade de encontrar um filtro capaz de contrair o campo de estudo. Foi nesse sentido que surgiram dois caminhos: o tempo e a tradução. A partir desses dois temas estruturámos diferentes índices para compreender e analisar onde estes nos levariam. A decisão de seguir a tradução deveu-se a uma maior objetividade comparativamente com um tema de carácter metafísico como o tempo – na realidade quando entramos no levantamento e análise dos textos traduzidos ou não traduzidos durante a 3ª série da *Arquitectura* é que percebemos, tal como mencionado anteriormente, que o tempo está implícito na tradução.

Acabámos por compreender que o tema da tradução era, novamente, demasiado extenso e sentimos necessidade de especificar, sendo precisamente nesse momento que percebemos que em todo este processo de aproximação e definição o objeto de estudo que nunca nos tinha abandonado era o texto do arquiteto catalão, e que fazia todo o sentido centrar a investigação nele, deixando cair contextualizações desnecessárias que já foram feitas inúmeras vezes. Esta é a razão pela qual este trabalho se encontra centrado no texto, “No son genios lo que necesitamos ahora”, numa tentativa de contar da forma mais completa a história e as várias leituras que este *manifesto* teve até hoje.

- Contactos estabelecidos

No decorrer desta dissertação surgiu ainda a oportunidade de entrar em contato com Ana Esteban

10 Consultar levantamento da 3ª série da revista - Anexos I a XVIII

Maluenda (ETSAM-UPM, Madrid); Antonio Pizza De Nanno (ETSAB-UPC, Barcelona); Christel Leenen (Jaap Bakema Study Centre); Dirk van den Heuvel (TU Delft e Jaap Bakema Study Centre); Joaquim Moreno (FAUP, Porto); José Charters Monteiro (Lisboa); Julio Garnica (ETSAB-UPC, Barcelona); Marta Labastida (LAB2PT-EAUM, Guimarães); Marco Lucchini (Politecnico di Milano, Milão); Maurizio Gargano (Roma Tre, Roma) e Nicola Di Battista (Roma). Foram ainda contactadas várias entidades, nomeadamente: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian; Biblioteca do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra; COAC (Collegi d'Arquitectes de Catalunya); Domus; Fundación Arquia; Fundación Museo Reina Sofia (que detém o arquivo de J. A. Coderch desde 1 de Janeiro de 2019); Gio Ponti Archives; Jaap Bakema Study Centre; L'Architecture d'Aujourd'Hui; Museu d'Art Contemporani de Barcelona (MACBA).

Estrutura da dissertação

Esta dissertação está organizada em dois volumes, um primeiro onde contamos a história do texto enquadrando no percurso do arquiteto, e um segundo onde propomos a tradução para português, constituindo uma componente mais prática do trabalho de investigação.

O primeiro volume está estruturado em três pontos fundamentais que se complementam para criar um trabalho de reflexão crítica sobre “No son genios lo que necesitamos ahora”.

No primeiro capítulo, nomeado de “Do Grup R ao Team 10”, apresentamos como alguns acontecimentos são fundamentais para compreender em que contexto surge o *manifesto*. Referimo-nos desde a história da fundação do Grup R no contexto espanhol, a participação de J. A. Coderch no CIAM de Otterlo e a participação nos encontros do Team 10 ao longo dos anos 1960 e 1970. Neste último ponto, por exemplo, é importante compreender o papel do arquiteto catalão no grupo, bem como a correspondência que trocava com alguns dos membros (em especial, Alison Smithson e Jaap Bakema), da mesma forma que é importante fazer uma leitura crítica da dicotomia Candilis-Coderch, figurativa de *Zeitgeists*¹¹ dispare.

No segundo capítulo, “Obra publicada na Imprensa”, abordam-se os diferentes formatos divulgados na imprensa internacional, os projetos, as reflexões escritas e as composições fotográficas, dando exemplos para casa um deles. No caso das peças escritas apresentamos textos para além de “No son genios lo que necesitamos ahora”, como por exemplo a “Historia de unas castañuelas”¹², escrita em 1967 contudo só publicada em 1974. Expõe-se, ainda, a relação de J. A. Coderch com a imprensa internacional nomeadamente com Giovanni “Gio” Ponti, editor da revista *Domus* e um dos primeiros a

11 Pural de *Zeitgeist* - Termo em alemão com o sentido de “espírito da época” ou “espírito de um tempo” para associar e captar as características gerais, como as aspirações, o pensamento, a cultura e o modo de vida de uma nação dentro de determinada era. (In E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia, disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/zeitgeist/>)

12 CODERCH, José – Historia de unas castañuelas. In FOCHS, Carlos - **J. A. Coderch de Sentmenat: 1913-1984**. 5ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998. 84-252-1387-8

publicar a obra do arquiteto catalão fora de Espanha.

O terceiro capítulo, “Da troca de correspondência ao trânsito internacional na imprensa”, tem como objetivo contar a história que levou à primeira publicação do texto, fazendo referência à correspondência com Jaap Bakema, e ao contínuo interesse nos dias de hoje pelas premissas do *manifesto*, que fizeram com que este tenha já percorrido várias geografias. Exploramos ainda momentos importantes da vida do *manifesto* como: a escolha do arquiteto ao selecionar este texto para o seu discurso de acesso à Real Academia, fazendo algumas alterações; e a leitura crítica que o mesmo faz quando, em 1984, lhe pedem para voltar a ler o discurso, assim como a revisão crítica ao longo das cerca de seis décadas. Neste capítulo abordamos ainda a questão da tradução durante a 3ª série da revista portuguesa, *Arquitectura*, e da publicação deste texto sem tradução para português.

Na conclusão apresentamos a nossa receção e interpretação crítica do texto em 2020, tendo em conta o nosso contexto e percurso académico.

O segundo volume é dedicado exclusivamente à nossa proposta de tradução para português que nos permite entrar na própria problemática, onde não deixamos de justificar algumas escolhas através de notas de tradução, introduzindo ainda os comentários que J. A. Coderch lança em 1976 e 1984 na releitura do texto.

Esta dissertação conta, ainda, com um caderno de anexos onde podemos encontrar, por exemplo, o levantamento inicial na revista *Arquitectura* e *Binário*, as análises quantitativas transcritas em gráficos legendados, e as questões enviadas a José Charters Monteiro e a Joaquim Moreno.

ESTADO DA ARTE

A imprensa escrita especializada em arquitetura, nacional e internacional, tem sido recorrentemente objeto de estudo com linhas de abordagem diversas. O interesse pela imprensa escrita especializadas é justificado por uma série de aspetos, desde logo porque são uma importante amostra no que diz respeito a uma determinada cronologia. Em adição, a grande variedade de publicações de obras e reflexões críticas permite, hoje em dia, olharmos para trás com um olhar crítico interpretando através de vários filtros.

Na tese de mestrado de Sofia Reis de 2007 intitulada *74-86, Arquitectura em Portugal – Uma leitura a partir da imprensa*¹³ procura-se, ao longo de quatro capítulos, captar de que modo a imprensa especializada em arquitetura e alguns jornais generalistas foram capazes de refletir o momento que Portugal estava a viver, numa cronologia complexa e marcada, essencialmente, pelo fim da ditadura militar em 1974 e o *boom* da difusão dos media durante os anos 1980. Nesta investigação somos apresentados com um trabalho de levantamento bastante completo onde, não só a imprensa nacional entra na equação, como também a imprensa internacional, apresentando revistas que publicaram arquitetos portugueses além-fronteiras.

O livro *Arquitectura em Público: 15 anos de expansão mediática nas páginas de um jornal português*¹⁴ de Pedro Gadanho e editado pela Dafne em 2010 é um estudo muito diferente dos outros aqui apresentados. Utiliza a imprensa generalista de modo a refletir sobre a transposição da arquitetura da sua esfera privada das revistas e dos livros especializados para a esfera mais pública de um jornal com tiragem diária como é o *Público*. Este estudo, que parte da tese de doutoramento do autor, acaba por abordar a mediatização nos vários canais, não só a imprensa escrita como também a televisão – onde aborda programas que trouxeram a temática como *À volta da cidade* de Nuno Portas de 1978, *O Tempo e o Traço*, etc. – e a internet, com os blogues. Apesar de se focar no caso português, não deixa de abordar casos estrangeiros como a revista britânica *Wallpaper* que em meados dos anos 1990 faz a arquitetura entrar no cardápio de assuntos ao dispor do leitor. Da mesma forma que apresenta outras publicações que lhe seguiram os passos como a *Surface*, *Baby*, *Neo2*, e até a portuguesa *Atitude*. O prefácio de Nuno Portas relembra a importância do estudo porque “lembra-nos as facetas de um tempo de mudanças de produção arquitetónica ou urbanística portuguesa e não só as que se podiam refletir

13 REIS, Sofia - **74-86, Arquitectura em Portugal – Uma leitura a partir da imprensa**. Coimbra: Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2007. Tese de mestrado.

14 GADANHO, Pedro – **Arquitectura em Público: 15 anos de expansão mediática nas páginas de um jornal português**, 1ª Edição. Porto: Dafne Editora, 2010. 978-989-8217-11-0

num espelho generalista banal”¹⁵.

O artigo de Véronique Patteeuw para o número 3 da *Architectural Theory Review* intitulado “Architecture, Writing and Criticism in the 1960s and 1970s: The little magazine as agent provocateur”¹⁶ apesar de ser um artigo sobre as *pequenas* revistas, e que segue de perto o projeto de Beatriz Colomina¹⁷ na Universidade de Princeton, acaba por apresentar uma série de ideias que conseguimos facilmente associar à revista *Arquitetura*. A autora caracteriza as pequenas revistas (género) como agentes provocatórios e instigadores da mudança, ao mesmo tempo que são laboratório de pensamento e exploração da escrita crítica. Estas são características identificáveis na *Arquitetura* que foi promotora da cultura arquitetónica em Portugal ao longo de cinquenta e sete anos (1927-1984). Embora o artigo seja uma leitura sobre este género de imprensa e o seu impacto na cultura e nas artes num arco cronológico particular, a autora não deixa de relacionar com o seu presente. Essa relação com o tempo presente faz-se através de uma ideia avançada por François Chaslin, editor chefe da revista *L'Architecture d'aujourd'hui* entre 1987 e 1994:

“A corrida pelo inédito, a necessidade comercial de serem os primeiros a publicar o projeto mais recente dos arquitetos internacionais “mais famosos”, o chamado *star-system*¹⁸, destrói – como indica o editor (François Chaslin) – a possibilidade da crítica.”¹⁹

Esta frase acaba por se relacionar com o posfácio de Pedro Barreto para *Arquitetura em Público: 15 anos de expansão mediática nas páginas de um jornal português* nomeadamente quando afirma:

“As consequências estão à vista: a leitura é muitas vezes acrítica, até apática, e a escrita arquitetónica nunca gozou de um tão grande monopólio e reiteração do lugar comum, da elegia gratuita ou interessada, do orgástico entusiasmo por fenómenos efémeros, da incapacidade de premiar o mérito e não o *hype* – nunca gozou tanto, enfim, de poder oferecer, impunemente, tanto gato por lebre. Hoje, na escrita e na publicação sobre arquitetura vale, literalmente, tudo.”²⁰

15 PORTAS, Nuno - Prefácio. IN GADANHO, Pedro – **Arquitetura em Público: 15 anos de expansão mediática nas páginas de um jornal português**, 1ª Edição. Porto: Dafne Editora, 2010. 978-989-8217-11-0 P.11

16 PATTEEUEW, Véronique – Architecture, Writing and Criticism in the 1960s and 1970s: The little magazine as agent provocateur. *Architectural Theory Review*. 2010 N. 3, volume 15. 281-297. 1326-4826

17 COLOMINA, Beatriz; BUCKLEY, Craig – **Clip, Stamp, Fold: The Radical Architecture of Little Magazines 196X to 197X**. New York: ActarD Inc. 2011. 9788496954526

18 *Star-system* é um termo associado, recorrentemente, ao cinema e refere-se a um sistema de produção e divulgação em torno de um protagonista.

19 Tradução livre da autora, a partir de: PATTEEUEW, Véronique – Architecture, Writing and Criticism in the 1960s and 1970s: The little magazine as agent provocateur. *Architectural Theory Review*. 2010 N. 3, volume 15. 281-297. 1326-4826 P.282

20 BARRETO, Pedro – Posfácio In GADANHO, Pedro – **Arquitetura em Público: 15 anos de expansão mediática nas páginas de um jornal português**, 1ª Edição. Porto: Dafne Editora, 2010. 978-989-8217-11-0

Todavia, será que podemos considerar a revista *Arquitectura* como uma *little magazine*? Para responder a esta questão recorreremos a Joaquim Moreno²¹ que participou no projeto *Clip, Stamp Fold* da Universidade de Princeton. O arquiteto explicou a origem do conceito de pequena revista que surge com a revista literária de Chicago, *Little Review*, fundada e editada por Margaret Anderson (1886-1973). Esclareceu ainda: “[...] no subtítulo da *Little Review* dizia: ‘Making no compromise with the established (public) taste’, sem nenhum compromisso com o gosto estabelecido ou dominante, o choque profundo da vanguarda, o desafio ao gosto estabelecido. [...] (Margaret Anderson) Estabelece a matriz de guerrilha cultural da pequena revista definida pela agilidade e pela magreza de meios que permitia essa agilidade. E depois passa a conter no subtítulo a frase: ‘A revista lida pelos que escrevem as outras’. Isto é muito importante porque depois todas estas revistas funcionavam em rede. [...] A tradução nesse sentido não é um gesto de pequena revista, a tradução é um gesto de ser espectador.”²² A *Arquitectura* não pode ser classificada como *pequena* revista, tendo em conta, logo à partida, essa questão da tradução colocando-a numa posição de espectadora e não de produtora/autora.

Na tese de doutoramento de Pedro Baía, *Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitetónica portuguesa 1951-1981*²³, de 2014, o autor tem como objetivo principal compreender se o Team 10 constituiu uma influência na arquitetura portuguesa e como é que essa influência se manifestou. Dos cinco capítulos principais que compõem a tese, o capítulo que exerce maior influência nesta investigação é o capítulo 3, que tem como título “Problemas de hoje” – título do artigo de Candilis publicado pela revista *Arquitectura* em Janeiro de 1962. Este capítulo aborda a questão da tradução e como muitas vezes existia uma relação entre o autor do texto/artigo com o autor da tradução. O questionar de alguns artigos da revista *Arquitectura* na tentativa de decifrar que relações, de convergência e/ou divergência, existiam entre essas duas entidades autorais é um dos motes desta investigação. A tese faz ainda referência ao *manifesto* de J. A. Coderch, “No son genios lo que necesitamos ahora”, sendo um exemplo expressivo da atualidade da revista Portuguesa no panorama da imprensa internacional e no trânsito de artigos.

Em *O científico de uma crítica: Nuno Portas e a Revista Arquitectura 1957 | 1974*²⁴, dissertação de mestrado de Ana Lopes de 2012, utiliza-se uma personagem como filtro de investigação da revista portuguesa. A revista é o pano de fundo onde se apresentou grande parte dos ensaios críticos de Nuno

21 Perguntas enviadas a Joaquim Moreno - Anexo XXI

22 Videoconferência com o Arq. Joaquim Moreno, via plataforma Zoom | 10.06.2020

23 COSTA, Pedro Miguel Correia Baía da – **Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitetónica portuguesa 1951-1981**. Coimbra: [s.n.], 2013. Tese de doutoramento.

24 LOPES BARRADAS, Ana Mafalda – **O científico de uma crítica: Nuno Portas e a Revista Arquitectura 1957 | 1974**. Porto: Universidade do Porto, 2012. Dissertação de mestrado.

Portas durante aqueles anos. Ao longo dos quatro capítulos, a autora defende que o arquiteto utiliza um processo semelhante ao método científico, no momento em que escreve uma crítica – identificação do problema; observação das variantes (internas e externas); indicação de uma solução ou de hipóteses; e por fim uma teoria. Faz ainda uma classificação da crítica em três variantes: crítica monográfica, crítica tipo-morfológica e crítica pedagógica. O terceiro capítulo, intitulado “Experimentações,” é dedicado a momentos de autocritica do arquiteto.

O artigo de Nuno Correia para a Revista de História da Arte em 2012, “O início da 3ª série da revista *Arquitectura* em 1957: a influência das leituras de Casabella-Continuità e *Architectural Review*”²⁵ embora não seja extenso, está dotado de um ponto fundamental para esta investigação – a relação entre a imprensa portuguesa, nomeadamente a revista *Arquitectura*, e a imprensa internacional. É feita uma contextualização e a apresentação de algumas personagens e situações peculiares ao longo da 3ª série da revista, como a discussão entre Ernesto Nathan Rogers e Reyner Banham – esta mais do que um desentendimento entre estilos ou formas de ver a arquitetura é uma discussão entre histórias e passados diferentes que vão para lá da questão geográfica. Aborda ainda a questão de proximidade entre a revista portuguesa e a *Casabella*, não só em termos da circulação de artigos como também da convergência de ideias em questões editoriais.

*A Crítica e debate arquitetónico na 3.ª série da revista “Arquitectura”, Portugal, 1957-1974*²⁶, tese de doutoramento de Nuno Correia, apresentada em 2015, é um estudo onde a história da revista *Arquitectura* é desvendada ao longo das suas quatro séries, tendo como diretriz fundamental de investigação os momentos que fomentaram o debate e promoveram a crítica em Portugal durante as últimas décadas do regime ditatorial. Apesar de se focar nestes pontos, não deixa de lado várias questões como a relação entre imprensas (nacionais e internacionais) e a tradução – aborda a tradução de vários textos/artigos relevantes como a Carta de Atenas, “Estrutura e Forma” de Louis Kahn traduzido por Pedro Vieira de Almeida ou “Semiologia e Urbanística” de Roland Barthes traduzido por Nuno Portas e José Charters Monteiro.

No livro *Architecture Culture 1943-1968, A Documentary Anthology*²⁷, de 1993, a editora Joan Ockman apresenta uma seleção de peças escritas que de alguma forma cooperaram na construção de uma cultura arquitetónica no pós-guerra. Nesta seleção podemos encontrar contribuições que chegam de geografias/contextos diversificados – de Manfredo Tafuri a Arata Isozaki, de Sven Backström a Jane Jacobs – que demonstram a pluralidade de possibilidades que estavam a ser investigadas nesse arco temporal.

25 CORREIA, Nuno – O início da 3ª série da revista *Arquitectura* em 1957: a influência das leituras de Casabella-Continuità e *Architectural Review*. *Revista de História da Arte*. Lisboa. 1646-1762. N. 12 (2012), p. 79-93

26 DE MOURA CORREIA, Nuno Carlos Pedroso – **Crítica e debate arquitetónico na 3.ª série da revista “Arquitectura”, Portugal, 1957-1974**. Barcelona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, 2015. Tese doutoral

27 OCKMAN, Joan - *Architecture culture 1943-1968: a documentary anthology*. New York: Columbia Books of Architectures, re-imp. 1996. 0-8478-1522-6

O texto de J. A. Coderch é apresentado como uma das contribuições do ano de 1961, juntamente a: “A Plan for Tokyo, 1960: Towards a Structural Reorganization” de Kenzo Tange; “The Death and Life of the Great American Cities” de Jane Jacobs; e “The Modern Movement in Architecture” de Alan Colquhoun. Inicialmente a autora apresenta o arquiteto e depois contextualiza um pouco como é que surge esta peça escrita. No caso de “It’s Not Geniuses We Need Now” (o texto é publicado em inglês), esta começa por contextualizar a situação espanhola entre os anos 1950 e 1960, uma realidade muito diferente da vivida durante os anos 1930 e 1940. É essa “abertura” nos anos 1950 que vai dar espaço à criação de grupos como o Grup R que acreditava na “reintegração da arquitetura e da cultura”²⁸, e onde, J. A. Coderch se apresenta como um dos membros fundadores. A autora aborda ainda a participação de J. A. Coderch no CIAM em Otterlo, a correspondência entre o arquiteto catalão e Bakema, e algumas das publicações do texto na imprensa internacional. Em nota final faz ainda referência a algumas das publicações na imprensa internacional – *Domus*, *Cuadernos de Arquitectura* e *Architectural Design* – e da publicação no livro *J. A. Coderch de Sentmenat, Conversaciones/Conversations* editado por Enric Sòria.

Em 1996 a *Web Architecture Magazine* publica no seu primeiro número (WAM 01), “It is not geniuses we need now” / “No son genios lo que necesitamos ahora”, em inglês e castelhano seguindo-se de comentários de Peter Smithson²⁹ e Enric Sòria³⁰ reunidos por Carles Muro e Ton Salvador. O artigo conta ainda com uma breve contextualização do texto e da sua origem, não entrando em detalhes.

O livro *Conversaciones con J. A. Coderch de Sentmenat*, de Enric Sòria³¹, inicia com uma contextualização ao arquiteto e à sua arquitetura para depois avançar para alguns diálogos de Sòria com J. A. Coderch, ao longo dos anos, e que aqui encontramos reunidos. A única referência direta ao *manifesto* escrito em 1960 só aparece numa nota da segunda edição onde se pode ler:

“Permanece a conversa – em outras palavras, o apaixonado monólogo – com um arquiteto admirável que gostava de se apresentar como homem e não como arquiteto e que, nesse esforço, colocava insistentemente a categoria transcendente de valores individuais à sua frente, a fé, a tradição, a honra, [...] em contraste com a crescente descrença, ambição de poder, de dinheiro, e a irresponsabilidade das classes dominantes, objeto das suas reflexões

28 Tradução livre da autora, a partir de: OCKMAN, Joan - **Architecture culture 1943-1968: a documentary anthology**. New York: Columbia Books of Architecture, re-imp. 1996. 0-8478-1522-6 p.335-337

29 MURO, Carles; SALVADÓ, Ton – Comentario por Peter Smithson In Sobre No son genios. *Web Architecture Magazine* WAM 01 (Jul./Ago.1996) Disponível em: <http://www.arranz.net/web.arch-mag.com/1/recy/recy1p.html#comm2>

30 MURO, Carles; SALVADÓ, Ton – Comentario por Enric Sòria In Sobre No son genios. *Web Architecture Magazine* WAM 01 (Jul./Ago.1996) Disponível em: <http://www.arranz.net/web.arch-mag.com/1/recy/recy1p.html#comm>

31 SÒRIA, Enric - **Conversaciones con J. A. Coderch de Sentmenat**. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos, 1997. 84-89882-00-2

no mundo.”³²

Mas as referências a este texto estão um pouco por todo o livro porque o *manifesto* é um reflexo de J. A. Coderch, da sua personalidade e dos seus valores e por isso torna-se inseparável do seu discurso.

A monografia de J. A. Coderch organizada pela editora Gustavo Gili³³, em 1998, apresenta-se como um documento importante na investigação por apresentar alguns dos textos do arquiteto catalão para além de “No son genios lo que necesitamos ahora”. Apesar da monografia se organizar em torno da componente prática desenvolvida por J. A. Coderch, não deixa de parte o lado teórico/reflexivo do próprio arquiteto, da mesma forma que não deixa de fora textos sobre a sua arquitetura e personalidade. O livro começa com três textos introdutórios de três individualidades singulares que se debruçam sobre o homem-arquiteto: “José Antonio Coderch en la cultura arquitectónica europea” por Ignasi de Solà-Morales³⁴; “Prólogo” de Emilio Donato³⁵; e “Introducción” por Carles Fochs³⁶. E termina com uma reflexão de Josep Maria Ballarín organizada em torno de três tópicos principais: “El arquitecto”; “El hombre”; e “El vasallo de Dios”, que se desdobram em múltiplos subtemas.

A revista internacional *2G* publica um número monográfico dedicado a José Coderch³⁷, em 2005, onde reúne artigos críticos como o de Kenneth Frampton intitulado “Homenaje a Coderch” ou o de Rafael Diez denominado “Introducción a la arquitectura de una ética. 1+10 casas de José Antonio Coderch”. Embora a monografia recaia, essencialmente, sobre uma reflexão da obra construída, não deixaram de fazer referência ao emblemático texto do arquiteto, publicando-o em inglês e castelhano.

A tese doutoral de Ana Esteban Maluenda, intitulada *La modernidad importada: Madrid 1949-1968: cauces de difusión de la arquitectura extranjera*³⁸, investiga a influência da arquitetura estrangeira na arquitetura espanhola, durante os anos 1950³⁹, um período pós-guerra civil. Os seis capítulos da tese doutoral exploram desde a aproximação da arquitetura estrangeira no contexto espanhol à memória de alguns dos protagonistas. Os *media*, nomeadamente a imprensa escrita especializada, ocuparam um papel central nessa entrada da arquitetura estrangeira. No quinto capítulo, “Un panorama impreso. Entre

32 Tradução livre da autora, a partir de: SÓRIA, Enric - **Conversaciones con J. A. Coderch de Sentmenat**. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos, 1997. 84-89882-00-2 p. 20

33 FOCHS, Carlos - **J. A. Coderch de Sentmenat: 1913-1984**. 5ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998. 84-252-1387-8

34 SOLÀ-MORALES, Ignasi – José Antonio Coderch en la cultura arquitectónica europea In FOCHS, Carlos - **J. A. Coderch de Sentmenat: 1913-1984**. 5ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998. 84-252-1387-8

35 DONATO, Emilio – Prólogo In FOCHS, Carlos - **J. A. Coderch de Sentmenat: 1913-1984**. 5ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998. 84-252-1387-8

36 FOCHS, Carles – Introducción In FOCHS, Carlos - **J. A. Coderch de Sentmenat: 1913-1984**. 5ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998. 84-252-1387-8

37 *2G*. Barcelona. 1136-9647. N.º 33 (2005)

38 ESTEBAN MALUENDA, Ana – **La modernidad importada: Madrid 1949-1968: cauces de difusión de la arquitectura extranjera**. Madrid: E.T.S. Arquitectura (UPM), 2007. Tese doutoral. Disponível em: <http://oa.upm.es/45735/>

39 Voltaremos, mais à frente, a abordar este período no contexto espanhol e as mudanças que se sentiram no campo da arquitetura, nomeadamente nas cidades de Madrid e Barcelona.

la información e la opinión”⁴⁰ a autora faz uma aproximação a três revistas madrilenas (*Arquitectura COAM, Hogar y Arquitectura e Nueva Forma*); no capítulo seguinte, “Balance de contenidos. Lo internacional en el contexto local”⁴¹ aborda questões ligadas à importação como as teorias, as traduções, as reportagens e as sondagens. É, precisamente, nesta aproximação à difusão de escritos que encontramos “No son genios lo que necesitamos ahora”⁴². Os parágrafos dedicados a este texto exploram a sua história, difusão internacional e metamorfose ao longo do tempo, levantando uma especificidade que outros escritos sobre este *manifiesto* não fazem referência — os parágrafos que parecem ter sido acrescentados comparativamente ao original publicado pela revista italiana, onde a autora lança a possibilidade de o próprio arquiteto ter sugerido tais alterações.

Em 2012, através do livro *Las Revistas de Arquitectura (1900-1975): Crónicas, Manifiestos, Propaganda* chegam-nos dois artigos que fazem referência ao *manifiesto* de Coderch são eles: La llamada ‘Escuela de Barcelona’ en la revista *Arquitectura*, Portugal 1961-1970⁴³ de Nuno Correia e “‘No son genios lo que necesitamos ahora’ Las relaciones entre la Escuela de Barcelona y la Escuela de Oporto, a través de las revistas (1961-1974)”⁴⁴ de Inês Rodrigues.

O artigo de Nuno Correia faz uma introdução sobre a revista *Arquitectura* começando por um contextualizar o momento e as circunstâncias em que esta é criada, em 1927. Aborda ainda a transição entre a segunda e terceira série e como esta última apresenta um carácter editorial diferente das que lhe antecederam e que permitiram dotar a revista de um carácter mais crítico — é precisamente na terceira série que se encontram as publicações dedicadas à Escola de Barcelona e que são neste artigo o objeto de estudo. O autor recolhe e apresenta esses números explorando-os com maior ou menor detalhe dependendo do artigo — o texto “No son genios lo que necesitamos ahora”, é referenciado contudo sem entrar nos detalhes da publicação.

A composição de Inês Rodrigues, que utiliza o emblemático título do *manifiesto* de J. A. Coderch como parte do seu próprio título, explora as relações da escola de Barcelona e Porto através de uma análise baseada nas publicações da imprensa escrita durante 1961-1974. O arco temporal ao iniciar

40 ESTEBAN MALUENDA, Ana - Un panorama impreso. Entre la información e la opinión. In ESTEBAN MALUENDA, Ana – **La modernidad importada: Madrid 1949-1968: cauces de difusión de la arquitectura extranjera**. Madrid: E.T.S. Arquitectura (UPM), 2007. Tese doutoral. p. 239-363

41 ESTEBAN MALUENDA, Ana - Balance de contenidos. Lo internacional en el contexto local. In ESTEBAN MALUENDA, Ana – **La modernidad importada: Madrid 1949-1968: cauces de difusión de la arquitectura extranjera**. Madrid: E.T.S. Arquitectura (UPM), 2007. Tese doutoral. p. 363-607

42 ESTEBAN MALUENDA, Ana - “No son genios lo que necesitamos ahora”. In ESTEBAN MALUENDA, Ana – **La modernidad importada: Madrid 1949-1968: cauces de difusión de la arquitectura extranjera**. Madrid: E.T.S. Arquitectura (UPM), 2007. Tese doutoral. p. 424-430

43 CORREIA, Nuno – La llamada ‘Escuela de Barcelona’ en la revista *Arquitectura*, Portugal 1961-1970 In **Las Revistas de Arquitectura (1900-1975): Crónicas, Manifiestos, Propaganda**. Actas Preliminares. Pamplona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra (2012) p. 427-436

44 RODRIGUES, Inês Lima – “No son genios lo que necesitamos ahora” Las relaciones entre la Escuela de Barcelona y la Escuela de Oporto, a través de las revistas (1961-1974) In **Las Revistas de Arquitectura (1900-1975): Crónicas, Manifiestos, Propaganda**. Actas Preliminares. Pamplona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra (2012) p. 635-644

em 1961 pode ser imediatamente associado à publicação, nesse mesmo ano, de “No son genios lo que necesitamos ahora” pela revista portuguesa *Arquitectura*. A autora utiliza, essencialmente, duas personagens para narrar essas relações entre escolas, J. A. Coderch, representando Barcelona e Siza, representando o Porto. O caso de J. A. Coderch acaba por não ser tanto desenvolvido como no caso de Siza, onde esta expõe a importância dos Pequenos Congressos nos finais dos anos 1960 para a divulgação da arquitetura portuguesa no estrangeiro.

Em 2013 a revista catalã *Diagonal* publica uma análise crítica ao texto de 1961 intitulada, “¿Son o no son genios lo que necesitamos ahora?”⁴⁵, proposta por Fernando Marzá. Dois anos antes, em 2011, a revista tinha publicado o texto “No son genios lo que necesitamos ahora”⁴⁶ por seleção de Ángel Martín Ramos. O artigo de 2013 é composto por dois textos publicados nos anos 1960 na *Cataluña Exprés* e na *Hogar y Arquitectura*, respetivamente: “La arquitectura catalana hoy”, de Antoni de Moragas Gallissà e “¿Son o no son genios lo que necesitamos ahora?” de Carlos Flores. Estes acabam por representar a dissensão do artigo de J. A. Coderch que se por um lado era odiado por outro era admirado.

O livro editado por Craig Buckley, intitulado *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a new century*⁴⁷, de 2014, reúne onze ensaios de vários autores (Beatriz Colomina, Mark Wigley, Bernard Tschumi, entre outros) onde se abordam alguns manifestos, de modo a refletir acerca do seu papel na cultura arquitetónica. A noção de manifesto, neste livro, toma por vezes caminhos dicotómicos: se por uns é considerada um arcaísmo, para outros mantém-se atual. O ensaio “The Last Manifesto - The permanence of humanity and the ephemerality of geniuses”⁴⁸ de Carlos Labarta e Jorge Tárrago é uma das contribuições mais completas, encontradas durante a investigação, sobre “No son genios lo que necesitamos ahora” e a sua metamorfose ao longo do tempo. Os autores começam por afirmar que o texto “teve o efeito de manifesto, não foi escrito como um, mas estava motivado pelo desejo do autor em exteriorizar os seus pensamentos mais íntimos e profundos – a representação textual do processo de trabalho.”⁴⁹ O artigo contextualiza J. A. Coderch desde a sua participação no Grupo R, a integração no CIAM de Otterlo em 1959, até à relação com o Team 10. Aborda a questão do trânsito internacional percorrido pelo texto, fazendo referência a algumas das publicações. Não deixando de lado uma reflexão sobre a palavra *manifesto* utilizada por J. A. Coderch em “No son genios lo que necesitamos ahora” e

45 MORAGAS, Antoni; FLORES, Carlos – ¿Son o no son genios lo que necesitamos ahora? *Diagonal*. N.35 (2013) (Disponível online em: <http://www.revistadiagonal.com/articles/analisi-critica/son-o-no-son-genios-lo-que-necesitamos-ahora/>)

46 CODERCH, J. A. – No son genios lo que necesitamos ahora. *Diagonal*. N.30 (2011)

47 BUCKLEY, Craig – *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a new century*. New York: GSAPP Books, 2014. 978-1-883584-87-0

48 LABARTA, Carlos; TÁRRAGO, Jorge - The Last Manifesto - The permanence of humanity and the ephemerality of geniuses In BUCKLEY, Craig – *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a new century*. New York: GSAPP Books, 2014. 978-1-883584-87-0 p. 92-109

49 Tradução livre da autora, a partir de: LABARTA, Carlos; TÁRRAGO, Jorge - The Last Manifesto - The permanence of humanity and the ephemerality of geniuses In BUCKLEY, Craig – *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a new century*. New York: GSAPP Books, 2014. 978-1-883584-87-0 p. 93

que segundo os autores tem um caráter pejorativo, “usada para criticar uma certa atitude”⁵⁰. Este é o primeiro e único artigo, que esta investigação analisou, onde é publicada a carta original enviada a Jaap Bakema.

O artigo de Ana Rodríguez García para o I Congreso Pioneros de la Arquitectura Moderna Española, de 2014, com o título “‘No son genios lo que necesitamos ahora’. Una reflexión sobre el escrito de J. A. Coderch en el contexto de Team 10”⁵¹, faz uma reflexão sobre a atualidade dos argumentos apresentados pelo arquiteto na sua peça escrita mais divulgada. A autora organiza cronologicamente as publicações internacionais que este texto integrou, contudo acaba por faltar uma publicação significativa por ser considerada a primeira publicação do texto em Espanha, no número 46 da revista *Cuadernos de Arquitectura* em 1961. Ao longo deste artigo são ainda ordenados os encontros em que J. A. Coderch participou⁵² e os que, apesar de ter sido convidado, acabou por não integrar/assistir – bem como algumas citações de companheiros do Team 10 – como Georges Candilis, Giancarlo De Carlo, entre outros – acerca do arquiteto catalão e das suas ideias, por vezes divergentes das do grupo.

A tese de Ana García com o título *Huellas de lo vernáculo en Team 10: Alison y Peter Smithson, Aldo van Eyck, José Antonio Coderch*⁵³, de 2016, ainda que tenha como casos de estudo o *Upper Lawn Pavilion*, a *Visser House* e a *Casa de Espolla*, interessa no que está para lá da obra construída – a contextualização das circunstâncias que fizeram com que estas obras sejam um exemplo de arquitetura que não ignora a tradição, pelo contrário, utiliza-a como ferramenta no processo de projetar.

No mesmo ano, há ainda o artigo de Rui Seco para o número 33 da revista *Cidades, Comunidades e Territórios* intitulado “Antes do recomeço: a cidade nas revistas *Arquitectura* e *Binário*”⁵⁴, o qual abre com uma contextualização da situação política do país antes e depois de 1974, seguindo-se de um discurso mais particular da temática principal, a cidade. Neste artigo, aborda-se, ainda que sucintamente, o *manifesto* de J. A. Coderch.

Num outro artigo para o número 35 (2018) da revista polaca *Przestrzen i Forma* intitulado “‘Homage to Catalonia’: A glance to Barcelona architecture through the Milanese architectural magazines of the

50 Tradução livre da autora, a partir de: LABARTA, Carlos; TÁRRAGO, Jorge - The Last Manifesto - The permanence of humanity and the ephemerality of geniuses In BUCKLEY, Craig – After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a new century. New York: GSAPP Books, 2014. 978-1-883584-87-0 p. 105

51 RODRÍGUEZ GARCÍA, Ana – ‘No son genios lo que necesitamos ahora’. Una reflexión sobre el escrito de J. A. Coderch en el contexto de Team 10, in I Congreso Pioneros de la Arquitectura Moderna Española: Vigencia de su pensamiento y obra. Actas digitales de las Comunicaciones aceptadas al Congreso (Madrid: Fundación Alejandro de la Sota, 2014) / coord. por Teresa Couceiro Núñez, 2014. 978-84-697-0296-3. p. 852-862

52 J. A. Coderch estreia-se nos encontros internacionais com o CIAM Otterlo, em 1959, seguindo-se os encontros dos Team Ten ao longo dos anos 1960 e 1970.

53 GARCÍA, Ana Rodríguez – Huellas de lo vernáculo en Team 10: Alison y Peter Smithson, Ando van Eyck, José Antonio Coderch. Madrid: Universidad Politécnica de Madrid – Escuela Técnica Superior de Arquitectura. 2016. Tese de doutoramento

54 SECO, Rui – Antes do recomeço: a cidade nas revistas *Arquitectura* e *Binário*. *Cidades, Comunidades e Territórios*. Lisboa. 2182-3030. N. 33 (2016), p. 133-143

'50s-'60s"⁵⁵, os autores, Marco Lucchini e Gaspar Jaen Y Urban, analisam a relação de J. A. Coderch com Giovanni "Gio" Ponti, fundador e diretor da revista *Domus* entre 1928-1941 e 1948-1979. Esta é uma relação de amizade e admiração mútua, que dinamizou a divulgação e publicação do trabalho do arquiteto catalão fora de Espanha. O artigo aborda ainda o número 384 da revista italiana, de Novembro de 1961, onde é publicado pela primeira vez "No son genios lo que necesitamos ahora", que acabou por ser um número praticamente monográfico da arquitetura espanhola, e onde pode ler-se numa nota:

"Mais uma vez, temos o prazer de repetir os espanhóis que amamos, a nossa admiração por Coderch e, com ele, outros arquitetos espanhóis que apareceram e aparecerão nas nossas páginas." ⁵⁶

Em 2019, e com o lançamento do número 10 da revista *Joelho*, chega-nos um artigo de Ana Esteban-Maluenda intitulado "Team 10 Absent. The individual architects rather than the collective in Spanish journals of the 1960s"⁵⁷. O artigo começa por introduzir o Team 10 através do manifesto de Doorn, passando para uma comparação entre este *manifesto* e o manifesto de Alhambra. A partir desse momento, o artigo organiza-se entre duas personagens, J. A. Coderch e Candilis. O texto "No son genios lo que necesitamos ahora" é salientado como a contribuição mais importante de um arquiteto espanhol para o grupo. Este artigo apesar de não ser muito extenso apresenta algumas novidades, comparativamente, aos outros estudos sobre este *manifesto*. A autora chega mesmo a levantar a questão da extensão do texto em algumas publicações, comparativamente com a versão da *Domus*:

"Estranhamente, as versões em espanhol do texto são um pouco mais extensas que a original publicada pela *Domus*, onde parece que a equipa editorial decidiu cortar o texto para caber na página. [...] Embora a fonte claramente não pudesse ser apenas a *Domus*, todas as revistas espanholas fizeram referência à publicação italiana, permitindo assim a republicação do texto." ⁵⁸

Ainda em 2019, Julio Garnica, através do artigo "'Dear Alison' The diffusion of J. A. Coderch's work through his participation in Team Ten"⁵⁹, relata a divulgação do trabalho do arquiteto catalão tendo em conta as suas participações nas reuniões do Team 10. O artigo ao abordar as participações de J. A.

55 LUCCHINI, Marco; JAEN Y URBAN, Gaspar – "Homage to Catalonia": A glance to Barcelona architecture through the Milanese architectural magazines of the '50s-'60s. *Przestrzen i Forma*, N.35 (2018) p. 9-24

56 *Domus*. N. 384 (Nov. 1961)

57 ESTEBAN-MALUENDA, Ana – Team 10 Absent. The individual architects rather than the collective in Spanish journals of the 1960s. *Joelho*. Coimbra. N. 10 (2019), p.26-38 1647-9548

58 Tradução livre da autora, a partir de: ESTEBAN-MALUENDA, Ana – Team 10 Absent. The individual architects rather than the collective in Spanish journals of the 1960s. *Joelho*. Coimbra. N. 10 (2019), p.31

59 GARNICA, Julio – "Dear Alison" The diffusion of J. A. Coderch's work through his participation in Team Ten. *Histories of Postwar Architecture* (HPA). Bolonha. 2611-0075. N.4 (2019), p. 230-241

Coderch revela algumas das histórias por detrás das reuniões que assistiu – como o caso de Toulouse Le Mirail, onde o arquiteto abandonou mais cedo o encontro o que levou George Candilis a apresentar o projeto do arquiteto catalão – e das reuniões em que, apesar de ser convidado, decidiu não participar. Comparativamente ao artigo de Ana Rodríguez García⁶⁰ que organiza igualmente os encontros assistidos e os não assistidos, este desvenda algumas singularidades e apresenta algumas das razões que fizeram o arquiteto não participar. Num parágrafo aborda ainda o *manifesto* de J. A. Coderch enviado a Bakema e a sua publicação posteriormente na *Domus*, não entrando em detalhes em relação ao texto apenas usa como um exemplo das várias correspondências que J. A. Coderch mantinha com elementos do grupo. O artigo de Garnica acaba por se focar no projeto *Las Cocheras*, de 1968, e na correspondência com Alison Smithson, no ano anterior, quando o arquiteto espanhol apresenta a necessidade de “abordar o problema da habitação com um grande SIM”⁶¹ e na visita dos Smithson a Barcelona em 1977.

60 RODRÍGUEZ GARCÍA, Ana – ‘**No son genios lo que necesitamos ahora**’. **Una reflexión sobre el escrito de J. A. Coderch en el contexto de Team 10**, in I Congreso Pioneros de la Arquitectura Moderna Española: Vigencia de su pensamiento y obra. Actas digitales de las Comunicaciones aceptadas al Congreso (Madrid: Fundación Alejandro de la Sota, 2014) / coord. por Teresa Couceiro Núñez, 2014. 978-84-697-0296-3. p. 852-862

61 Tradução livre da autora, a partir de: GARNICA, Julio – “Dear Alison” The diffusion of J. A. Coderch’s work through his participation in Team Ten. *Histories of Postwar Architecture* (HPA). Bolonha. 2611-0075. N.4 (2019), p. 236

CAPÍTULO 1 . DO GRUP R AO TEAM 10



1



2

Figura 1 - Oriol Bohigas e Josep Martorell em 1954 a comporem uma letra R, possivelmente, fazendo referência ao Grupo R [https://www.urbipedia.org/hoja/Grupo_R#/media/File: Martorell_i_ob_fent_la_lletra_r.jpg]

Figura 2 - José Coderch e Oriol Bohigas em 1981 [<https://www.metalocus.es/es/noticias/la-herencia-de-coderch-el-ultimo-proyecto-del-arquitecto-jose-antonio-coderch>]

O percurso de José Antonio Coderch de Sentmenat é caracterizado pela sua participação em três grupos, que são refletidos nas suas obras da mesma forma que se refletem nas suas peças escritas. A sucessão destas participações é exponencial e de aproximação à esfera internacional. O Grup R foi o primeiro coletivo que J. A. Coderch integrou, num momento ainda inicial da sua carreira. A institucionalização do grupo vai fazer com que o arquiteto catalão se afaste, dedicando-se ao trabalho do atelier que partilhava com Manuel Valls. Apesar de em 1949 ter entrado na imprensa escrita especializada internacional com a publicação na *Domus*, é em 1959, com a apresentação no último CIAM em Otterlo, que se iniciará uma corrente de reconhecimento internacional da arquitetura de J. A. Coderch. A exposição do projeto para *Torre Valentina* dá a conhecer a sua sensibilidade, ao mesmo tempo que demonstra certas preocupações do arquiteto. Estes terão sido alguns fatores que levaram ao interesse do Team 10 no arquiteto catalão.

Se a década de 1950 fica marcada pelo Grup R e pela comunicação do arquiteto no CIAM de Otterlo, as décadas de 1960 e 1970 ficam definidas pela participação de J. A. Coderch nos encontros do Team 10, assim como pela troca de várias correspondências com membros desse coletivo.

1.1 Da V Assembleia Nacional de Arquitetos Espanhóis ao Grup R (1949-1953)

Em finais de 1930, Espanha experienciou uma guerra civil⁶² que devastou o país a vários níveis (económico, social, cultural), conduzindo a um regime ditatorial opressivo sob o comando de Francisco Franco, que só terminou com a morte deste em 1975. Este é um evento que teve impacto significativo na vida dos arquitetos espanhóis, sobretudo nos arquitetos catalães que, no início dos anos 1930, sentiam a modernidade através do GATEPAC⁶³ e do GATCPAC⁶⁴.

Com a chegada da guerra civil em 1936, iniciava-se um período onde a arquitetura, tal como acontecia na maior parte dos países fascistas, entra numa espiral revivalista classicista. Contudo podemos identificar dois momentos da arquitetura durante a ditadura de Franco: um primeiro momento fortemente definido por esse gosto pelo clássico; e um segundo momento, a partir dos anos 1950, caracterizado pela aproximação a uma arquitetura de novas formas, centrada fundamentalmente nas cidades de Madrid e Barcelona. É neste contexto que surge, oficialmente, em 1951, o Grup R (a letra R significava recuperação e renovação), fundado por um grupo de arquitetos de Barcelona que tinha como objetivo seguir os princípios propostos pelo GATCPAC, vinte anos antes, ao mesmo tempo que se mantinham atentos às múltiplas correntes artísticas que, ao longo dos anos 1950, chegavam de vários pontos da Europa. O grupo tinha como membros oficiais os arquitetos: José Coderch, Manuel Valls, José

62 Guerra Civil Espanhola 1936-1939. Dividiu Espanha entre republicanos e franquistas.

63 GATEPAC - Grupo de Arquitectos y Técnicos Españoles para el Progreso de la Arquitectura Contemporánea/ Group of Spanish Architects and Experts for the Progress of Contemporary Architecture/ Grupo de Arquitectos e Técnicos Espanhóis para o Progresso da Arquitetura Contemporânea

64 GATCPAC - Grupo de Arquitectos y Técnicos Catalanes para el Progreso de la Arquitectura Contemporánea / Group of Catalan Architects and Experts for the Progress of Contemporary Architecture/ Grupo de Arquitectos e Técnicos Catalães para o Progresso da Arquitetura Contemporânea



Figura 3 - Pavilhão espanhol na IX Trienal de Milão em 1951 [https://1.bp.blogspot.com/-PNRk-hWLN04/XeaNx1Hzpj/AAAAAAAAABvrM/aZDb7mG6pPARmMaNQviCcrnuxM7K_HrtQCEwYBhgL/s1600/DSC08831.JPG]

Figura 4 - Pavilhão espanhol na IX Trienal de Milão em 1951 [https://2.bp.blogspot.com/-3_37orfXzls/VyZDaaZIEs/AAAAAAAAABlc/VIDb6BtNQJMbOAc0djFOApRCcfJvKSDZQCLcB/s1600/6%2BPabell%25C3%25B3n%2Bspa%25C3%25B1ol%2Ben%2Bla%2BTrienal%2Bde%2BMilan%2B%25281951%2529.jpg]

Sostres, Antoni de Moragas, Joaquim Gili, Josep Pratmarsó, Oriol Bohigas e Josep Martorell (Figura 1).

A contextualização dos anos 1930 é essencial, não só para compreender as vontades do Grup R, como também quando analisamos os membros do grupo – estes faziam parte de duas gerações: uma que se encontrava na casa dos vinte anos, no fim da guerra civil em 1939; e a outra ainda na adolescência. Sobre estas duas gerações podemos salientar ainda que a primeira ingressou no curso de arquitetura e completou-o antes da guerra civil, e que a outra o fez quando o país estava sob a ditadura franquista – representativos destas duas gerações são J. A. Coderch e Oriol Bohigas (Figura 2) (o primeiro tinha vinte e seis anos em 1939 ao passo que o segundo tinha apenas catorze).

O evento que terá levado à formação do grupo foi a V Assembleia Nacional de Arquitetos de 1949. Este evento teve lugar, pela primeira vez, em três cidades diferentes: Barcelona, Palma de Maiorca e Valencia – normalmente era realizado em Madrid – e contou ainda com a participação especial de Giovanni “Gio” Ponti⁶⁵ e Alberto Sartoris.

A assembleia permitiu que os membros fundadores do grupo: José Sostres, Antoni de Moragas, Francesc Mitjans, Antoni Perpinyà, Josep Antoni Balcells e Ramon Tort – ainda sem J. A. Coderch, Valls, Gili, Pratmarsó, Martorell e Bohigas – se encontrassem e decidissem formar um grupo de trabalho para responder ao concurso lançado pelo *Colegio de Arquitectos*, para a construção de habitação multifamiliar em Barcelona. J. A. Coderch, apesar de não fazer parte deste grupo inicialmente, acabou por beneficiar com a sua participação na assembleia porque, se por um lado foi o momento onde Giovanni “Gio” Ponti ficou interessado pelas suas obras, por outro, devido aos projetos e intervenções apresentadas, o arquiteto acabou por ser convidado a realizar a curadoria do pavilhão espanhol da IX Trienal de Milão de 1951⁶⁶ (Figura 3 e 4).

Numa correspondência entre Moragas e Sartoris, ainda em 1949, o arquiteto espanhol conta, com entusiasmo, a constituição de um grupo de trabalho:

“Uma boa notícia: Formamos um GRUPO. Acaba de nascer e não sabemos se viverá por muito tempo mas desejamos que não só viva como aumente. Está formado por Mitjans, Tort, Sostres, Balcells, Perpinyà e o vosso humilde servo”⁶⁷.

Esta constituição original do grupo vai sofrer algumas mudanças porque quando, em 21 de agosto

65 No número 90 de 1949 da Revista Nacional de Arquitectura publicou-se um artigo dedicado à participação de Giovanni “Gio” Ponti intitulado: El Arquitecto Gio Ponti en la Asamblea. Disponível em: <https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anos/etapa-1946-1958/revista-nacional-arquitectura-n90-Junio-1949>

66 José Antonio Coderch foi curador do pavilhão espanhol da IX Trienal de Milão, em 1951, com Rafael Santos Torroella.

67 Tradução livre da autora, a partir de: Carta de Moragas a Sartoris a 15 de agosto de 1949 – Referência retirada de NAVARRO, María Isabel – La crítica italiana y la arquitectura española de los años 50. Pasajes de la arquitectura española en la segunda modernidad. In **Las Revistas de Arquitectura (1900-1975): Crónicas, Manifiestos, Propaganda**. Actas Preliminares. Pamplona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra (2012) p. 61-100



5



6

Figura 5 - Artigo dedicado à 1ª Exposição do Grup R publicado na revista madrileña Arquitectura, N. 142 (Out. 1953) [<https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anios/etapa-1946-1958/revista-nacional-arquitectura-n142-October-1953>]

Figura 6 - Fotografia de Francesc Català-Roca do momento em que o Grup R escolhia algumas fotografia para a 1ª Exposição, 1952 [<https://www.macba.cat/en/exhibitions-activities/activities/co-architectures>]

de 1951, o grupo se junta para a primeira sessão oficial, a constituição deste já é diferente, tendo-se realizado no atelier Coderch/Valls⁶⁸. É igualmente em 1951 que Sostres e Moragas convidam Bohigas, que tinha estabelecido nesse mesmo ano um atelier com Martorell, passando os dois a integrar a equipa. Antes desta reunião oficial, Moragas dá conta de pequenos encontros com os membros do grupo no seu atelier ao longo da troca de correspondência com Sartoris. Não deixa de ser significativo que J. A. Coderch, que trocava igualmente correspondência com Sartoris e Ponti, nunca tenha referido a sua integração no grupo. O único momento onde o faz é numa carta a Alberto Sartoris, a 6 de julho de 1955, onde o arquiteto catalão dá conta que tanto ele como Valls não fazem mais parte do Grup R, apesar de continuarem a manter uma relação com os membros do grupo:

“Gostaríamos de ressaltar que há muito tempo nos separámos do Grup R. No entanto, mantemos boas relações com eles.”⁶⁹

O facto de J. A. Coderch utilizar *há muito tempo* (do original *depuis longtemps*⁷⁰) leva-nos a questionar em que ano o arquiteto terá abandonado o grupo. Maria Navarro no artigo “La crítica italiana y la arquitectura española de los años 50. Pasajes de la arquitectura española en la segunda modernidad”⁷¹ refere que o arquiteto catalão abandonou o grupo antes da primeira exposição – esta ocorreu a 26 de dezembro de 1952. Contudo, no ensaio “The Last Manifesto - The permanence of humanity and the ephemerality of geniuses”⁷² de Carlos Labarta e Jorge Tárrago, anuncia-se 1953 como o ano em que o arquiteto abandona o Grup R. A revista madrilena, *Arquitectura*, em 1953⁷³ (Figura 5) apresenta um artigo dedicado à Exposição do Grup R onde refere que Manuel Valls é um dos colaboradores que organizou a exposição, sendo apresentados os trabalhos do atelier Coderch/Valls. Uma fotografia de Francesc Català-Roca de 1952 do momento em que o Grup R escolhia algumas fotografias para a 1ª Exposição (Figura 6) é sempre referenciada como se J. A. Coderch estivesse ainda no grupo. Quando questionado sobre o porquê de ter abandonado o grupo, J. A. Coderch dizia que simplesmente não estava de acordo com o

68 O atelier conjunto de José Coderch e Manuel Valls foi estabelecido em 1941, segundo o artigo de FLORES, Carlos - La Arquitectura de Jose Antonio Coderch y Manuel Valls, 1942-60. In Actas del Congreso Internacional - **De Roma a Nueva York: Itinerarios de la nueva arquitectura española 1950-1965** (1998) p.67-77

69 Tradução livre da autora, a partir de: NAVARRO, María Isabel – La crítica italiana y la arquitectura española de los años 50. Pasajes de la arquitectura española en la segunda modernidad. In **Las Revistas de Arquitectura (1900-1975): Crónicas, Manifiestos, Propaganda**. Actas Preliminares. Pamplona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra (2012) p. 82

70 *Depuis longtemps* pode ser traduzido para português como: há muito tempo ou durante muito tempo.

71 NAVARRO, María Isabel – La crítica italiana y la arquitectura española de los años 50. Pasajes de la arquitectura española en la segunda modernidad. In **Las Revistas de Arquitectura (1900-1975): Crónicas, Manifiestos, Propaganda**. Actas Preliminares. Pamplona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra (2012) p. 82

72 LABARTA, Carlos; TÁRRAGO, Jorge - The Last Manifesto - The permanence of humanity and the ephemerality of geniuses In BUCKLEY, Craig – After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a new century. New York: GSAPP Books, 2014. 978-1-883584-87-0 p. 92-109

73 Exposición de Arquitectura. Grupo R. *Arquitectura* COAM. N.142 (1953) p. 39-40

caminho que o grupo estava a seguir.

O grupo teve a maior parte da sua atividade concentrada depois de 1952, organizando exposições, dinamizando cursos e estabelecendo contacto com os estudantes (organizaram por exemplo competições anuais de estudantes). A primeira exposição (1952) apresentou uma seleção de vinte projetos dos membros e realizou-se nas Galeria Layetanas em Barcelona; a segunda exposição (1954) intitulada *Industry and Architecture* (Indústria e Arquitetura) (Figura 4) foi o primeiro momento onde o grupo apresentou obras para além da arquitetura incluindo o design industrial; a partir daí, a terceira (1955) e quarta (1958) exposições patentearam também mobiliário e escultura para além dos projetos de arquitetura de alunos e de membros do Grup R.

No início dos anos 1960 o grupo dissolve-se porque a maior parte dos elementos considera que o objetivo principal do coletivo já foi alcançado — trazer o debate da arquitetura que estava a ser discutido na Europa para Espanha, principalmente para a Catalunha. Apesar desta ser a generalidade, Oriol Bohigas sente a necessidade de continuar a trazer o debate e é nesse sentido que surgem os Pequenos Congressos nos anos 1960. No artigo de Nuno Correia com o título “A crítica arquitectónica, o debate social e a participação portuguesa nos “Pequenos Congressos” – 1959/1968” podemos perceber essa continuidade que Bohigas defendia:

“Bohigas recorda como últimas actividades do ‘Grupo R’ os cursos de “Economia e Urbanismo” e de “Sociologia e Urbanismo”. Organizados em 1958 e 1959, representaram um primeiro passo na aproximação da arquitectura à realidade social e de abertura à participação de economistas e sociólogos na discussão dos problemas que enfrentava a arquitectura e o urbanismo. Para ele, os Pequenos Congressos representavam a resposta ao vazio que se criava em 1959 com o fim do ‘Grupo R’ e podiam ser a chave para responder à necessidade de compromisso da arquitectura com a realidade social.”⁷⁴

1.2 Da relação com Josep Lluís Sert à participação no CIAM XI (1959)

A participação de José Coderch de Sentmenat nos CIAM terá sido paradigmática no percurso do arquiteto, não só porque foi um dos primeiros momentos de apresentação internacional – apesar de já ter sido publicado pela *Domus* e pela *L’Architecture d’Aujourd’Hui* – mas também é neste congresso que vai encontrar outros arquitetos que partilham as mesmas preocupações, o Team 10.

Desde 1928, que os CIAM⁷⁵ estabelecem o debate arquitetónico entre várias geografias, abordando

74 CORREIA, Nuno – A crítica arquitectónica, o debate social e a participação portuguesa nos “Pequenos Congressos” – 1959/1968. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. N. 91 (Dezembro, 2010) p. 44,45

75 CIAM - Congrès Internationaux d’Architecture Moderne/ Congresso internacional de Arquitetura Moderna

o tema da arquitetura a diferentes níveis e escalas, desde a cidade à habitação. Nos anos 1950, realizaram-se quatro congressos que estavam a conduzir a organização original do CIAM a uma metamorfose, que culminaria, em 1959, com a declaração de morte ao CIAM e o nascimento do Team 10.

O XI Congresso – intitulado *Research Group for Social and Visual Relationships* – realizou-se entre 7 a 15 de Setembro de 1959, no Kröller-Müller Museum em Otterlo, e contou com seis dias de apresentações dos projetos das delegações – vinte países estavam representados através dos quarenta e três participantes⁷⁶ (Figura 7) – e dois dias onde se realizaram os debates finais. O comité de organização era formado por Aldo van Eyck, Alison e Peter Smithson, John Voelcker, Alfred Roth, Blanche Lemco, George Candilis, André Wogenscky, Sandy van Ginkel, Ernesto Rogers, Giancarlo De Carlo, Jaap Bakema e Shadrach Woods.

J. A. Coderch participa pela primeira vez num CIAM com o encontro de Otterlo, a convite do compatriota Josep Lluís Sert – presidente dos congressos desde 1949 – que, apesar de estar exilado em Nova Iorque desde 1939, viu na obra do arquiteto catalão temas que mereciam reconhecimento. O livro de Enric Sòria⁷⁷ publica algumas conversas que este teve com J. A. Coderch – num desses momentos quando Sòria lhe pergunta como conheceu Marcel Duchamp o arquiteto catalão responde-lhe que foi exatamente da mesma forma que conhecer a Sert:

“Muitas vezes perguntaram-me: Como chegaste a conhecer Josep Lluís Sert? O que fizeste? Nada. Pois repara: um dia bateu-me à porta e entrou. Nada mais. E porquê? Porque eras famoso? A razão foi, que ao ir ter com Joan Prats, das primeiras vezes que veio cá depois da guerra (civil), perguntou-lhe: – Joan Prats era meu amigo e cliente – Que arquiteto achas valer a pena conhecer? E ele deu-lhe o meu endereço e ele veio, e depois continuou a vir.”⁷⁸

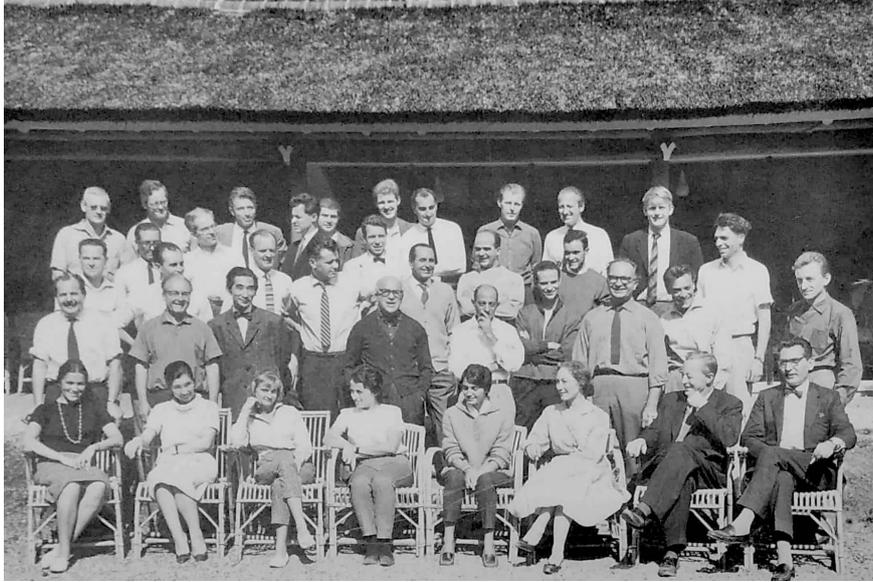
Numa carta dirigida a Jaap Bakema, a 17 de março de 1959, J. A. Coderch confirma a sua participação no CIAM. Esta é a primeira de várias correspondências trocadas entre eles (e que serão abordadas mais à frente na dissertação).

É precisamente nesta conferência que Ernesto Rogers apresenta o trabalho do grupo BBPR para a *Torre Velasca* em Milão, um projeto profundamente criticado pelo grupo de arquitetos ingleses que levou Reyner Banham a publicar o artigo “Neoliberty – The italian retreat from modern architecture” no número 747 da *Architectural Review*. Ernesto Rogers responde num artigo para o número 228 da *Casabella*, de Junho daquele ano, intitulado “L’evoluzione dell’architettura – Risposta al custode dei frigidaires”. A

76 A delegação portuguesa era liderada por Viana de Lima e Fernando Távora que levaram consigo os alunos Sílvia Viana de Lima, Sérgio Fernandez e Bento Lousã.

77 SÒRIA, Enric - **Conversaciones con J. A. Coderch de Sentmenat**. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos, 1997. 84-89882-00-2

78 Tradução da autora, a partir de: CODERCH, José In SÒRIA, Enric - **Conversaciones con J. A. Coderch de Sentmenat**. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos, 1997. 84-89882-00-2 p. 45,46



7



8

Figura 7 - Foto de grupo de alguns dos participantes do CIAM em Otterlo [RISSELADA, Max; VAN DEN HEUVEL, Dirk – Team 10: 1953-81: in search of a Utopia of the present. Rotterdam: NAI Publishers. 2005]

Figura 8 - José Antonio Coderch a apresentar o projeto para Torre Valentina no CIAM XI em Otterlo [GARNICA, Julio – “Dear Alison” The diffusion of J. A. Coderch's work through his participation in Team Ten. Histories of Postwar Architecture (HPA). Bolonha. 2611-0075. N.4 (2019), p. 233]

discussão que se gera é mais do que um desentendimento entre estilos ou formas de ver a arquitetura, é uma discussão entre histórias e passados diferentes que vão para lá da questão geográfica.⁷⁹

Estas duras críticas não foram experienciadas por J. A. Coderch, que apresentou o projeto *Torre Valentina* (Figura 8) e foi muito elogiado pela maneira como abordou o projeto e o seu contexto. É neste momento que o Team 10, que tinha compilado em 1954 através do manifesto de Doorn alguns pontos essenciais para dinamizar a vivência em comunidade, encontra em J. A. Coderch alguém que partilhava as mesmas preocupações e que utilizava a arquitetura como uma ferramenta capaz de ajustar vivências. Candilis refere numa entrevista a Clelia Tuscano publicada em *Team 10: 1953-81: in search of a Utopia of the present*:

“Em 1959, a conferência de Otterlo assinou o óbito do CIAM. Nós decidimos que o Team 10 não se transformaria em outro CIAM. Esta opção foi tomada em conjunto por todos os membros, não no espírito de direitos exclusivos, mas devido ao medo, sempre presente, de o grupo se institucionalizar. O Team 10 era uma organização informal; nós só tínhamos uma secretária que o Bakema geria. Decidimos reunirmo-nos em eventos arquitetónicos como competições ou projetos de construção. [...] Conquistámos alguns arquitetos conhecidos: o inglês Brian Richards, Giancarlo De Carlo, Wewerka, assim como Soltan, Guedes, Erskine e Coderch. Não menciono Kurokawa ou Alexander que pouco depois abandonaram ou foram expulsos.” (CANDILIS, George)⁸⁰

No final dos oito dias de congresso, e com a força do nascimento do Team 10, foi criado o *Postbox for the Development of the Habitat*⁸¹, de modo a tornar possível um contacto mais eficaz entre os membros e as suas contribuições no grupo. Este endereço correspondia ao Atelier de Jaap Bakema em Roterdão — “que o tornaria o coordenador das atividades do Team 10 até à sua morte em 1981”⁸² – sendo precisamente para este endereço que J. A. Coderch em 1961 envia “No son genios lo que necesitamos ahora”, como nota introdutória à sua participação no grupo.

Apesar de J. A. Coderch ter alcançado um ponto alto com a participação no CIAM, Sergio Fernandez, que participou através da delegação portuguesa, recorda-o como uma personagem pouco simpática, mas um excelente arquiteto, acrescentando “escrevia muito bem sobre arquitectura”⁸³. Amâncio “Pancho”

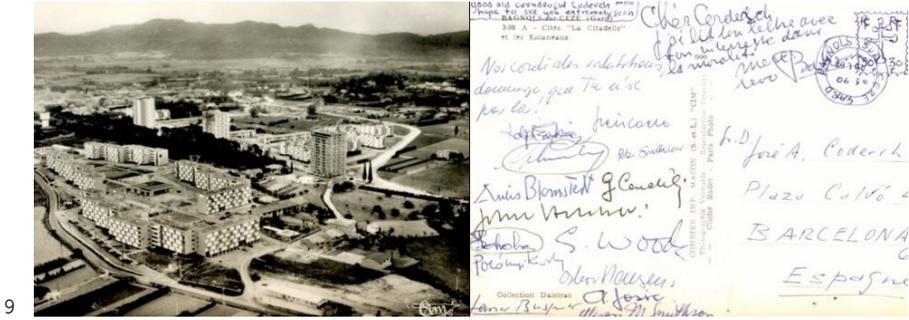
79 Também Kenzo Tange é criticado pelos seus projetos para a Tokyo City Hall e para o Kagawa Prefectural Office.

80 Tradução livre da autora, a partir de: RISSELADA, Max; VAN DEN HEUVEL, Dirk – **Team 10: 1953-81: in search of a Utopia of the present**. Rotterdam: NAI Publishers. 2005 (Chapter: Voices of Team 10: What curved line? - an introduction to the interviews / Clelia Tuscano)

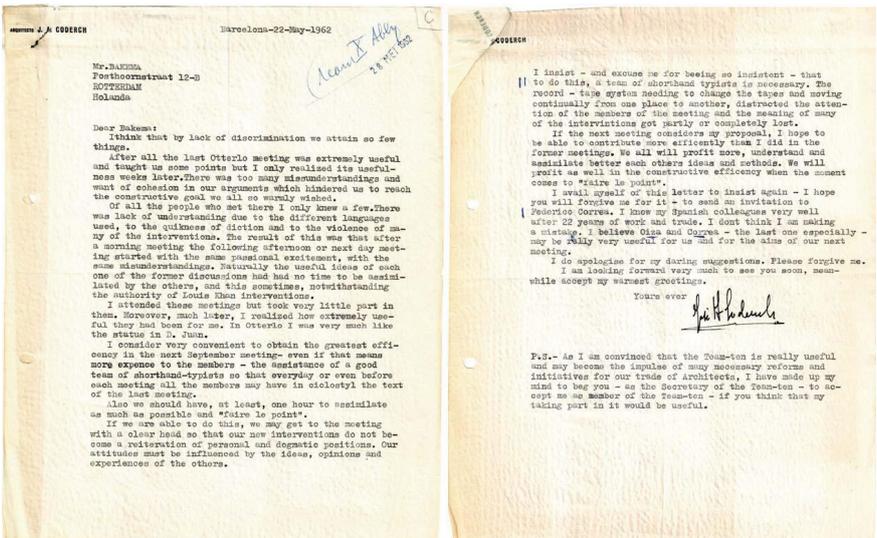
81 No ensaio “The Last Manifesto - The permanence of humanity and the ephemerality of geniuses” de Carlos Labarta e Jorge Tárrago, os autores referem-se ao Post Box for Habitat Development como uma “Dropbox da altura, onde se podia trocar informações” (tradução livre feita pela autora)

82 RISSELADA, Max, “Fernando Távora no Contexto do Team 10”, p.88.

83 Entrevista a Sérgio Fernandez In COSTA, Pedro Miguel Correia Baía da – **Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitectónica portuguesa 1951-1981**. Coimbra: [s.n.], 2014. Tese de doutoramento. p. 366



9



10

Figura 9 - Postal de Bagnols-sur-Cèze, enviado a Coderch em 1960 pelos membros dos Team Ten [GARNICA, Julio - "Dear Alison" The diffusion of J. A. Coderch's work through his participation in Team Ten. Histories of Postwar Architecture (HPA). Bolonha. 2611-0075. N. °4 (2019), p. 234]

Figura 10 - Carta de Coderch a Bakema em 1962 [GARCÍA, Ana Rodríguez - "No son genios lo que necesitamos ahora". Una reflexión sobre el escrito de J. A. Coderch en el contexto de Team 10", in I Congreso Pioneros de la Arquitectura Moderna Española: Vigencia de su pensamiento y obra. Actas digitales de las Comunicaciones aceptadas al Congreso (Madrid: Fundación Alejandro de la Sota, 2014) / coord. por Teresa Couceiro Núñez, 2014. 978-84-697-0296-3. p. 858]

Guedes, por sua vez, recorda-o como um “señorito”⁸⁴, lembrando o episódio onde o conheceu em 1953 numa viagem a Barcelona:

“Em 1953 estava em Barcelona, tinha uma Kodak de Bakelit pequenina, dei dinheiro ao porteiro da casa Mila e fui para a cobertura tirar fotografias. Quando desço, está o Coderch, que me retira a máquina. Porque o Coderch estava a fazer apartamentos nas lavandarias. Então eu disse-lhe: ‘Olha, eu não fotografo estas cadeirinhas de pés de arame. O que eu fui fotografar foram as chaminés do Gaudí. Dá cá a máquina.’ E ele deu-me a máquina. Julgou que o tinha ido fotografar. Estavam a acabar os apartamentosecos que ele estava a fazer.”⁸⁵

1.3 Os encontros do Team 10 (1960-1977)

Se o congresso de Otterlo serviu para dar a conhecer o arquiteto catalão a um público internacional, “No son genios lo que necesitamos ahora” serviu para legitimar e defender as suas convicções no grupo — Ana Maluenda chama-lhe mesmo *declaração de princípios*⁸⁶ — sendo considerada como umas das contribuições mais importantes do Team 10 para a cultura arquitetónica e uma das mais comentadas da historiografia espanhola.

Em 1960, realiza-se a primeira reunião do Team 10 pós-CIAM, organizada por Candilis em Bagnols-sur-Cèze (França). Apesar de J. A. Coderch não conseguir participar, os membros do grupo enviam, através do seu representante, um postal de cumprimentos assinado pelos vários arquitetos (Figura 9), onde mostravam a sua vontade de se encontrarem em breve — este acaba por ser um símbolo da integração e aceitação do arquiteto espanhol no grupo.

Ao longo dos anos 1960 e 1970, os encontros do Team 10 servirão de laboratórios de debate sobre os caminhos que a arquitetura podia e deveria seguir, através da perspetiva das diferentes personagens que trazem para a discussão as suas distintas realidades.

Tal como mencionado previamente, a carta que J. A. Coderch envia a Bakema em 1961, contendo um texto que manifestava as preocupações deste como homem e arquiteto, não deixou indiferente o arquiteto holandês, que lhe envia, em resposta, uma cópia de *Le petit prince* de Antoine Saint-Exupéry.

J. A. Coderch não assiste a todos os encontros do Team 10, participa apenas em quatro encontros

84 Apresenta uma conotação pejorativa atribuindo-lhe até uma certa altivez. Entrevista a Pancho Guedes In COSTA, Pedro Miguel Correia Baia da – **Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitectónica portuguesa 1951-1981**. Coimbra: [s.n.], 2014. Tese de doutoramento. p. 379

85 Entrevista a Pancho Guedes In COSTA, Pedro Miguel Correia Baia da – **Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitectónica portuguesa 1951-1981**. Coimbra: [s.n.], 2014. Tese de doutoramento. p. 379

86 ESTEBAN MALUENDA, Ana – **La modernidad importada: Madrid 1949-1968: cauces de difusión de la arquitectura extranjera**. Madrid: E.T.S. Arquitectura (UPM), 2007. Tese doutoral. p. 424



11

Figura 11 - José Antonio Coderch, Federico Correa, Amâncio "Pancho" Guedes, entre outros no Encontro de Royaumont em 1962 [GARCÍA, Ana Rodríguez – “No son genios lo que necesitamos ahora”. Una reflexión sobre el escrito de J. A. Coderch en el contexto de Team 10”, in I Congreso Pioneros de la Arquitectura Moderna Española: Vigencia de su pensamiento y obra. Actas digitales de las Comunicaciones aceptadas al Congreso (Madrid: Fundación Alejandro de la Sota, 2014) / coord. por Teresa Couceiro Núñez, 2014. 978-84-697-0296-3. p. 858]

oficiais: Royaumont; Urbino; Toulouse-Le Mirail e Spoleto; e no seminário na TU Delft em 1964⁸⁷. Antes da participação em Royaumont, em maio de 1962, o arquiteto espanhol envia uma carta a Bakema (Figura 10) onde expõe uma série de pensamentos sobre o CIAM XI, após quase três anos da sua realização, e onde apresenta vários pontos e medidas que podiam ser implementadas nos próximos encontros, na correspondência pode ler-se:

“Houve falta de entendimento devido às diferentes linguagens utilizadas, à rapidez da dicção e à violência de muitas intervenções. [...] Considero muito conveniente adquirir maior eficiência no próximo encontro de setembro — mesmo que isso signifique maior despesa para os membros — com a assistência de uma boa equipa de datilógrafos de modo a que todos os dias, ou mesmo antes de cada reunião, todos os membros possam ter em duplicado o texto da última reunião. [...] Se a próxima reunião considerar a minha proposta, espero poder contribuir com mais eficiência do que nas reuniões anteriores. Todos nós entenderemos e assimilaremos melhor as ideias e os métodos uns dos outros.”⁸⁸

O arquiteto catalão aproveita a carta para sugerir, então, a participação de Federico Correa na reunião seguinte:

“Aproveito esta carta para, novamente, insistir — e espero que me perdoe — no envio de um convite a Federico Correa. Conheço muito bem os meus colegas espanhóis após 22 anos de trabalho. Acho que não estou a cometer um erro. Acredito que Oiza e Correa — especialmente o último — podem ser muito úteis para nós e para os objetivos do nosso próximo encontro.”⁸⁹

Esta sugestão de J. A. Coderch não deixa de ser significativa, Federico Correa acaba por integrar alguns encontros, particularmente o de Toulouse-Le Mirail em 1971, onde J. A. Coderch decide abandonar a reunião pela chegada do compatriota, visto que na altura já não conservavam uma boa relação devido a divergências políticas.

A carta a Bakema termina com um *post scriptum* onde o arquiteto pede para fazer parte do Team 10, por ver neles um grupo de trabalho que, não só partilhava alguns dos valores que preza, como acreditava na revisão do movimento moderno e no novo rumo da Arquitetura:

“Como estou convencido de que o Team 10 é realmente útil e pode tornar-se no impulso de muitas reformas e iniciativas, necessárias para nós arquitetos, decidi implorar-lhe — como secretário do Team 10 — que me aceite como membro do Team 10 — se considerar a minha

87 RISSELADA, Max; VAN DEN HEUVEL, Dirk – **Team 10: 1953-81: in search of a Utopia of the present**. Rotterdam: NAI Publishers. 2005

88 Tradução livre da autora do original

89 Tradução livre da autora do original

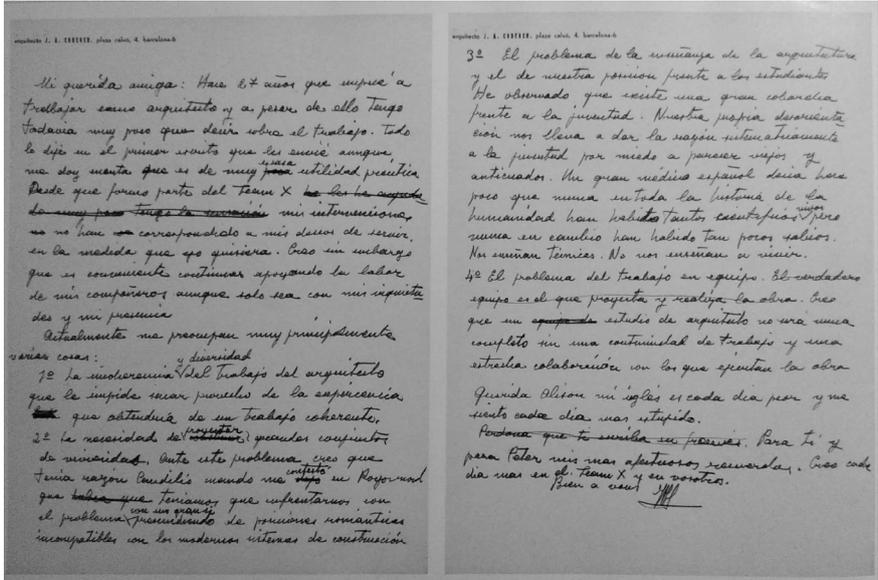


Figura 12 - Rascunho da carta enviada a Alison Smithson em 1967 [FOCHS, Carlos - J. A. Coderch de Sentmenat: 1913-1984. 5ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998. 84-252-1387-8]

Figura 13 - Carta de José Coderch a Alison Smithson em 1967 [GARNICA, Julio - "Dear Alison" The diffusion of J. A. Coderch's work through his participation in Team Ten. Histories of Postwar Architecture (HPA). Bolonha. 2611-0075. N. 4 (2019), p. 231]

participação útil.”⁹⁰

Apesar das medidas sugeridas por J. A. Coderch possivelmente não terem sido atendidas, Federico Correa participa na reunião de Royaumont (Figura 11) — realizada entre 12 a 16 de setembro de 1962 e contando com a organização de Georges Candilis, Alexis Josic e Shadrach Woods. Foi justamente neste encontro que se tornaram evidentes os dois *Zeitgeist* que existiam no grupo, defendidos por Candilis e Coderch. Num testemunho de Fernando Távora publicado pela revista *Arquitectura*, no número 79 de Julho de 1963 podemos ler:

“O espírito desta reunião teve porventura a sua síntese no pequeno comentário de Coderch quando Candilis expunha o seu plano de 25000 habitações para Toulouse, plano realizado em cinco meses e diante do qual o mesmo Coderch dizia ter necessidade de seis meses para estudar o projecto de uma pequena moradia.”⁹¹

Este confronto foi capaz de mostrar as diferenças entre os elementos do grupo, Peter Smithson, Aldo Van Eyck, Amâncio “Pancho” Guedes e Bakema – que respondeu diretamente a J. A. Coderch dizendo “Não sei muito sobre Espanha, mas acho que há muitas pessoas a precisar de casa”⁹² – defenderam a ideia de Candilis, entrando na discussão. O conflito entre duas realidades e dois ideais diferentes, que se despertou neste encontro levou também a que se abordasse a questão da responsabilidade do arquiteto, como recorda Távora no seu depoimento:

“E, como consequência, um tema apareceu frequentemente na reunião de Royaumont: o da responsabilidade do arquiteto. [...] o problema surge com mais forte incidência porque a responsabilidade está sempre ligada à possibilidade de escolher e escolher entre 1 e 25 000, no seu significado real ou no seu significado simbólico, não é tarefa fácil...”⁹³

Para J. A. Coderch essa responsabilidade passava por ações que já tinha exposto, em 1961, através de “No son genios lo que necesitamos ahora” – “Precisamos que os milhares e milhares de arquitetos que andam pelo mundo pensem menos em Arquitectura (com Maiúscula), em dinheiro ou em cidades do ano 2000 e mais no seu ofício de arquitetos.”⁹⁴. O projeto que o arquiteto catalão apresentou neste encontro não deixa de ser significativo da sua preocupação com a questão da “habitação para o maior número”⁹⁵ – o estudo do problema das barracas, conjuntamente com o projeto de apartamentos para Barceloneta. Numa carta a Bakema, em março de 1963, o arquiteto espanhol defende que esta

90 Tradução livre da autora do original

91 TÁVORA, Fernando – O encontro de Royaumont. *Arquitectura*. N.º 79 (Jul.1963)

92 Tradução livre da autora, a partir de: **Team 10 meetings: 1953-1984**. New York: Rizzoli, cop. 1991. Exemplar fotocopiado. 0-8478-1311-8 p. 97

93 TÁVORA, Fernando – O encontro de Royaumont. *Arquitectura*. N.º 79 (Jul.1963)

94 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José Antonio – No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura*. N. 73 (Dez. 1961)

95 Em francês: *habitat pour le plus grand nombre*.



14

Figura 14 - Candilis, no momento de apresentação do projeto *Las Cocheras*, no encontro dos Team Ten em Toulouse - Le Mirail em 1971 [GARNICA, Julio - "Dear Alison" The diffusion of J. A. Coderch's work through his participation in Team Ten. *Histories of Postwar Architecture (HPA)*. Bolonha. 2611-0075. N. °4 (2019), p. 241]

reunião foi indispensável por ter permitido mostrar várias possibilidades na construção de um percurso metodológico⁹⁶.

J. A. Coderch, apesar não integrar o encontro seguinte de Paris, em 1963, e só voltando a comparecer a um encontro oficial em 1966, acaba por participar em 1964 no InDeSem – International Design Seminar, na TU Delft. Este seminário foi organizado pela primeira vez em 1962, por um grupo de alunos coordenados por Jaap Bakema, sendo através do seu contato convidados alguns membros do Team 10 – em 1964 estiveram presentes Giancarlo De Carlo, Aldo van Eyck, Oskar Hansen e Shadrach Woods.

A organização do encontro de Urbino, que decorreu de 25 a 29 de setembro de 1966, ficou à responsabilidade de De Carlo, sendo esta uma reunião que muitos arquitetos desejavam integrar, o que dificultou a organização do arquiteto italiano e gerou alguma controvérsia – no livro *Team 10 Meetings*, editado por Alison Smithson, podemos ler:

“Desde Royaumont, ultrapassámos duas mudanças. Após a pressão exercida sobre a reunião de Urbino, em 1966, pelos curiosos que tentavam ser convidados, a família (Team 10) nunca teve uma reunião que pudesse ser tão vulnerável à penetração. John Voelcker e Shadrach Woods morreram (antes do encontro de Roterdão), fazendo o registro de Royaumont mais precioso para a família do Team 10.”⁹⁷

O casal britânico não participou nesta reunião do grupo, porque tinham entrado em confronto com Aldo van Eyck e com a questão à volta da possibilidade da haver a presença de historiadores – o encontro de Urbino ficou marcado por várias questões, desde a organização e a sua dificuldade à oposição entre membros que eram o *core* do grupo – parafraseando Francesco Samassa “o encontro em Urbino certamente marcou um ponto de crise numa fase de fortes mudanças”⁹⁸.

Não deixa de ser pertinente mencionar a divergência na bibliografia em relação à participação de Aldo van Eyck na reunião de Urbino – Alison Smithson, em *Team 10 meetings*, refere que o arquiteto holandês participa em Toulouse-Le Mirail, após a longa ausência desde a reunião de Royaumont⁹⁹; em *Team 10: 1953-81: in search of a Utopia of the present*¹⁰⁰ encontramos o nome de Aldo van Eyck

96 Excerto da carta: “A reunião de Royaumont fez-me muito bem. [...] Acredito na eficácia do Team 10. [...] Acredito que podemos trabalhar muito e que existe a possibilidade de chegar a experiências muito interessantes que iluminaram o caminho da nossa atuação profissional (metodologia)” - Tradução livre da autora, a partir de: PIZZA, Antonio; ROVINA, Josep M. - **Coderch 1940-1964: en busca del hogar**. Barcelona: COAC, 2000. 84-88258-83-6 p. 152

97 Tradução livre da autora, a partir de: **Team 10 meetings: 1953-1984**. New York: Rizzoli, cop. 1991. Exemplar fotocopiado. 0-8478-1311-8 p. 101

98 Tradução livre da autora, a partir de: SAMASSA, Francesco – Team 10 in crisis: to move or to stay? In RISSELADA, Max; VAN DEN HEUVEL, Dirk – **Team 10: 1953-81: in search of a Utopia of the present**. Rotterdam: NAI Publishers. 2005 p. 143

99 “Aldo van Eyck reapareceu (incentivado pelo contato da Trienal) após ausência desde Royaumont.” Tradução livre da autora, a partir de: **Team 10 meetings: 1953-1984**. New York: Rizzoli, cop. 1991. Exemplar fotocopiado. 0-8478-1311-8 p. 30-31

100 RISSELADA, Max; VAN DEN HEUVEL, Dirk – **Team 10: 1953-81: in search of a Utopia of the present**. Rotterdam: NAI Publishers. 2005 p. 163

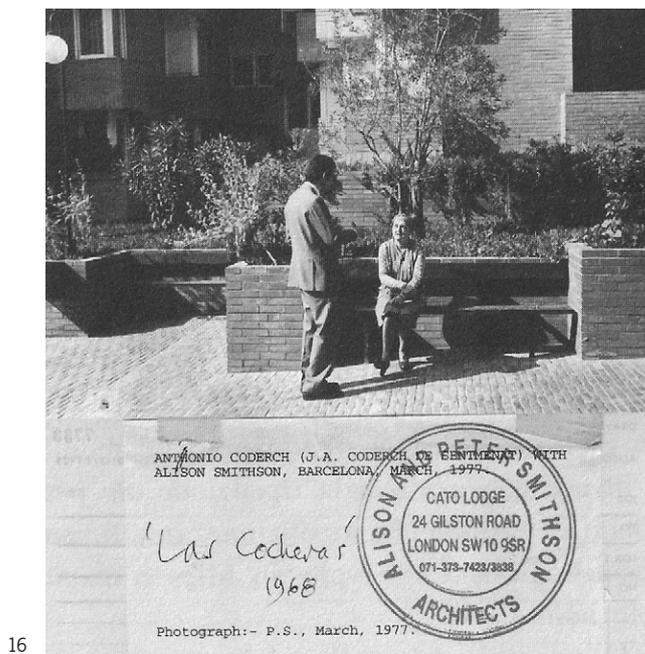


Figura 15 - Encontro dos Team Ten em Spoleto, em 1976 [GARCÍA, Ana Rodríguez – “‘No son genios lo que necesitamos ahora’. Una reflexión sobre el escrito de J. A. Coderch en el contexto de Team 10”, in I Congreso Pioneros de la Arquitectura Moderna Española: Vigencia de su pensamiento y obra. Actas digitales de las Comunicaciones aceptadas al Congreso (Madrid: Fundación Alejandro de la Sota, 2014) / coord. por Teresa Couceiro Núñez, 2014. 978-84-697-0296-3. p. 853]

Figura 16 - Alison Smithson e Coderch em *Las Cocheras*, durante a viagem do casal inglês em março de 1977 a Barcelona [GARNICA, Julio – “Dear Alison” The diffusion of J. A. Coderch’s work through his participation in Team Ten. Histories of Postwar Architecture (HPA). Bolonha. 2611-0075. N.4 (2019), p. 240]

associado ao encontro de Urbino.

Numa carta de J. A. Coderch a Alison Smithson em 1967 (Figura 12 e 13), o arquiteto apresenta quatro pontos que o preocupam: a incoerência no trabalho do arquiteto; a “habitação para o maior número” (admitindo que Candilis estava certo em Royaumont); o desafio do ensino de arquitetura; e a colaboração entre arquitetos e construtores, terminando com “Eu tenho muita fé no Team 10 e em todos vocês.”¹⁰¹

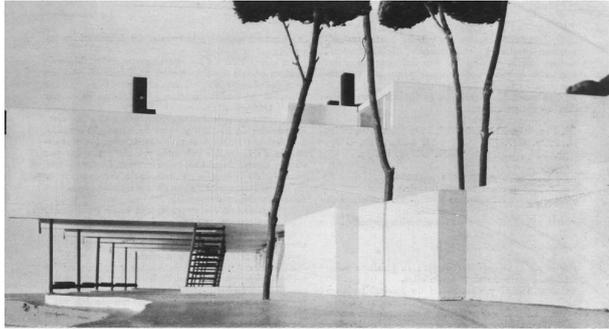
Em 1971, realizou-se o encontro de Toulouse-Le Mirail, organizado por George Candilis que levou o Team 10 ao projeto que o arquiteto tinha apresentado, quase dez anos antes, na reunião de Royaumont (1962) e que, na altura, tinha gerado controvérsia em torno da habitação em grande escala. É neste encontro que J. A. Coderch exhibe o projeto *Las Cocheras*, o maior projeto residencial da sua carreira – este e o *manifesto* “No son genios lo que necesitamos ahora” podem ser consideradas as obras mais expressivas da participação do arquiteto catalão no grupo. *Las Cocheras* é uma espécie de projeto-modelo que foi capaz de representar os vários pontos defendidos pelo Team 10, desde, por exemplo, a humanização da cidade, à salvaguarda da identidade. Na realidade, quem realiza a apresentação do projeto não é J. A. Coderch porque, tal como mencionado previamente, abandona o encontro devido à presença de Federico Correa, deixando nas mãos de Candilis essa tarefa (Figura 14).

Depois de Toulouse-Le Mirail, J. A. Coderch só participou em mais um encontro, o de Spoleto, em 1976. Sendo que entre estas duas reuniões se realizaram mais dois encontros oficiais (Berlim, 1973 e Roterdão, 1974) e três não oficiais (Cornell, 1972; Londres, 1973 e Londres 1975). O encontro de Spoleto, decorreu entre 2 a 6 de junho e foi organizado, novamente, por Giancarlo De Carlo, que conduziu os participantes numa visita pelos projetos habitacionais que tinha acabado de desenvolver em Terni. Esta reunião ficou marcada pelo pequeno grupo que participou, levando o Team 10 à sua quase formação original e ao tom informal e de relação próxima entre os convidados – na fotografia emblemática do grupo podemos identificar cerca de dez intervenientes (Figura 15). As apresentações e debates acontecem apenas durante a manhã, dando oportunidade aos arquitetos trabalharem e descansarem pela tarde.

O arquiteto espanhol levou consigo na viagem a Itália, os seus filhos, José Antonio e Gustavo, assim como um grupo de jovens arquitetos catalães, entre eles Cristian Cirici e Oscar Tusquets. Embora este tenha sido o último encontro de J. A. Coderch, até porque foi aconselhado a não voar mais apenas uns meses depois de Spoleto, o casal Smithson visita Barcelona e o arquiteto catalão acompanha-os até *Las Cocheras* (Figura 16).

101 Tradução livre da autora, a partir de: GARNICA, Julio – “Dear Alison” The diffusion of J. A. Coderch’s work through his participation in Team Ten. *Histories of Postwar Architecture* (HPA). Bolonha. 2611-0075. N. °4 (2019), p. 231

CAPÍTULO 2 . OBRA PUBLICADA NA IMPRENSA



Hotel y apartamentos en Torre-Valentina (Costa Brava), España

Coderch y Yalk, arquitectos

Cada día son menos las personas que pueden construir una casa con vistas al mar en un buen emplazamiento, y, sin embargo, cada día es mayor el número de personas que la desean.

El terreno donde se sitúan los apartamentos y el hotel está ubicado en una de las mejores zonas de la Costa Brava, cerca del puerto de Palamós y junto a una de las mayores playas de la Costa Brava. Su superficie total es de 35.000 m². El valor de los terrenos es de unas 600 pesetas el m².

En este terreno estaba prevista la construcción de 14 casas unifamiliares, disponiendo cada una de un jardín de 2.000 m². En este mismo terreno se ha proyectado ahora 131 casas, un hotel de 80 habitaciones y un garaje de 230 automóviles.

Ha sido necesario un estudio completo de la forma y disposición de todas las casas. Una urbanización con edificación libre hubiera limitado enormemente el número de apartamentos y las vistas al mar.

La gran densidad de edificación ha sido también necesaria para compensar los elevados precios del terreno. A pesar de esta gran densidad, las construcciones quedan prácticamente ocultas por el arbolado existente.

La orientación general es al Este, por ser la más favorable para evitar el calor excesivo en pleno verano. Permite además las mejores vistas al mar y una buena adaptación al terreno.

Las casas estrechas están escalonadas en sentido vertical, para que cada casa disponga, por lo menos, de un living, un dormitorio y una terraza con vistas al

mar, y para conseguir la mejor adaptación al terreno. También están dispuestas escalonadamente en sentido horizontal para que exista la mayor independencia posible entre unas y otras.

Las calles están debajo de las casas, para evitar que el público circule frente a los cuartos de estar y para que los niños puedan jugar en ella en caso de lluvia. En ellas están previstos locales que pueden utilizarse como almacenes o tiendas.

Las zonas de arbolado entre las casas permiten un primer término de árboles frente al cuarto de estar. Las zonas libres prolongan la vista hacia arriba desde la plaza del hotel. Todas las calles cubiertas desembocan en espacios abiertos.

La circulación de coches está limitada a la plaza del hotel que sirve de zona de aparcamiento a la calle que limita superiormente la urbanización y a la calle de acceso a la plaza del hotel. Existe un garaje de dos plantas bajo la plaza con cabida suficiente para los coches de los apartamentos y del hotel.

La composición de bloques a base de apartamentos únicos y de grupos de dos apartamentos permite muchas variaciones. Es posible sustituir unos apartamentos por otros, según las necesidades del comprador.

Cada apartamento está libre de servidumbre de vistas en relación con sus vecinos y con la gente que circula por la urbanización. En la mayor parte de los apartamentos se puede vivir sin ver más que los árboles, las terrazas y el mar.

Existen programas distintos que varían desde una casa mínima, compuesta de cuarto de estar, comedor,

17

47

cocina, dormitorio con terraza y baño, hasta otra máxima, con cuarto de estar, comedor, cocina (mayor), tres dormitorios grandes con tres baños grandes, dos dormitorios pequeños, dos baños pequeños, tres terrazas, patio con árboles y garaje.

Se han estudiado 26 soluciones distintas, que se detallan a continuación:

- P1, P1p, P1z, P11, P11p, P2, P2z, P21, P21p, P21g, P22, P22p, G1, G1p, G1z, G11, G11p, G12, G12p, G12pg, G13p, G2z, G2pg, G21, G22pg, G23pg.
- P Apartamento pequeño.
- G Apartamento grande.
- Primera cifra. Número de dormitorio grandes con baño y terraza.
- Segunda cifra. Número de dormitorios pequeños.
- p Con patio.
- z Con garaje.

Por ocupar un espacio excesivo se publican solamente los planos de algunas de ellas.

La iluminación y ventilación de las habitaciones principales está orientada hacia el mar, que es visible desde ellas. Los dormitorios posteriores dan a una zona de arbolado que los separa de la calle. Los cuartos de baño y cocinas tienen iluminación y ventilación cenital. Entre el comedor y el cuarto de estar hay un pequeño patio que ilumina también la escalera de acceso a la casa. El pasillo se ilumina por

una ventana que da a la terraza del dormitorio principal.

La circulación de los apartamentos se establece de manera que desde el acceso sea posible ir directamente a los dormitorios, al comedor y a la cocina sin pasar por el cuarto de estar. Esta habitación es, por tanto, tranquila.

La estructura de los apartamentos está compuesta de paredes de ladrillo y vigas de hormigón armado. Los únicos elementos metálicos vistos son los pies derechos de las calles cubiertas y están formados por cuatro hierros ángulo soldados entre sí, formando una cruz. La construcción en serie de la mayor parte de los elementos constructivos de los apartamentos permite una mayor economía.

La mayoría de los apartamentos serán vendidos al público. Otros serán propiedad del hotel.

Los compradores pagarán una primera cantidad al tomar posesión del apartamento y amortizarán el resto en un periodo de veinte años.

El hotel consta de 80 habitaciones y de los servicios generales correspondientes. Todas las habitaciones tienen vistas a la bahía de Palamós y al mar. Están dispuestas de manera que desde ellas no puedan verse las terrazas de los apartamentos. En el hotel están previstos servicios comunes de lavado de ropa, consumo, limpieza, etc., para los apartamentos. El proyecto del hotel no está terminado y por esta razón presentamos solamente los apartamentos cuyas obras han empezado ya.

18

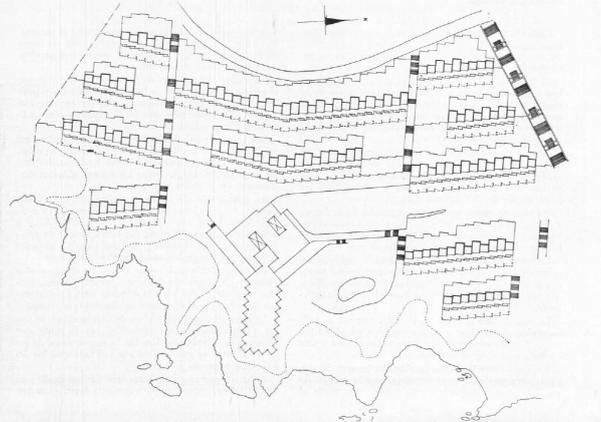


Figura 17 e 18 - Artigo dedicado ao projeto para Torre Valentina, publicado na revista madrileña Arquitectura, N. 15 (Mar. 1960) [https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anios/etapa-1959-1973/revista-arquitectura-n15-Marzo-1960]

J. A. Coderch participou na guerra civil espanhola pelo lado dos nacionalistas, possivelmente resultado da sua integração com o irmão, Rafael Coderch de Sentmenat, no partido *Renovación Española*¹⁰² que, com o Decreto de Unificação em 1937, se associou oficialmente ao conjunto de partidos que formaram o *Bando sublevado* ou *Bando nacional*. O arquiteto catalão lutou nas frentes de Perdiguera, Almudévar e Leciñena, tendo sido nomeado *Alférez e Teniente de Complemento del Arma de Caballería* e ainda, *Teniente de Complemento del Arma de Aviación*¹⁰³, em Janeiro de 1938. Segundo a descrição de Josep Rovira em *Coderch 1940-1964: En busca del Hogar*¹⁰⁴, estas frentes de batalha eram das mais intensas, tendo em conta as descrições da época. Este é um evento particular na vida do arquiteto, que definiu a sua personalidade e que de alguma forma está muito presente no seu *oficio*, nomeadamente nos seus escritos.

A relação do arquiteto com a imprensa internacional iniciou-se com a publicação de projetos, em 1949, para o número 240 da italiana *Domus*¹⁰⁵. Apesar de já ter sido publicado a meados de 1940 em Espanha, por exemplo pela *Cuadernos de Arquitectura*¹⁰⁶. Em Portugal, a divulgação do trabalho do atelier Coderch/Valls chega em 1947, através da publicação de 'Vivendas em Setges' em *A Arquitectura Portuguesa Cerâmica e Edificação*¹⁰⁷. Ao longo dos anos 1960 e 1970, multiplicam-se as publicações em várias geografias, uma consequência direta da participação do arquiteto nos encontros internacionais (CIAM e Team 10). A difusão do trabalho do arquiteto catalão não seguiu, apenas, a via da publicação dos seus projetos de arquitetura, mas também através da divulgação de peças escritas e composições fotográficas.

2.1 Do projeto para *Torre Valentina a Las Cocheras* (1959-1976)

Ao longo dos mais de quarenta anos de carreira, J. A. Coderch testemunhou várias publicações das suas obras. Os projetos de arquitetura foram, sem dúvida, o formato mais divulgado até porque as outras variantes, que apresentamos de seguida, não constituíram o foco principal do arquiteto.

O projeto *Torre Valentina* (Figura 17 e 18), apresentado em 1959 em Otterlo, é o projeto mais divulgado fora de Espanha, mesmo que este não tenha sido construído. Em Espanha, este projeto foi divulgado pela primeira vez, através da *Cuadernos de Arquitectura*¹⁰⁸ ainda em 1958 — antes da

102 Partido político monárquico

103 PIZZA, Antonio; ROVINA, Josep M. - **Coderch 1940-1964: en busca del hogar**. Barcelona: COAC, 2000. 84-88258-83-6

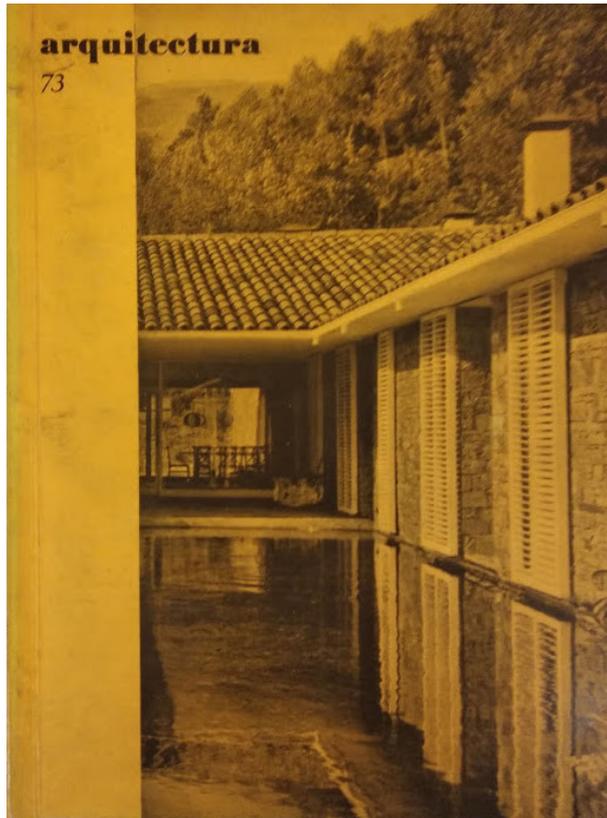
104 ROVIRA, Josep – El mar nunca tuvo um sueño. In PIZZA, Antonio; ROVINA, Josep M. - **Coderch 1940-1964: en busca del hogar**. Barcelona: COAC, 2000. 84-88258-83-6

105 Due ville a Sitges: Garriga Nogués - Las Forcas - Casa Compte. *Domus*. N. 240 (Nov. 1949)

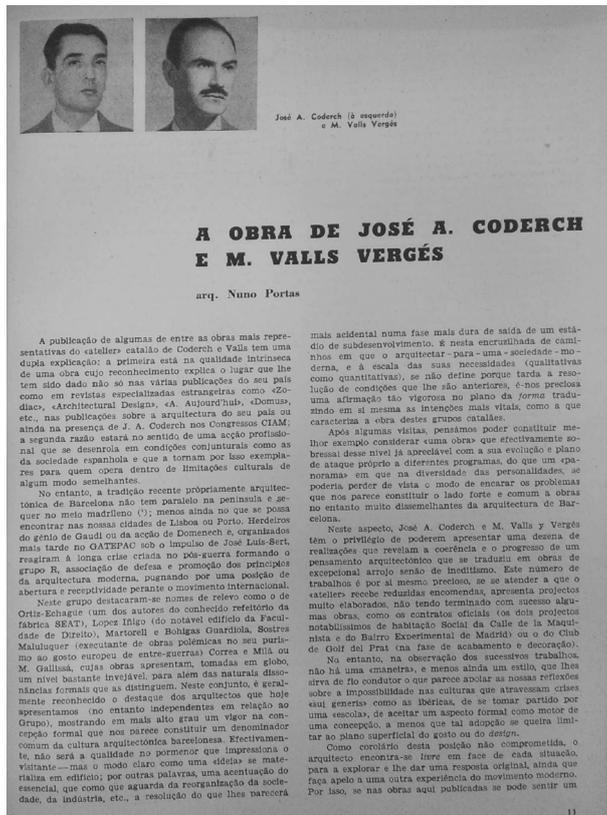
106 CODERCH, José; VALLS, Manuel - Refugio de montaña de 200 camas en el Puerto de Navacerrada para "Educación y Descanso". *Cuadernos de Arquitectura*. N.4 (1945)

107 CODERCH, José; VALLS, Manuel - Vivendas em Setges. *A Arquitectura Portuguesa Cerâmica e Edificação*. N.143 (Fev.1947)

108 CODERCH, José - Urbanización en Torre Valentina (Costa Brava). *Cuadernos de Arquitectura*. N. 37 (1958)



19



20

Figura 19 e 20 - Número dedicado à obra do atelier Coderch/Valls, revista portuguesa Arquitectura, N. 73 (Dez.1961) [Digitalização da autora, a partir de exemplar disponível na Biblioteca Nuno Portas da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho]

apresentação no CIAM de Otterlo de 1959. Uma das primeiras publicações internacionais foi através da revista *Forum*¹⁰⁹ em 1959; nos anos 1960 intensificam-se as publicações e passamos a encontrar este projeto divulgado em Itália através da *Domus*¹¹⁰, em França pela *L'Architecture d'Aujourd'Hui*¹¹¹ e pela *Realités*¹¹², na Suíça através da *Werk Bauen + Wohnen*¹¹³, na Alemanha pela *AW - Architektur und Wohnform-Innendekoration*¹¹⁴ e da *DBZ Deutsche Bau Zeitschrift*¹¹⁵, no Reino Unido por intermédio da *Architectural Design*¹¹⁶, entre outras.

Em Portugal, durante a 3ª série da revista *Arquitectura*, foram publicados dois números onde foram divulgados projetos do atelier Coderch/Valls. Em 1961¹¹⁷, juntamente a “No son genios lo que necesitamos ahora”, foram apresentados cinco projetos: *Casa Ugalde*, *Casas na Calle de la Barceloneta*, *Habitaciones em Calle de la Maquinista*, *Casas na Calle Compositor Bach*, e *Casa em Camprodón* (a capa deste número expõe uma foto deste projeto em Girona) – este é um número, praticamente, dedicado aos projetos do atelier (Figura 19 e 20). Numa nota, a revista portuguesa explica que as fotos que acompanham os projetos foram usadas com consentimento da *Domus* que no número 384 já tinha publicado estes projetos. Passados cinco anos, em 1966¹¹⁸, foi apenas publicado o projeto do *Hotel de Palma de Maiorca*. Ainda no contexto português, foram divulgadas obras através da revista *Binário* – em 1966¹¹⁹, a *Casa Rozes* e a *Casa Uriach*; em 1969¹²⁰ o restauro da *Casa de Espolla*; e em 1970¹²¹ o artigo “Casa em Espanha”.

Não deixa de ser relevante fazer referência a uma carta de J. A. Coderch a Alberto Sartoris¹²² a propósito de uma publicação na revista *Architecture, Formes et Fonctions*¹²³:

“Agradecemos-te muito pela publicação [...] e gostaríamos muito que não publicasses as nossas casas antigas, sobretudo a Casa Compte de Sitges, porque estamos muito

109 A revista *Forum* era dirigida por membros do Team 10, nomeadamente Aldo van Eyck e Jaap Bakema. *Bebouwingsplan voor Torre Valentina*. *Forum*, vol. II. N. 9 (1959) p. 292-299

110 PONTI, Gio - Un albergo e centrotrentun case a Torre Valentina. *Domus*. N 364 (Mar. 1960)

111 Project d'hotel et de villas a Torre Valentina, Costa Brava". *L'Architecture d'Aujourd'Hui*. N. 89 (1960)

112 Villages de vacances sur la Costa Brava. *Realités*. N.207 (1963)

113 Siedlung von Einfamilien-häusern und ein Hotel an der Costa Brava. *Bauen + Wohnen*. N.6 (1960) p. 203-207

114 Hotel und Ferienhausprojekt bei Palamós an der Costa Brava. *AW Architektur und Wohnform-Innendekoration*. N. 6 (1960) p. 21-24

115 Hotel und Apartmenthäuser in Torre Valentina, Costa Brava. *DBZ Deutsche Bau Zeitschrift*. N. 2 (1961) p. 143-146

116 Hotel & Apartments at Torre Valentina. *Architectural Design*. N. 5 (1960) p.198-199

117 5 obras de José A. Coderch e M. Valls Vergés. *Arquitectura*. N. 73 (Dez.1961)

118 Um hotel em Palma de Maiorca. *Arquitectura*. N. 93 (Mai./Jun. 1966)

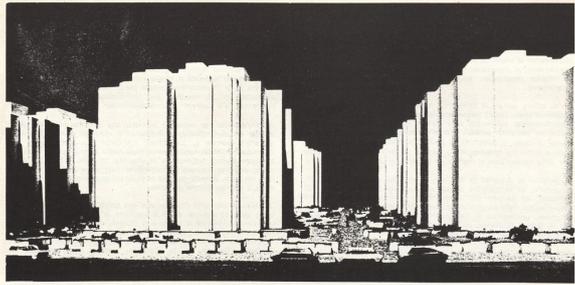
119 CODERCH, José; VALLS, Manuel - Casa Rozes. *Binário*. N. 94 (Jul.1966) e CODERCH, José; VALLS, Manuel - Casa Uriach. *Binário*. N. 94 (Jul.1966)

120 CODERCH, José - “Mas Del Puig” Casa de um arquitecto catalão. *Binário*. N. 132 (Set.1969)

121 CODERCH, José - Casa em Espanha. *Binário*. N. 142-143 (Jul./Ago. 1970)

122 Alberto Sartoris foi um dos arquitetos fundadores do CIAM, sendo reconhecido como um dos teóricos do racionalismo italiano. Foi ainda um ativo crítico de arte e de arquitetura.

123 SARTORIS, Alberto - L'Architecture de Coderch et Valls Vergés. *Architecture, Formes et Fonctions*. N.4 (1957)



UN PROYECTO DE VIVIENDAS

José A. CODERCH DE SENTENAT

Querido Director:

Lo que de palabra me resulta fácil decirte, por escrito es un calvario. Es posible que me olvide de muchas cosas, puesto que hace ya casi cinco años que trabajamos en el proyecto del que te hablo.

La cosa empezó, con unas conversaciones con Huarde, que ha sido para mí un gran recuerdo, y por los que siento un profundo agradecimiento.

Estaban interesados en un solar de unos 70 x 150 m. de forma irregular, situado en una zona muy buena de Barcelona, y en él se pretendía construir viviendas para clase media. En el proyecto de ordenación que tenía aprobado el Ayuntamiento, figuraban tres torres de veintitantos pisos de altura, que no se adaptaban bien a la variedad de tipos de viviendas que se debían edificar. Por otra parte, me repugna la idea, quizá porque tengo vértigo, de que la gente tenga que vivir demasiado alto. Tampoco estoy de acuerdo con el tipo de urbanizaciones que se suelen hacer, todas ellas prácticamente inspiradas en las ideas que sobre urbanismo tenía Le Corbusier. La construcción general de bloques altos rectangulares, situados entre espacios verdes, la considero un error, por dos razones. Primero por lo que te apuntaba antes del vértigo, y segundo porque me parece inhumano estar serrado en un barrio, teniendo enfrente un bloque generalmente monótono de 10, 20, ó 30 plantas de altura.

Me siento agobiado e inquieto por la masa y altura de estos edificios que me aplastan. Estos edificios fueron proyectados por Le Corbusier, con la idea de que todas las viviendas tuvieran buena orientación y sol. Esto en la práctica, nunca o casi nunca se cumple, porque si todos los bloques están bien orientados, han de ser forzadamente paralelos y dan una sensación de monotonía tan grande, que los mismos edificios de Le Corbusier, varían la posición y altura de estos bloques, con lo cual pierden la buena orientación. Esto de la buena orientación, es algo que

nos ha llegado del norte, donde el sol escasea mucho, pero aquí en España, tiene menos importancia. Personalmente, prefiero la variedad de orientaciones. La orientación norte y sur-levante, es la que a mí más me gusta, pero en todo caso, si los precios de las viviendas son distintos de acuerdo con las preferencias del público y la ley de la oferta y la demanda, prefiero un piso bueno, mal orientado y más barato, por haber cobrado más los mismos pisos de mejor orientación, que un piso peor, mejor orientado.

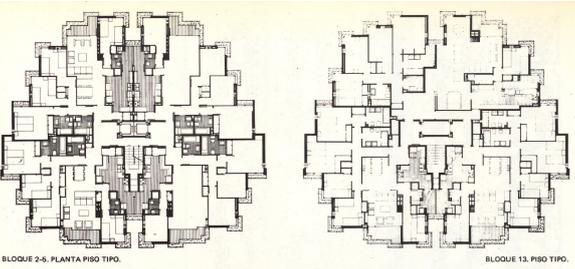
Creo que es necesario proyectar viviendas con suficiente densidad, para que el vivir en la ciudad sea posible sin tener que recurrir a las ciudades dormitorio, y sin que la superficie de la ciudad sea excesiva.

Creo que puede conseguirse un coeficiente de edificabilidad de 2 a 3 metros cuadrados por metro cuadrado de terreno, según las zonas de la ciudad; y esto con edificios de planta baja y cuatro pisos a planta baja y siete y siete, pero más preferencias van a planta baja y cuatro o cinco pisos.

Recientemente he visitado varias micro-urbanizaciones, y en todas ellas, me he encontrado con dificultades para localizar las casas con edificio alto y con espacios libres bastante fríos. Creo que debemos volver a urbanizar calles y plazas, para facilitar el tránsito rodado y para conseguir calles y plazas humanas en nuestras ciudades. Creo debemos ir a supermanzanas de unos 200 x 200 m., destinando las calles que las limitan, a la circulación rodada y respetando las calles y plazas interiores a la manzana para uso exclusivo de peatones.

Siempre me han gustado las casas inglesas georgianas, y creo que Neutra tenía razón cuando decía que las plantas y el verde no solamente en los espacios libres, sino en las casas, era muy importante. Aparte de todas las zonas ajardinadas en calles y plazas, en todos los

21



Los usuarios de esta urbanización, podrán fumar tranquilamente un cigarrillo en un banco de la calle, esperando la hora de comer, o dedicar una hora a jugar con los niños, sin tener que desplazarse a un parque público.

Del estudio exhaustivo de la forma y huecos de las estructuras proyectadas, hemos podido obtener un volumen y una forma, que es compatible con muy distintas soluciones de viviendas, con programas distintos y superficies por vivienda que oscilan entre 80 metros cuadrados y 250 ó 300 metros cuadrados, siempre respetando los mismos huecos, bajantes, etcétera.

Debajo de toda la manzana, existe un garaje al que llegan las escaleras y los ascensores de las viviendas.

No sé qué pasará cuando la urbanización esté terminada, ni si la planta de la manzana de 200 x 200 metros puede ser una solución interesante. Creo que en ella, tendría que haber desfasado las plazas para evitar confusiones.

Pienso variar también los árboles y las plantas para dar mayor variedad.

Repito, que no sé lo que pasará cuando la obra esté terminada. Creo, sin embargo, que es una experiencia interesante.

Quiero decirte también, que la gente, ante este proyecto, ha

reaccionado de una manera increíble. Hace tres meses que han empezado las obras de cimentación, y se han vendido ya prácticamente todas las viviendas. Toda la publicidad la ha hecho la gente de viva voz, y todos los estudios de publicidad que se habían realizado, están encerrados en un armario.

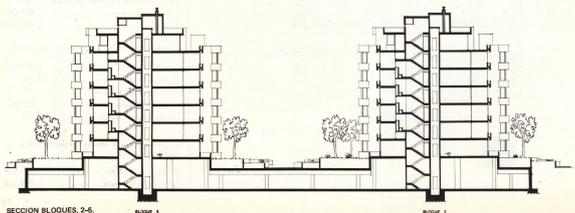
Ante todo esto, ya puedes imaginarte la terrible sensación de responsabilidad que tengo y el miedo no menos terrible de defraudar a todos los que han pagado ya el primer plazo y se han apuntado para estas viviendas. Te he de confesar, que me da esto mucho más miedo que la crítica que puedan hacer los arquitectos. Si dentro de unos años la gente que viva en esta urbanización está contenta, será feliz por unos días.

Perdona esta carta tan mal escrita, a la que confío de tu buen aire y salero.

Te manda un abrazo muy fuerte, tu viejo amigo,

José Antonio CODERCH Y DE SENTENAT

N.R.: El estilo de las memorias de las obras que acostumbramos solicitar a sus autores corresponden exactamente a nuestra opinión. No fue en esta carta ha escrito José Antonio Coderch. Razón por la que se ha publicado íntegramente.



22

Figura 21 e 22 - Artigo dedicado ao projeto *Las Cocheras*, publicado na revista madrilenha *Arquitectura*, N. 162 (Jun.1972) [https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anos/etapa-1959-1973/revista-arquitectura-n162-Junio-1972]

envergonhados, e a obra de Leonori que publicaste também com o nosso nome, sem nunca termos intervindo, nem no projeto nem na direção. Suponho que Leonori te diria que a fizemos em colaboração mas não foi assim.”¹²⁴

O projeto que decidimos eleger, como exemplo da relação entre imprensa e arquiteto, é *Las Cocheras*. Na verdade, esta escolha não recaiu por se tratar de um projeto extremamente publicado, pelo contrário, a escolha prendeu-se ao facto de considerarmos que este projeto surgiu na carreira de J. A. Coderch no seguimento do protagonismo que estava a ter na imprensa internacional, e nos contatos que estabeleceu ao longo nos anos 1960.

Os finais dos anos 1960 ficaram marcados, na carreira de J. A. Coderch, pela comissão de dois projetos de grande escala, o *Banco Urquijo* (1967) e *Las Cocheras*¹²⁵ (1968) — este último recebe o nome da atividade que antes ocupava a área de construção, um depósito de veículos em fim de vida. Quando em 1967, na carta que enviou a Alison Smithson, J. A. Coderch admitia que Candilis tinha razão, quando salientava a necessidade de enfrentar o problema da habitação para um grande número de pessoas, o arquiteto espanhol estava, nesse momento, a deparar-se pessoalmente com o problema, através destas duas comissões. Inicialmente os investidores para o projeto de *Las Cocheras* estavam interessados em blocos regulares de cerca de 70x150 metros, sendo que o projeto de ordenamento previa edifícios com mais vinte pisos. A proposta de J. A. Coderch reduziu este número para mais de metade, sendo que todos os blocos têm no máximo sete andares apresentando várias tipologias de habitações. O projeto localizado no nobre bairro de Sarrià, ficou caracterizado pela sua concepção modular para os apartamentos assim como a estratégia para o espaço intermédio, entre as habitações e os eixos viários que as contornam, onde o arquiteto recorre a espaços verdes e zonas de estar. Estes espaços criam momentos onde os habitantes podem estar no exterior, permitindo dinamizar novas vivências.

Em 1961 o arquiteto dizia em “No son genios lo que necesitamos ahora”:

“Precisamos que os milhares e milhares de arquitetos que andam pelo mundo pensem menos em Arquitectura (com maiúscula), em dinheiro ou em cidades do ano 2000 e mais no seu ofício de arquitetos. Precisamos que trabalhem com uma corda atada ao pé, para não irem mais longe do que a terra em que têm raízes e dos homens que melhor conhecem, apoiando-se sempre numa base firme de dedicação, boa vontade e honradez.”¹²⁶

Reveremos esta crítica no comentário que em 1962, no encontro de Royaumont, J. A. Coderch faz a

124 Tradução livre da autora, a partir de: NAVARRO, María Isabel – La crítica italiana y la arquitectura española de los años 50. Pasajes de la arquitectura española en la segunda modernidad. In **Las Revistas de Arquitectura (1900-1975): Crónicas, Manifiestos, Propaganda**. Actas Preliminares. Pamplona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra (2012) p. 83

125 Las Cocheras é, tal como previamente mencionamos, o maior complexo residencial do percurso de Coderch.

126 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. In De revistas. Cuadernos de Arquitectura. N. 46 (Dez.1961)

José A. Gaderch Manuel Vallis.
Arquitectos. Barcelona

La formación escolar de los jóvenes arquitectos españoles está mal orientada. Reciben una enseñanza en la cual la historia y la erudición ocupan más lugar que la vida. Escasos serán los profesores, por malos que sean, que no puedan enseñar algo personal y viviente, pero se diría que, generalmente, un extraño pudor los hace refugiarse en la erudición y la historia. Algunas veces, más que de pudor, se trata de una ignorancia de las verdaderas necesidades del estudiante. Su situación profesional los deforma mediante un realismo excesivo, ante un estado de cosas que, en el fondo, ellos mismos lo han creado por razones de conveniencias económicas profesionales. El conformismo de su postura, referente a este punto de vista, se refleja en su enseñanza, y cuando unas tendencias renovadoras empezaron a imponerse en nuestro país (generalmente, más por mimetismo que por convicción profunda de su valor y de su necesidad), estos profesores se vieron adelantados por sus propios alumnos (con el resultado subsiguiente de eso), con lo cual se explica el fracaso completo de los centros docentes en cuanto a sus medios de orientación y de formación. Si, realmente, se enseñan ideas nuevas, a menudo lo hacen sin preparación alguna y casi de mala gana, con lo cual no se despierta en el estudiante un sentimiento de respeto hacia el profesor y sus enseñanzas, sino, más bien, un complejo de superioridad que, de ninguna manera, debería haber en el estudiante durante la fase de su preparación.

Y, entonces, el estudiante acude a los libros y revistas para nutrirse de ideas, para cuya verdadera comprensión necesaria un contacto directo, personal, humano, con los autores de las obras, o, por lo menos, con estas últimas. El hecho de que, generalmente, el español desea conocer la verdad para sentirse él mismo más seguro, pero que se aburre de buscarla personalmente, prefiriendo encontrarla ya descubierta y elaborada por otros, este hecho repercute en la enseñanza, donde conduce a consecuencias tan desagradables como difíciles de corregir.

Si el joven arquitecto español quiere ejercer su carrera e informarse sobre las posibilidades que se le ofrecen, no sabe a quién dirigirse ni dónde pedir estos informes. Debería poder contar con la ayuda de arquitectos expertos, a los cuales tendría que respetar por sus obras realizadas. No importaría mucho que, por pertenecer a otra época, no estuviera del todo conforme con ellos, pues la honradez y la sinceridad de sus trabajos bastarían para crear un ambiente de simpatía y un acercamiento en lo que se refiere a la postura humana y los principios fundamentales, para que el mutuo contacto no se redujera a una conversación entre mudos. Las críticas que estos buenos arquitectos viejos le harían, incluso, si no consiguieran convencerle, le obligarían a pensar, le proporcionarían el sentido de su responsabilidad, le advertirían los peligros de la exageración y despertarían en él su curiosidad

por ciertos problemas que, de otra manera, tardaría mucho más tiempo en descubrir y, quizá, no los descubriría nunca.

Arquitectos, como, por ejemplo, José Luis Sert, que, siendo jóvenes, habrían podido llenar, con referencias directas y seguras, el vacío que se abre ante nosotros, desgraciadamente, han salido de España. Tales arquitectos, quizá, habrían podido sustituir el falso sentimiento de superioridad, que se manifiesta en las nuevas promociones, por el sentimiento humano del oficio, el amor a la obra y a su destino. Algunos arquitectos de mucha fama han visitado nuestro país y han establecido contactos con los jóvenes arquitectos españoles; pero estos contactos han sido demasiado breves y circunstanciales para arraigar bien entre nosotros el gran fondo de humanidad y sencillez que sale de sus obras, Conferencias y un mero intercambio de palabras de cortesía, impuesto por el momento y por la buena educación, no son un remedio suficiente.

Como consecuencia de la escasez general de la crítica y de los críticos se publican, de cuando en cuando, artículos cuyos autores no son críticos de profesión. Pero, no dedicándose enteramente a la crítica, les falta a estos autores la influencia necesaria para hacer nacer corrientes de opinión. Además, en la realidad es esto poco frecuente. En la mayoría de los casos, estos autores temen—y este temor es, realmente, justificado—atacar de frente lo que consideran inadmisibles. El resultado es que casi siempre se elogia lo malo en lugar de lo bueno, tanto de intención como de hecho, y, así, el público tiene completa libertad para elegir, en la mayoría de los casos muy arbitrariamente, lo que más esté de acuerdo con su gusto o con su criterio. Como esta crítica, tan raramente cultivada, se ha convertido en portavoz del arte actual, ha procedido con tanta ligereza, que sólo podrá conducir a un concepto falso de la arquitectura moderna, a no ser que haya intenciones ocultas.

La política del Gobierno, en tanto que se refiere a la arquitectura, es peligrosa y, casi siempre, de graves consecuencias para los jóvenes arquitectos. El Estado tiene una marcada tendencia hacia las enormes construcciones faraónicas (sea cual sea su destino: político, religioso, administrativo, cultural, etc.) para todas las obras que están a su cargo, y, en cambio, demuestra una tendencia marcada hacia la improvisación cuando se trata de resolver el problema de la vivienda. Tiene un concepto equivocado del rendimiento de los arquitectos y siempre cree que les paga demasiado. La consecuencia es que los honorarios profesionales, ya de por sí exigüos, han sido reducidos oficialmente. Además, si el arquitecto quiere demostrar su competencia tiene que realizar y presentar sus proyectos lo más rápidamente posible. Pero, en los numerosos organismos, hay comisiones que interfieren en los proyectos, y esto tanto más fácilmente si se trata de problemas estrictamente profesionales. Aunque, suponemos, esto no sucederá siempre, realmente esto es lo que sucede la mayoría de las veces.

35

23

Figura 23 - Artigo dedicado ao texto *Points de vue sur la situation des jeunes architectes en Espagne*, publicado na revista madrilenha *Arquitectura*, N. 192 (Dez.1957) [<https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anios/etapa-1946-1958/revista-nacional-arquitectura-n192-Diciembre-1957>]

Candilis a propósito de Toulouse-Le Mirail. Com o projeto *Las Cocheras* o arquiteto catalão experiencia a “habitação para o maior número” conjugando uma nova urbanidade que aproximaria a dimensão privada com a pública — aproximando-se do que seriam as “cidades do ano 2000”; ao mesmo tempo que fazia uma arquitetura feita de referências ao contexto catalão — trabalhando “com uma corda atada ao pé”.

Na publicação do projeto em 1972, pela revista madrilena *Arquitectura*¹²⁷ (Figura 21 e 22), a apresentação do projeto é feita, na primeira pessoa do singular, pela voz de J. A. Coderch que abre o discurso com:

“Querido Diretor, o que por palavras me é fácil comunicar, por escrito é um calvário. É possível que me esqueça de muitas coisas, visto que já faz cinco anos que trabalhamos no projeto de que te falei.”¹²⁸

Esta não deixa de ser uma frase significativa, porque, de facto, a escrita foi sempre algo secundário no percurso do arquiteto e, os textos que apresentamos mais à frente são das poucas contribuições para além das memórias descritivas dos projetos. Possivelmente J. A. Coderch, ao enviar esta carta a Carlos de Miguel¹²⁹, não esperava a sua publicação na íntegra e, percebemos isto através da maneira como remata a carta:

“Desculpa esta carta tão mal escrita, confio que lhe irás dar do teu bom ar e *salero*”¹³⁰.

Depois da primeira publicação pela madrilena *Arquitectura*, seguiu-se a também madrilena *Nueva Forma*¹³¹ passados dois anos, em 1974. Fora de Espanha, o projeto de *Las Cocheras*, foi divulgado pela primeira vez, pela revista francesa, *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, em 1975, sendo ainda publicado pela revista japonesa *A+U*, em 1976, no mesmo número onde foi reproduzido “No son genios lo que necesitamos ahora”.

Las Cocheras representa muitos dos valores e das referências à tradição, que J. A. Coderch refere em “No son genios lo que necesitamos ahora”, como as fachadas em tijolo vermelho, as varandas, a topografia do plano de cobertura¹³², o movimento das fachadas. Contudo não deixa de fora as possibilidades que as novas experiências construtivas possibilitam, sendo visível através da forma escalonada dos blocos que respondem a uma questão organizacional das habitações ou por exemplo

127 CODERCH, José - Un proyecto de viviendas. *Arquitectura* COAM. N. 162 (1972)

128 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - Un proyecto de viviendas. *Arquitectura* COAM. N. 162 (1972)

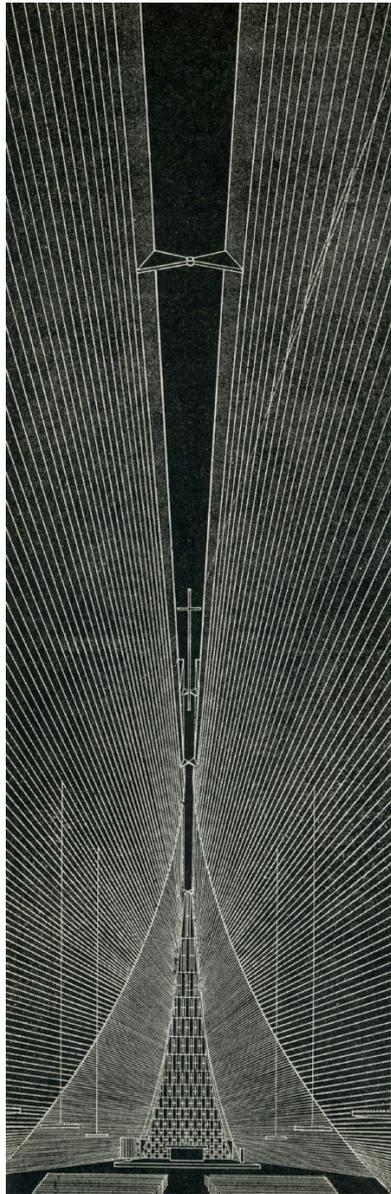
129 Diretor da *Arquitectura* entre 1959-1973

* Decidiu-se não traduzir a palavra *salero*, por considerarmos uma palavra que se fosse substituída por elegância ou alguma expressão do género não iria melhorar a compreensão.

130 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - Un proyecto de viviendas. *Arquitectura* COAM. N. 162 (1972)

131 CODERCH, José - Las Cocheras. *Nueva Forma*. N. 106 (Nov. 1974)

132 Como refere Mieke Dings em: DINGS, Mieke - Las Cocheras/ Les Cobxeres housing estate, Barcelona 1969-75. In RISSELADA, Max; VAN DEN HEUVEL, Dirk - **Team 10: 1953-81: in search of a Utopia of the present**. Rotterdam: NAI Publishers. 2005 p.178



Los concursos, que han sido muy mejorados, ofrecen a los jóvenes arquitectos ocasiones excelentes para empezar a trabajar y a darse a conocer. Sin embargo, nosotros, personalmente, somos enemigos de los concursos, porque consideramos que, en la mayoría de los casos, para poder realizar un buen proyecto, se necesita tener un interlocutor.

El trabajo libre, por el contrario, es muy difícil para el joven arquitecto, y este hecho es una prueba contra las ventajas aparentes de los concursos, porque la falta de un interlocutor responde a un mal corroborado por el trabajo libre. En éste, falta el interlocutor, porque, en realidad, hace abstracción del arquitecto, que le tolera como una cosa formularia, obligatoria, y, por tanto, onerosa. Lo que le importa más es la casa, no como elemento indispensable de la vida y en correlación directa con ésta, sino como una expresión ostensiblemente acentuada de la posición social o económica del propietario. Este acoge malamente las observaciones del arquitecto, quien las interpretará, inmediatamente, como una ofensa a la sensibilidad artística, la cual el propietario cree poseer en alto grado por la naturaleza o en virtud de la posición social adquirida. Bajo estas condiciones, el arquitecto, ante la actitud del que requiere sus servicios, pero al cual le trata como un elemento secundario y casi siempre inoportuno, adoptará una actitud conformista y se inclinará a cierta ligereza en la ejecución de sus proyectos.

Todo este conjunto de aspectos negativos nos hace considerar como desesperado el panorama que ofrece la arquitectura en nuestro país. Pero seríamos injustos si no reconociéramos que existen excepciones, tanto en el campo profesional como también en el de la iniciativa privada y en ciertos organismos o sociedades. Estas excepciones son tanto más meritorias cuanto que, siendo las cosas como las hemos explicado más arriba, hay que luchar contra las enormes dificultades del ambiente. Así, el trabajo de las asociaciones profesionales y, especialmente, el del Colegio de Arquitectos de Cataluña y de las Baleares, al cual se deben las visitas de arquitectos contemporáneos, eminentes a nuestro país, merece los mayores elogios. Finalmente, queremos expresar la esperanza que, por su trabajo libre, representa una clientela joven, todavía esporádica, pero que parece libre de prejuicios "artísticos" y sociales de las generaciones precedentes. Quizá de los mismos arquitectos y, especialmente, de los jóvenes arquitectos dependerá que no se frustre esta esperanza, sino que se pueda reafirmar hasta estar en condiciones de contrarrestar e, incluso, de eliminar las penosas y graves circunstancias, bajo las cuales, hasta ahora, se trabaja aquí.

Proyecto de capilla para la Universidad Tunghai, en Formosa. L. M. Pei, arquitecto.

Figura 24 - Artigo dedicado ao texto *Points de vue sur la situation des jeunes architectes en Espagne*, publicado na revista madrileña *Arquitectura*, N. 192 (Dez.1957) [<https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anios/etapa-1946-1958/revista-nacional-arquitectura-n192-Diciembre-1957>]

como essa organização possibilitou a não construção de pátios de ventilação. Segundo Julio Garnica, o projeto de *Las Cocheras* responde às questões fundamentais do Team 10: “a humanização da cidade, a redescoberta da rua como espaço público, a necessidade de habitação coletiva, a preservação da identidade entre as massas, a hierarquização do agrupamento, etc.”¹³³

2.2 De “Points de vue sur la situation des jeunes architectes en Espagne” a “Historia de unas castañuelas” (1957-1967)

As peças escritas do arquiteto catalão são reduzidas em número — efetivamente, J. A. Coderch era um arquiteto de projetos de arquitetura. No entanto, nos poucos textos que escreveu ao longo da vida profissional, carregou-os com as suas experiências e com os seus ideais, como extensões de si próprio, do homem arquiteto. Os dois textos, que em seguida apresentamos, representam dois ensaios escritos em momentos distintos: um escrito e publicado antes da participação do arquiteto espanhol no congresso de Otterlo (1957), e outro num momento em que J. A. Coderch já fazia parte do Team 10 (1967). Outra consideração importante tem a ver com a posição cronológica intermédia de “No son genios lo que necesitamos ahora” face a estas duas peças escritas.

Carlos Labarta e Jorge Tárrago¹³⁴ apontam “No son genios lo que necesitamos ahora” como o primeiro ensaio publicado pela *L’Architecture d’Aujourd’Hui*, escrito por um arquiteto espanhol, contudo, “Points de vue sur la situation des jeunes architectes en Espagne”¹³⁵ foi publicado pela revista francesa em 1957. O número de setembro de 1957 da revista é dedicado aos jovens arquitetos, e manifesta a perspetiva de vinte e três países¹³⁶ — o texto de J. A. Coderch é um dos testemunhos sobre a situação espanhola.

O texto, que não teve tantas republicações como o *manifesto* de 1961, foi publicado em Espanha, pela *Arquitectura COAM*¹³⁷, três meses depois da publicação pela revista francesa, em dezembro de 1957 (Figura 23 e 24); foi ainda republicado pela *Quaderns d’Arquitectura i Urbanisme*¹³⁸, com o título “Carta a los jóvenes arquitectos”, no número dedicado à obra do arquiteto catalão, em 1987.

Este depoimento do arquiteto catalão manifesta uma visão pessimista da profissão, principalmente

133 TRadução livre da autora, a partir de: GARNICA, Julio – “Dear Alison” The diffusion of J. A. Coderch’s work through his participation in Team Ten. *Histories of Postwar Architecture* (HPA). Bolonha. 2611-0075. N.4 (2019), p. 237

134 LABARTA, Carlos; TÁRRAGO, Jorge - The Last Manifesto - The permanence of humanity and the ephemerality of geniuses In BUCKLEY, Craig – After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a new century. New York: GSAPP Books, 2014. 978-1-883584-87-0 p. 92-109

135 CODERCH, José - Points de vue sur la situation des jeunes architectes en Espagne. *L’Architecture d’Aujourd’Hui*. N. 73 (Set. 1957)

136 França, Suíça, Bélgica, Holanda, Finlândia, Suécia, Dinamarca, Noruega, Alemanha, Itália, Espanha, México, Argentina, Cuba, Brasil, Estados Unidos da América, Israel, Turquia, Iraque, Canadá, Austrália e Japão.

137 CODERCH, José - Puntos de vista sobre la situación de los arquitectos jóvenes en España. *Arquitectura COAM*. N. 192 (Dez. 1957)

138 CODERCH, José - Carta a los jóvenes arquitectos. *Quaderns d’Arquitectura i Urbanisme*. N.174 (1987)

... historia de unas castañuelas

■ jose antonio codereh

La influencia de los factores nacionales y regionales en la creación y el desarrollo de la arquitectura moderna me parecen decisivos, por lo menos han sido decisivos para mí ya que en una época en la que España estaba prácticamente aislada a toda influencia exterior fue la Arquitectura regional la que me orientó en mi trabajo y me permitió realizar obras que luego fueron consideradas modernas. Creo que la arquitectura popular en todos los países parte de premisas muy concretas y realistas, y tiene siempre una dignidad de las que carecen muchas obras de la arquitectura moderna. Ilustran este artículo unas fotografías de obras por mí realizadas, cuando mi incurable pereza, mi falta de curiosidad y el aislamiento que se encontraba España por la década de los años 40 hacían, que los grandes arquitectos y las grandes obras de la arquitectura moderna fueran para mí prácticamente desconocidos.

Odio la demagogia pero creo que en el pueblo existen unos valores que han hecho de la arquitectura popular, en todos los países, una obra de gran dignidad. Creo que el progreso reduce cada día más estas virtudes eternas y creo que somos los arquitectos los que debemos hacer que estas virtudes básicas no se pierdan. En nuestras manos está el que sea posible el progreso, los modernos sistemas de edificación y la prefabricación conservando la calidad humana que tenían las construcciones populares de otras épocas. Uno de los problemas más importantes para un arquitecto moderno es el hacer compatible el progreso con la humanidad que irradian las viejas construcciones. Siempre me han preocupado los problemas que plantea el ejercicio de nuestra profesión en el mundo en que vivimos y debo decir que muy a menudo la contemplación de las obras de los arquitectos finlandeses me han servido de consuelo y de esperanza. La arquitectura finlandesa me produce siempre una gran admiración, tanto por las realizaciones particulares de sus arquitectos más destacados y conocidos, como por la obra conjunta de todos ellos. Y quizá sea éste último, tan meritorio y tan difícil de conseguir, lo más importante, porque revela la existencia en este país de un gran número de arquitectos que respetan los valores esenciales del hombre y del mundo que nos rodea. Saber tener en cuenta estos valores es ya, por de pronto, adoptar la única postura correcta (ética más que estética) en el ejercicio de nuestra profesión.

Cuanto digo en este escrito es algo que suelo repetir con frecuencia a quienes me quieren escuchar. Mis alumnos de la Escuela de Arquitectura de Barcelona lo saben bien. En ciertos países, como España e Italia por ejemplo, existen muy buenos arquitectos, pero la media profesional es, en cambio, muy baja. En este sentido, el contraste con Finlandia es muy acusado. Se trata de un hecho que siempre me ha llamado la atención, y quisiera saber por qué ocurre así y cuáles son las causas a que obedece.

Un compañero suele decir a los jóvenes que las funciones de una sola variable únicamente existen en los libros de matemáticas. En la vida humana todas las funciones tienen incontables variables, y una de las causas de la angustia de nuestra juventud estriba en

su inconsciente manía de simplificación. Esta juventud no acude en demanda de consejo a los sabios, en primer lugar porque casi no existen, aunque otra cosa parezca; Los sabios de hoy día no son sabios, sino científicos, técnicos de la cultura o especialistas. Un pensador español, Ortega y Gasset, escribió hace tiempo que por culpa del actual especialismo *no compensado* resulta que hoy "cuando hay mayor número de *hombres de ciencia* que nunca, haya muchos menos *hombres cultos* que, por ejemplo, en 1750". Creo que los verdaderos sabios habría que ir a buscarlos entre el pueblo, donde todavía existe ese respeto a los valores esenciales del hombre a que antes me refería.

No recuerdo quien me hablaba de que la cultura actual es casi siempre una cultura de confección.

Pienso dedicar a Finlandia unas largas vacaciones en cuanto me sea posible, y no sólo para ver las obras de sus arquitectos, sino porque creo que el pueblo finlandés tiene como muy pocos ese don de la humana sabiduría. En esto, en que su saber y su cultura no son "de confección", sino adoptados sería y noblemente a la vida, acaso reside el secreto de las buenas obras de arquitectura que allí florecen.

Nunca olvidaré la impresión que me produjo la primera conferencia que Alvar Aalto dio en Barcelona. Sus palabras fueron la negación de la pedantería y del dogmatismo. Era como un canto sereno y profundo al verdadero conocimiento humano, a la decencia y al sentido común.

A este propósito quisiera contarles a ustedes una anécdota muy significativa. Como me la contaron la cuento. Estando Alvar Aalto en Madrid, manifestó el deseo de hacer algunas compras, y un compañero mío se ofreció a acompañarlo. Como el tráfico era muy intenso y resultaba prácticamente imposible encontrar aparcamiento, dicho compañero dejó solo a Aalto en una tienda, y después de dar varias vueltas lo recogió otra vez. Aalto mostraba gran satisfacción por una compra que había hecho y que mostró orgulloso a su acompañante: se trataba de unas magníficas castañuelas. Mi compañero le preguntó cuánto le habían costado, y al decirle Aalto el precio aquél montó en cólera y volvió inmediatamente a la tienda. Allí protestó, pero el dueño le dijo que el precio era justo: que él le había mostrado primero castañuelas baratas, para turistas, después otras mejores y que, finalmente, Aalto se había llevado las mejores castañuelas que tenían en la tienda: unas magníficas castañuelas de concierto!... Ni que decir tiene que Aalto no era, ni creo que lo sea ahora, un entendido en castañuelas.

Me parece que esto tiene mucho que ver con las virtudes de ustedes y del pueblo finlandés. También, con la bondad del 75 Aniversario de la Asociación de Arquitectos Finlandeses. Sospecho que cualquier ciudadano de ese noble y querido país, puesto a elegir castañuelas en su viaje a España, se decidiría, como Alvar Aalto, por unas castañuelas de verdad.

Barcelona, 22 de Junio de 1967



... vivienda gili. sitges, 1967



Figura 25 - Artígo dedicado ao texto *Historia de unas castañuelas*, publicado na revista Nueva Forma, N. 106 (Nov. 1974) [Digitalización de Marta Labastida, a partir de exemplar disponible na Biblioteca do COAC - Col·legi d'Arquitectes de Catalunya]

no que diz respeito ao ensino da arquitetura e a receção desse ensino pelos jovens. O arquiteto abre o discurso com:

“A formação escolar dos jovens arquitetos espanhóis está mal orientada. Recebem um ensino no qual a história e a erudição ocupam mais lugar do que a vida.”

Ao longo do texto podemos encontrar ideias que são novamente expostas em “No son genios que necesitamos ahora” como, por exemplo, quando J. A. Coderch afirma:

“E, então, o estudante recorre aos livros e às revistas para se alimentar de ideias, que para entender verdadeiramente precisará de estabelecer um contato direto, pessoal, humano, com os autores das obras. O facto de que, geralmente, o espanhol quer conhecer a verdade para se sentir mais seguro, mas que se cansa de procurá-la pessoalmente, preferindo assim encontrá-la já descoberta e elaborada por outros, esse facto afeta o ensino, onde leva a consequências tão desagradáveis quanto difíceis de corrigir.”¹³⁹

Esta ideia de que, na realidade, não basta consultar livros ou revistas, é necessário conhecer as obras pessoalmente, ter uma vontade constante de procura, é identificável no *manifesto* de 1961 em:

“Creio que a melhor pedagogia é o exemplo; trabalhar vigiando continuamente para não confundir a fragilidade humana, o direito a errar - camada que oculta muitas coisas, como a ligeireza voluntária, a imoralidade ou o sangue frio.”¹⁴⁰

O texto “Historia de unas castañuelas” foi publicado em 1967, pela *Arkkitehti Arkitekten*¹⁴¹ num número dedicado aos 75 anos da Associação de Arquitetos Finlandeses. Em Espanha, foi publicado pela primeira vez em 1974, pela *Nueva Forma*¹⁴² (número monográfico dedicado a J. A. Coderch - Figura 25) e, republicado pela *Arquitectura*¹⁴³ COAM, em 1987 (Figura 26).

Tal como acontece em “Points de vue sur la situation des jeunes architectes en Espagne”, também “Historia de unas castañuelas” mantém uma relação próxima com o *manifesto* de 1961, por exemplo, quando o arquiteto em 1967 diz:

“Nas nossas mãos está o progresso, os sistemas de construção modernos e a pré-fabricação, conservando a qualidade humana que tinham as construções populares das outras épocas.

139 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - Puntos de vista sobre la situación de los arquitectos jóvenes en España. *Arquitectura* COAM. N.192 (1957) p.34-36

140 Tradução livre da autora, a partir de duas publicações do manifesto: a divulgação no newsletter do *Post Box for the development of the Habitat* N.8 de Dezembro de 1961; e da publicação na *2G* em 2005.

141 CODERCH, José - Historia de unas castañuelas. *Arkkitehti Arkitekten*. N. 7-8 (1967) p. 54-55

142 CODERCH, José - Historia de unas castañuelas. *Nueva Forma*. N. 106 (Nov. 1974)

143 CODERCH, José - Historia de unas castañuelas. *Arquitectura* COAM. N. 268 (1987)p.102-103

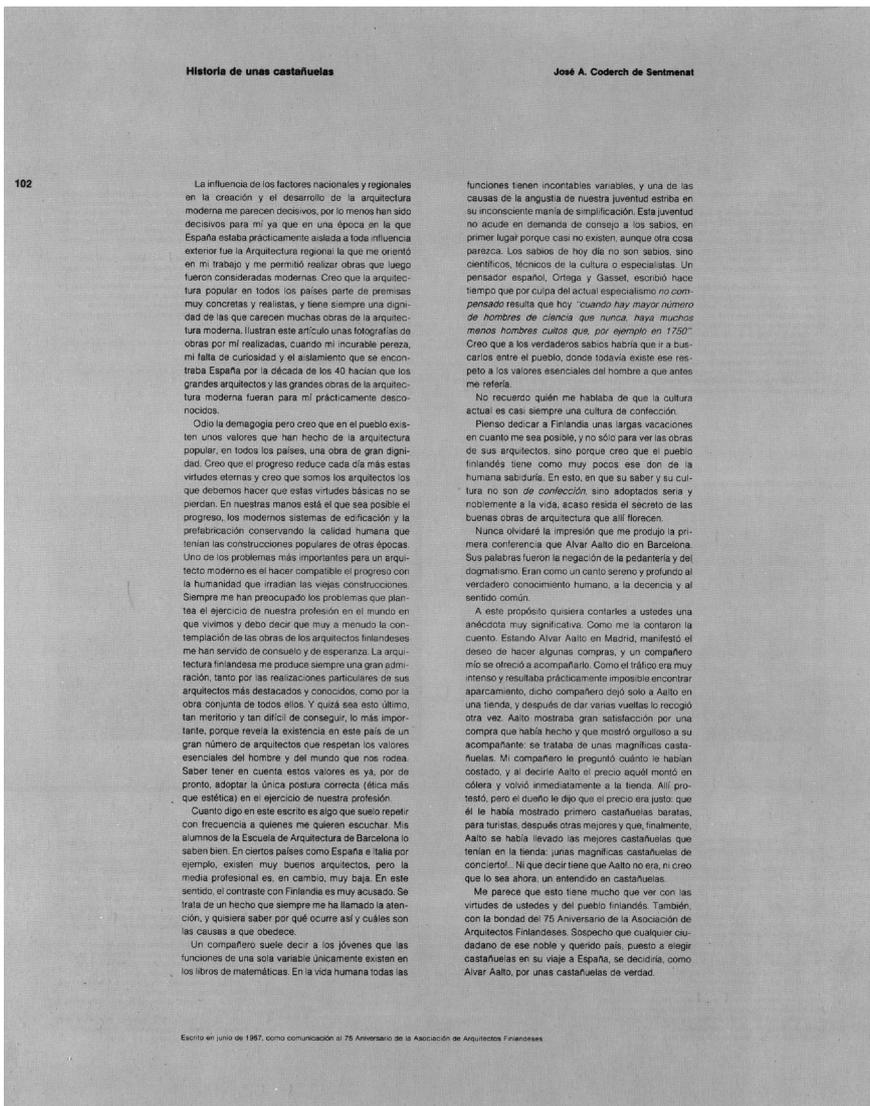


Figura 26 - Artigo dedicado ao texto *Historia de unas castañuelas*, publicado na revista madrileña *Arquitectura*, N. 268 (Set./Out.1987) [https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anos/etapa-1987-1990/revista-arquitectura-n268-Septiembre-October-1987]

Um dos problemas mais importantes para um arquiteto moderno é tornar compatível o progresso com a humanidade que irradiam das construções antigas.¹⁴⁴

Em “No son genios lo que necesitamos ahora”, cerca de seis anos antes, J. A. Coderch tinha escrito:

“Posto isto nos lamentamos de que já não há grandes arquitetos com menos de sessenta anos; de que a maioria dos arquitetos são maus; de que as novas urbanizações resultam anti-humanas, quase sem exceção no mundo inteiro; de que se destroem as nossas cidades antigas e se constroem casas e cidades como cenários de filmes ao longo das nossas belas costas mediterrâneas.”¹⁴⁵

Na realidade, podemos até identificar frases no texto de 1967, que poderiam ter sido escritas em “No son genios lo que necesitamos ahora”, como:

“Esta juventude não procura os conselhos dos sábios, em primeiro lugar porque quase não existem, ainda que pareça que existam. Os sábios de hoje em dia não são sábios, mas cientistas, técnicos de cultura ou especialistas. [...] Creio que os verdadeiros sábios deveriam ser encontrados no meio do povo, onde todavia existe esse respeito aos valores essenciais do homem a que me referia antes.”¹⁴⁶

No último parágrafo deste texto, J. A. Coderch explica o título, “Historia de unas castañuelas”, que é uma referência a uma visita de Alvar Aalto a Madrid. Nessa viagem, o arquiteto finlandês decidiu comprar umas castanholas de lembrança e, o que o arquiteto catalão recorda, em tom anedótico, é este ter acabado por adquirir as melhores castanholas da loja, umas castanholas de concerto. O texto aborda claramente o conceito de *Genius Loci*, esta história para J. A. Coderch representava o povo finlandês e consequentemente os seus arquitetos, que não seguiam uma cultura de confecção.

Estes dois escritos ilustram, apesar dos dez anos que os separam, as temáticas recorrentes no discurso do arquiteto, seja num ensaio escrito, seja no discurso informal das conversas com outros arquitetos. No livro, *Conversaciones con J. A. Coderch de Sentmenat*, Coderch afirma:

“A minha mulher, que é andaluza, diz-me: ‘José Antonio, és muito repetitivo.’ Sim, digo sempre a mesma coisa. Às vezes vou evoluindo e digo alguma coisa nova.”¹⁴⁷

144 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - Historia de unas castañuelas. *Arquitectura* COAM. N. 268 (1987) p. 102

145 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Cuadernos de Arquitectura*. N. 46 (1961)

146 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - Historia de unas castañuelas. *Arquitectura* COAM. N. 268 (1987) p. 102

147 Tradução livre da autora, a partir de: SÓRIA, Enric - **Conversaciones con J. A. Coderch de Sentmenat**. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos. (1997) p. 112



Autorretrato
Self-portrait

La Fotografía es un medio esencialmente comunicativo. Permite hacer ver a otro lo que tú ves o has visto.

El fotógrafo para explicar algo, ha de saber escoger y realizar la fotografía de la manera que más claramente muestre lo que quiere comunicar. Después, se ha de establecer un orden y, sobre todo, no se ha de pretender decir mucho, sino poco y bien dicho.

Así, Coderch, utilizando grandes aberturas del objetivo fotográfico, conseguía ordenar la foto: lo importante quedaba enfocado y el resto desenfocado, aunque también se hacía presente pero con la misión de dar ambiente.

En su última serie de fotografías taurinas, buscaba sobre todo la plasmación del movimiento de la acción. Al prolongar la imagen unos instantes, antes y después del momento culminante, lograba el efecto cinético, un efecto todavía difícil de comprender.

Coderch, además de un gran arquitecto, era un buen fotógrafo, y un fotógrafo muy avanzado.

F. CATALÀ ROCA

Photography is an essentially communicative medium. It allows one to let another person see what one sees or has seen.

The photographer, when it comes to explaining something, has to know how to choose and realise photography that explains, in a more understandable way, what he wants to communicate.

Afterwards he must establish an order and, instead of trying to say too many things, say a few, well-said things.

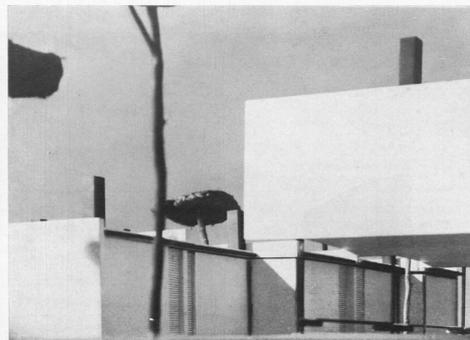
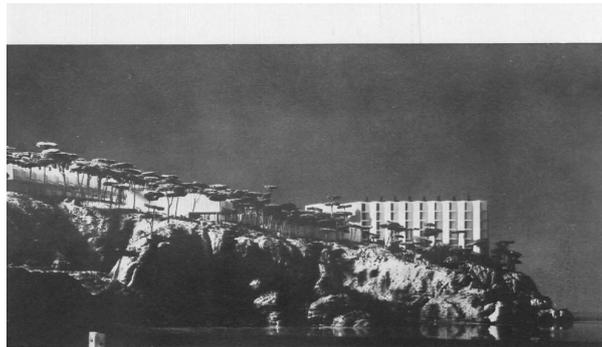
Thus Coderch, using wide openings of the photographic lens, managed to order the photo: the main subject was in focus and the rest, out of focus, was also there, but merely performing the function of creating an atmosphere.

In his last series of bull photographs, what he sought above all was to capture the movement of action. By prolonging the exposure a few instants before and after the crucial moment, he achieved the kinetic effect, an effect which is still difficult to understand.

Coderch, besides being a great architect, was also a good and a highly advanced photographer.

F. CATALÀROCA

27



28

56

Figura 27 - Artigo dedicado às fotografias de Coderch, publicado na Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme, N. 174 (1987) [<https://www.raco.cat/index.php/QuadernsArquitecturaUrbanisme/issue/view/15413>]

Figura 28 - Artigo dedicado ao projeto para Torre Valentina, publicado na revista madrileña Arquitectura, N. 15 (Mar. 1960) [<https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anios/etapa-1959-1973/revista-arquitectura-n15-Marzo-1960>]

Os textos de J. A. Coderch eram publicados, por norma, ancorados aos seus projetos e raras são as vezes em que o texto assume um papel independente.

2.3 Da fotografia à fotomontagem (1951-1974)

O número 174, de 1987, da revista *Quaderns D'Arquitectura i Urbanisme*¹⁴⁸, apresentou três momentos do percurso de J. A. Coderch. Publica a “Carta als arquitectes joves/Carta a los jovenes arquitectos/ Letter to young architects”¹⁴⁹, correspondendo a “Points de vue sur la situation des jeunes architectes en Espagne”, abordado previamente; lança um artigo sobre a participação de J. A. Coderch como curador do pavilhão espanhol na Trienal de Milão¹⁵⁰ de 1951; e termina com um pequeno artigo, em tom de nota, intitulado “Coderch fotògraf/ Coderch fotógrafo”¹⁵¹(Figura 27), escrito pelo fotógrafo documental Francesc Català-Roca.

“Coderch, além de ser um ótimo arquiteto, era também um bom, altamente avançado fotógrafo.”¹⁵²

Foi com esta frase que o discurso escrito de Català-Roca terminou. J. A. Coderch era, sem dúvida, um arquiteto que explorou, não só a fotografia como um *hobby*, como também utilizou o método e olhar fotográfico quando projetava as suas obras — a *Casa Ugalde* é referenciada recorrentemente como uma obra que resultou desse processo de seleção de pontos de vista, tal como acontece quando tiramos uma fotografia. Os projetos de arquitetura do arquiteto catalão são fortemente caracterizados pelos jogos luz/sombra, pelos enquadramentos, pelo movimento das fachadas, pela materialidade — estes são temas que encontramos na fotografia, sendo ilustrados através do critério de seleção de momentos. No caso das fotografias da *Casa Ugalde*, grande parte das publicações do projeto utilizaram fotos tiradas por J. A. Coderch ou por Francesc Català-Roca.

“Coderch, contando com o poder da experiência visual, determinou o design do pavilhão (da Trienal de Milão) e da casa de Ugalde. O facto de que um de seus principais *hobbies* ser a fotografia, teve algo a ver com isso; [...] Coderch vinculou arte moderna e experiência

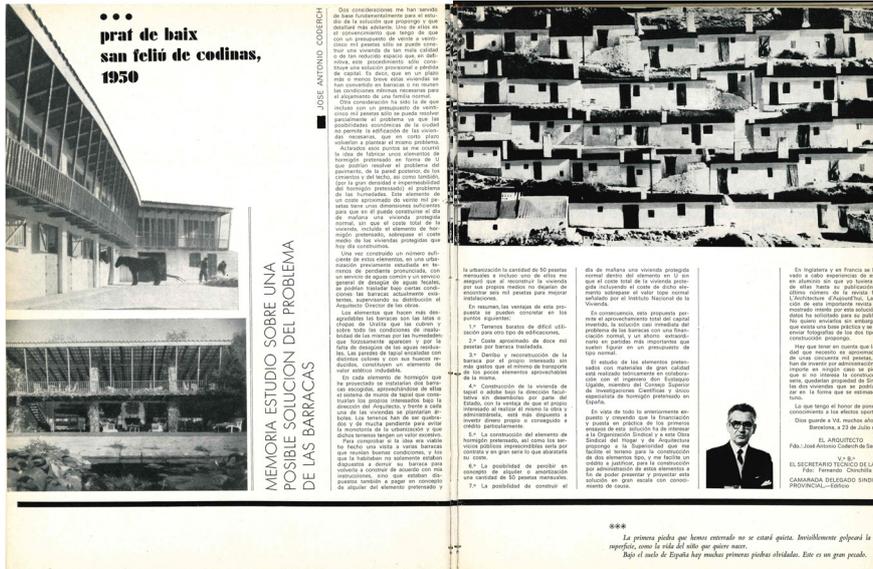
148 A revista catalã *Cuadernos de Arquitectura* muda a primeira vez de nome em 1970 passando a chamar-se *Cuadernos de Arquitectura y Urbanismo*. A partir do número 144, de 1981, a revista passa a usar o título em catalão, ficando assim *Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme*. A partir do número 164, já de 1985, passa a ter duas edições, uma em catalão e inglês e outra em castelhano e inglês.

149 CODERCH, José - Carta als arquitectes joves/Carta a los jovenes arquitectos/ Letter to young architects. *Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme*. N. 174 (1987) p. 38-43

150 CERVELLÓ, Marta - Notas sobre Coderch i La Triennial de Milà/ Notas sobre Coderch y la Trienal de Milán. *Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme*. N. 174 (1987) p.44-45

151 CATALÀ-ROCA, Francesc - Coderch Fotògraf/ Coderch Fotógrafo. *Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme*. N. 174 (1987) p. 46-51

152 Tradução livre da autora, a partir de: CATALÀ-ROCA, Francesc - Coderch Fotògraf/ Coderch Fotógrafo. *Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme*. N. 174 (1987) p. 46-51



29



30

Figura 29 - Artigo dedicado ao texto *Memoria estudio sobre una posible solución del problema de las barracas*, publicado na revista Nueva Forma, N. 106 (Nov. 1974) [Digitalização de Marta Labastida, a partir de exemplar disponível na Biblioteca do COAC - Col·legi d'Arquitectes de Catalunya]

Figura 30 - Artigo dedicado à arquitetura anónima, publicado na revista madrilena *Arquitectura*, N. 46 (Out. 1962) [https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anios/etapa-1959-1973/revista-arquitectura-n46-October-1962]

visual. [...] O conhecimento da fotografia e seu poder certamente ajudaram Coderch projetar arquitetura de uma maneira mais pessoal, uma vez que uma fotografia (BOHIGAS, Oriol¹⁵³): não é uma descrição, nem uma criação visual autónoma, mas é uma crítica, uma narração explicativa em que o tema selecionado e o ponto de vista aprimoram toda a força do discurso.”¹⁵⁴

Quando nos focamos, por exemplo, nas publicações de *Torre Valentina* (Figura 28) e nas imagens que o arquiteto escolheu para ilustrar o projeto na apresentação de Otterlo, encontramos fotografias de maquetas de Francesc Català-Roca, onde algumas vezes o foco é o conjunto e noutras são as particularidades, quase como se fossem fotos de um edifício já construído.

Uma das composições fotográficas que se destaca no conjunto de experiências gráficas do arquiteto catalão é a montagem sobre a arquitetura popular que apresentou no encontro do Team 10 em Royaumont, em 1962. Esta montagem acompanhava o estudo sobre o problema das barracas que o arquiteto tinha desenvolvido dez anos antes, em 1952. A investigação do arquiteto resultou no texto, “Memoria estudio sobre una posible solución del problema de las barracas”¹⁵⁵ (Figura 29), publicado pela *Nueva Forma* em 1974 onde também a fotomontagem é exposta.

A escolha desta montagem como representativa do formato gráfico das composições fotográficas deve-se, não pela sua excessiva publicação na imprensa escrita especializada (em Portugal não foi publicada na imprensa especializada da altura), mas sim ao seu valor expressivo e experimental. Esta é uma das poucas montagens que encontramos no trabalho de J. A. Coderch, é uma composição baseada na ideia de repetição de um módulo, neste caso uma habitação de carácter popular.

A revista madrilenha *Arquitectura* publica esta composição fotográfica como ilustração introdutória ao artigo “Arquitectura anonima de España”¹⁵⁶ (Figura 30) de outubro de 1962, o mesmo ano do encontro em Royaumont. Embora a publicação mais significativa desta fotomontagem seja a da revista chilena *AUCA*¹⁵⁷ (Figura 31), em 1965, onde é destacada na capa com a citação:

“Há muito tempo apresentei num congresso uma fotografia, uma fotomontagem, que fiz com um não arquiteto¹⁵⁸ porque havia umas casas numa povoação na periferia de Madrid, cujo nome não recordo, casas muito humildes, todas térreas: todas tinham uma janela grande,

153 BOHIGAS, Oriol - **Joaquim Gomis fotógrafo**. IVAM Centre Julio González, catalogue from exhibition. Valencia (1997) p.30

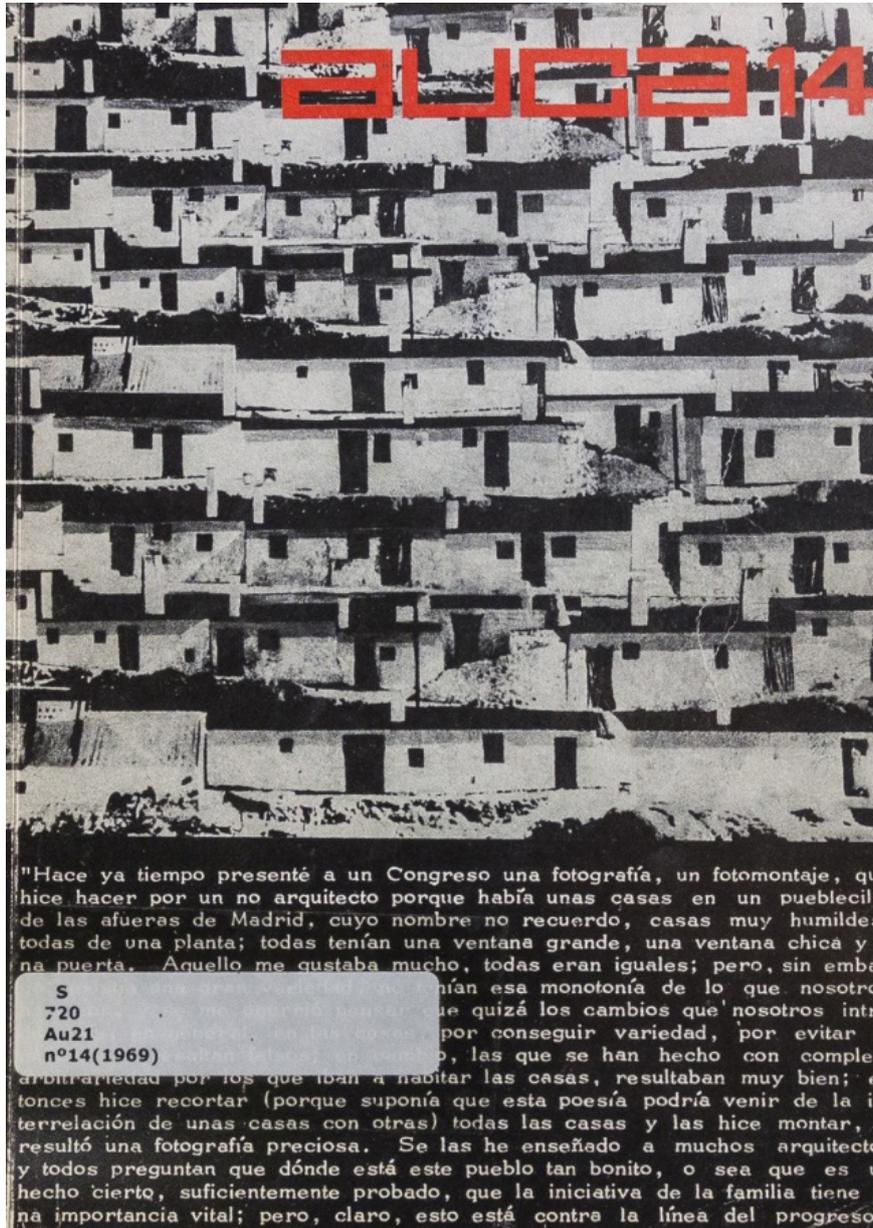
154 Tradução livre da autora, a partir de: BERGERA, Iñaki - Photography and modern architecture in Spain - Focusing the Gaze. In **Photography & Modern Architecture, Conference proceedings**. Centro de Estudos Arnaldo Araújo, ESAP-CESAP. Porto. 2015 p. 176

155 CODERCH, José - Memoria estudio sobre una posible solución del problema de las barracas. *Nueva Forma*. N. 106 (Nov. 1974)

156 *Arquitectura anonima de España*. *Arquitectura* (COAM). N. 46 (Out.1962)

157 A revista chilena *AUCA* foi uma das revistas apresentadas no projeto Clip, Stamp, Fold de Beatriz Colomina. | *AUCA* - *Arquitectura Urbanismo Construcción Arte*. N. 14 (1969)

158 Segundo Julio Garnica existe a possibilidade desse “não arquiteto” ter sido Francesc Català-Roca ou Casali.



31

Figura 31 - Capa da revista madrileña AUCA - Arquitectura Urbanismo Construcción Arte. N. 14 (1969) [http://arla.ubiobio.cl/index.php?r=numero-ch%2Fver_detalle_numero&numero=53&revista=2]

uma janela pequena e uma porta. Eu gostei muito daquilo, eram todas iguais; contudo, existia uma grande variedade, não tinham essa monotonia que nós fazemos, e pensei que talvez as mudanças que introduzimos, em geral, nas casas, para obter variedade, evitar a monotonia, sejam falsas; por outro lado, aquelas que foram feitas com total arbitrariedade por aqueles que iam habitar as casas resultavam muito bem; então recortei (porque supunha que esta poesia poderia vir da inter relação das casas) todas as casas e montei-as, resultando uma fotografia preciosa. Mostrei a muitos arquitetos e todos me perguntaram onde era esta aldeia tão bonita, ou seja, é um facto suficientemente comprovado que a iniciativa da família é de vital importância; mas, é claro, que isso é contra a linha do progresso.”¹⁵⁹

Esta relação com a arquitetura popular, ligada a uma ideia de tradição, é algo que encontramos muito presente no processo de trabalho do arquiteto e por conseguinte nas obras projetadas. Contudo, a ideia que tanto a imagem como a citação apresentam, nos transportam para ideias lançadas em “No son genios lo que necesitamos ahora”, por exemplo:

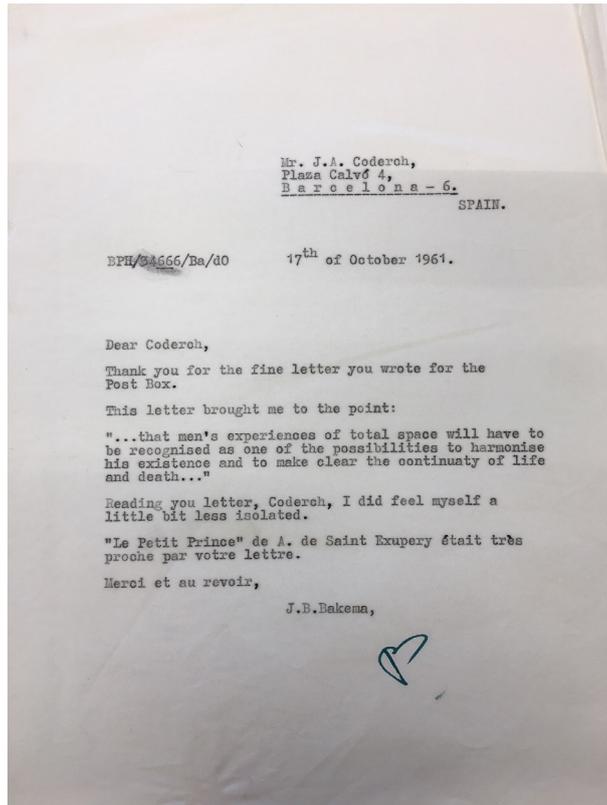
“Na ausência desta clara tradição viva, e no melhor dos casos, a solução é procurada em formalismos, na aplicação rigorosa do método ou da rotina, e nos tópicos dos gloriosos e antigos mestres da arquitetura atual, prescindindo do seu espírito, a sua circunstância e, acima de tudo, ocultando, cuidadosamente, com grandes e magníficas palavras, a nossa grande irresponsabilidade (que muitas vezes é apenas falta de pensamento), a nossa ambição e ligeireza. É ingénuo crer, como acontece, que o ideal e a prática da nossa profissão possam ser condensados em *slogans* como o sol, a luz, o ar, o verde, o social e muitos outros.”¹⁶⁰

O *manifesto* de 1961 tem um carácter moralizante, que pretende levar o leitor a considerar a tradição e o seu contexto como temas de projeto — temas que interpretamos na composição fotográfica de J. A. Coderch. O facto de se considerar o texto de 1961 como a mais importante contribuição do arquiteto catalão vem também, a nosso ver, da inter relação dessa peça escrita com grande parte dos trabalhos desenvolvidos por J. A. Coderch, mesmo anteriormente ao *manifesto*. Consideramos que, em “No son genios lo que necesitamos ahora”, o arquiteto teve a capacidade de sintetizar não só as suas opiniões como as ideias que recorrentemente encontramos como temas na sua arquitectura.

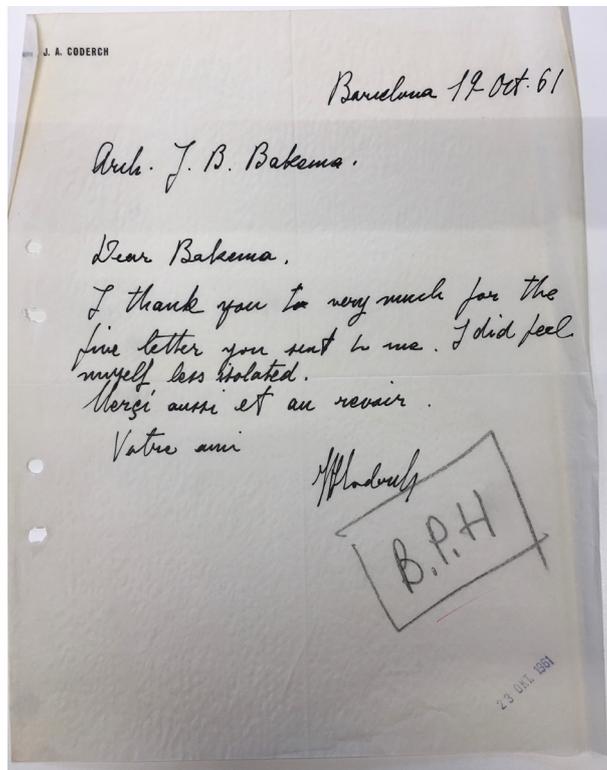
159 Tradução livre da autora, a partir de: AUCA - Arquitectura Urbanismo Construcción Arte. N. 14 (1969)

160 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. 2G. N.33 (Abr.2005)

CAPÍTULO 3 . DA TROCA DE CORRESPONDÊNCIA AO TRÂNSITO INTERNACIONAL



32



33

Figura 32 - Carta de 17 de outubro de 1961. Sentido Bakema-Coderch [correspondência cedida pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre]

Figura 33 - Carta de 19 de outubro de 1961. Sentido Coderch-Bakema [correspondência cedida pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre]

“No son genios lo que necesitamos ahora” é a reflexão escrita mais divulgada e comentada de J. A. Coderch. As múltiplas publicações ao longo das cerca de seis décadas, desde a primeira publicação em 1961, corroboram a atualidade do *manifiesto* ao longo do tempo. Apesar do texto divulgar o ponto de vista do arquiteto, é na realidade uma reflexão sobre os valores que a sociedade tinha vindo a perder e que se poderiam aplicar a todas as atividades profissionais. Antonio Pizza no catálogo da exposição “Imaginando la casa mediterránea - Italia y España en os años 50”¹⁶¹ acrescenta que “o autor propõe alguns valores indefectíveis na ansiedade da palingenesia¹⁶² para encontrar um lugar além do tempo”. As críticas ao *manifiesto*, embora tenham sido, geralmente, positivas, por vezes mostraram diferentes interpretações do texto.

3.1 Da correspondência com Jaap Bakema à primeira divulgação em Itália (1960-1961)

A primeira carta de J. A. Coderch a Jaap Bakema, em 1959, para confirmar a sua participação no congresso de Otterlo, impulsionou a relação e as várias correspondências trocadas entre os dois arquitetos. Em agosto de 1961, J. A. Coderch envia “No son genios lo que necesitamos ahora” em resposta a um questionário. O objetivo era apresentar-se ao Team 10 através de uma peça escrita, onde expunha os seus ideais e preocupações como homem e como arquiteto. O texto é caracterizado pela voz ativa, que oscila entre a primeira pessoa do singular (“Não, [eu] não creio que sejam génios o que precisamos agora”¹⁶³), e a primeira pessoa do plural (“[Nós] Precisamos que os milhares e milhares de arquitetos que andam pelo mundo pensem menos em Arquitetura (com Maiúscula), em dinheiro ou em cidades do ano 2000 e pensem mais no seu ofício de arquitetos.”¹⁶⁴), num tom de escrita que se balanceia entre a crítica e a recomendação.

Tal como previamente referimos, o arquiteto holandês responde a J. A. Coderch enviando-lhe uma cópia de *Le Petit Prince*¹⁶⁵ de Antoine Saint-Exupéry. Esta resposta de Bakema não deixa de poder ser interpretada como uma reação carregada de simbologia — na carta de resposta (Figura 32), de 17 de outubro de 1961, o arquiteto justifica o envio de *Le Petit Prince*, por considerar que os dois escritos partilhavam alguns assuntos, confessando, ainda, que o texto do arquiteto catalão o fez “sentir

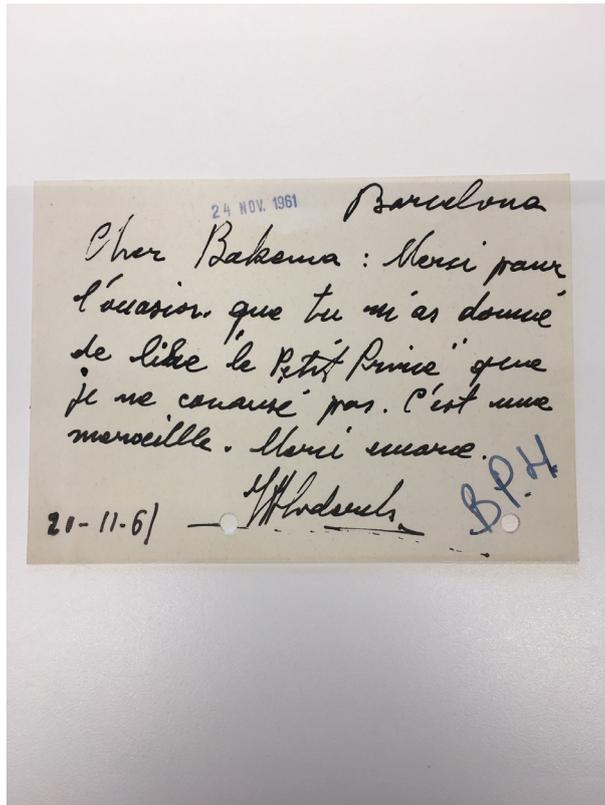
161 PIZZA, Antonio - José Antonio Coderch y Domus, “No son genios lo que necesitamos ahora” In **Imaginando la casa mediterránea - Italia y España en os años 50**. Catálogo de exposição. Ediciones Asimétricas. (2019) 978-84-17905-09-5

162 Palingenesia vem do grego palin (ideia de repetição) + génesis (ideia de origem, nascimento ou criação).

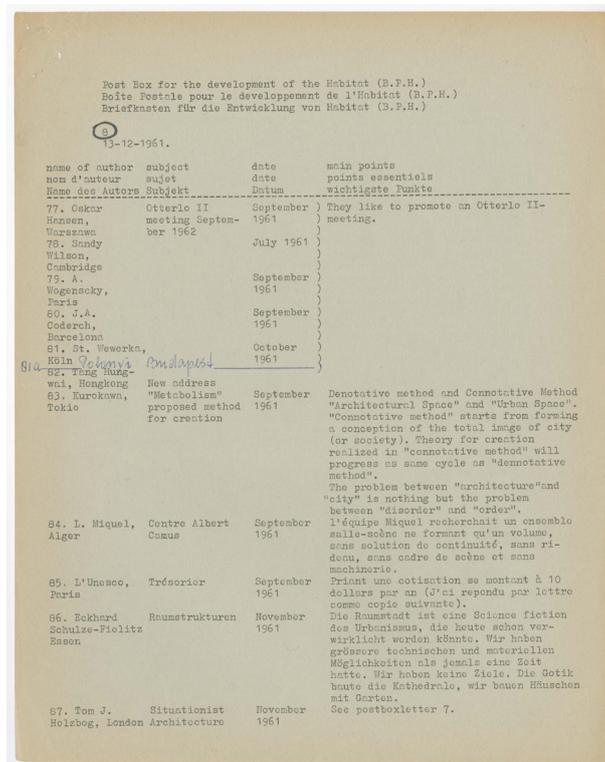
163 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora/ It is not geniuses that we need to-day. *Domus* N. 384 (Nov. 1961)

164 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora/ It is not geniuses that we need to-day. *Domus* N. 384 (Nov. 1961)

165 *Le Petit Prince*, em português *O Príncipezinho*.



34



35

Figura 34 - Carta de 20 de novembro de 1961. Sentido Coderch-Bakema [correspondência cedida pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre]

Figura 35 - Postboxletter n.8 (Dezembro de 1961) [cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre]

menos isolado”¹⁶⁶. Vários temas relacionados com a ética e a moral são transversais nas duas peças escritas, o bem e o mal são recorrentemente referenciados. Em *Le Petit Prince*, o autor remete para a curiosidade e inocência das crianças, contrapondo com a falta de questionamento por parte dos adultos. J. A. Coderch, em “No son genios lo que necesitamos ahora”, insiste que é trabalhando e procurando constantemente, “desprendendo-nos de ideias falsas e palavras vazias”¹⁶⁷, que conseguimos alcançar um trabalho meritório.

Do arquivo do Jaap Bakema Study Centre, para além de nos ter chegado esta carta de resposta de Bakema, chegou-nos também uma carta manuscrita (Figura 33) de 19 de outubro de 1961, dois dias após a resposta do arquiteto holandês. Mas a data não é o que nos espanta mais, o que na carta do arquiteto catalão se destaca é a frase:

“Agradeço-te muito a carta que me enviaste. Senti-me menos isolado”¹⁶⁸

É a mesma frase que Bakema usa dois dias antes. Aqui, não sabemos se J. A. Coderch apenas copia a expressão usada por Jaap Bakema, ou se realmente partilhava o mesmo sentimento. Numa segunda correspondência de J. A. Coderch ao arquiteto holandês (Figura 34), a 20 de novembro de 1961, podemos ler:

“Caro Bakema, obrigado pela oportunidade que me deste em ler o “Pequeno Príncipe” que eu não conhecia. É uma maravilha. Obrigado mais uma vez.”¹⁶⁹

Esta mensagem, um mês após ter agradecido a resposta do arquiteto holandês, parece-nos uma nota de agradecimento já depois da leitura do livro do escritor francês.

Quatro meses depois de J. A. Coderch ter enviado “No son genios lo que necesitamos ahora”, Bakema publica a carta do arquiteto catalão, no *postboxletter*¹⁷⁰ (Figura 35, 36 e 37) número 8, de Dezembro de 1961. Esta publicação organizava e reencaminhava a correspondência recebida no B.P.H.¹⁷¹ - *Post Box for the development of the Habitat* para os membros do Team 10. Não deixa de ser significativo que a primeira publicação do *manifesto* na imprensa internacional tenha acontecido antes da publicação

166 Tradução livre da autora, a partir da correspondência cedida pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre. Carta de 17 de outubro de 1961. Sentido Bakema-Coderch

167 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora/ It is not geniuses that we need to-day. *Domus* N. 384 (Nov. 1961)

168 Tradução livre da autora, a partir da correspondência cedida pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre. Carta de 19 de outubro de 1961. Sentido Coderch-Bakema. Ao longo da dissertação utilizamos o sublinhado para salientar momentos das citações, contudo trata-se apenas de um critério que definimos.

169 Tradução livre da autora, a partir da correspondência cedida pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre. Carta de 20 de novembro de 1961. Sentido Coderch-Bakema

170 A *postboxletter*, é comparável a um newsletter dos dias de hoje, que neste caso circulava pelos membros do Team 10.

171 A sigla B.P.H. era utilizada pelo Post Box of the development of the Habitat por ter a capacidade de representar o nome da caixa postal, em francês, alemão e inglês.

88. Sekler, Wien	der Josefsplatz in Wien - circa stadtmorphologi- sche Studie	November 1961	Morphologie, wie der Begriff im folgen- den verstanden werden soll, beschäftigt sich mit Form als Ergebnis eines Ent- stehungsvorgangs, dessen Gesetzmäßig- keiten aufgedeckt werden sollen, soweit dies überhaupt möglich ist. Form wird hier nicht als etwas aufgefasst, was man an sich, in Isolierung, betrachten kann, wie es der "Formalismus" tut. Vielmehr sollen Gestaltungsqualitäten in ihren größeren strukturellen Zusammenhängen aufgezeigt und als Ergebnisse von Be- dingungen erkannt werden, die von zweierlei Art sein können: solche, die von aussen her den Entstehungsvorgang beeinflussen und solche, die durch seine eigene innere Logik hervorgerufen werden. Morphologie sucht also Prinzi- pial der Formgestaltung und des Form- lebens Klarzustellen, nicht aber Anwei- sungen formaler Natur zu geben. Sie tastet in keiner Weise die Integrität des letztlich dem begrifflichen Denken unzugänglichen Bereichs des schöpferi- schen Gestaltens und Beurteilens von Formen an, aber sie hofft, klärend und bereichernd einen Beitrag zur Freilegung und Vertiefung dieser Bereiche lie- fern zu können.
89. J.L. Vézot, Paris	projet de la SBOA	September 1961	
90. Anselovicus Maki, Michae- lus, Montgomery, Robert, St. Louis	Multiple- residential buildings - project for San Francisco	November 1961	
91. Codereh, Barcelonn		October 1961	

IT IS NOT GENIUSES THAT WE NEED NOW

In writing this it is neither my intention nor desire to join the ranks of those who delight in talking and theorising about architecture. But I have had to state my views and have therefore felt obliged to submit, in all humility, the following.

An old and famous American architect (if my memory serves me well), said to another who was much younger and was asking for his advice: "Open wide your eyes and look; it is much easier than you think". He also said to him: "Behind every building that you see there is a man that you don't see". A man, he said. He did not mention whether he was an architect or not.

No, I do not think that it is a genius that we need at this time. Genius is an occurrence that is an Act of God, a goal not an end. For do we need High Priests or dubious Prophets of Architecture, or great doctrinaires, there is something of a living tradition that is still within our reach, and also many ancient moral doctrines concerning our trade or profession (and I use those terms in their best traditional sense) of architect and ourselves. We need to take advantage of what little there is left of the constructive tradition, and, above all, the moral tradition in

36

play a part in changing, unsuspectingly, the face and structure of our society (some brutal changes whose meanings are lost to us are also possible). All these different problems can impede honourable long-range planning.

As I have repeated above, we have no clear live constructional tradition, a tradition which is essential to the majority of us. That which has so far been carried out, which has, of course, in certain cases, been a great deal, is not, in our profession sufficient to light the necessary path for the great majority of architects working in the world to-day. In the best cases the solution is looked for in formalism or a rigorous application of method or routine and the topic of the great and old masters of modern architecture, leaving out their spirit, their circumstances, and above all carelessly hiding with magnificent words our great irresponsibility (which is often only lack of thought), ambition and inconsistency. It is ingenuous to think, as is thought, that the ideal and the practice of our profession may be condensed into slogans such as the sun, light, air, greenness, social architecture and so many others. A formalistic base, dogmatic, above all if it is only partial, is in itself bad, save in exceptional and catastrophic occasions. From all this it may be deduced that, in my opinion, among the different paths that each thinking architect will choose to follow there must be something in common, something which must be in all of us; and here I return to the beginning of what I have written; this I have done without wishing to give anybody a lesson, but only with a profound and sincere conviction.

J.A. Codereh, Architect.
Barcelonn, August 1961.

Copy letter to: Unesco,
United Nations Educational, Scientific and Cultural
Organization,
Mr. P. Bertrand,
Place de Fontenay,
P a r i s - 7 - F R A N C E -

BH/36254/Ba/EB. 12th of December 1961.

Dear Sirs,

I often got questions about international contact in the field of architectural-planning research as it was done till 1959 in the International Congresses for modern architecture (C.I.A.M.).

Till sofar it became clear that CIAM ended its activity in Otterlo 1959. A report-book called "C.I.A.M. '59 in Otterlo" about this has been published in July 1961 by Karl Kröner Verlag, Rotenhilfstrasse 40, Stuttgart, West-Germany.

At page 10 and 221 you can find that for those, who like to keep in contact about architectural-planning research problems, there has been established the:
Post box for the development of the Habitat (S.F.H.),
Belle Postale pour le développement de l'Habitat (S.F.H.),
Briefkasten für die Entwicklung von Habitat (S.F.H.),
at the address: Posthoornstraat 12b, Rotterdam, Holland.

The contact existing in C.I.A.M. since 1955 among persons working in a group called Team X was consolidated in July 1961 at London. At the moment the members of this group are:

37

Figura 36 e 37 - Postboxletter n.8 (Dezembro de 1961) [cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre]

deste *postboxletter*. A primeira publicação na imprensa escrita especializada surge no número 384, de novembro de 1961, da revista *Domus*, sendo divulgado juntamente com alguns projetos de J. A. Coderch. O facto da publicação na *postboxletter* ser posterior expõe, juntamente com a nota da publicação da *Domus*, a possibilidade de ter sido o próprio arquiteto catalão a enviar o texto a Giovanni “Gio” Ponti para este ser publicado:

“Solicitado por nós, José Antonio Coderch enviou-nos este escrito: os seus pensamentos, podemos mesmo dizer, o seu credo: os deveres do arquiteto, o bem e o mal na profissão moderna de arquitetura”¹⁷²

No artigo de Julio Garnica, intitulado “‘Dear Alison’ The diffusion of J. A. Coderch’s work through his participation in Team Ten”¹⁷³, o autor numa nota associada ao momento em que explica o facto do texto ter sido enviado a Bakema através *Post Box for the development of the Habitat* refere:

“Carta de Coderch para Gio Ponti, Jaap Bakema, 08/01/1961 CA.”¹⁷⁴

Esta nota parece denunciar que J. A. Coderch enviou para os dois arquitetos ao mesmo tempo este texto. Contudo, a forma como a *Domus* utiliza a expressão: “Solicitado por nós” leva-nos a pensar que, de alguma forma, a revista italiana teve conhecimento da existência daquela peça escrita e a solicitou ao arquiteto para a publicar. Tomámos a liberdade de entrar em contacto com Garnica, numa tentativa de esclarecermos se realmente J. A. Coderch enviou ao mesmo tempo para Ponti. Amavelmente, nos indicou que o nome do arquiteto italiano, naquela nota, foi um puro erro de impressão. Contudo, explicou-nos ainda, que de facto, J. A. Coderch enviou a Ponti posteriormente para ser publicado. Em relação ao número 384 sabemos que Lisa Licitra Ponti (uma das filhas de “Gio” Ponti¹⁷⁵) contactou J. A. Coderch em julho de 1961 expondo a vontade da *Domus* em publicar algumas obras do arquiteto catalão, principalmente a *Casa Cadaqués* e as *Vivendas de Barcelona*. Na carta, a filha do diretor, refere que o fotógrafo da revista, Giorgio Casali, em agosto desse ano estaria nas imediações tendo assim disponibilidade em fotografar as obras.

Outra questão pertinente a levantar é em relação à língua em que foi publicado. Inicialmente suspeitávamos que o número 384 tivesse sido publicado em duas edições, uma doméstica que circulava em Itália, e uma internacional que circulava nos restantes países. Tendo em conta que na edição

172 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora/ It is not geniuses that we need to-day. *Domus* N. 384 (Nov. 1961)

173 GARNICA, Julio – “Dear Alison” The diffusion of J. A. Coderch’s work through his participation in Team Ten. *Histories of Postwar Architecture (HPA)*. Bolonha. 2611-0075. N.4 (2019), p. 230-241.

174 Tradução livre da autora, a partir de: GARNICA, Julio – “Dear Alison” The diffusion of J. A. Coderch’s work through his participation in Team Ten. *Histories of Postwar Architecture (HPA)*. Bolonha. 2611-0075. N.4 (2019), p. 235

175 Lisa, Giovanna, Giulio e Letizia Ponti - filhos de Giovanni “Gio” Ponti e Giulia Vimercati

da noi richiesto, José Antonio Coderech ci ha mandato questo scritto: i suoi pensieri, possiamo dire il suo credo: i doveri dell'architetto, il bene e il male nella professione moderna della architettura

No son genios lo que necesitamos ahora

It is not geniuses that we need to-day

An old and famous American architect, if I remember correctly, said to a younger colleague who had asked him for advice: «Open your eyes wide and look around you, it's all much simpler than you imagine». He also said to him: «Behind every building you can see, there is a man you cannot see». A man — he did not even say an architect.

No, I do not think that we need geniuses to-day... Nor do I believe that we need High Priests of Architecture, or great doctrinaires. Something of a living tradition is available to us and many old moral doctrines are still related to our profession as architects and to ourselves. What we need above all is good schools and good teachers...

We need thousands and thousands of architects who will think less of Architecture with a capital A, of money and the towns of the year 2000 A.D., and more of their profession as architects. They should work with a cord tied to one of their legs, so that they cannot wander too far from the soil in which they have their roots and from the men they know best: and work with dedication, goodwill and honesty.

I believe that to achieve these things it will be necessary first to get rid of many false clear ideas... I believe that the best form of teaching is by example. And we must work while taking continual care not to confuse human weakness, the liability to make mistakes, with willful responsibility, immorality or the cold calculation of the climber.

...In Spain, my parents explained to me, a «caballero» or aristocrat is a person who cannot do things that the law, Church or majority approve of or permit. A new aristocracy must be formed step by step... We must go forward slowly, but we must begin immediately. We must oppose money, success, excessive possessions and earnings, irresponsibility, haste, lack of spiritual life, with dedication, goodwill, time, daily bread, and, above all, love, which means acceptance and devotedness, not possession and domination. These are the things we must cling to.

Architectural culture or education is considered to consist of beholding or knowing, more or less deeply, the achievements, the external signs of spiritual wealth, of the great masters. The same classification methods (external signs of economic wealth) are applied to our profession as are used in our materialistic society...

It is rather curious that so much is spoken and published about the external signs of the great masters (signs which are valuable, it is true), while hardly a word is said of their moral value. It is curious that much is spoken and written of their weaknesses as curiosities, while their attitudes to life and their work are concealed as being forbidden themes or subjects for anecdotes.

Un viejo y famoso arquitecto americano, si no recuerdo mal, le decía a otro mucho más joven que le pedía consejo: «Abre bien los ojos, mira, es mucho más sencillo de lo que te imaginas». También le decía: «Detrás de cada edificio que ves hay un hombre que no ves». Un hombre, no decía siquiera un arquitecto.

No, no creo que sean genios lo que necesitamos ahora. Creo que los genios son acontecimientos, no metas o fines. Tampoco creo que necesitamos Pontífices de la Arquitectura, ni grandes doctrinarios. Algo de tradición viva está todavía a nuestro alcance, y muchas viejas doctrinas morales, en relación con nuestro oficio (metier) de arquitecto y con nosotros mismos. Creo que necesitamos, sobre todo, buenas escuelas y buenos profesores. Necesitamos aprovechar la escasa tradición constructiva, y sobre todo la tradición moral, en esta época en que las más hermosas palabras han perdido su verdadera significación.

Necesitamos que miles y miles de arquitectos piensen menos en Arquitectura, en dinero, o en las ciudades del año 2000, y más en su oficio de arquitecto. Que trabajen con una cuerda atada al pie, para que no puedan ir demasiado lejos de la tierra en la que tienen raíces, y de los hombres que mejor conocen; siempre apoyándose en una base firme de dedicación, de buena voluntad y honradez.

Creo que para conseguir estas cosas, hay que desprenderse antes de muchas falsas ideas claras, de muchas palabras huecas, y trabajar de uno en uno, con la buena voluntad que se traduce en acción propia y enseñanza, más que en doctrinarismo. Creo que la mejor enseñanza es el ejemplo; trabajar vigilando continuamente para no confundir la flaqueza humana, el derecho a equivocarse, capa que cubre tantas cosas, con la voluntaria ligereza, la inmoralidad o el frío cálculo del trepador.

La sociedad se enriquece espiritualmente hacia la cumbre con obras y palabras, hacia la base por mimetismo y respeto a una aristocracia, que hoy prácticamente no existe, ahogada en gran parte por el materialismo, por la filosofía del éxito. En España, me explicaban mis padres, un caballero, un aristócrata, es la persona que no puede hacer cosas que la ley, la Iglesia, y la mayoría aprueban o permiten. Hay que constituir una nueva aristocracia de uno en uno. Creo que es la única manera de no perder el tren. Hay que ir despacio y empezar pronto. Empezar cada uno de nosotros y en todo caso hablar luego de ello.

Al dinero, al éxito, al exceso de propiedad o ganancias, a la ligereza, a la prisa, a la falta de vida espiritual o de conciencia, hay que enfrentar: la dedicación, el oficio, la buena voluntad, el tiempo, el pan de cada día y sobre todo el amor, que es aceptación y entrega, no posesión y dominio. A esto hay que aferrarse.

Se considera que cultura o formación arquitectónica es ver o conocer más o menos profundamente las realizaciones, los signos exteriores de riqueza espiritual, de los grandes maestros. Se aplican a nuestro oficio los mismos procedimientos de clasificación que se emplean (signos exteriores de riqueza económica), en nuestra sociedad materialista. Luego nos lamentamos, porque ya no hay grandes arquitectos menores de 60 años, porque la mayoría de los arquitectos son malos, porque las nuevas urbanizaciones resultan antihumanas, porque se destruyen nuestras viejas ciudades y se construyen casas y pueblos como decorados de cine a lo largo de nuestras hermosas costas Mediterráneas.

Es por lo menos curioso que se hable y se publique tanto, sobre los signos exteriores de los grandes maestros (signos muy valiosos en verdad), y no se hable apenas de su valor moral.

Figura 38 - Artígo dedicado a *No son genios lo que necesitamos ahora/It is not geniuses that we need to-day* na revista Domus N. 384 (Nov.1961) [Digitalização cedida por Ana Maluenda]

doméstica era publicado o artigo “No son genios lo que necesitamos ahora”, divulgado em italiano e em castelhano (Figura 38), na edição internacional o *manifesto* é publicado em inglês e castelhano (Figura 39). Contudo, na conversa com Antonio Pizza (catedrático da ETSAB-UPC e autor de várias publicações sobre a arquitetura catalã) descobrimos que a revista italiana nunca divulgou duas edições, e que o mais provável para este desacordo da bibliografia em relação às línguas de publicação tem a ver com o facto de existir provavelmente um folheto, que acompanhava a revista, com a publicação em italiano e castelhano sendo que a versão em inglês e castelhano é a que encontramos no interior do editorial.

A bibliografia consultada nesta investigação nunca menciona as duas edições, da mesma forma que não encontram um consenso — alguns artigos referenciam a publicação da *Domus* como sendo, somente, em italiano e castelhano e outros, apenas em inglês e castelhano. Por exemplo, Joan Ockman, em *Architecture Culture 1943-1968*¹⁷⁶, faz referência a esta publicação através do título: “No son genios lo que necesitamos ahora/Non é di genii che abbiamo bisogno”¹⁷⁷, esta parece ser uma referência indireta às línguas publicadas. Marco Lucchini e Gaspar Jaen Y Urban, no artigo “Homage to Catalonia: A glance to Barcelona architecture through the milanese architectural magazines of the ‘50s-’60s”¹⁷⁸, chegam mesmo a publicar uma digitalização do artigo em italiano e inglês. Em contrapartida, por exemplo, Ana Rodríguez García, no artigo “‘No son genios lo que necesitamos ahora.’ Una reflexión sobre el escrito de J. A. Coderch en el contexto de Team 10”¹⁷⁹ refere a publicação da *Domus* como se esta tivesse sido em inglês e castelhano, divulgando uma digitalização do artigo nessa versão. Da mesma forma, Ana Maluenda, no artigo “Team 10 Absent. The individual architects rather than the collective in Spanish journals of the 1960s” para a revista *Joelho*¹⁸⁰ faz referência à primeira publicação como sendo em inglês e castelhano. A tradução em castelhano que acompanha as duas versões foi traduzida do inglês por Letizia Ponti (também filha do editor), segundo referência do catálogo da exposição *En busca del hogar. Coderch 1940-1964*¹⁸¹.

As publicações da *Domus* e do *postboxletter* parecem funcionar como dois eixos de difusão/receção do texto nas publicações internacionais que se seguiram, principalmente quando analisadas certas características e diferenças.

176 OCKMAN, Joan - *Architecture culture 1943-1968: a documentary anthology*. New York: Columbia Books of Architectures, imp. 1996. 0-8478-1522-6

177 CODERCH DE SENTMENAT, J. A. - It's Not Geniuses We Need Now. In OCKMAN, Joan - **Architecture culture 1943-1968: a documentary anthology**. New York: Columbia Books of Architectures, imp. 1996. 0-8478-1522-6

178 LUCCHINI, Marco; JAEN Y URBAN, Gaspar – “Homage to Catalonia”: A glance to Barcelona architecture through the Milanese architectural magazines of the ‘50s-’60s. *Przestrze i Forma*, N.35 (2018) p. 9-24

179 GARCÍA, Ana Rodríguez – “‘No son genios lo que necesitamos ahora’. Una reflexión sobre el escrito de J. A. Coderch en el contexto de Team 10”, in I Congreso Pioneros de la Arquitectura Moderna Española: Vigencia de su pensamiento y obra. Actas digitales de las Comunicaciones aceptadas al Congreso (Madrid: Fundación Alejandro de la Sota, 2014) / coord. por Teresa Couceiro Núñez, 2014. 978-84-697-0296-3. p. 852-862

180 ESTEBAN-MALUENDA, Ana – Team 10 Absent. The individual architects rather than the collective in Spanish journals of the 1960s. *Joelho*. Coimbra. N. 10 (2019), p.26-38 1647-9548

181 PIZZA, Antonio; ROVIRA, Josep Maria - *En busca del hogar. Coderch 1940-1964* (catálogo de exposição). Florença: Mandragora. 2002

da noi richiesto, José Antonio Coderch ci ha mandato questo scritto: i suoi pensieri, possiamo dire il suo credo: i doveri dell'architetto, il bene e il male nella professione moderna della architettura

No son genios lo que necesitamos ahora

Non è di genii che abbiamo bisogno

Un vecchio e famoso architetto americano, se ben ricordo, diceva ad un altro più giovane, che gli chiedeva un consiglio: «Apri bene gli occhi, guarda; è tutto molto più semplice di quanto ti immagini». E gli diceva anche: «Dietro ogni edificio che vedi, c'è un uomo che non vedi». Un uomo, non diceva neppure un architetto.

No, non credo che sia di genii che abbiamo bisogno... E neppure credo che abbiamo bisogno di pontefici dell'architettura, o di grandi dottrinari. Qualche cosa di una tradizione viva è ancora nelle nostre mani, e volgano ancora molte vecchie dottrine morali a reggere il nostro mestiere di architetti e noi stessi. Credo che abbiamo bisogno soprattutto di buone scuole e di buoni maestri...

Abbiamo bisogno che migliaia di architetti pensino meno alla Architettura, al denaro, alla Città del Duemila e di più invece al loro lavoro di architetti; e che lavorino con una cortia al piede per non allontanarsi troppo dalla terra in cui hanno radici, né dagli uomini che conoscono meglio; e lavorino con dedizione, buona volontà e senso dell'onore.

Credo che per ottenere ciò occorra innanzi tutto liberarsi di molte false idee chiare... e credo che il miglior insegnamento alla fine sia l'esempio: lavorare del nostro meglio, attenti a non confondere la debolezza umana ed il diritto di sbagliare con la volontaria leggerezza e con l'immorale calcolo dell'arrivista.

La società progredisce spiritualmente, al suo vertice, per opere e parole, e, alla sua base, per iniziativa e rispetto verso l'aristocrazia. Ma una aristocrazia oggi non esiste, disfatta dal materialismo, dalla filosofia del successo.

In Spagna — i miei m'hanno insegnato — un «caballero», un aristocratico, è chi non può fare quelle cose che la legge, la Chiesa e la maggioranza della gente approva o permette. Bisogna formare una nuova aristocrazia, a poco a poco, ma cominciando subito... al denaro, al successo, all'eccesso di guadagno, alla leggerezza, alla fretta, alla mancanza di vita spirituale e di coscienza, bisogna opporre la dedizione, la preparazione, la buona volontà, il tempo, il pane quotidiano, e soprattutto l'amore; che è accettazione e dedizione, e non possesso e dominio. Questo è ciò cui dobbiamo attaccarci.

Si pensi che la cultura, la preparazione, di un architetto stiano nel vedere, nel conoscere più o meno profondamente, le realizzazioni (cioè i segni esterni del valore spirituale) dei grandi maestri. Ma questo è applicare al nostro lavoro i criteri con cui si classificano (per segni esterni) i valori economici, nella nostra società materialista... E poi ci lamentiamo che ci siano tanti cattivi architetti; che non vi siano grandi architetti minori di sessant'anni; e che le vecchie città vadano distrutte e i nuovi paesi costruiti come scenari da cinema...

È per lo meno curioso che si parli e si pubblichi tanto sui «segni esterni» dei grandi maestri (segni in verità importanti) e non si parli quasi mai del loro valore morale.

Un viejo y famoso arquitecto americano, si no recuerdo mal, le decía a otro mucho más joven que le pedía consejo: «Abre bien los ojos, mira, es mucho más sencillo de lo que te imaginas». También le decía: «Detrás de cada edificio que ves hay un hombre que no ves». Un hombre, no decía siquiera un arquitecto.

No, no creo que sean genios lo que necesitamos ahora. Creo que los genios son acontecimientos, no metas o fines. Tampoco creo que necesitamos Pontífices de la Arquitectura, ni grandes doctrinarios. Algo de tradición viva está todavía a nuestro alcance, y muchas viejas doctrinas morales, en relación con nuestro oficio (metier) de arquitecto y con nosotros mismos. Creo que necesitamos, sobre todo, buenas escuelas y buenos profesores. Necesitamos aprovechar la escasa tradición constructiva, y sobre todo la tradición moral, en esta época en que las más hermosas palabras han perdido su verdadera significación.

Necesitamos que miles y miles de arquitectos piensen menos en Arquitectura, en dinero, o en las ciudades del año 2000, y más en su oficio de arquitecto. Que trabajen con una cuerda atada al pie, para que no puedan ir demasiado lejos de la tierra en la que tienen raíces, y de los hombres que mejor conocen; siempre apoyándose en una base firme de dedicación, de buena voluntad y honradez.

Creo que para conseguir estas cosas, hay que desprenderse antes de muchas falsas ideas claras, de muchas palabras huecas, y trabajar de uno en uno, con la buena voluntad que se traduce en acción propia y enseñanza, más que en doctrinarismo. Creo que la mejor enseñanza es el ejemplo; trabajar vigilando continuamente para no confundir la flaqueza humana, el derecho a equivocarse, capa que cubre tantas cosas, con la voluntaria ligereza, la inmoralidad o el frío cálculo del trapador.

La sociedad se enriquece espiritualmente hacia la cumbre con obras y palabras, hacia la base por mimetismo y respeto a una aristocracia, que hoy prácticamente no existe, ahogada en gran parte por el materialismo, por la filosofía del éxito. En España, me explicaban mis padres, un caballero, un aristócrata, es la persona que no puede hacer cosas que la ley, la Iglesia, y la mayoría aprueban o permiten. Hay que constituir una nueva aristocracia de uno en uno. Creo que es la única manera de no perder el tren. Hay que ir despacio y empezar pronto. Empezar cada uno de nosotros y en todo caso hablar luego de ello.

Al dinero, al éxito, al exceso de propiedad o ganancias, a la ligereza, a la prisa, a la falta de vida espiritual o de conciencia, hay que enfrentar: la dedicación, el oficio, la buena voluntad, el tiempo, el pan de cada día y sobre todo el amor, que es aceptación y entrega, no posesión y dominio. A esto hay que aferrarse.

Se considera que cultura o formación arquitectónica es ver o conocer más o menos profundamente las realizaciones, los signos exteriores de riqueza espiritual, de los grandes maestros. Se aplican a nuestro oficio los mismos procedimientos de clasificación que se emplean (signos exteriores de riqueza económica), en nuestra sociedad materialista. Luego nos lamentamos, porque ya no hay grandes arquitectos menores de 60 años, porque la mayoría de los arquitectos son malos, porque las nuevas urbanizaciones resultan antihumanas, porque se destruyen nuestras viejas ciudades y se construyen casas y pueblos como decorados de cine a lo largo de nuestras hermosas costas Mediterráneas.

Es por lo menos curioso que se hable y se publique tanto, sobre los signos exteriores de los grandes maestros (signos muy valiosos en verdad), y no se hable apenas de su valor moral.

Figura 39 - Artigo dedicado a *No son genios lo que necesitamos ahora/Non è di genii che abbiamo bisogno* na revista Domus N. 384 (Nov.1961) [Digitalização cedida por Marco Lucchini]

O *postboxletter* n.8 apresenta o seguinte parágrafo inicial:

“Ao escrever isto, não é a minha intenção, nem o meu desejo, juntar-me aos que gostam de falar e teorizar sobre arquitetura. Mas tive que expor as minhas opiniões e, portanto, senti-me obrigado a apresentar, com toda a humildade, o seguinte.”¹⁸²

A publicação na *Domus* não inicia com este parágrafo, abrindo com:

“Um velho e famoso arquiteto americano, se não recordo mal, dizia a um outro mais jovem que lhe pedia um conselho: “Abre bem os olhos, vê, é muito mais sensível do que imaginas.” Também lhe dizia: “Por detrás de cada edifício que vês existe um homem que não vês.” Um homem, não dizia sequer um arquiteto.”¹⁸³

Este primeiro parágrafo da *Domus* corresponde ao segundo do *postboxletter*. Mas as diferenças não ficam por aqui, o *postboxletter* expõe o *manifesto* como um texto caracterizado pelo uso de frases afirmativas e frases interrogativas. Por sua vez, a revista italiana apresenta o texto caracterizado pelo uso exclusivo de frases afirmativas, sendo que as interrogações apresentadas no *postboxletter*, correspondem a afirmações:

“Não é também curioso que tenhamos aqui, muito perto, Gaudí (eu mesmo conheço pessoas que trabalharam com ele) e se fale tanto da sua obra e tão pouco da sua posição moral e da sua dedicação?”¹⁸⁴

“É curioso, termos aqui, muito perto, Gaudí (eu mesmo conheci pessoas que trabalharam com ele) e fale-se tanto da sua obra e tão pouco da sua posição moral e da sua dedicação.”¹⁸⁵

Não sabemos se estas diferenças estão associadas ao facto de J. A. Coderch ter enviado a Bakema e a Ponti os textos já com estas, ou se são apenas escolhas editoriais, principalmente no caso da *Domus*. Estas diferenças entre afirmação e interrogação alteram a relação entre o autor e o leitor — no caso da interrogação, por exemplo, o autor ao confrontar o leitor diretamente, estabelece com ele um contacto mais próximo.

Podemos ainda identificar outra dissimilitude, não por transformação mas sim por omissão. O *postboxletter* n. 8 suprime uma frase que encontramos na publicação da *Domus*:

“Algo de tradição viva ainda está ao nosso alcance, e muitas antigas doutrinas morais,

182 Tradução livre da autora, a partir do *postboxletter* n.8 (Dezembro de 1961), cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre.

183 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora/ It is not geniuses that we need to-day. *Domus* N. 384 (Nov. 1961)

184 Tradução livre da autora, a partir do *postboxletter* n.8 (Dezembro de 1961), cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre.

185 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora/ It is not geniuses that we need to-day. *Domus* N. 384 (Nov. 1961)

em relação com o nosso ofício (trabalho) de arquitetos e com nós mesmos. Creio que precisamos, sobretudo, de boas escolas e de bons professores. Precisamos aproveitar a escassa tradição construtiva e, sobretudo, a tradição moral, neste tempo em que as palavras mais sublimes perderam o seu verdadeiro significado.”¹⁸⁶

“Existe algo de tradição viva que ainda está ao nosso alcance, e muitas antigas doutrinas morais, que dizem respeito ao nosso ofício ou profissão (Uso estes termos no seu melhor sentido tradicional). Precisamos aproveitar a escassa tradição construtiva e, sobretudo, a tradição moral, neste tempo em que as palavras mais sublimes perderam o seu verdadeiro significado.”¹⁸⁷

A omissão desta frase intensa, que é ao mesmo tempo uma crítica e uma recomendação, parece à primeira vista significativa. Ainda assim, este não é o único momento de omissão já que a revista italiana não divulga dois parágrafos entre o terceiro e o quarto parágrafo comparativamente com a publicação do *postboxletter* onde podemos ler:

“Tenho a convicção de que qualquer arquiteto dos nossos dias, dotado, preparado ou formado medianamente, pode entender isto e facilmente realizar uma obra verdadeiramente viva. Isto, para mim, é o mais importante, muito mais do que qualquer outra consideração ou finalidade, que *aparentemente*¹⁸⁸ deveria ter precedência. Creio que é através dos trabalhos, os quais podem variar profundamente em todos os aspectos, e quando realizados com um sólido conhecimento do que é fundamental e com grande consciência, sem se preocupar com o resultado final (que felizmente, de qualquer forma, nos escapa e não é um fim, mas uma consequência), que nascerá uma nova tradição autêntica e viva.”¹⁸⁹

Da mesma forma, a revista italiana não suprime a explicação sobre a organização piramidal da sociedade, avançando logo para a explicação sobre o enriquecimento da sociedade tendo em conta o nível mais elevado e o mais baixo. Todavia, não nos podemos esquecer que estas diferenças, tal como previamente referimos, podem ter acontecido por escolha do próprio arquiteto e não por cortes de edição.

Algo comum a estas duas publicações é o uso da própria palavra *manifesto* por parte de J. A. Coderch:

186 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora/ It is not geniuses that we need to-day. *Domus* N. 384 (Nov. 1961)

187 Tradução livre da autora, a partir do *postboxletter* n.8 (Dezembro de 1961), cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre.

188 Em grande parte das publicações, com exceção da *Domus*, da portuguesa *Arquitectura*, da *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, e da *Nueva Forma* as palavras/ou expressões correspondentes a “aparentemente” e “não são suficientes” aparecem em itálico ou sublinhadas.

189 Tradução livre da autora, a partir do *postboxletter* n.8 (Dezembro de 1961), cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre.

“Há aqui um arquiteto, recém formado da Escola, que publicou uma espécie de manifesto impresso em papel depois de ter desenhado uma cadeira, se é que a podemos chamar assim.”¹⁹⁰

Alguns artigos, por exemplo “The Last Manifesto - The permanence of humanity and the ephemerality of geniuses”¹⁹¹ de Carlos Labarta e Jorge Tárrago, apontam para o facto de J. A. Coderch atribuir um sentido negativo à palavra *manifesto*, opinião que não partilhamos. Consideramos que o arquiteto catalão ao transmitir a ideia que a pessoa em questão não estava pronta, atribui ao conceito de *manifesto* importância, parecendo afirmar que tal não pode ser feito por qualquer um. Atribuimos a “No son genios lo que necesitamos ahora” a conotação de *manifesto*, que explicamos previamente (ver nota de rodapé 9, página 2), por o considerarmos uma declaração pública ideológica.

3.2 Da divulgação em Portugal às publicações no estrangeiro (1961-1989)

As diferenças que abordámos anteriormente são capazes de distinguir a *Domus* e o *postboxletter* como dois eixos de difusão de “No son genios lo que necesitamos ahora” no que diz respeito às publicações que se seguiram. Estes eixos parecem ainda apresentar uma relação linguística, no sentido em que a revista italiana acaba por influenciar as publicações de língua latina, e o *postboxletter* as publicações de língua germânica. Contudo, existem algumas exceções, por exemplo, a divulgação por parte da *L'Architecture d'Aujourd'Hui* expõe as particularidades da publicação que resulta da caixa postal do Team 10.

Depois da publicação nestas duas plataformas, o *manifesto* é ainda publicado em 1961 por duas revistas especializadas, a portuguesa *Arquitectura*¹⁹² e a espanhola *Cuadernos de Arquitectura*¹⁹³. A forma como o texto é apresentado em cada uma delas não deixa de ser expressiva porque, se por um lado a revista catalã divulga “No son genios lo que necesitamos ahora” num segmento intitulado “De revistas”, quase em jeito de nota; por outro, o número 73 da revista portuguesa *Arquitectura* dedicado a J. A. Coderch¹⁹⁴, destaca o *manifesto* tal como um projeto de arquitetura (Figura 40).

Ao longo da 3ª série da revista portuguesa vários textos de autores estrangeiros foram traduzidos e publicados, permitindo que estes chegassem ao leitor português sem constrangimentos linguísticos — a

190 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora/ It is not geniuses that we need to-day. *Domus* N. 384 (Nov. 1961).

191 LABARTA, Carlos; TÁRRAGO, Jorge - The Last Manifesto - The permanence of humanity and the ephemerality of geniuses In BUCKLEY, Craig – After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a new century. New York: GSAPP Books, 2014. 978-1-883584-87-0 p. 92-109

192 CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura*. N. 73 (Dez.1961)

193 CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. In *De revistas*. *Cuadernos de Arquitectura*. N. 46 (Dez.1961)

194 Relembramos que o número 73 apresenta inclusive na capa uma obra de Coderch/Valls - Casa em Camprodón em Gerona.

no son genios lo que necesitamos ahora

Este artigo foi publicado pela primeira vez na revista italiana DOMUS

arq. José A. Coderch

Un viejo y famoso arquitecto americano, si no recuerdo mal, le decía a otro mucho más joven que le pedía consejo: «Abre bien los ojos, mira, es mucho más sencillo de lo que te imaginas». También le decía: «Detrás de cada edificio que ves hay un hombre que no ves». Un hombre, no decía siquiera un arquitecto.

No, no creo que sean genios lo que necesitamos ahora. Creo que los genios son acontecimientos, no metas o fines. Tampoco creo que necesitamos Pontífices de la Arquitectura, ni grandes doctrinarios. Algo de tradición viva está todavía a nuestro alcance, y muchas viejas doctrinas morales en relación con nuestro oficio (metier) de arquitecto y con nosotros mismos. Creo que necesitamos sobre todo, buenas escuelas y buenos profesores. Necesitamos aprovechar la escasa tradición constructiva y sobre todo la tradición moral, en esta época en que las más hermosas palabras han perdido su verdadera significación.

Necesitamos que miles y miles de arquitectos que piensen menos en Arquitectura, en dinero, e en las ciudades del año 2000, y más en su oficio de arquitecto. Que trabajen con una cuerda atada al pie, para que no puedan ir demasiado lejos de la tierra en la que tienen raíces, y de los hombres que mejor conocen; siempre apoyándose en una base firme de dedicación, de buena voluntad y honradez.

Creo que para conseguir estas cosas, hay que desprenderse antes de muchas falsas ideas claras, de muchas palabras huecas, y trabajar de uno en uno, con la buena voluntad que se traduce en acción propia y enseñanza, más que en doctrinarismo. Creo que la mejor enseñanza es el ejemplo; trabajar vigilando continuamente para no confundir la flaqueza humana, el derecho e equivocarse, capa que cubre tantas cosas, con la voluntaria ligereza, la inmoralidad o el frío cálculo del trepador.

La sociedad se enriquece espiritualmente hacia la cumbre con obras y palabras, hacia la base por mimetismo y respeto a una aristocracia que hoy prácticamente no existe, ahogada en gran parte por el materialismo, por la filosofía del éxito. En España, me explicaban mis padres, un caballero, un aristócrata, es la persona que no puede hacer cosas que la ley, la Iglesia, y la mayoría aprueban o permiten. Hay que constituir una nueva aristocracia de uno en uno. Creo que es la única manera de no perder el tren. Hay que ir despacio y empezar pronto. Empezar cada uno de nosotros y en todo caso hablar luego de ello.

Al dinero, al éxito, al exceso de propiedad o ganancias, a la ligereza, a la prisa, a la falta de vida espiritual o de conciencia, hay que enfrentar: la dedicación, el oficio, la buena voluntad, el tiempo, el pan de cada día y sobre todo el amor, que es aceptación y entrega, no posesión y dominio. A ésto hay que aferrarse.

3

maioria desses artigos tiveram a sua primeira publicação em revistas estrangeiras — como a *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, a *Domus*, a *Casabella*, entre outras. Através do levantamento inicial¹⁹⁵, conseguimos analisar todas as peças escritas traduzidas na revista, sendo igualmente através desse levantamento que “No son genios lo que necesitamos ahora” se destaca. É o único artigo, com exceção do discurso de André Malraux¹⁹⁶ e alguns excertos de frases de Le Corbusier¹⁹⁷, publicado na língua estrangeira original. Esta não tradução, principalmente quando se trata de um texto em castelhano, pode dever-se ao facto do leitor português ter, certamente, maior necessidade de ler um texto traduzido do inglês, do que um texto em castelhano. Todavia, ao longo desta série da revista encontramos vários textos que estariam escritos em castelhano e foram traduzidos, o que nos leva a pensar que, talvez, não foi o carácter linguístico que os levou a não traduzir, mas sim o carácter cultural.

O número 73, para além de dedicar grande parte das publicações ao trabalho do arquiteto catalão, divulga ainda dois capítulos de “Kindergarten Chats”¹⁹⁸ (Figura 41) de Louis Sullivan, traduzidos por Carlos Duarte. A conjugação destes dois arquitetos demonstra que a *Arquitetura* estava atenta ao conteúdo que divulgava. J. A. Coderch faz referência a Sullivan, indiretamente, logo no parágrafo inicial (a revista portuguesa tal como a *Domus*, não publica o parágrafo inicial que encontramos no *postboxletter*, iniciando o *manifesto* com a história do arquiteto americano). Podemos afirmar que, mesmo se o arquiteto catalão não tivesse dedicado aquele parágrafo a Sullivan, encontramos, ainda assim, no restante discurso, momentos de convergência de ideias entre os autores — é fundamental ter em conta que o arquiteto americano escreve *Kindergarten Chats* no início do século XX, enquanto J. A. Coderch escreve “No son genios lo que necesitamos ahora”, já na segunda metade desse século.

“A arquitectura que hoje vemos perdeu a sua qualidade orgânica. Como um homem outrora forte mas agora velho e doente, ela não funciona eficientemente. [...] O seu olhar é sem brilho, o seu ouvido surdo e a sua vitalidade morta. [...] E assim é a arquitectura americana de hoje: lamentável na sua loucura — morrendo no cimo e morta no coração, aqui e ali com um resplendor, um pequeno cintilar de desculpa.”¹⁹⁹

“Não, não creio que sejam génios o que precisamos agora. [...] Hoje em dia, as classes dirigentes perderam o seu sentido de missão e, tanto a aristocracia de sangue, como a do dinheiro, da inteligência, da Igreja, da política, salvo raríssimas exceções, contribuem decisivamente com a sua inutilidade, espírito de lucro, de poder, e falta de consciência e

195 Consultar tabela do levantamento dos textos traduzidos durante a 3ª série - Anexo II; Gráficos referentes à questão da tradução - Anexos XIV, XV, XVI, XVII e XVIII.

196 MALRAUX, André - O discurso de André Malraux no funeral de Le Corbusier. *Arquitetura*. N.88 (Mai./Jun. 1965)

197 LE CORBUSIER - Lembrança de Le Corbusier. *Arquitetura*. N. 89-90 (Dez.1965)

198 SULLIVAN, Louis - Kindergarten Chats. *Arquitetura*. N. 73. (Dez.1961) p.49-52

199 SULLIVAN, Louis - Kindergarten Chats. *Arquitetura*. N. 73. (Dez.1961) p. 49-52

Louis Henry Sullivan

KINDERGARTEN CHATS

Dois capítulos da obra de Louis Henry Sullivan na edição da Scarab Fraternity Press de 1934; na edição posterior de 1947 da Wittenborn, Schultz, Inc., estes capítulos foram consideravelmente encurtados.

Crescimento e decadência

Ao procurar uma clara, definida e plena compreensão da palavra orgânico devíamos primeiro ter em mente as palavras correlacionadas, órgão, organizar, organização, organismo, e, o que é muito mais importante, o que estas palavras significam. Todas elas implicam a existência de uma força vital e de uma estrutura ou mecanismo pelo qual essa força se torna actuante e manifesta. Eu já te preveni contra o fugaz significado das palavras, a sua particular tendência para mudarem de sentido, embora retendo a mesma aparência formal. Isto é assim porque a forma de uma palavra não é em si orgânica; é arbitrária e tem uma capacidade inerente para mudar como resposta a uma evolução do significado — especialmente se a mudança é subtil.

Para lá das mudanças mecânicas a que os gramáticos chamam declinação, conjugação, afixos, sufixos, etc., as palavras podem ser modificadas ou desenvolver o seu significado somente pela associação com outras — só quando elas são movimento organizado e ritmado.

As palavras estáticas têm pouco ou ne-

nhum significado, como tu podes verificar consultando qualquer dicionário; mas quando elas são tratadas de forma dinâmica e pictórica o seu poder para transmitir o pensamento aumenta enormemente; contudo, é bom esclarecer que o poder não está tanto nas palavras como na mente e no coração de quem as usa como instrumento. O pensamento, o sentimento e a beleza não estão tanto nas palavras como no que as palavras sugerem ao espírito do leitor; e este poder de sugestão é o poder do artista, do poeta.

Há algum tempo atrás tu perguntaste-me que ligação poderia haver entre as palavras e a arquitectura. Há esta relação imediata e importante — que a arquitectura dos últimos seis séculos tem sofrido de um crescente aumento de palavras: na verdade está agora coberta com palavras, palavras sem sentido, estúpidas e inspidas — e entretanto a realidade foi desprezada e as palavras e as frases usurparam o lugar dos factos e, finalmente, o fazer frases foi aceite como fazer arquitectura — a que estúpida situação nós chegámos! Se duvidas, vai aos congressos, lê os jornais, escuta os discursos.

Que são eles? — palavras, palavras, palavras — a maior parte delas, palavras

frágeis, incoerentes, meio sentidas, completamente sórdidas.

Assim, como nós dois juntos procuramos coisas e não palavras: como nós procuramos realidades — uma palavra eu amo, porque amo o sentido da vida a que ela se refere, o punhado de coisas que implica, o seu animalismo e espiritualidade — assim, como procuramos realidades em vez de palavras, afirmemos de uma vez por todas que a arquitectura que procuramos deverá ser uma realidade e não uma palavra, ou um mau conjunto de palavras, como agora acontece.

A arquitectura que hoje vemos perdeu a sua qualidade orgânica. Como um homem outrora forte mas agora velho e doente, ela não mais funciona eficientemente. Não mais fala em tons de ressonante eloquência, como outrora.

Os seus feitos têm a cor pálida, e o ricto ansioso e sentimental de um rosto em decadência. O seu olhar é sem brilho, o seu ouvido surdo e a sua vitalidade morta. Assim ele dirige-se com enfado para o túmulo a que não pode escapar.

A arquitectura que nós vemos será um homem activo, flexível e forte, profundo e são. Um homem que tem os cinco sentidos alerta; olhos que vêem quando é

Figura 41 - Artigo dedicado a *Kindergarten Chats* na revista *Arquitectura* N. 73 (Dez.1961) [Digitalização da autora, a partir de exemplar disponível na Biblioteca Nuno Portas da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho]

responsabilidade para a confusão arquitetônica atual.”²⁰⁰

Estes excertos permitem-nos identificar algumas características fundamentais, que são transversais aos dois textos. Uma prende-se à preocupação de ambos com o tempo onde se inseriam, sendo que ambos utilizam, recorrentemente, advérbios de tempo como “hoje” e “agora”. A segunda prende-se com a incredulidade dos dois arquitetos face ao seu tempo. J. A. Coderch refere no decorrer do texto que nos devemos desprender de “ideias falsas e palavras vazias”, ao passo que Sullivan, refere:

“[...] A arquitectura dos últimos seis séculos tem sofrido de um crescente aumento de palavras: na verdade está agora coberta com palavras, palavras sem sentido, estúpidas e insípidas [...] fazer frases foi aceite como fazer arquitectura.”²⁰¹

A descrença de Coderch e Sullivan parece dever-se também ao facto de reconhecerem nas gerações mais jovens uma preocupação em alcançar o prestígio dos mestres antigos. Sobre essa relação com o passado, tanto Sullivan como Coderch eram claros na sua opinião, consideravam que a sociedade não precisava naquele momento de mestres. Apesar de Sullivan não utilizar uma expressão deste género, escreve, por exemplo:

“Quanto tiveres estudado cuidadosamente as formas e o espírito destas estruturas históricas, compreenderás com quanta maior precisão quanto cresceres, que as civilizações que os produziram são definitivamente do passado — e que os caminhos delas não são os teus.”

Os dois textos parecem recomendar o leitor, ao mesmo tempo que o repreendem. J. A. Coderch usa a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, enquanto Sullivan mantém um discurso, ainda mais direto, utilizando a primeira pessoa do singular e a segunda pessoa do singular:

“Eu não posso, evidentemente, no curto espaço das nossas conversas, tentar observar contigo mais de perto os restos de uma poderosa arquitetura passada.”²⁰²

A publicação de *Kindergarten Chats*, no mesmo número onde se publica “No son genios lo que necesitamos ahora”, não se volta a repetir ao longo das seguintes divulgações. É significativa esta atenção e sensibilidade da revista portuguesa, ao juntar estas duas contribuições que tanto têm de comum.

No mesmo mês em que a *Arquitectura* publica o *manifesto* do arquiteto espanhol, a *Cuadernos de Arquitectura* (Figura 42) divulga o texto, embora sem o destaque que a revista portuguesa conferiu ao artigo. A publicação da revista catalã está no grupo das exceções no que diz respeito ao eixo de receção. O texto foi publicado no segmento “De revistas”, onde eram enunciadas algumas publicações

200 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura*. N. 73 (Dez.1961)

201 SULLIVAN, Louis - Kindergarten Chats. *Arquitectura*. N. 73. (Dez.1961) p. 49-52

202 SULLIVAN, Louis - Kindergarten Chats. *Arquitectura*. N. 73. (Dez.1961) p. 49-52

No son genios lo que necesitamos ahora

Por J. A. Coderch de Sentmenat, Arqto. (©Domus, noviembre 1961).

Al escribir esto, no es mi intención ni mi deseo sumarme a los que gustan de hablar y teorizar sobre Arquitectura. Pero después de 20 años de oficina, circunstancias imprevisibles me han obligado a concretar mis puntos de vista y a escribir modestamente, lo que sigue...

No, no creo que sean genios lo que necesitamos ahora. Creo que los genios son acontecimientos, no metas o fines. Tampoco creo que necesitemos Pontífices de la Arquitectura, ni grandes doctrinarios, ni profetas, siempre dudosos. Algo de tradición viva está todavía a nuestro alcance...

Necesitamos que miles y miles de arquitectos que andan por el mundo piensen menos en Arquitectura (con mayúscula), en dinero o en las ciudades del año 2000, y más en su oficio de arquitecto. Que trabajen con una cuerda atada al pie, para que no puedan ir demasiado lejos de la tierra en la que tienen raíces...

Trago el convencimiento de que cualquier arquitecto de nuestros días medianamente dotado, preparado o formado, si puede entenderse también puede fácilmente realizar una obra verdaderamente viva. Esto es para mí lo más importante, mucho más que cualquier otra consideración o finalidad...

Creo que nacirá una auténtica y nueva tradición viva de obras que pueden ser diversas en muchos aspectos, pero que habrán sido llevadas a cabo con un profundo conocimiento de lo fundamental y con una gran conciencia, sin preocuparse del resultado final que,afortunadamente, en cada caso se nos escapa y no es un fin en sí, sino una consecuencia.

Creo que para conseguir estas cosas hay que desprenderse antes de muchas falsas ideas claras, de muchas palabras e ideas huecas, y trabajar de uno en uno, con la buena voluntad que se traduce en acción propia y enseñanza, más que en doctrinarismo. Creo que la mejor enseñanza es el ejemplo; trabajar vigilando continuamente para no confundir la flojedad humana, el derecho a equivocarse—capa que cubre tantas cosas—, con la voluntaria ligereza, la inmoralidad o el frío cálculo del trapador.

Imagino a la sociedad como una especie de pirámide, en cuya cúspide estuvieran los mejores y menos numerosos, y en la amplia base las masas. Hay una zona intermedia en la que existen gentes de toda condición que tienen conciencia de algunos valores de orden superior y están decididos a obrar en consecuencia. Estas gentes son aristócratas y de ellos depende todo. Ellos enriquecen la sociedad hacia la cúspide con obras y palabras, y hacia la base con el ejemplo, ya que las masas sólo se enriquecen por respeto o mimetismo...

Al dinero, al éxito, al exceso de propiedad o de ganancias se le pertenece, la prisa, la falta de vida espiritual o de conciencia hay que encontrar la dedicación, el oficio, la buena voluntad, el fierro, el uso de cada día y, sobre todo, el amor, que es aceptación y entrega, no posesión y dominio. A esto hay que adherirse.

Se considera que cultura o formación arquitectónica es ver, enseñar o conocer más o menos profundamente las realizaciones, los signos exteriores de riqueza espiritual de los grandes maestros. Se aplican a nuestro oficio las mismas procedimientos de clasificación que se emplean (signos exteriores de riqueza económica) en nuestra sociedad materialista. Luego nos lamentamos de que ya no hay grandes arquitectos menores de 80 años, de que la mayoría de los arquitectos son malos, de que los nuevos urbanizaciones resultan antihumanas, etc. sin excepción en todo el mundo, de que se destruyen nuestras viejas ciudades y se construyen casas y pueblos no decorados de cima a largo de nuestras hermosas costas mediterráneas.

Es por lo menos curioso que se habla y se pregunte tanto acerca de los siglos anteriores de los grandes maestros (légame muy valiosos en sentido, y no se habla apenas de su valor moral. ¿No es extraño que se habla o escribe de sus flojezas como cosas curiosas o anecdóticas y se oculte como tema prohibido o anecdótico su posición ante la vida y ante su trabajo?

¿No es curioso también que tengamos aquí, muy cerca, a Gaudí (yo mismo conozco a personas que han trabajado con él) y se hablen tanto de su obra y tan poco de su posición moral y de su dedicación? Es más curioso todavía el contraste entre lo mucho que se valora la obra de Gaudí, que no está a nuestro alcance, y el silencio o ignorancia de la moral o la posición ante el problema de Gaudí, que esto sí, está al alcance de todos nosotros.

Con grandes maestros de nuestra época para prácticamente lo mismo. Se admiran sus obras o mejor dicho, las formas de sus obras y nada más, sin profundizar para buscar en ellas lo que tienen dentro, lo más valioso que es precisamente lo que está a nuestro alcance.

Claro está que esto supone aceptar nuestro propio techo o límite, y esto no se hace así porque casi todos los arquitectos quieren ganar mucho dinero, o ser Le Corbusier, y esto el mismo año en que se abren sus estudios. Hay que ser arquitecto, recién valido de la Escuela, que ha publicado ya un espécimen de manifiesto impreso en papel valioso después de haber diseñado una sala, si podemos llamarla así. La verdadera cultura espiritual de nuestra profesión siempre ha sido patrimonio de unos pocos. La postura que permitiera el acceso a esta cultura es patrimonio de casi todos, y esto no lo aceptamos, como no aceptamos tampoco el comportamiento cultural, que debería ser obligatorio y estar en la conciencia de todos.

Antiguamente el arquitecto tenía firmes puntos de apoyo. Existían muchas cosas que eran aceptadas por la mayoría como buenas o, en todo caso, como ineluctables, y la organización de la sociedad tanto en sus problemas sociales como económicos, religiosos, políticos, etc., evolucionaba lentamente. Existía, por otra parte, más dedicación, menos espíritu y más tradición viva en la que apoyarse. Con todos sus defectos, las clases elevadas tenían un concepto más claro de su misión, y mira las clases elevadas tenían un concepto más claro de su misión, y mira la cultura espiritual se propaga naturalmente. Las pequeñas ciudades o villas de la vida colectiva. Rara vez existía ligereza, improvisación o irresponsabilidad. Se realizaban obras de todas clases, que tenían un valor humano que se da hoy muy excepcionalmente. A veces, pero no frecuentemente, se planteaban problemas de crecimiento, pero afortunadamente sin esa sensación, que hoy no podemos evitar, de que la evolución de la sociedad es muy difícil de prever, como no sea a muy corto plazo.

Hoy día, las clases dirigentes han perdido el sentido de su misión, y tanto la aristocracia de la sangre, como la del dinero, pasando desde todo por la de la inteligencia, la de la política y la de la gloria o prestigio, salvo rarísimas y personales excepciones contribuyen desactivamente, por su inutilidad, espíritu de lucro, ambición de poder y falta de conciencia de sus responsabilidades al desmoronamiento arquitectónico actual.

Por otra parte, las condiciones sobre las cuales tenemos que hacer nuestro trabajo varían continuamente. Existen problemas religiosos, morales, sociales, económicos, de enseñanza, de fuentes de fuentes de energía, etc., que pueden modificar de forma imprevista la faz y la estructura de nuestra sociedad (son posibles cambios bruscos como sentido se nos escapa) y que impiden hacer previsiones honradas a largo plazo.

Como he dicho ya en líneas anteriores, no tenemos la clase tradición viva que es imprescindible para la mayoría de nosotros. Las especies clásicas llevadas a cabo hasta ahora y que, indudablemente, en ciertos casos han representado una gran oportunidad, no son suficientes para que de ellas se desprenda el camino imprescindible que hay de seguir la gran mayoría de los arquitectos que ejercen su oficio en todo el mundo. A falta de esta clara tradición viva y en el mejor de los casos se busca la solución en formalismos, en la aplicación rigurosa del método de la rutina y en los tópicos de gloriosos y viejos maestros de la arquitectura actual, desconociendo que a menudo sólo se trata de poner, nuestra ambición y nuestra ligereza. Es ingenuo creer, como se cree, que el método y la pretensión de nuestra profesión pueden conducirnos a una ganancia que es del sol, la luz, el aire, el verde, lo social y tantos otros. Una base formalista y dogmática, sobre todo si se pretende ser más o si salvo en muy raras y clasificadas ocasiones. De todo esto se deduce a mi juicio, que en los caminos diversos que sigue cada arquitecto conscientemente, tiene que haber algo común, algo que debe estar en todos nosotros. Y aquí vuelvo al principio de esto que me obliga a escribir, sin ser de lecciones a nadie, con una profunda y sincera convicción.

El testimonio real de Le Corbusier

Por Bruno Zevi en "L'Architettura", junio 1961.

El itinerario Marsella-Rochefort-Lyon no ilustra solamente un fragmento biográfico del mayor arquitecto europeo, sino que presenta también el testimonio más patente de las aspiraciones, angustias, arremetidas y torbellinos morales e intelectuales de este portuense. Le Corbusier emerge de él multiplicado, no tanto en el plano arquitectónico como en el humano. Es la personificación de un espíritu particular y poco común en la historia: no adolece del defecto del genio que es desarraigado de la crisis del mundo y crea en la soledad y contra el mundo.

El genio —pérfido en los arquitectos de Santa Sofía, o en Miguel Ángel, o en Borromini, o en Wright— resume la historia y la representa pero no la testimonia, lo indica y la define en un cierto punto; entre las vicisitudes de los demás, se propone como el eje de la historia. Le Corbusier al contrario, por encima de todo, e incluso al no tener una entera conciencia del mundo, se asomó a la historia del mundo que está totalmente, heroicamente, lemoso en las acutades del trapador.

¿Vivimos los demás maestros. La posibilidad de creación de Wright, al menos en 1910, había adquirido una dimensión tal que se hacía ineluctable con la historia: la crisis económica, el New Deal, la guerra, la bomba atómica no podían hacer más que el progreso, el desarrollo, el nivel científico y superabundante, eran como episodios alifaneros. Temblaba, de diferentes maneras, Gropius, Mies, y Dud en la arquitectura; quizá, ya que su determinación racionalista había bruciado en el sistema desierta y despreocupada de la primera Guerra Mundial, no podía ahora ser destruida por un mal análogo, aun que más atroz e ilimitado. Ni siquiera la arquitectura de Adlo sufrió la guerra. El ordenamiento de la Casa de la Cultura de Helsinki y de la Iglesia de Wright profusa, sin brachet, e que había sido plantado en el decenio que precedió a la guerra. En resumidas cuentas, las biografías de Gropius, Gropius, Mies, Dud y Adlo no se resisten del terremoto hitleriano.

No son genios lo que necesitamos ahora

J. A. Coderch, Arquitecto.

En la revista DOMUS se ha publicado este artículo del arquitecto José Antonio Coderch, que por su interés y oportunidad aquí se reproduce, por cortesía de DOMUS. Comentan este artículo el P. Alfonso López Quintán, Juan Ramírez de Luza, Luis Moya y Francisco de Iza.

Al escribir esto no es mi intención ni mi deseo sumarme a los que gustan de hablar y teorizar sobre Arquitectura. Pero después de veinte años de oficina, circunstancias imprevisibles me han obligado a concretar mis puntos de vista y a escribir modestamente lo que sigue:

Un viejo y famoso arquitecto americano, si no recuerdo mal, le decía a otro mucho más joven que le pedía consejo: "Abre bien los ojos; mira, es mucho más sencillo de lo que imaginas." También le decía: "Detrás de cada edificio que ves, hay un hombre que no ves." Un hombre; no decía siquiera un arquitecto.

No, no creo que sean genios lo que necesitamos ahora. Creo que los genios son acontecimientos, no metas o fines. Tampoco creo que necesitemos pontífices de la Arquitectura, ni grandes doctrinarios, ni profetas, siempre dudosos. Algo de tradición viva está todavía a nuestro alcance, y muchas viejas doctrinas morales en relación con nosotros mismos y con nuestro oficio o profesión de arquitectos (y empleo estos términos en su mejor sentido tradicional). Necesitamos aprovechar lo poco que de tradición constructiva y, sobre todo, moral ha quedado en esta época en que las más hermosas palabras han perdido prácticamente su real y verdadera significación.

Necesitamos que miles y miles de arquitectos que andan por el mundo piensen menos en Arquitectura (con mayúscula), en dinero o en las ciudades del año 2000, y más en su oficio de arquitecto. Que trabajen con una cuerda atada al pie, para que no puedan ir demasiado lejos de la tierra en la que tienen raíces, y de los hombres que mejor conocen, siempre apoyándose en una base firme de dedicación, de buena voluntad y de honradez (honor).

Tengo el convencimiento de que cualquier arquitecto de nuestros días medianamente dotado, preparado o formado, si puede entenderse esto también puede fácilmente realizar una obra verdaderamente viva. Esto es

para mí lo más importante, mucho más que cualquier otra consideración o finalidad, sólo en apariencia de orden superior.

Creo que nacirá una auténtica y nueva tradición viva de obras que pueden ser diversas en muchos aspectos, pero que habrán sido llevadas a cabo con un profundo conocimiento de lo fundamental y con una gran conciencia, sin preocuparse del resultado final que, afortunadamente, en cada caso se nos escapa y no es un fin en sí, sino una consecuencia.

Creo que para conseguir estas cosas hay que desprenderse antes de muchas falsas ideas claras, de muchas palabras e ideas huecas y trabajar de uno en uno, con la buena voluntad que se traduce en acción propia y enseñanza, más que en doctrinarismo. Creo que la mejor enseñanza es el ejemplo; trabajar vigilando continuamente para no confundir la flojedad humana, el derecho a equivocarse—capa que cubre tantas cosas—, con la voluntaria ligereza, la inmoralidad o el frío cálculo del trapador.

Imagino a la sociedad como una especie de pirámide, en cuya cúspide estuvieran los mejores y menos numerosos, y en la amplia base las masas. Hay una zona intermedia en la que existen gentes de toda condición que tienen conciencia de algunos valores de orden superior y están decididos a obrar en consecuencia. Estas gentes son aristócratas y de ellos depende todo. Ellos enriquecen la sociedad hacia la cúspide con obras y palabras, y hacia la base con el ejemplo, ya que las masas sólo se enriquecen por respeto o mimetismo. Esta aristocracia, hoy prácticamente no existe, ahogada en su mayor parte por el materialismo y la filosofía del éxito. Soltan decirme mis padres que un caballero, un aristócrata es la persona que no hace ciertas cosas, aun cuando la Ley, la Iglesia y la mayoría las aprueben o las permitan. Cada uno de nosotros, si tenemos con-

Figura 42 - Artículo dedicado a No son genios lo que necesitamos ahora en la revista Cuadernos de Arquitectura N. 46 (Dez.1961) [https://www.raco.cat/index.php/CuadernosArquitectura/article/view/109628]

Figura 43 - Artículo dedicado a No son genios lo que necesitamos ahora en la revista madrileña Arquitectura N. 38 (Fev.1962) [https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anos/etapa-1959-1973/revista-arquitectura-38-Febrero-1962]

da imprensa internacional, tendo como nota inicial:

“Por J. A. Coderch de Sentmenat, Arqto. (“Domus”, novembro 1961)”²⁰³

Apesar de apontar a publicação da revista italiana, o texto apresentado na *Cuadernos de Arquitectura* não corresponde com essa divulgação, tendo uma correspondência mais próxima da publicação no *postboxletter*. Não podemos deixar de salientar que o *postboxletter* foi publicado no mesmo mês, em dezembro de 1961, e a sua publicação não foi pública, tendo sido apenas dirigida a membros do Team 10. Para além do texto da revista catalã omitir a frase sobre as “boas escolas”, apresenta as interrogações que não encontramos na *Domus*, da mesma forma que o parágrafo inicial é diferente. Isto leva-nos a questionar a origem do texto na *Cuadernos de Arquitectura*. Como é que a publicação da revista espanhola apresenta tantos pontos de convergência com o *postboxletter* n.8? É possível que a origem do texto divulgado pela revista espanhola tenha sido o próprio arquiteto.

O ano de 1962 ficou marcado pela publicação de “No son genios lo que necesitamos ahora” em Espanha, França e Inglaterra. A primeira divulgação do ano foi através da revista madrilena *Arquitectura*²⁰⁴ (Figura 43), em fevereiro. Tal como acontece na publicação pela *Cuadernos de Arquitectura*, dois meses antes, o texto não corresponde ao apresentado pela revista italiana, apesar da revista *Arquitectura* referir, especificamente que a publicação do artigo acontece por “cortesia da *Domus*”²⁰⁵. Esta realidade parece ser transversal a todos os artigos publicados em Espanha que aqui iremos analisar, reforçando a ideia de que muito provavelmente é o próprio arquiteto que envia às revistas para que seja publicado. O texto, nesta publicação da *Arquitectura*, assume, tal como já tinha acontecido na revista portuguesa, um lugar de destaque. Na realidade, aqui assume ainda maior destaque, porque por um lado não são apresentadas outras obras de J. A. Coderch, e por outro o texto é escrutinado e comentado por quatro personagens — Luís Moya (arquiteto e chefe de redação da revista), Francisco de Inza (arquiteto e secretário de redação), Juan Ramírez de Lucas (escritor e crítico de arte) e Alonso López Quintás (sacerdote). Estes e outros comentários serão abordados no ponto seguinte desta dissertação, onde nos debruçamos acerca da receção do artigo ao longo do tempo.

O *manifesto* do arquiteto catalão foi publicado pela primeira vez em francês no número 100 de fevereiro-março de 1962 da *L'Architecture d'Aujourd'Hui*²⁰⁶ (Figura 44), dedicado aos contrastes arquitetónicos. O texto de J. A. Coderch é apresentado com o título, “Architecture pour l'homme ou

203 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. In *De revistas. Cuadernos de Arquitectura*. N. 46 (Dez.1961)

204 CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM) N. 38 (Fev. 1962)

205 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM) N. 38 (Fev. 1962)

206 CODERCH, José - Architecture pour l'homme ou architecture géniale. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*. N.100 (Fev./Mar. 1962)

Je n'ai ni l'intention ni le désir d'allonger la liste de ceux qui aiment parler d'architecture et traiter de sa théorie. Mais, après 20 années de métier, des circonstances imprévisibles m'ont obligé à préciser mon point de vue et à écrire modestement ce qui suit :

Un architecte américain, illustre et déjà vieux, disait, si je me souviens bien, à un confrère beaucoup plus jeune qui lui demandait conseil : « Ouvrez bien les yeux, regardez, c'est beaucoup plus simple que tu l'imagines. » Il lui disait aussi : « Derrière chaque construction que tu vois, il y a un homme que tu ne vois pas. » Un « homme », il ne disait même pas un « architecte ».

Je ne pense pas que les « génies » nous soient nécessaires actuellement. Je pense que les génies sont des événements, non des buts et des fins. Je ne crois pas non plus que nous ayons besoin de Pontifes de l'Architecture, de grands doctrinaires ou de prophètes, toujours douteux. Il reste encore une part de tradition vivante et beaucoup de doctrines morales anciennes concernant notre personne et notre métier, notre profession d'architecte (je prends ces termes dans leur sens traditionnel le meilleur), qui sont toujours à notre portée. Il nous faut profiter de ce qui reste de tradition constructive, surtout du point de vue moral, en cette époque où les plus belles paroles ont perdu en fait leur véritable signification.

Nous avons besoin que des milliers et des milliers d'architectes pensent moins à l'Architecture, à l'argent ou aux villes de l'an 2000, et davantage à leur métier d'architecte. Qu'ils travaillent les pieds attachés à une corde, afin de ne s'éloigner trop ni de la terre où ils enfoncent leurs racines, ni des hommes qui sont ce qu'ils devraient le mieux connaître; qu'ils s'appuient toujours sur de fermes principes de consécration à leur œuvre, de bonne volonté et d'honneur.

Je suis persuadé que tout architecte actuel, même de peu d'envergure et de formation moyenne peut, s'il est capable de comprendre cela, réaliser une œuvre vraiment vivante. C'est pour moi ce qui importe le plus, bien plus que tout autre considération et que tout autre but qui seraient en apparence, mais en apparence seulement, d'ordre supérieur.

Je crois que c'est en s'appuyant sur des œuvres, diverses peut-être sous beaucoup d'aspects, mais effectuées avec une profonde connaissance des principes fondamentaux et avec grande conscience (sans se préoccuper du résultat final qui, heureusement, nous échappe tout à fait et n'est pas une fin en soi, mais une conséquence), que naît une authentique et nouvelle tradition vivante.

Pour y arriver, je crois que nous devons tout d'abord nous débarrasser de nombreuses et fausses idées claires, de beaucoup de paroles et d'idées creuses, et travailler, tous, avec cette bonne volonté qui se traduit par l'action personnelle, par l'enseignement, plutôt que par l'exposition doctrinaire. Je pense que l'exemple est le meilleur des enseignements; qu'il nous faut travailler en prenant continuellement soin de ne pas confondre la faiblesse humaine et le droit de commettre des erreurs — prétexte qui dissimule facilement tant de choses — avec la légèreté voulue, l'immoralité ou les froids calculs de l'arriviste.

Je vois la société comme une sorte de pyramide, composée, au sommet, des meilleurs, en nombre réduit, et, à la base, de la grande masse. Dans la zone intermédiaire se trouvent des gens de toutes conditions, conscients de certaines valeurs d'ordre supérieur et décidés à agir en conséquence. Ces gens, ce sont des aristocrates et c'est d'eux que tout dépend. Ils enrichissent le sommet de la société par leurs œuvres et leurs paroles, et sa base par leur exemple, puisque les masses ne s'enrichissent que par le respect ou par le mimétisme. Aujourd'hui cette aristocratie n'existe pratiquement plus, elle a été en grande partie

submergée par le matérialisme et par la philosophie du succès. Mes parents m'expliquaient souvent qu'un « caballero », un aristocrate, est celui qui est incapable de faire certaines choses, alors même que la Loi, l'Eglise et la Société les approuvent ou les autorisent. Chacun de nous doit, s'il en a conscience, constituer individuellement une nouvelle aristocratie. C'est un problème urgent, et si pressant qu'il faut l'attaquer tout de suite. Nous devons commencer rapidement et continuer ensuite à avancer lentement, sans nous décourager. Le principal est de nous mettre au travail et alors, mais alors seulement, nous pourrions en parler.

À l'argent, à la vanité du succès, aux excès de la hâte, au manque de vie spirituelle ou de conscience, il faut opposer la consécration au travail, le métier, la bonne volonté, le temps, le pain quotidien et surtout l'amour qui est acceptation et don, et non possession et puissance. Voilà ce à quoi il faut s'accrocher.

On considère comme culture et comme formation architecturale le fait d'examiner, de montrer ou de connaître avec plus ou moins de profondeur l'aspect formel des œuvres des Grands Maîtres qui ne sont que les signes extérieurs d'une richesse spirituelle. On retrouve ainsi, dans notre profession, les mêmes critères que dans notre société matérialiste tout entière, où ne sont pris en considération que les signes extérieurs de richesse économique. Et nous nous lamentons, et nous nous plaignons alors, parce qu'il n'y a pas de grands architectes de moins de soixante ans, parce que la majorité des architectes sont mauvais, parce que les nouvelles urbanisations sont anti-humaines, et ceci dans le monde entier, presque sans exception, parce que nos cités anciennes sont détruites et que, le long de nos belles côtes méditerranéennes, on construit des maisons et des villages qui évoquent les plus mauvais décors de cinéma.

Il est pour le moins étrange qu'on dise et qu'on publie tant de choses sur les manifestations extérieures des Grands Maîtres (très variables en vérité) et qu'on ne parle qu'à peine de leur valeur morale. N'est-il pas étrange qu'on parle de leurs faiblesses ou qu'on les cite comme des curiosités, et que l'on considère en même temps comme sujet défendu, ou simple anecdote, leur attitude devant la vie et leur travail ?

N'est-il pas également étrange qu'ici, où Gaudí est si proche de nous (je connais personnellement des gens qui ont travaillé avec lui), on parle tellement de son œuvre et si peu de sa position morale et de l'orientation de sa vie professionnelle ?

Ce qui est encore plus étrange, c'est le contraste entre la grande valeur accordée à l'œuvre de Gaudí, œuvre qui est hors de notre portée, et le silence ou l'ignorance de sa position morale comme architecte et homme qui est à la portée de nous tous, à un degré plus ou moins élevé.

Il en est de même des Grands Maîtres de notre temps. On admire leurs œuvres ou, plus exactement, les formes de leurs œuvres, et c'est tout. On ne fait aucun effort pour approfondir et découvrir ce qu'elles renferment, c'est-à-dire le plus valable, ce qui justement est à notre portée. Bien entendu, y parvenir suppose l'acceptation de nos propres limites, ce que nous ne faisons pas, car presque tous les architectes veulent gagner beaucoup d'argent, ou devenir des Le Corbusier; et cela très souvent l'année même où ils terminent leurs études d'Architecture. Nous connaissons ici un architecte qui, frais émoulu de son école d'Architecture, a publié une sorte de manifeste imprimé sur papier de luxe, après avoir dessiné une « chaise... » si l'on peut appeler ainsi cet objet.

La véritable culture spirituelle de notre profession a toujours été l'apanage du petit nombre. La position qui permet l'accès à cette

culture est presque l'apanage de tous, et cela nous ne l'acceptons pas. De même, nous n'acceptons pas non plus le comportement culturel qui devrait être obligatoire et dont nous devrions tous être conscients.

Jadis, l'architecte avait de solides points d'appui. Beaucoup de choses étaient considérées comme bonnes, ou tout au moins inévitables, par la majorité; l'organisation de la société aussi bien en ce qui concernait ses problèmes sociaux que religieux, économiques, politiques, etc., évoluait lentement. Il existait d'autre part davantage d'abnégation, moins d'orgueil, et une tradition vivante à laquelle se référer. Malgré tous leurs défauts, les classes dirigeantes avaient une idée plus claire de leur mission, et elles manquaient rarement de choisir les meilleurs architectes; ainsi, la culture spirituelle se propageait tout naturellement. Les villes poussaient comme des plantes, de formes différentes, mais lentement, et animées de vie collective. La légèreté, l'improvisation ou l'irresponsabilité étaient rares. On créait des œuvres de toutes sortes qui avaient une valeur humaine que l'on ne retrouve aujourd'hui que très exceptionnellement. Parfois, mais assez peu fréquemment, se posaient des problèmes d'accroissement, mais, heureusement, sans que l'on éprouvât cette sensation qu'aujourd'hui, s'impose à nous, que l'évolution de notre société est très difficile à prévoir, si ce n'est à brève échéance.

De nos jours, les classes dirigeantes ont perdu le sens de leur mission; l'aristocratie du sang, comme celle de l'argent, celle surtout de l'intelligence, de la politique, de l'Eglise ou des Eglises, sauf quelques rares exceptions personnelles, contribuent de manière décisive par leur inutilité, leur esprit de lucre, leur soif de pouvoir et le manque de conscience de leurs responsabilités à la confusion architecturale actuelle.

D'autre part, les conditions sur lesquelles nous basons notre travail varient continuellement. Il existe des problèmes religieux, moraux, sociaux, économiques, d'enseignement, familiaux, énergétiques, qui peuvent changer, de manière imprévisible et brutale, le visage et la structure de notre société (il peut se produire des changements brutaux dont le sens nous échappe), et qui empêchent de faire des prévisions homogènes à longue échéance.

Comme je l'ai déjà dit, nous n'avons pas la tradition claire et vivante qui est essentielle pour la majorité d'entre nous. Les expériences tentées jusqu'à présent et qui, sans nul doute, ont représenté un apport sérieux, ne suffisent pas à tracer une voie pour les architectes qui exercent leur profession dans le monde entier. Faute de cette tradition claire et vivante, et dans le meilleur cas, on cherche une solution dans le formalisme, dans une application rigoureuse de méthodes ou de routines, et dans les clichés des Grands Maîtres glorieux de l'architecture actuelle, en faisant abstraction de leur esprit, des circonstances dans lesquelles ils ont créé, et surtout en dissimulant par de grands mots notre totale irresponsabilité (qui est souvent absence de pensée), notre ambition et notre légèreté. Il est naïf de croire, comme on le croit, que l'Idéal et l'exercice de notre profession peuvent se condenser en slogans comme « soleil », « lumière », « air », « verdure », « architecture sociale » et autres. Une base formaliste et dogmatique, surtout si elle est partielle, est mauvaise en soi, sauf en des occasions rarissimes et catastrophiques. De tout cela, on peut déduire, selon moi, que, quelle que soit la diversité des voies qu'ils choisissent, les architectes conscients doivent tous avoir quelque chose de commun, quelque chose qui doit exister en nous tous. Et je reviens ici au commencement de cet article, sans vouloir donner de leçons à personne, rempli seulement d'une conviction sincère et profonde.

(1) Cet article a été publié dans la Revue italienne *Domus* (novembre 1961) qui a bien voulu nous autoriser à le reproduire.

Figura 44 - Artigo dedicado a *Architecture pour l'homme ou architecture générale* na revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*, N.100 (Fev./Mar. 1962) [digitalização cedida pela Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian]

architecture 'géniale'/Arquitetura para o homem ou arquitetura 'genial'”²⁰⁷. Ao longo do levantamento sobre as publicações deste texto, encontramos apenas dois momentos onde o título não é “No son genios lo que necesitamos ahora” nem uma tradução deste. Um desses casos é esta publicação pela *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, o outro é, ironicamente, outra publicação em francês, na revista *13 Étoiles: Reflets Du Valais, Wallis Im Bild*²⁰⁸, onde o título passa a ser “Les génies inutiles/Os génios inúteis”. O título do *manifesto*, ao utilizar a conjunção disjuntiva “ou”, acaba por poder ter uma leitura por exclusão de uma parte comparativamente à outra, revelando uma alternativa — arquitetura para o homem em vez de arquitetura genial, dando a ideia que a arquitetura não pode ser, ao mesmo tempo, do homem e ser genial. É um título eloquente, que acaba por evidenciar a ideia principal do texto — a arquitetura deve ser feita tendo em conta os mesmos valores que se aplicam aos homens, com honra, com boa vontade e acima de tudo com dedicação.

Do mesmo modo que as outras publicações referenciam a *Domus*, também a revista francesa o faz:

“Este artigo foi publicado na revista italiana *Domus*, que nos autorizou a reprodução.”²⁰⁹

Quando nos fixamos no texto percebemos que, tal como as publicações espanholas, não é fiel ao artigo da *Domus* — começa com o parágrafo diferente, não faz referência à frase sobre as “boas escolas e bons professores”²¹⁰, e utiliza a interrogativa. No oitavo parágrafo do texto divulgado pela *L'Architecture d'Aujourd'Hui* salta à vista a não tradução de “caballero”, em português cavalheiro. É significativo que a única palavra que não é traduzida, seja um adjetivo que expressa uma atitude de generosidade e nobreza ao mesmo tempo, de um “gentilhomme”²¹¹ — apesar de lançarmos esta proposta de tradução, concordamos com a revista francesa, no sentido em que esta duplicidade de sentido na palavra “caballero” é difícil de traduzir.

Na segunda metade do ano de 1962, surgem duas publicações em Espanha e uma em Inglaterra. Em relação às espanholas, uma foi na revista *Temas de Arquitectura*²¹² e a outra foi através da *Hogar y Arquitectura*²¹³.

207 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - Architecture pour l'homme ou architecture géniale. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*. N.100 (Fev./Mar. 1962)

208 CODERCH, José - Les génies inutiles. *13 Étoiles: Reflets Du Valais, Wallis Im Bild*. N.11 (Nov. 1989)

209 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - Architecture pour l'homme ou architecture géniale. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*. N.100 (Fev./Mar. 1962)

210 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora/ It is not geniuses that we need to-day. *Domus*. N. 384 (Nov. 1961)

211 Proposta da autora de uma possível tradução para a palavra “caballero”, em CODERCH, José - Architecture pour l'homme ou architecture géniale. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*. N.100 (Fev./Mar. 1962)

212 CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Temas de Arquitectura*. N. 37 (1962)

213 CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Hogar y Arquitectura*. N. 42 (Set./Out. 1962) p.71

NO SON GENIOS LO QUE NECESITAMOS AHORA

(Publicado en la revista "Domus", noviembre 1961)

Al escribir esto no es mi intención ni mi deseo sumarme a los que gustan de hablar y teorizar sobre arquitectura. Pero después de veinte años de oficina, circunstancias imprevisibles me han obligado a congregar mis puntos de vista y a escribir modestamente lo que sigue:

Un viejo y famoso arquitecto americano, si no recuerdo mal, le decía a muchos más jóvenes que la pedía un consejo: «Abre bien los ojos, mira, es mucho más sencillo de lo que imaginas.» También le decía: «Detrás de cada edificio que ves hay un hombre que no ves.» Un hombre, no decía siquiera un arquitecto.

No, no creo que sean genios lo que necesitamos ahora. Creo que los genios son acontecimientos, no metas o fines. Tampoco creo que necesitamos pontífices de la arquitectura, ni grandes doctrinarios, ni profetas, siempre dudosos. Algo de tradición viva está todavía a nuestro alcance, y muchas viejas doctrinas morales en relación con nosotros mismos y con nuestro oficio o profesión de arquitectos (y empleo estos términos en su mejor sentido tradicional). Necesitamos aprovechar lo poco que de tradición constructiva y, sobre todo, moral ha quedado en esta época en que las más hermosas palabras han perdido prácticamente su real y verdadera significación.

Necesitamos que miles y miles de arquitectos que andan por el mundo piensen menos en Arquitectura (con mayúscula), en dinero o en las ciudades del año 2000, y más en su oficio de arquitecto. Que trabajen con una cuerda atada al pie, para que no puedan ir demasiado lejos de la tierra en la que tienen raíces, y de los hombres que mejor conocen, siempre apoyados en una base firme de dedicación, de buena voluntad y de honradez (honor).

Tengo el convencimiento de que cualquier arquitecto de nuestros días medianamente dotado, preparado o formado, si puede entender esto también pueda fácilmente realizarlo: la obra verdaderamente viva. Esto es para mí lo más importante, mucho más que cualquier otra consideración o finalidad, sólo en apariencia de orden superior.

Creo que nacará una auténtica y nueva tradición viva de obras que pueden ser diversas en muchos aspectos, pero que habrán sido llevadas a cabo con un profundo conocimiento de lo fundamental y con una gran conciencia, sin preocuparse del resultado final que, afortunadamente, en cada caso se nos escapa y no es un fin en sí, sino una consecuencia.

Creo que para conseguir estas cosas hoy que desaparecen antes de muchas ideas claras, de muchos palabras e ideas buenas, y trabajar de uno en uno, con la buena voluntad que se introduce en acción propia y existencia, más que en doctrinamiento. Creo que la mejor enseñanza es el ejemplo: trabajar vigilando continuamente para no confundir la flojera humana, el derecho a equivocarse—cosa que cubre tantas cosas—, con la voluntaria ligereza, la inmaterialidad o el frío cálculo del trapador.

Imagino o la sociedad como una especie de pirámide, en cuya cúspide estarían los arquitectos y artesanos numerosos, y en la amplia base las masas. Hay una zona intermedia en la que existen gentes de toda condición que tienen conciencia de algunos valores de orden superior y están decididos a obrar en consecuencia. Estos gentes son aristócratas y de ellos depende todo. Ellos enriquecen la sociedad hacia la cúspide con obras y palabras, y hacia la base con el ejemplo, ya que las masas sólo se enriquecen por respeto o mimetismo. Esta aristocracia hoy prác-

ticamente no existe, ahogada en su mayor parte por el materialismo y la filosofía del éxito. Sollen decirme mis padres que un caballero, un aristócrata es la persona que no hace ciertas cosas, aun cuando la ley, la Iglesia y la mayoría las aprueben o las permitan. Cada uno de nosotros, si tenemos conciencia de ello, debemos individualmente constituir una nueva aristocracia. Este es un problema urgente, tan apremiante que debe ser acometido en seguida. Debemos empezar pronto y después ir avanzando despacio sin desánimo. Lo principal es empezar a trabajar y entonces, sólo entonces, podremos hablar de ello.

Al dinero, al éxito, al exceso de propiedad o de ganancias, o la ligereza, la prisas, la falta de vida espiritual o de conciencia hoy que enfrentan la dedicación, el oficio, la buena voluntad, el tiempo, el pan de cada día y, sobre todo, el amor, que es aceptación y entrega, no posesión y dominio. A esto hoy que ofrecemos.

Se considera que cultura o formación arquitectónica es ver, enseñar o conocer más o menos profundamente las realizaciones, los signos exteriores de riqueza espiritual de los grandes maestros. Se aplica a nuestro oficio los mismos procedimientos de clasificación que se emplean (signos exteriores de riqueza económica) en nuestra sociedad materialista. Luego nos lamentamos de que ya no hay grandes arquitectos menores de sesenta años, de que la mayoría de los arquitectos son malos, de que las nuevas urbanizaciones resultan antihumanas casi sin excepción en todo el mundo, de que se destruyen nuestras viejas ciudades y se construyen casas y pueblos como decorados de cine o lo largo de nuestros hermosos costas mediterráneas.

Es por lo menos curioso que se hable y se publique tanto acerca de los signos exteriores de los grandes maestros (signos muy valiosos en verdad), y no se hable apenas de su valor moral. ¿No es extraño que se hable o escriba de sus flojeras como cosas curiosas o equívocas y se oculte como tema prohibido o anecdótico su posición ante la vida y ante su trabajo?

¿No es curioso también que tengamos aquí, muy cerca, a Gaudí (yo mismo conozco a personas que han trabajado con él) y se habla tanto de su obra y tan poco de su posición moral y de su dedicación? Es más curioso todavía el contraste entre lo mucho que se valora la obra de Gaudí, que no está a nuestro alcance, y el silencio o ignorancia de la moral o la posición ante el problema de Gaudí que, esto sí, está al alcance de todos nosotros.

Con grandes maestros de nuestra época pasa prácticamente lo mismo. Se admiran sus obras, o mejor dicho, los formas de sus obras y nada más sin profundizar para buscar en ellas lo que tienen dentro, lo más valioso, que es precisamente lo que está a nuestro alcance. Claro que esto supone aceptar nuestro propio techo o límite, y esto no se hace así porque casi todos los arquitectos quieren ganar mucho dinero, o ser Le Corbusier; y esto el mismo año en que cubren sus edificios. Hay aquí un arquitecto recién salido de la Escuela, que ha publicado ya una especie de manifiesto impreso en papel valioso después de haber diseñado una silla, si podemos llamarla así.

La verdadera cultura espiritual de nuestra profesión siempre ha sido patrimonio de unos pocos. La postura que permite el acceso a este cultura es patrimonio de casi todos, y esto no lo aceptamos, como no aceptamos tampoco, el comportamiento cultural,

45

71

La Revista ARQUITECTURA trae a sus páginas un tema de vigente actualidad, en la revisión de muchos aspectos del fenómeno arquitectónico español. Han pasado muchos años en los que hemos visto modas, imitaciones, concepciones absurdas y buenas intenciones, abrigado todo o casi todo por un clima bastante ajeno a nuestra radical y diversa geografía. No es extraño encontrar recorriendo España logradas y acogedoras construcciones "californianas" en la dura y seca meseta castellana, o en la luminosa andalucía, el más rico muestrario de pequeñas viviendas de la más fina traza "nórdica". Nada es de extrañar, porque la tendencia a la imitación es más primitiva que la tendencia a la sensibilidad.

Bajo el pretexto del "bien común" y de otros tantos slogan de actualidad se ha hecho que España, hace más de un siglo, se moviera por un ansia de huir hacia su cuerpo hacia corrientes y modos de vida de otras naciones más prósperas, pero su dirección o estuvo mal planeada o en el fondo se buscaban otras intenciones radicalmente distintas. Unamuno lo vió bien claro cuando declaraba que "lo que suele llamarse España no es eso, sino justamente el fracaso de eso", "quién sabe, si dedicáramos algún tiempo a la meditación icológica... descubriremos que la vida exterior que hoy arastra a nuestro país, no tiene nada que ver con su vida íntima inexplorada". Con la mejor intención y el mejor deseo traemos a estas páginas de la Revista, una nueva y auténtica revisión de unos valores que encierran el mejor sentir y vivir del pueblo español no para una valoración arqueológica o folklórica, que aún quedan patentes y casi recientes sus últimas creaciones, sino para un conocimiento serio y profundo de lo que encierra una tradición y una cultura con su carga positiva de valores.

Ahora que en la intención de los más jóvenes parece que brilla un rayo de esperanza, que borra fronteras y brota una conciencia de responsabilidad individual, frente a las rutinas establecidas, cuando el cinismo y la desilusión parece que empiezan a sepultarse, se traen a revisión unos valores que, por razones que no son del caso analizar, no dieron en la posguerra su eficacia y su fruto, como tampoco lo ha dado el mimetismo formal de las distintas corrientes arquitectónicas, por las que ha discurrido la arquitectura española en sus dos últimas décadas.

Es necesario continuar, abandonando el lastre que transforma al vivir con integridad, en rutina y pillaje. El panorama medio de la arquitectura española no puede ser más desolador, ni más mediocre sus resultados; estas páginas son una llamada, no una fórmula, a reconsiderar muchos aspectos, realidades e ideales.

Una meditación sosegada de alguna de estas premisas, nos podría empezar abrir el camino y a no seguir "enquistados en nuestra verdad", porque si esa España que desconocemos llega alguna vez a mantener sus rasgos esenciales con la autenticidad necesaria, "quizá lograse inventar vitalmente, la fórmula del progreso humano sin sacrificar al hombre libre", esto que para algunos es feliz intuición, se comprueba en cualquiera de los aspectos en que el país se nos muestra con sana y abierta intención.

A. F. A.

46

4

Figura 45 - Artículo dedicado a *No son genios lo que necesitamos ahora* na revista Hogar y Arquitectura N.42 (Set./Out.1962) [Digitalização de Marta Labastida, a partir de exemplar disponível na Biblioteca do COAC - Col·legi d'Arquitectes de Catalunya]

Figura 46 - Artículo dedicado à arquitetura anónima, publicado na revista madrileña Arquitectura, N. 46 (Out. 1962) [https://www.coam.org.es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anios/etapa-1959-1973/revista-arquitectura-n46-October-1962]

A publicação na revista editada por Carlos Flores, *Hogar y Arquitectura* (Figura 45), no número de Setembro/Outubro de 1962, não é, tal como tinha acontecido na revista madrilena *Arquitectura*, acompanhada pela divulgação de outras obras de J. A. Coderch — o texto ocupa o lugar de destaque. Neste número, é publicado um artigo do próprio editor intitulado *Arquitectura anónima*²¹⁴, onde Flores explica que a revista vai dedicar alguns artigos a esta temática, onde se “irão apresentar aspectos valiosos de diversas obras arquitetónicas que não têm sido, até ao momento, objecto da atenção merecida”²¹⁵.

Se “Architecture pour l’homme ou architecture ‘géniale” expressa a ideia de que precisamos de uma arquitetura humanizada, a publicação de “No son genios lo que necesitamos ahora” no mesmo número onde se fala da “Arquitectura anonima” não é por acaso. Da mesma forma que é significativo quando a *Arquitectura* (COAM), no número 46 de Outubro desse ano, dedica exclusivamente o número à “Arquitectura anónima de España”²¹⁶ (Figura 46) e publica a fotomontagem de J. A. Coderch sobre a arquitetura popular. O tema do anonimato na arquitetura está, de facto, ligado à arquitetura popular, aquela que não é feita nem por génios nem por mestres. Nesta publicação da revista dirigida por Carlos de Miguel, encontramos publicado um excerto do poema “El mañana efímero” de Antonio Machado (Figura 30):

“Nasce de novo Espanha,
a Espanha do cinzel e do maço,
com aquela juventude de que é feita,
do sólido passado da raça.”²¹⁷

Esta estrofe, ao salientar “do cinzel e do maço”, apresenta uma conotação maçónica que se confirma até pela integração do próprio poeta nessa fraternidade.

A publicação de “No son genios lo que necesitamos ahora”, na *Hogar y Arquitectura*, segue a mesma linha da divulgação da *Cuadernos de Arquitectura* e da *Arquitectura*, principalmente no que diz respeito ao texto. Tal como acontece nas acima referidas, apresenta o parágrafo inicial e os parágrafos intermédios que não encontramos na *Domus*, o corpo de texto apresenta interrogações, e não é publicada a frase sobre as escolas. Uma característica que ainda não ressaltámos é o facto de todas as publicações do *manifesto* nas revistas espanholas, que abordámos até ao momento, sinalizarem através de itálico ou sublinhado as expressões “aparentemente” e “não são suficientes”, nas frases:

“Isto, para mim, é o mais importante, muito mais do que qualquer outra

214 FLORES, Carlos - *Arquitectura anónima*. *Hogar y Arquitectura*. N. 42 (Set./Out. 1962) p. 51

215 Tradução livre da autora, a partir de: FLORES, Carlos - *Arquitectura anónima*. *Hogar y Arquitectura*. N. 42 (Set./Out. 1962) p. 51

216 *Arquitectura anónima de España*. *Arquitectura* (COAM). N. 46 (Out. 1962)

217 Tradução livre da autora, a partir de: *Arquitectura anónima de España*. *Arquitectura* (COAM). N. 46 (Out. 1962) p.3

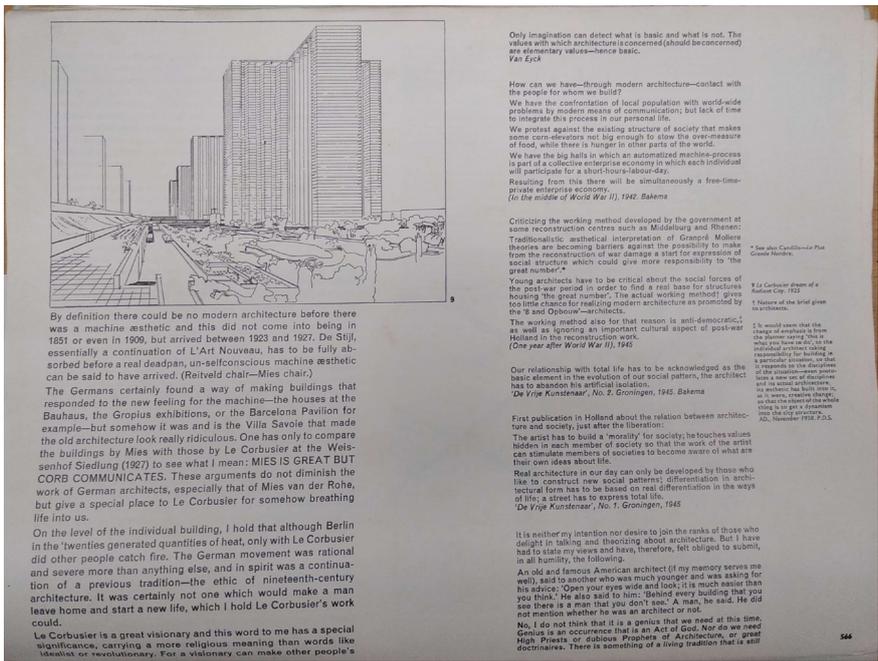
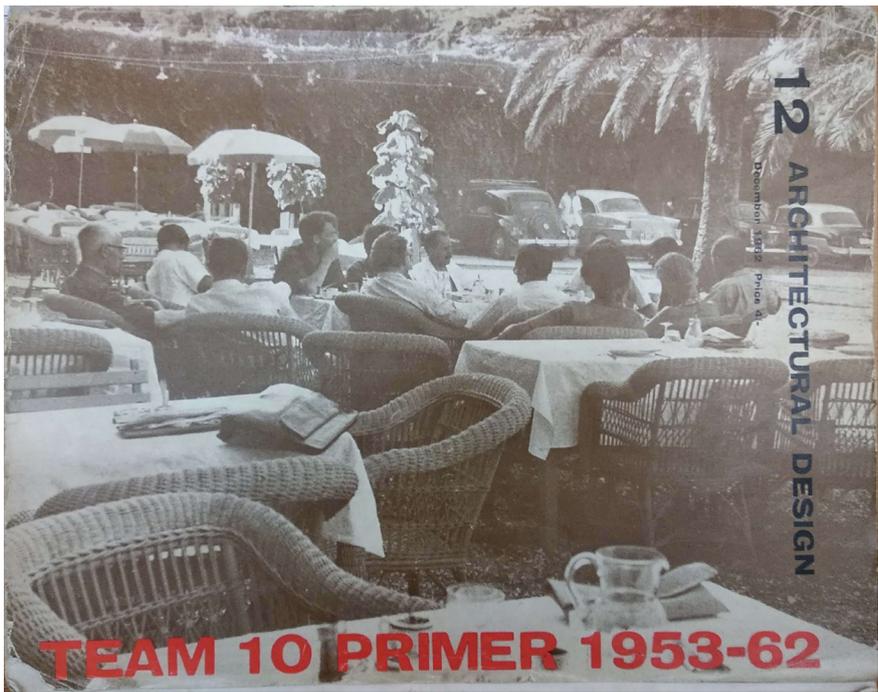


Figura 47 - Capa da revista Architectural Design - Team 10 Primer N.12 (Dez.1962) [Digitalização da autora, a partir de exemplar disponível na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto]

Figura 48 - Artigo dedicado a *It is not geniuses that we need now* na revista Architectural Design - Team 10 Primer N.12 (Dez.1962) [Digitalização da autora, a partir de exemplar disponível na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto]

consideração ou finalidade, que *aparentemente* deveria ter precedência.” [...] As experiências levadas a cabo até agora e que, sem dúvida, em alguns casos representam uma grande contribuição, *não são suficientes* para revelar o caminho essencial que a maioria dos arquitetos, que praticam a sua profissão no mundo inteiro, devem seguir”²¹⁸

Esta sinalização não é feita pela revista italiana na sua publicação, embora tenha sido feita na publicação do *postboxletter* em dezembro de 1961. O advérbio de modo, *aparentemente*, expressa hesitação por parte de J. A. Coderch; enquanto *não são suficientes*, indica a não obtenção de um nível satisfatório, neste caso, de contribuições.

Cronologicamente, a publicação que se seguiu foi a primeira publicação no Reino Unido em dezembro de 1962, um ano após a publicação no *postboxletter*, na *Cuadernos de Arquitectura* e na portuguesa *Arquitectura*. Esta divulgação ficou a cargo da *Architectural Design*, que concedeu a Alison Smithson a edição do número dedicado ao trabalho do Team 10. A arquiteta inglesa escolheu o título *Team 10 Primer 1953-62*²¹⁹, que será novamente utilizado em 1968 quando o número é editado em livro.

A capa da edição de dezembro (Figura 47) é composta por uma fotografia que parece denunciar a descontração vivida nos encontros do grupo. Tal como a capa, todo o número segue a formatação na horizontal, oposta à habitual verticalidade. A organização parte de dois princípios, o papel do arquiteto²²⁰, onde são exploradas algumas contribuições teóricas, e as práticas projetuais²²¹, divididas em três pontos: “Urban infra-structure”, “Grouping of dwellings” e “Doorstep”. O *manifesto* de J. A. Coderch (Figura 48) é apresentado no primeiro segmento sobre o papel do arquiteto. O texto é apresentado em inglês, assim como todas as peças escritas ao longo do número, e ao contrário do que acontece com as outras publicações, este não referencia a *Domus*. Na última linha dedicada ao arquiteto catalão podemos ler:

“J. A. Coderch de Sentmenat, Barcelona, Agosto de 1961”

A referência neste caso é a carta que J. A. Coderch envia a Bakema, o que nos leva a pensar que então o texto aqui apresentado segue a publicação do *postboxletter* de 1961, onde a carta foi publicada. Contudo, verificamos que o texto publicado, na *Architectural Design*, não segue à risca o texto divulgado pela caixa postal do Team 10. A publicação do *manifesto* pela revista inglesa enuncia características que encontramos na *Domus*, como por exemplo na supressão e na alteração de alguns parágrafos, da mesma forma que apresenta características que encontramos no *postboxletter* ou nas publicações em Espanha e França, onde se começa com um parágrafo diferente e onde o texto faz uso da interrogação.

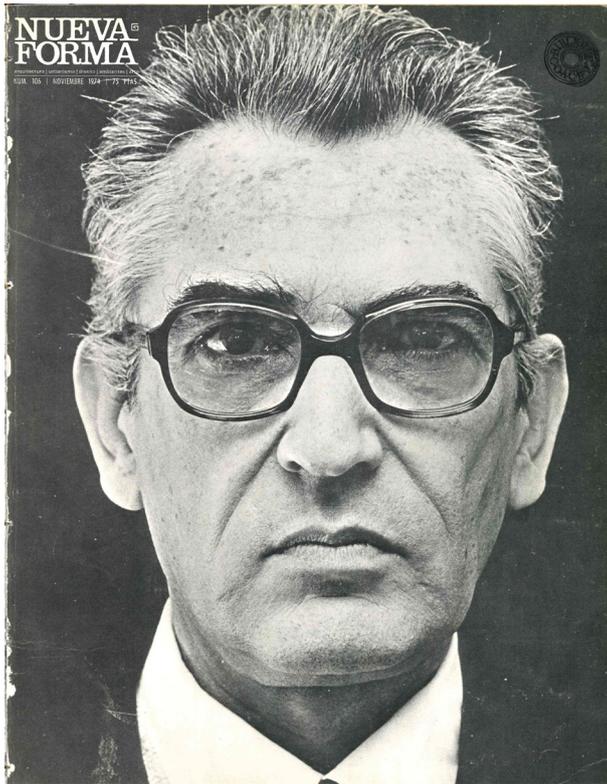
A publicação deste número da *Architectural Design* e depois a republicação em livro em 1968

218 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Hogar y Arquitectura*. N. 42 (Set./Out. 1962) p.71

219 Team 10 Primer 1953-62. *Architectural Design*. N.12 (Dez. 1962)

220 Tradução livre da autora, a partir de: Team 10 Primer 1953-62. *Architectural Design*. N.12 (Dez. 1962)

221 Tradução livre da autora, a partir de: Team 10 Primer 1953-62. *Architectural Design*. N.12 (Dez. 1962)



49

... casa semilosa en cadaqués (gerona) 1958

■ no son genios lo que necesitamos ahora

■ Jose antonio castells

Un viejo y famoso arquitecto americano, al ser recordado mal, le decía a otro muchacho más joven que le podía aconsejar: "Apre bien los ojos, mira el mundo más sencillo de lo que te imaginas". También le decía: "Tener de cada edificio que ves hay un hombre que no ve". Un hombre, no decía siquiera un arquitecto.

No, no creo que sean genios los que necesitamos ahora. Creo que los genios son acontecimientos, no metas o fines. Tampoco creo que necesitamos Pontífice de la Arquitectura, ni grandes doctrinas. Algo de tradición viva está todavía a nuestro alcance, y muchas veces doctrinas morales, en relación con nuestro oficio (oficio de arquitecto y con nosotros mismos). Creo que necesitamos, sobre todo, buenos ejemplos y buenos profesores. Necesitamos aprovechar la nuestra tradición, creativa, y sobre todo la tradición moral, en esta época en que tantas hermosas palabras han perdido su verdadera significación.

Necesitamos que miles y miles de arquitectos piensen menos en Arquitectura, en dinero, o en las ciudades del año 2000, y más en el oficio de arquitecto. Que trabajen con una honestidad al por, para que no puedan ir demasiado lejos de la tierra en la que tienen raíces, y de los hombres que mejor conocen siempre apropiados en una base firme de dedicación, de buena voluntad y honor.

Creo que para conseguir estas cosas, hay que desprenderse antes de muchas ideas ideas claras, de muchas palabras buenas, y trabajar de uno en uno, con la honestidad. Creo que se debe considerar en el ejemplo; trabajar vigilante constantemente para no confundir la figura humana, el derecho a equivocarse, con el poder tan fácil, con la voluntad a la ligera, la inestabilidad o el frío cálculo del terapeuta.

La sociedad se enfriega espiritualmente hasta la cumbre con otras y palabras, hasta la base por materialismo y respeto a una aristocracia, que hoy peligrosamente existe, abogada en gran parte por el materialismo, por la filosofía del dinero. En España, no explican caben sin poder, sin ciudades, sin arquitectura, es la persona que no puede hacer cosas que le bajen la gloria, y la mayoría aprobada a persona. Hay que encontrar una nueva aristocracia de uno mismo. Creo que si la única manera de no perder el alma. Hay que ir despacio y empezar pronto. Esperar cada uno de nosotros y en todo caso hablar largo de él.

Al dinero, al éxito, al exceso de propiedad o ganancia, a la ligereza o la prisa, a la falta de vida espiritual o de conciencia, hay que enfrentar: la dedicación, el oficio, la buena voluntad, el tiempo, el que de cada día y sobre todo el amor, que es ocupación y entrega, no posesión y dominio. A esto hay que adherirse.

Se considera que cultura o formación arquitectónica es ver o conocer más o menos profundamente las realizaciones, los signos exteriores de riqueza espiritual, de los grandes maestros. Se aplican a nuestro oficio las mismas procedimientos de clasificación que se emplean (signos exteriores de riqueza económica) en nuestra sociedad materialista. Luego nos lamentamos, porque ya no hay grandes arquitectos maestros de 60 años, porque la mayoría de los arquitectos son más jóvenes, porque las nuevas urbanizaciones resultan antihumanas, porque se destruyen muchas viejas ciudades, y se construyen otras y pueblos como decenas de otros a lo largo de nuestras hermosas costas Mediterráneas.

Es por lo mismo curioso que se hable y se publique tanto, sobre los signos exteriores de los grandes maestros (signos muy valiosos en verdad), y no se hable apenas de su valor moral.

Es curioso que se hable o escriba de sus dibujos como cosas curiosas o espirituales, y se oculte como tema prohibido o anecdótico su posición ante la vida y ante su trabajo.

Es curioso, aquí tenemos a Gaudí muy cerca (yo mismo conozco personas que lo han tratado personalmente en su trabajo), que se habla tanto de su obra y tan poco de su posición moral y de su dedicación. Es más curioso todavía el contraste entre lo mucho que se celebra la obra de Gaudí, que no está a nuestro alcance, y el silencio o ignorancia de la moral o posición ante el problema de Gaudí, que esto sí, está al alcance de todos nosotros.

Con grandes maestros de nuestra época, pero perfectamente lo mismo, se realizan sus obras, o mejor dicho las formas de sus obras y más más, se priorizan para buscar en ellas lo que tienen dentro. Lo más valioso, que es precisamente lo que está a nuestro alcance: Clavo está que éste no puede aceptar nuestro propio hecho humano. Y esto no se hace, porque así todos los arquitectos, quieren tener muchos dinero, o ser Le Corbusier; y esto el mismo año que muchos son estudiantes de Arquitectura.

50

Figura 49 - Capa da revista Nueva Forma, N. 106 (Nov. 1974) [Digitalização de Marta Labastida, a partir de exemplar disponível na Biblioteca do COAC - Col·legi d'Arquitectes de Catalunya]

Figura 50 - Artigo dedicado ao texto *No son genios lo que necesitamos ahora*, publicado na revista Nueva Forma, N. 106 (Nov. 1974) [Digitalização de Marta Labastida, a partir de exemplar disponível na Biblioteca do COAC - Col·legi d'Arquitectes de Catalunya]

fecham as divulgações do texto nos anos 1960. Ao longo dos anos 1970 e 1980 identificamos algumas publicações em Espanha e França, e ainda a primeira divulgação do texto na Ásia em finais de 1970.

Em novembro de 1974, a *Nueva Forma*²²² lança um número monográfico dedicado a J. A. Coderch. Ao longo do número 106 da revista madrilena, são expostos vários projetos de arquitetura assim como grande parte das suas peças escritas que marcaram os mais de trinta anos de carreira do arquiteto catalão. De todas os números analisados durante esta investigação, este é o primeiro onde o próprio J. A. Coderch é a capa (Figura 49), mostrando assim primeiro o homem, e depois o seu ofício. Nesta publicação, o texto (Figura 50) é uma cópia fiel ao apresentado pela *Domus* e pela portuguesa *Arquitectura* — não utiliza, por exemplo, as interrogações no discurso, e é a primeira publicação desde 1961 onde volta a aparecer a frase:

“Creio que precisamos, sobretudo, de boas escolas e de bons professores.”²²³

É significativo, que já nos anos 1970 a revista não republique o texto publicado pelas conterrâneas, quase dez anos antes, mas vá reproduzir a primeira publicação do *manifesto*. Mas o que aqui podemos ainda evidenciar é o facto da *Nueva Forma* não colocar a típica nota que a maioria das revistas utilizou, mesmo quando não correspondia, dizendo que é reproduzido o texto publicado inicialmente na *Domus*. Em nota final nesta publicação de 1974, podemos ler:

“ J. A. Coderch, arquiteto. Agosto de 1961 ”²²⁴

Esta nota final parece remeter para a data da carta de J. A. Coderch ao *Post Box for the development of the Habitat*, embora possa ser apenas a referência à data de escrita.

Esta publicação pela *Nueva Forma* parece ser a última dos anos 1970 no contexto europeu. Em 1976, “No son genios lo que necesitamos ahora” é divulgado pela primeira vez na Ásia através da revista *A+U: Architecture and Urbanism*²²⁵. O número 62 da revista japonesa é inteiramente dedicado a J. A. Coderch, sendo expostos, tal como acontece na *Nueva Forma*, vários projetos que ilustram o percurso do arquiteto.

O *manifesto* de 1961 é publicado em japonês (Figura 51) com caracteres *kanji*, sendo que até o apelido Coderch é traduzido pelos caracteres. Infelizmente, tendo em conta a barreira linguística, não podemos avançar em considerações e especificidades como procedemos com as publicações anteriores. Alguma bibliografia aponta para esta publicação como sendo bilingue, embora o número ao qual tivemos acesso, por cortesia da Biblioteca do COAC²²⁶, não contenha a versão em inglês.

222 [Nueva Forma](#). N.106 (Nov. 1974)

223 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. [Nueva Forma](#). N.106 (Nov. 1974)

224 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. [Nueva Forma](#). N.106 (Nov. 1974)

225 CODERCH, José – It is not geniuses that we need now. [A+U: Architecture and Urbanism](#). N.62 (1976)

226 COAC - Col·legi d'Arquitectes de Catalunya

本論を書くに際して、私は、建築について語りあるいは理論付けることに楽しみを見出す人たちの仲間入りをしたかと思っているわけでもなければ、願っていない。しかし私はこれまで自分の意見を表明しなくてはならない立場におかれてきた。そしてそれゆえに、どんなに控えたいにせよ、以下のことだけは語る必要があると感じている。

高齢の著名なアメリカの建築家（私の記憶が正しければ）に対して若い建築家が助言を求めた時に、彼は「あなたの目を十分にあげなさい。そして注意深く見なさい。そんなに難しいことはありませんよ」と答えた。さらにまた「あなたが見るすべての建物の背後には、目に見えない一人の男が潜んでいます」とも語った。彼は「一人の男」といったのであってその男が建築家であるのかないのかは語っていない。

まさにそのとおりで、今必要なのは天才ではないと思う。天才とは「神の行爲」に属すべき偶然的な出来事であり、到達できない目的地である。同様に建築の「大司祭」やいかかわしい「予言者」あるいは壮大な空論家もまた必要ではない。われわれにとって今なお手の届く範囲の中に、ある種の生きた伝統が残っており、また建築家の職業や仕事（私がここでいう職業とか仕事という語は厳密に伝統的な言葉の用法で用いている）に関しての古くからの道徳上の原則も多く存在している。われわれの言語の中の精華すらその真の脈絡を喪った現代にあっては、微かに残されたものは（建設的伝統、そして何をいってもその道徳的な伝統は）何であれ有効に利用されなくてはならない。

多数の建築家が、「建築」や金銭的収入の多寡、あるいは紀元2000年の都市などについて考えるのではなく、建築家としての職業について考える必要がある。彼らは自らが根ざしている土壌から、自らが知悉している人々から遊離することのないように、しっかりと足を踏まえて働き、その根底には常に献身と善意と名譽を確保するべきである。

過度に天分に恵まれ、教育を受け、自己啓発を図っている建築家であって、私が語ったことを理解できる現代の建築家であれば誰でも真に生命のある作品を生み出すことは容易である。私は確信している。生命のある作品を生み出すことこそ最も重要なことであり、また、他の「一見」重要そうに見える考慮あるいは結果よりも重要なのである。

作品はやり方によってはまったく異なる様相を呈するものであるが、結果について思い悩むことなどせずに（そして有難いことに、たいていわれわれは苦慮すべき事態に陥ることなく、また悩むこと自体が目的でもない）、ただ諸原則として素晴らしい自覚を十分に認識した上で作品が生み出された場合は、この作品は粉れもない、生き生きとした新たな伝統を創出するものとなる。

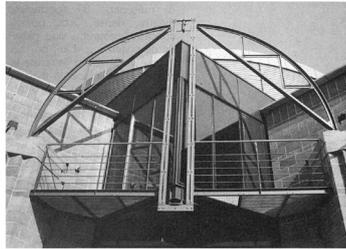
これを達成するためには、まず第一に一見明らかに見えるが実は誤っている多くの観念や空虚な言葉を取り除かねばならない。次にわれわれのすべては、各人が担う究極的責任に専心するのはなく、作品や教育の中に持ち込まれた形での弊い決意を持ちつつ働く必要があると思う。私の意見では、最良の教育とは、われわれの職業について教えること、つまりおおいなる信念をもって働くことを教えることだと思

必要なのは天才ではない

IT IS NOT GENIUSES THAT WE NEED NOW BY J. A. CODERCH
J.A. コデルク

51

Les nouveaux architectes sont arrivés



Élément moderne d'architecture - Crochetan, Monthey

Les génies inutiles

Je ne crois pas que ce soit de miracles ou de génies dont nous ayons besoin aujourd'hui. Je crois que les génies sont des événements, pas des buts ou des objectifs. Je ne crois pas non plus que nous ayons besoin de grands pontifes de l'architecture, non plus que de grands docteurs, ni de prophètes, toujours suspects. Nous pouvons encore avoir à notre portée un peu de tradition vivante, et plusieurs vieilles doctrines morales qui se rapportent à nous-mêmes et à notre métier ou à notre profession d'architectes (et futilises ces termes dans leur sens traditionnel le meilleur). Nous avons besoin de profiter du peu de tradition et d'éthique véritables qu'il nous reste en ces temps où les mots les plus beaux ont pratiquement perdu leur signification réelle et véritable.

Nous avons besoin que les milliers et les milliers d'architectes qui sont sur cette planète pensent moins à l'Architecture (avec une majuscule), à l'argent et aux villes de l'an 2000, et plus à leur métier d'architecte. Qu'ils travaillent

avec une corde attachée aux pieds pour qu'ils ne puissent pas s'en aller trop loin du pays où se trouvent leurs racines et les hommes qu'ils connaissent le mieux, en s'appuyant toujours sur une base solide de dévouement, de bonne volonté et d'honnêteté. Je suis convaincu qu'aujourd'hui tout architecte moyennement doué et instruit qui comprend cela peut aussi réaliser une œuvre véritablement vivante. Cela compte beaucoup plus pour moi que n'importe quelle considération ou finalité d'ordre apparemment supérieur.

Je crois qu'une nouvelle tradition naîtra, authentique et vivante, d'œuvres qui peuvent être très différentes, mais qui auront été réalisées avec une connaissance profonde de ce qui est fondamental, et avec une grande conscience, sans s'inquiéter du résultat final qui, heureusement, nous échappe à chaque fois et qui n'est pas un but en soi mais seulement une conséquence.

J.A. Coderch

(Ce texte est extrait d'un article paru dans le numéro «Espagne» de l'Architecture d'aujourd'hui de 1960.)

52 20

Figura 51 - Artigo dedicado a *It is not geniuses that we need now* na revista A+U: Architecture and Urbanism. N.62 (1976) N. [Digitalização de Marta Labastida, a partir de exemplar disponível na Biblioteca do COAC - Col·legi d'Arquitectes de Catalunya]

Figura 52 - Artigo dedicado ao texto *Le génies inutiles* publicado na revista 13 Étoiles: Reflets Du Valais, Wallis Im Bild. N.11 (Nov. 1989) [https://core.ac.uk/download/pdf/43663283.pdf]

No levantamento das publicações que realizámos para a década de 1970, encontramos outras publicações para além das aqui apresentadas. Todavia, certamente existiu alguma publicação deste *manifesto* no continente americano, além da publicação de Joan Ockman²²⁷ em 1993, principalmente na faixa sul, tendo em conta a partilha de idioma.

Na segunda metade dos anos 1980, identificamos duas publicações póstumas²²⁸, ambas em francês. A primeira é de 1987, tendo sido publicada pela revista *Techniques et Architecture*²²⁹. Ao contrário do que aconteceu em 1962, quando a *L'Architecture d'Aujourd'Hui* atribui um nome diferente ao *manifesto*, esta publicação francesa traduz o título original, “Nous n’avons plus besoin de génies” apesar de não reconhecer o enquadramento temporal do “agora”, em francês “maintenant”. A outra divulgação em francês, foi pela revista *13 Étoiles: Reflets Du Valais, Wallis Im Bild*²³⁰ (Figura 52) em novembro de 1989. Esta altera o nome do artigo para “Les génies inutiles/Os génios inúteis”, passando a expressar-se no título um juízo de valor superior ao que acontecia com o original. Com o título “No son genios lo que necesitamos ahora”, o leitor, ao partir de uma negação tem a intuição de perguntar “mas porquê?”, obtendo uma resposta fundamentada ao longo da leitura. Por outro lado, quando se parte do título “Os génios inúteis”, o leitor parte de uma afirmação que circunscreve não o grupo geral dos génios, mas sim de um subgrupo — os que dentro dos génios são inúteis.

3.3 Da receção do texto à sua interpretação crítica (1961-2019)

Algumas publicações de “No son genios lo que necesitamos ahora” foram acompanhadas, por vezes no mesmo número, por críticas positivas ou negativas. Até ao momento, percorremos a receção e divulgação do artigo na imprensa escrita internacional. Neste último ponto abordaremos alguns dos comentários que representam a receção do artigo ao nível da crítica. Seleccionámos alguns momentos das seis décadas de vida do *manifesto*, que exprimem o espectro de reações diretas e indiretas (algumas reações partem de comentários gerais ao percurso do arquiteto) ao texto de 1961.

Quando a revista madrilena *Arquitectura* publicou em fevereiro de 1962, “No son genios lo que necesitamos ahora”, expôs comentários de quatro intervenientes: Luis Moya, Francisco de Inza, Juan Ramírez de Lucas e Alonso López Quintás. Não deixa de ser significativo o facto do grupo de críticos ser composto, metade por arquitetos, e a outra metade por intervenientes sem relação direta a essa área (mas não menos intelectuais). O primeiro comentário é do chefe de redação, Luis Moya²³¹ (Figura 53),

227 OCKMAN, Joan - **Architecture culture 1943-1968: a documentary anthology**. New York: Columbia Books of Architectures, re-imp. 1996. 0-8478-1522-6 p.335-337

228 José Coderch faleceu a 6 de novembro de 1984.

229 CODERCH, José - Nous n’avons plus besoin de génies. *Techniques et Architecture*. N.371 (Abr/Mai 1987)

230 CODERCH, José - Les génies inutiles. *13 Étoiles: Reflets Du Valais, Wallis Im Bild*. N.11 (Nov. 1989)

231 MOYA, Luis - Comentario de Luis Moya In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

Como he dicho ya en líneas anteriores, no tenemos la clara tradición viva que es imprescindible para la mayoría de nosotros. Las experiencias llevadas a cabo hasta ahora y que indolentemente en ciertos casos han representado una gran aportación, no son suficientes para que de ellas se desprenda el camino imprescindible que haya de seguir la gran mayoría de los arquitectos que ejercen su oficio en todo el mundo. A falta de esta clara tradición viva, y en el mejor de los casos, se busca la solución en formalismos, en la aplicación rigurosa del método o la rutina y en los tópicos de gloriosos y viejos maestros de la arquitectura actual, prescindiendo de su espíritu, de su circunstancia y, sobre todo, ocultando cuidadosamente con grandes y

magníficas palabras nuestra gran irresponsabilidad (que a menudo sólo es falta de pensar), nuestra ambición y nuestra ligereza. Es ingenuo creer, como se cree, que el ideal y la práctica de nuestra profesión puedan condensarse en slogans como el del sol, la luz, el aire, el verde, lo social y tantos otros. Una base formalista y dogmática, sobre todo si es parcial, es mala en sí, salvo en muy raras y catastróficas ocasiones. De todo esto se deduce, a mi juicio, que en los caminos diversos que sigue cada arquitecto consciente tiene que haber algo común, algo que debe estar en todos nosotros. Y aquí vuelvo al principio de esto que he escrito, sin ánimo de dar lecciones a nadie, con una profunda y sincera convicción.

COMENTARIO DE LUIS MOYA

"Necesitamos aprovechar la escasa tradición constructiva, y sobre todo la tradición moral"... "Respeto a una aristocracia que prácticamente no existe, abogada en gran parte por el materialismo, por la filosofía del éxito"... "Hay que constituir una nueva aristocracia de uno en uno..." porque la mayoría de los arquitectos son malos, porque las nuevas urbanizaciones resultan antihumanas, porque se destruyen nuestras viejas ciudades"... "Antiguamente el arquitecto tenía firmes puntos de apoyo." "Existían muchas cosas que eran aceptadas por la mayoría como buenas o inevitables"... "Existía, por otra parte, más dedicación, menos orgullo y una tradición viva en la que apoyarse." "Las clases elevadas tenían un concepto más claro de su misión"... "Obras de todas clases, que tenían un valor humano que se da hoy muy excepcionalmente."

Como también es excepcional el artículo de Coderch en *Domus*, del que son estos párrafos. Me da que citar frases sueltas de un trabajo, cuyo conjunto condiciona el significado de cada una de sus partes. Es una inmoralidad que suele hacerse, pero no creo que aquí lo sea, pues

estas líneas acompañan al artículo completo. Esas frases sueltas, y todo el artículo, son una llamada al orden: una llamada dolorida de un gran arquitecto ante la situación actual, y ante lo que hemos perdido. Este paraíso perdido—telón de fondo del artículo de J. A. Coderch—es la sociedad jerárquica; no es utopía, pues ya fué así en el antiguo régimen, o al menos aspiró siempre a ser así. En ella, y sólo en ella, puede darse el medio social, el "Mitte" perdido de Sedlmayr, en que el arte de la Arquitectura puede desarrollarse con normalidad, sin gritos, ni genialidades, ni ligerezas. La jerarquía de poderes, de saberes y de técnicas, dentro de la unanimidad de ideas y creencias; la unidad esencial—religiosa—de todos los seres humanos en cuanto tales, fueron rasgos típicos de aquellas Sociedades en que la Arquitectura avanzaba y progresaba libremente, acertando casi siempre. Pero hoy, después de siglo y medio de igualitarismo social, de individualismo, de culto a la máquina, de racionalismo analítico, de "ciencias positivas" consideradas como arquetipos de la actividad espiritual, de movimientos pendulares entre

libertad anárquica y opresión demagógica, y de tantas otras cosas que caracterizan nuestro tiempo, no se ve cuál pueda ser la situación del verdadero arquitecto. Puede ser un tipo llamativo que quiera competir con las artistas de cine, que invente slogans, que lance manifiestos (según J. A. Coderch, todavía ocurre hoy esto), que haga obras sensacionales y dramáticas, etéreas. Pero también puede dedicarse sencillamente a su oficio, con la dedicación y la humildad que pide J. A. Coderch, y tampoco esta actitud resolvería nada. Porque el arquitecto no está solo, sino que vive en la sociedad y la sirve, y si ésta es la sociedad de hoy, no encontrará en ella quien se interese por una Arquitectura seria y por una actuación sencilla y modesta de los que la hacen. Cualquier grito genialoide encuentra un eco, aunque este grito resulte carísimo al cliente. Ante esto, cede hasta nuestro materialismo actual.

A pesar de todo, hay que luchar en todos los campos, como lo hace Coderch en el nuestro. Hay que repetir estas cosas sin cansarse, porque, como oí decir al malogrado Angel Ferrant en casa de Eugenio

d'Ors, "todo está ya dicho, pero nadie se entera y hay que volver a decirlo". En fin, hay que repetir también las frases finales del artículo

del P. López Quintás en el número de octubre pasado de esta Revista: "El optimismo no es un mero estado de ánimo, sino toda una ac-

titud ante la vida que tenemos que lograr. El optimismo constituye, pues, una tarea. Quizá, si la entendemos bien, nuestra única tarea."

COMENTARIOS DEL P. A. LOPEZ QUINTAS

El artículo del arquitecto J. A. Coderch, al que la revista *Domus* ha hecho el honor de publicar en su lenguaje original, es, a mi ver, claro ejemplo del proceso de retorno a la unidad que está viviendo hoy día la Ciencia y la Técnica. Nada extraño que halle plena acogida en la Revista ARQUITECTURA, que suele abordar este tema con frecuencia, y de un modo decididamente positivo y abierto. Véanse, por ejemplo, las glosas al artículo de Reynier Banham "Balance 1960" (1), los "Comentarios al 'Pueblo Español' de Montjuich", de Oriol Bohigas; los "Comentarios a unos comentarios", de Francisco de Inza (2), y la apostilla de Miguel Fisac a las "Notas de Filosofía" (3). Resulta en estos trabajos una postura integralmente humanista, una aceptación plena de las aportaciones valiosas de lo moderno y una repulsa decidida de toda actitud pretenciosamente unilateral.

Destaca en el trabajo de Coderch una exigencia de autenticidad y de honestidad. Pero lo grave es que ya nadie sabe a punto fijo el alcance y la significación de estos vocablos. No otro fué el lema del funcionalismo, que no pasa de ser una forma de purismo desarraigado. Es triste que vivamos sometidos al conjunto de ciertas palabras con fortuna, que ejercen un poder fanático de seducción sobre quienes se juzgan más insobornables e independientes.

Hoy empezamos, sin embargo, a ver con claridad que así como la Medicina tardó muchos siglos en desarro-

llarse, por exigir a la mente una especie de contorsión violenta, la reducción de la Arquitectura a mera tecnología es un producto degenerativo de sociedades un tanto gastadas espiritualmente, o, lo que es igual, de pueblos muy civilizados y poco cultos. La unidad ya no nos aparece hoy como romántica contaminación metodológica, sino como fuente de simplicidad y de energía. Actualmente, todos los ramos del saber están desbordando los límites a que les había llevado una falsa concepción del rigor metodológico. El carácter científico o el valor artístico de una obra vendrá dado, en adelante, por la profundidad de sentido, no por su ultraespecializada reducción metodológica. Porque la amplitud del estilo actual de pensar y de sentir no responde a un afán de universalidad dilatante, sino a una exigencia interna de fidelidad a lo real, que es, en sí, complejo y denso.

De ahí que el interés que muestran actualmente muchos filósofos "puros" por los problemas que plantea la creación artística y poética, más que la intrusión de la Filosofía en el mundo del Arte, signifique un retorno del Arte a sus estratos más profundos, que la Filosofía tiene por tarea analizar.

A esta luz debe ser estudiada la polémica actual acerca de la "revolución del Arte Moderno", que si algo nos enseña es que en el fondo lo que está en crisis no es el concepto del Arte, sino la idea del hombre.

Mucho me complazco al advertir que la actitud de gran número de arquitectos representativos está orientada en esta dirección, que va a decidir, sin duda, la marcha del pensamiento contemporáneo.

COMENTARIOS DE FRANCISCO DE INZA

El escultor francés Auguste Rodin escribió—como resumen de su larga vida—una suerte de testamento espiritual dirigido a los artistas jóvenes.

Este testamento contiene una doctrina que, en algunos aspectos, resulta un tanto apartada de la línea de conducta de muchos de los artistas contemporáneos porque nos presenta al trabajo como fun-

damento principal de las distintas actividades artísticas.

Tan dura hipótesis está apoyada en la propia experiencia del viajero maestro, el cual hasta la edad de casi ochenta años—según creo—se dedicó tozadamente al aprendizaje de su oficio. Parece ser que dibujaba como un estudiante unas cuentas horas diarias. Circunstancia que, en la actualidad, está algo

en baja entre nuestros artistas más o menos consagrados y—por llevar la cosa a nuestro terreno—entre muchos de nuestros arquitectos.

Así que, por coger al vuelo alguno de los párrafos del testamento de Rodin, resulta que recomiendo:

"Trabaja con encarnizamiento. Ejercítalos sin descanso; es preciso extenuarse en el oficio." "En la

Figura 53 e 54 - Artículo dedicado a *No son genios lo que necesitamos ahora* - comentarios, na revista madrilenha Arquitectura N. 38 (Fev.1962) [https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anios/etapa-1959-1973/revista-arquitectura-n38-Febrero-1962]

que se refere ao artigo de J. A. Coderch como uma “chamada de ordem”²³², onde o arquiteto acrescenta:

“É uma chamada sofrida de um grande arquiteto, perante a situação atual e o que perdemos.”²³³

Moya aborda a questão da sociedade hierárquica defendida por J. A. Coderch, salientando que essa sociedade, apesar de tudo, premiaria o trabalho, a honra e a humildade, não se baseando, apenas, numa herança de sangue. Em relação ao papel do arquiteto, o chefe da redação, atenta para a necessidade de reivindicar estes valores para todos os campos do conhecimento:

“Apesar de tudo, temos de lutar em todos os campos como faz Coderch no nosso.”²³⁴

J. A. Coderch, apesar de denunciar e comentar os vários erros no percurso da arquitetura nos últimos anos, apresenta igualmente soluções, de modo que as novas gerações saibam o que fazer para melhorar a trajetória. É uma mistura entre o negativismo face à situação daquele tempo, contudo com uma esperança em relação ao futuro, tendo em conta os valores que enumera. É salientando esta necessidade de pensamento positivo que Luis Moya termina o seu comentário. Este recorre a uma frase do sacerdote Alonso López Quintás, retirada de uma publicação anterior da revista madrilena, onde podemos ler:

“O otimismo não é um mero estado de espírito, mas toda uma atitude em relação à vida. O otimismo é, portanto, uma tarefa. Talvez, se a entendermos bem, a nossa maior tarefa.”²³⁵

O comentário seguinte do número 38 da *Arquitectura* é da responsabilidade do próprio Quintás²³⁶ (Figura 54). De todas as críticas que iremos abordar, este é sem dúvida o comentário com um sentido mais ambíguo, onde a opinião em relação ao texto não é apresentada diretamente. O sacerdote não explora o texto em si, acabando por dar maior atenção aos valores expostos por J. A. Coderch. Não deixa de ser irónico o uso por parte de Moya no seu comentário da frase de Quintás sobre o otimismo, visto que o comentário deste ao texto de J. A. Coderch não parece transmitir uma ideia de esperança, pelo contrário:

232 Tradução livre da autora, a partir de: MOYA, Luis - Comentario de Luis Moya. In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

233 Tradução livre da autora, a partir de: MOYA, Luis - Comentario de Luis Moya. In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

234 Tradução livre da autora, a partir de: MOYA, Luis - Comentario de Luis Moya. In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

235 Tradução livre da autora, a partir de: MOYA, Luis - Comentario de Luis Moya. In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

236 Tradução livre da autora, a partir de: QUINTÁS, Alonso - Comentarios del P. A. López Quintás. In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

nueva generación de artistas—dice—hay numerosos poetas que se niegan a aprender a hablar. Es así como no hacen más que balbucear." "¡Pacienal No contéis con la inspiración. No existe. Las únicas cualidades del artista son: prudencia, atención, sinceridad, voluntad. Cumplid vuestra tarea como honrados obreros." Todo esto viene de pronto a cuento con el rotundo artículo del arquitecto Coderch publicado en el último número de Domus, porque en él se sostiene una postura muy semejante.

Han pasado unos cuantos años desde que el viejo Rodin escribió su testamento, durante los cuales han surgido multitud de sistemas y muy variadas formas de interpretación de los objetivos logrados por los grandes maestros de la arquitectura contemporánea. Ha surgido también, al parecer, entre nosotros una muy diversa picaresca en la aplicación de las soluciones formales de los grandes maestros.

Los clásicos de la arquitectura moderna lograron una nueva sistematización de los valores constructivos: enlaces de materiales, variación de las formas al variar los materiales, aplicación definitiva de un nuevo alfabeto en la técnica de la construcción. Lograron también una nueva proyección de la arquitectura hacia el terreno del urbanismo y de la sociología. Y todo esto y mucho más se logró después de unas vidas apretadamente fecundas, precisamente porque se aborran a fuerza de trabajo unos talentos humanos dotados de una capacidad creadora muy poco común.

Coderch advierte ahora: "Se admiran sus obras, o mejor dicho, las formas de sus obras y nada más, sin profundizar para buscar en ellas lo que tienen dentro, lo más valioso, que es precisamente lo que está a nuestro alcance." Problema que, a mi juicio, tiene dos

raíces fundamentales: la enseñanza de la arquitectura y la prisa. La primera—apuntada también por Coderch—es de la mayor trascendencia. En nuestras Escuelas de Arquitectura se ha fomentado a menudo la copia formal de las arquitecturas de determinados maestros bajo el pretexto de que es más apropiado para un alumno medio el conseguir que haga medianamente lo ya inventado que el desbarbar por cuenta propia. Actitud que ha producido una avalancha de los alumnos sobre las últimas revistas de Arquitectura y ha traído como consecuencia una conciencia colectiva de facilidad de interpretación de los maestros—léase copia formal de tal o cual edificio.

Si claramente es peligroso el que un alumno empiece a "crear" por su cuenta antes de conocer siquiera un poco el oficio, no lo es menos el aplaudirle la ingenua copia del maestro más en boga. El problema está en la falta de información y de formación conceptual sobre el verdadero carácter y sobre el lenguaje propio de dicho maestro.

Porque éste es el momento en que aún somos muchos los que no sabemos nada—revistas aparte—de las maneras únicas y misteriosas de Van der Rohe. Y ya parece que se están pasando de moda las formas sencillas de su arquitectura, siempre tan agradecidas de copiar.

Coderch, al insistir, una vez más, sobre el aprovechamiento de la tradición, advierte las dos facetas de la misma: la tradición constructiva y la moral.

Tal vez sea éste el verdadero fundamento de la enseñanza de la arquitectura en nuestro país y, por tanto, el de nuestra propia arquitectura.

No es posible fundamentar toda la imponente responsabilidad de

esta enseñanza sobre algo tan difícil como el descubrimiento del "maestro del año" a cargo de los más sagaces lectores de publicaciones extranjeras para cambiar de maestro a la temporada siguiente, cuando ya le conoce de oídas todo el mundo.

A propósito de la tradición, el propio Rodin dice en su citado testamento: "Respetuosos con la tradición, sabed discernir lo que ella contiene de eternamente fecundo: el amor a la Naturaleza y la sinceridad. De este modo la tradición os tiende la llave merced a la cual podéis evadir de la rutina. Es la propia tradición la que os recomienda interrogar sin cesar la realidad y la que os prohíbe someteros ciegamente a ningún maestro."

Ideas que quizá puedan valer, por lo menos en algún aspecto, para aclarar el sentido de lo tradicional que, a mi juicio, admite el bagaje moral y técnico de cualquier maestro auténtico, pero en ningún caso permite el aprovechamiento formal de determinadas soluciones arquitectónicas.

La segunda raíz del problema es la prisa o, a lo mejor, la impaciencia genial.

Y tal vez resulte que esta impaciencia genial es también producto de aquella sensación de facilidad colectiva para interpretar externamente las soluciones de los genios auténticos.

La facilidad del genio—tan traída y llevada en toda la literatura sobre el tema—ha venido a convertirse en una facilidad de adaptación a las formas logradas por el genio. Característica que estimamos al alcance de muchos. Así que ha surgido el mimetismo arquitectónico: el cual permite adoptar sin gran esfuerzo cualquier forma o pelaje, de modo que no se aprecie mucho la diferencia con lo que hay debajo.

Es cosa de notar, al propio tiem-

po, que en otras artes no se ha producido, a mi entender, con tanta intensidad dicho fenómeno. Tal vez se van formando escue-

las que, en el fondo, bien entendido su significado, es una forma auténtica de fundamentarse en la tradición. Si es cierto esto último,

sería cosa de estudiar las causas, que tal vez pudieran encontrarse en algunos aspectos del artículo de Coderch.

COMENTARIOS DE JUAN RAMÍREZ DE LUCAS

Acartado artículo el que José Antonio Coderch publica en la prestigiada revista italiana de arquitectura Domus, "la menos técnicamente informativa del mundo", como declara con satisfacción su director, ese gran amigo de España, que se llama Gio Ponti.

Un hombre de talento se reconoce inmediatamente en cualquiera de sus obras, sea un proyecto arquitectónico o unas reflexiones escritas. En todo lo que haga habrá huella de su personalidad. En el escrito de Coderch que motiva estas líneas es mucho más en lo que estamos plenamente de acuerdo, con identidad de pareceres; pero creo que Coderch estimará más que mencionemos las discrepancias en vez de párrafos de elogios.

Disentimos en lo de: "No son genios los que necesitamos ahora". Los genios son siempre necesarios, indispensables: son ellos los que sacan a la Humanidad de sus rutinas, los que a fuerza de empujones logran hacer andar en muy poco tiempo lo que costaría mucho a la masa. Los genios son fermentos, levadura. Lo que no es necesario de ninguna manera son los estúpidos que se preguntan ellos mismos geniales; los sofisticados ignorantes, que son los que siempre tienen más audacia, porque es mayor su irresponsabilidad. Mas ¿quién es capaz de evitar que surjan? Serán ellos mismos los que se precipiten en el vacío.

En cuanto a lo de "tempoco creo que necesitamos Pontífices de la Arquitectura, ni grandes doctrinarios", todos sabemos lo que les gusta escribir a los arquitectos, en muchos de ellos más cuantioso que la propia arquitectura. Si no Pontífices, al menos sí hacen falta muchos Ponti, que hagan revistas tan estupidas como Domus.

"Necesitamos que miles y miles de arquitectos piensen menos en Arquitectura... y más en su oficio de arquitecto". No, más en Arquitectura, y por tanto, igual en su oficio. En lo que no debieran pensar muchos es en el señorilismo que les deslumbra con el título de arquitecto, en las oportunidades de poder hacer una "buena boda" nada más terminar en la Escuela. De esto se resiente en gran medida una de las profesiones más noblemente humanas, y desde luego de las más com-

Figura 55 e 56 - Artígo dedicado a *No son genios lo que necesitamos ahora* - comentarios, na revista madrilena *Arquitectura* N. 38 (Fev.1962) [https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anios/etapa-1959-1973/revista-arquitectura-n38-Febrero-1962]

“Uma demanda por autenticidade e honra destaca-se no trabalho de J. A. Coderch. Contudo as pessoas já não sabem o alcance e o significado destas palavras.”²³⁷

Esta é uma frase onde se percebe a descrença do sacerdote em relação a estes valores, que segundo ele já foram perdidos. A nossa interpretação do comentário leva-nos a crer que Quintás, apesar de não declarar entusiasmadamente, concorda com as ideias de J. A. Coderch, principalmente quando diz:

“Nesse sentido, deve ser estudada a atual controvérsia sobre a ‘revolução da arte moderna’, que, se nos ensina alguma coisa, é que, no fundo, o que está em crise não é o conceito de arte, mas a ideia de homem.”²³⁸

O terceiro comentário foi da responsabilidade de Francisco de Inza²³⁹(Figura 54 e 55), arquiteto e secretário de redação da *Arquitectura*. A crítica é organizada em torno da comparação do *manifesto* de J. A. Coderch com o testemunho do escultor Auguste Rodin, que, apesar de estarem separados por mais de meio século, recordam ao leitor os princípios morais que devem estar presentes no ofício de cada um.

“Não conteis com a inspiração. Não existe. As únicas qualidades do artista são: a prudência, a atenção, a sinceridade e a vontade. Cumpri a vossa tarefa com honra.”²⁴⁰

“[...] Apoiando-se sempre numa base firme de dedicação, boa vontade e honra.”²⁴¹

Quando Rodin aponta para o facto da inspiração não existir, remete-nos imediatamente para a ideia de genialidade que deriva de inspiração e não do trabalho, de suor e lágrimas. O comentário do arquiteto procede com uma chamada de atenção para os dois problemas que, aparentemente, estão na origem do facto de não conseguirmos aprofundar quando analisamos as obras dos mestres. Por um lado, refere o ensino de arquitetura que é fundamentado na cópia dos mestres e na falta de informação; por outro a impaciência das gerações mais jovens. Inza termina o seu comentário voltando à ideia de escolas, referindo:

“Talvez se estejam a criar escolas que, no fundo, compreendido o seu significado, são uma

237 Tradução livre da autora, a partir de: QUINTÁS, Alonso - Comentarios del P. A. López Quintás. In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

238 Tradução livre da autora, a partir de: QUINTÁS, Alonso - Comentarios del P. A. López Quintás. In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

239 Tradução livre da autora, a partir de: DE INZA, Francisco - Comentarios de Francisco de Inza. In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

240 Tradução livre da autora, a partir de: DE INZA, Francisco - Comentarios de Francisco de Inza. In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

241 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

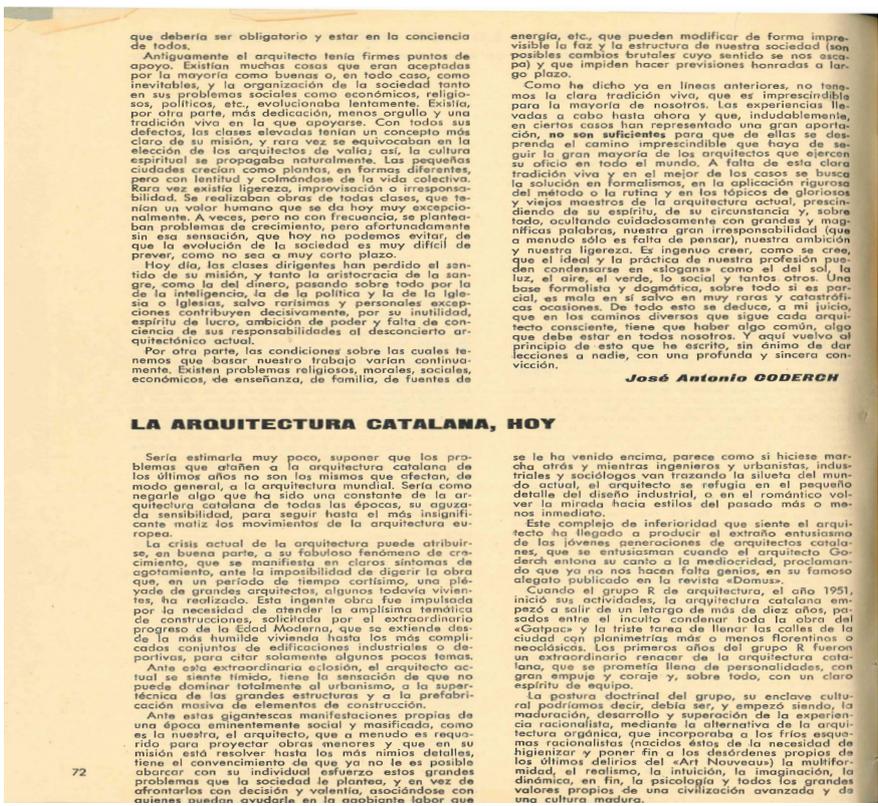


Figura 57 - Artigo dedicado a *La Arquitectura Catalana*, hoy en la revista Hogar y Arquitectura N.42 (Set./Out.1962) [Digitalização de Marta Labastida, a partir de exemplar disponível na Biblioteca do COAC - Col·legi d'Arquitectes de Catalunya]

forma autêntica de se basear na tradição.”²⁴²

É significativo o comentário de Francisco de Inza se basear muito numa ideia de ensino de arquitetura e numa ideia de escola, ao mesmo tempo que a revista *Arquitectura* não publica a frase sobre a necessidade de boas escolas e de bons professores, originalmente divulgada pela *Domus*. Da mesma forma que os quatro comentários iniciam o discurso com uma ressalva à revista italiana, sendo que o texto publicado na revista madrilena pouco tem a ver com a primeira publicação.

A última crítica apresentada pela *Arquitectura* foi de Juan Ramírez de Lucas (Figura 56), escritor e crítico de arte. O autor começa o discurso com o reconhecimento de que no caso de J. A. Coderch, tanto a sua obra de arquitetura como as suas “reflexões escritas”²⁴³, desvendam a personalidade do arquiteto catalão. Nesse mesmo parágrafo faz vários elogios ao arquiteto, acrescentando que certamente J. A. Coderch iria apreciar o facto do escritor mostrar em que momentos não concorda tanto com o arquiteto catalão.

Deste modo, Juan de Lucas cita algumas frases do *manifesto* de 1961, fundamentando a sua não corroboração. Primeiro, não concorda com o facto de não serem precisos génios, referindo que “os génios são sempre necessários” e que “são como fermentos, levedura”. A generalização dos génios que J. A. Coderch faz, segundo Lucas, é perigosa porque o que não são precisos são os “estúpidos que se intitulam de génios”, referindo ainda que em relação a isto não há muito o que possamos fazer para evitar que esses surjam. O crítico de arte pronuncia-se em relação à frase de J. A. Coderch:

“Nem acredito que precisemos de Pontífices de Arquitectura, nem grandes doutrinários, nem profetas, sempre duvidosos.”²⁴⁴

Manifestando total desacordo dando como exemplo de um “pontífice”, Giovanni “Gio” Ponti, dizendo:

“Faltam muitos Ponti para fazerem revistas incríveis como a *Domus*.”²⁴⁵

Estes são apenas dois exemplos das críticas de Juan de Lucas no seu comentário, onde termina pedindo desculpa a J. A. Coderch. O que conseguimos compreender através destes quatro comentários, é que a receção do artigo é, geralmente, positiva — contudo as generalizações de J. A. Coderch acabam por contribuir para as críticas negativas.

242 Tradução livre da autora, a partir de: DE INZA, Francisco - Comentarios de Francisco de Inza. In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

243 Tradução livre da autora, a partir de: DE LUCAS, Juan Ramírez - Comentarios de Juan Ramírez de Lucas. In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

244 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

245 Tradução livre da autora, a partir de: DE LUCAS, Juan Ramírez - Comentarios de Juan Ramírez de Lucas. In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

José Antonio Corderch, del mar a la ciudad Antón Capitel

Si pensamos que en 1945 —fecha elegida por el protagonista de este libro para iniciar la autobiografía que su preparación supone— estaba construyéndose en Madrid el Ministerio del Aire, podemos percibir la gran distancia que José Antonio Corderch y de Sentmenat —titulado en Arquitectura cinco años antes— decidió fijar entre sí mismo y lo que entonces era la cultura arquitectónica oficial.

Y dado que él trabajó antes en Madrid en contacto con algunos aspectos de aquella cultura (1), el olvido de su prehistoria profesional madrileña nos permite entender que esa distancia no fue algo naturalmente surgido, sino, por el contrario, algo directamente buscado: una base premeditada para su trabajo, para establecer el papel que elegía jugar como arquitecto. Y no porque en aquel episodio existiera algo que ocultar: solamente se trataba del contacto con una pesada carga —la historia— que debía ser lavada en las aguas del Mediterráneo para poder realizar después, ya limpio, sus proyectos iniciales, de los que «Las Forcas» —el primero que en este libro se presenta—, puede servirnos para comprobar lo intenso de aquella limpieza.

Hubo, pues, gran lucidez en percibir que si la arquitectura con aquella exhibición historicista celebraba su propio funeral, su solemne autoinmolación, sólo quedaba como única alternativa en la que basar su quehacer la de la renuncia decidida a

las pompas y atributos de aquella ceremonia. Intuyó bien, por tanto, que de un auténtico entierro se trataba; que con la historia, con los grandes valores del significado, con sus atributos tradicionales, se enterraba para siempre a la Arquitectura, si con mayúscula la entendemos. Y el arquitecto como intelectual, como ideólogo que convierte en forma valores y cualidades, quedaría sacrificado con ella.

El elige entonces marginarse, retirarse a un mundo obligadamente personal en el que —desaparecidos los contenidos—, de la distancia y la abstracción, de la renuncia en fin a aquella Arquitectura, hará su plataforma de trabajo.

Pero este acto de salvación personal será al mismo tiempo un acto de nueva fundación de la arquitectura moderna en España. Pues si, por un lado, inaugura con él un oficio que querrá basar en la naturalidad, en la adecuación, en el confort, en la lógica constructiva, en la estética del espacio agradable, etc. (nuevos valores con los que su actitud moral sustituirá a los antiguos contenidos), por el otro, abre un campo más general en el que la arquitectura como institución cívica no tiene ya cabida, pero en el que otra institución, la de los arquitectos como cuerpo profesional, va a ocupar su lugar.

Lo más significativo de Corderch será, sin embargo, la búsqueda del equilibrio —saliendo de una,

Em 1962, surge ainda outra publicação que decide incorporar comentários ao *manifesto*, a *Hogar y Arquitectura*. As críticas são lançadas por Antoni de Moragas²⁴⁶ (membro fundador do Grup R - Figura 57) e por Carlos Flores²⁴⁷ (editor da revista).

A reflexão crítica “La arquitectura catalana hoy” foi publicada pela *Cataluña Exprés*, antes da publicação nesta revista. O comentário de Moragas começa por abordar a arquitetura catalã e a atividade de grupos importantes para aquele contexto, como o “GATPAC”²⁴⁸ ou o próprio Grup R. Contudo, é quando o arquiteto fala especificamente do *manifesto* que percebemos a sua posição, principalmente quando diz:

“Este complexo de inferioridade que o arquiteto sente produziu um estranho entusiasmo nas jovens gerações de arquitetos catalães, que se entusiasma quando J. A. Coderch entoava o seu canto à mediocridade, proclamando que já não fazem falta os génios, no seu famoso artigo da revista *Domus*.”²⁴⁹

Esta frase, para além de denunciar antipatia em relação ao artigo de J. A. Coderch, parece refletir alguma hostilidade entre os dois arquitetos — esse conflito pode estar ligada ao facto de J. A. Coderch ter abandonado o grupo, poucos anos depois da sua constituição. O comentário de Carlos Flores é mais equilibrado no sentido em que, apesar de não concordar com tudo o que é escrito em “No son genios que necesitamos ahora”, não aceita quando Moragas se refere ao texto como um “canto à mediocridade”. O editor da *Hogar Y Arquitectura* esclarece que, na sua opinião, entre a mediocridade e a genialidade poderiam inserir-se:

“Uns três níveis [...] o discreto ou aceitável, o bom ou o convincente, e o extraordinário ou admirável.”²⁵⁰

Expressa ainda que compreende que, quando no texto se abordam os génios e a sua inutilidade, J. A. Coderch referia-se aos “pseudo génios”²⁵¹, “aqueles que querem ser o Le Corbusier desde o primeiro ano de exercício da profissão.”²⁵² Carlos Flores termina a sua intervenção pedindo desculpa a ambos por se estar a “meter num assunto que não é seu”.

Estes seis comentários de 1962 a “No son genios que necesitamos ahora” formam uma significativa amostra da receção. Ao longo dos anos 1970 e 1980, os comentários passam a apresentar um carácter

246 MORAGAS, Antoni - La arquitectura catalana hoy. *Hogar y Arquitectura*. N.42 (Set./Out 1962)

247 FLORES, Carlos - ¿Son o no son genios lo que necesitamos ahora? *Hogar y Arquitectura*. N.42 (Set./Out 1962)

248 Normalmente era GATEPAC ou no caso da catalunha GATECPAC, contudo aqui Moragas utiliza como se fosse Grupo de Arquitectos y Técnicos para el Progreso de la Arquitectura Contemporánea sem especificar geografias.

249 Tradução livre da autora, a partir de: MORAGAS, Antoni - La arquitectura catalana hoy. *Hogar y Arquitectura*. N.42 (Set./Out 1962)

250 Tradução livre da autora, a partir de: FLORES, Carlos - ¿Son o no son genios lo que necesitamos ahora? *Hogar y Arquitectura*. N.42 (Set./Out 1962)

251 Tradução livre da autora, a partir de: FLORES, Carlos - ¿Son o no son genios lo que necesitamos ahora? *Hogar y Arquitectura*. N.42 (Set./Out 1962)

252 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Hogar y Arquitectura*. N.42 (Set./Out 1962)

El miedo a Coderch

¡Cuántas veces salgo nervioso de misa! Son tan irritantes esos demasiado abundantes monaguillos, más atentos a atraer la atención del oficiante que a seguir el rito. Campanilleros, biblicos, rezos: para ellos, todo parece dirigido a cautivar al sacerdote, a hacerle ver la untuosa solicitud de su oyente. Los fieles, ahí, asistimos incómodos al servil recibimiento, con el desasosiego de quien empieza a sospechar estar sirviendo algo que no le corresponde.

Seguir la celebración, en esas condiciones, es inútil cuando no imposible: otro domingo perdido.

Pasando a otro tema: estoy convencido de que es cierto que, a veces, en las cosas terrenas percibimos más de los asuntos divinos. Por ejemplo, a mí me ocurre que cada vez que leo el artículo de Helio Piñón, *Tres décadas en la obra de José Antonio Coderch*, publicado en *Arquitecturas* (n.º 111), 1976, me pánico pensar delante a uno de esos monaguillos.

Lo he ido pensando y creo saber por qué. El artículo empieza (quitémosle, como a las lechugas, las primeras hojas) con el siguiente párrafo:

La producción de Coderch en la segunda mitad de los años cuarenta está presidida por el intento de establecer un repertorio figurativo, estudio de la arquitectura popular, capaz de ser sistematizado con más racionalidad que el pintoresquismo, con más voluntad de hacer que de hacer. Si bien puede considerarse una actitud generalizada en los arquitectos españoles de post-guerra el recurso a las formas y conceptos de la tradición arquitectónica — y por tanto carencia de significación de ruptura cultural — la manera de producirse en este caso establece una diferencia fundamental observable tanto en el plano de la actitud como en el de la obra realizada. Los aspectos formalistas-neorracionalistas que muestra la arquitectura doméstica al uso no aparecen en absoluto en las obras a que me refiero. El estilo que en la arquitectura de Coderch adquiere cada uno de los elementos que toma de la tradición popular viene dado no tanto de la utilización de clichés popularistas como de la búsqueda de adecuación entre figuratividad y contenido arquitectónico. Entendido así el recurso a la tradición, la actitud se relaciona más con la reivindicación de la arquitectura popular que propagada por los racionalistas de quince años antes — recuérdense los artículos del GATCPAC sobre el tema, aparecidos en la revista A.C. — que con el entendido neo-

ESPIRITUALIDAD DE LA ARQUITECTURA

Discurso de Ingreso del Académico electo

ILMO. SR.

Don JOSÉ ANTONIO CODERCH DE SENTMENAT

leído en la Sala de Actos de la Academia

el martes 31 de mayo de 1977

Excmo. Sr. Presidente, Excmas. Autoridades, Ilmos. Sres. Académicos, Sras. y Sres.

En este solemne acto de ingreso en la Real Academia de San Jorge que me ha elegido para ocupar uno de sus sillones, quiero presentar mi homenaje y recuerdo al que fuera mi antecesor el arquitecto y profesor don Amadeo Llopart Vilata.

Nacido en Sant Martí de Provençals (Barcelona) el 7 de noviembre de 1888, estudió arquitectura en la Escuela de Barcelona y obtuvo el título de arquitecto el 6 de febrero de 1911.

El 1.º de diciembre de 1913 ingresó como auxiliar interino en la Escuela de Arquitectura, alcanzando la categoría de numerario el 23 de junio de 1917.

Ganó por oposición la Cátedra de "Topografía y Geodesia, Trazado y Urbanización de Poblaciones" el 24 de febrero de 1924.

En 1912 fue pensionado para ampliar estudios en Alemania y a lo largo de su vida ocupó diversos cargos públicos. Fue director de la Escuela de Formación Profesional "José Serrat Bonastre", Concejal del Ayuntamiento de Barcelona, Presidente de la Asociación de Arquitectos de Cataluña, Decano del Colegio Oficial de Arquitectos de Cataluña y Baleares, Arquitecto Diocesano y Director de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura.

Profesionalmente ganó el Primer Premio del Concurso para la fachada de la Arciprestal de Tarrasa, Primer Premio del Concurso para la Reforma de Barcelona, proyectó la ampliación de las Escuelas de los Hermanos Franciscanos en la calle Blanco de Garay (1929) el Café "La Alianza del Pueblo Nuevo" (1929), la casa de viviendas en la calle de Mantaner, 8 (1942) y otras obras de carácter público y privado.

Publicó unos "Apuntes de Topografía", "Un estudio sobre jardinería y Arquitectura", un "Estudio sobre tugurios y viviendas antiguas" y un "Estudio sobre grandes ciudades modernas". En su cátedra de Urbanología impulsó los estudios sobre trazado de ciudades y reformas interiores con equipos de alumnos, con brillantes resultados, que se guardan en el archivo de la Escuela de Arquitectura.

Fue elegido académico de san Jorge el 23 de mayo de 1943 y falleció en 1971.

El mejor elogio que de él puede hacerse es el soneto que publicó su compañero de Academia Pedro Benavent de Barberá i Abelló en el libro "Sobretaula académica" (Barcelona, 1957).

SONET

Magnánim paladí de la dretura heroi ardit de la conducta honesta extrem llullador, ànima pura per qu' fustoriet es una feta.

La vida es bella arquitectura de tall altiu i probada aresta més forta que ell, en sa anistat fulgura la vertut com la millor conquesta.

Debellador d'enganyis i covardies no el subornen les vils llagueries que herren els canots del Bé i de l'At.

Polemista inassuible que no para per trobar sempre una virtut més clara Acadèmic de Bé, Amadeu Llopart.

Dicho esto quiero hacer patente mi gratitud a los miembros de esta Academia que tuvieron la atención de pensar en mi persona para ocupar un lugar entre ellos y ofrecerme mi colaboración más sincera y afectuosa. Y con ello entro en la lectura de mi discurso:

Señoras y Señores:

Al dirigirme a Vds. no es mi intención ni mi deseo sumarme a los que gustan de hablar y teorizar sobre Arquitectura. Pero después de más de treinta y siete años de oficio, he llegado a concretar algunas certidumbres y experiencias.

Un viejo y famoso arquitecto americano le decía a otro mucho más joven que le pedía consejo: "Abre bien los ojos; mira, es mucho más sencillo de lo que imaginas". También le decía: "Detrás de cada edificio que ves hay un hombre que no ves". Un hombre; no decía siquiera un arquitecto.

LOS GENIOS INNECESARIOS

No creo que sean milagros o genios lo que necesitamos ahora. Creo que los genios son acontecimientos, no metas o fines. Tampoco creo que necesitemos pontífices de la Arquitectura, ni grandes doctrinarios, ni profetas, siempre diuturnos. Algo de tradición viva está todavía a nuestro alcance, y muchas viejas doctrinas morales en relación con nosotros mismos y con nuestro oficio o profesión de arquitectos (y empleo estos términos en su mejor sentido tradicional). Necesitamos aprovechar lo poco que nos queda de tradición y ética verdaderas en esta época en que las más heroicas palabras han perdido prácticamente su real y verdadera significación.

Necesitamos que los miles y miles de arquitectos que andan por el mundo piensen menos en Arquitectura (con mayúscula), en dinero o en las ciudades del año 2000, y más en su oficio de arquitecto. Que trabajen con una cuerda atada al pie, para que no puedan ir demasiado lejos de la tierra en la que tienen raíces, y de los hombres que mejor conocen, siempre apoyándose en una base firme de dedicación, de buena voluntad y de honradez (honor).

Tengo el convencimiento de que cualquier arquitecto de nuestros días medianamente dotado y preparado, si puede entender esto, también puede realizar una obra verdaderamente viva. Esto es para mí lo más importante, mucho más que cualquier otra consideración o finalidad, sólo en apariencia de orden superior.

Creo que nacerá una auténtica y nueva tradición viva de obras que pueden ser muy diversas, pero que habrán sido llevadas a cabo con un pro-

casticismo de la época. En ello reside precisamente la significación diferencial de la actitud de Coderch en aquel momento: el entendimiento de lo popular como punto de partida de un proceso racionalizador en un contexto en el que lo "popular" era utilizado como cobertura formal de la irracionalidad.

No importan demasiado los detalles que indicaban la poca información que se nos ofrece sobre los años Cuarenta.

(Sin embargo, está seguro el Autor de que "puede considerarse una actitud generalizada en los arquitectos españoles de post-guerra el recurso a las formas y conceptos de la tradición arquitectónica" (se refiere quizás a que la mayoría numérica de los arquitectos españoles de esos años usaban "formas y conceptos" de la tradición? Si es eso lo que ha querido decir, ¿podría decirse que "formas y conceptos", si no los de la tradición, han usado la mayoría numérica de arquitectos de los años Diez, de los años Veinte, de los años Treinta, de los años Cuarenta, de los años Cincuenta, de los años Sesenta, de los años Setenta? Si siempre ha sido así, ¿decir que también ocurre en los años Cuarenta es decir bien poco, como tampoco es dar mucho crédito a que esa arquitectura numéricamente dominante estaba "carente de significación de ruptura cultural": también estaba carente de significación gastronómica o ferroviaria. ¿Qué puede tener que ver la arquitectura con la ruptura cultural o con la continuidad cultural o con la cultura a secas? Si Gramsci no apetece, pruebe al menos a leerse a Adólf Loos, para ver qué es "cultura" y cómo se relaciona, si puede, con "arquitectura".)

Olvidemos ahora toda la incompreensión que los líneas ciudades exhiben respecto a la arquitectura española de los Cuarenta y de los Treinta, y advirtámonos solamente el mecanismo ideológico con que se atropa a Coderch: Si los resultados de las arquitecturas de Coderch y de los agraristas de los años Cuarenta son similares, sus fuentes de procedencia, sus "maneras de producirse", su "plano de la actitud" deben decir nuestro Autor— ser distintas. Sólo así podrá valorarseles diferenciados, al uno en positivo, a los otros en negativo.

¿Y cuál es la matriz por excelencia, la Gran Madre de donde nos ha llegado todo cuanto bueno hay sobre la Tierra? EL GATCPAC, naturalmente. Y los del GATCPAC, ¿no hicieron algún número de aquella revista sobre la casa

Figura 59 e 60 - Artigó dedicat a *Espiritalidad de la Arquitectura* na revista Carrer de la Ciutat N.6 (1979) [https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2099/537/P005-2.pdf?sequence=1&isAllowed=y]

mais geral, abordando o percurso do arquiteto.

Em dezembro de 1976, Antón Capitel escreve “José Antonio Corderch, del mar a la ciudad” (Figura 58), que em 1978 é publicado em *J. A. Coderch 1945-1976*. O comentário de Capitel percorre o trabalho do arquiteto catalão, abordando não só as várias obras como também a participação deste no Grup R.

“Embora a primeira reunião do Grup R tenha sido realizada no seu atelier — reconhecendo-se a sua categoria de fundador — pouco tempo depois recusa-se a pertencer ao grupo, recusando igualmente a participar na sua exposição.”²⁵³

Esta frase recorda uma certa tensão entre J. A. Coderch e os outros membros, tal como expusemos na crítica de Moragas a “No son genios lo que necesitamos ahora”, sendo ainda acompanhada por uma nota que associa a frase a um artigo de Antoni Moragas intitulado “Los diez años del Grupo R”²⁵⁴.

A referência ao *manifesto* de 1961 só é apresentada já num momento final do discurso de Capitel, onde este comenta a interpretação errada que o texto teve nos últimos anos. Segundo o autor, o *manifesto* é recorrentemente utilizado para “explicar a sua obra e interpretando-a como unitária e coerente”, independente de qualquer “atividade intelectual, teórica ou metodológica. Interpretação por vezes apoiada pelo próprio Coderch”. Prossegue dizendo o seguinte:

“Pelo contrário — e o texto tentou explicar isso mesmo — essas atitudes intelectuais sobre o método e sobre o sentido da arquitetura existiram nas suas obras.”²⁵⁵

Consideramos a obra de J. A. Coderch “unitária e coerente”, mas vemos nela uma “atividade intelectual” vincada no sentido de dar uma resposta coerente ao problema encontrado. A obra do arquiteto catalão para nós é um reflexo da atitude deste perante a vida e a sociedade.

A transição da década de 1970 para 1980 ficou marcada pelo ingresso de J. A. Coderch, em 1977, na *Reial Acadèmia Catalana de Belles Arts de Sant Jordi*, três anos depois de Rafael Santos Torroella. Na cerimónia de acesso, o arquiteto catalão utiliza como discurso o texto que escreveu dezassete anos atrás, procedendo a pequenas alterações. A metamorfose de “No son genios que necesitamos ahora” seria publicada, em 1979, pelo periódico *Carrer de la Ciutat*²⁵⁶, sob o título “Espiritualidad de la Arquitectura” (Figura 59 e 60). As alterações no texto correspondem ao acrescento de alguns vocábulos como, por exemplo:

“Não acredito que sejam milagres ou génios o que precisamos agora.”²⁵⁷

253 CAPITEL, Antón - José Antonio Corderch, del mar a la ciudad. In **J. A. Coderch 1945-1976**. Xarait Ediciones, 1978

254 MORAGAS, Antoni - Los diez años del Grupo R. *Hogar y Arquitectura*, N.39 (Mar./Abr.1962)

255 CAPITEL, Antón - José Antonio Corderch, del mar a la ciudad. In **J. A. Coderch 1945-1976**. Xarait Ediciones, 1978

256 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José – Espiritualidad de la Arquitectura. *Carrer de la Ciutat*. N.6 (1979)

257 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José – Espiritualidad de la Arquitectura. *Carrer de la Ciutat*. N.6 (1979)

Fue una persona extraordinaria. Y en igual medida un arquitecto de excepción. José Antonio Coderch, es sin duda, una de las más brillantes referencias de la Arquitectura española de este siglo que ya termina y su obra un permanente paradigma.

Ahora, al evocar su memoria aparece ante mí enjuo, alto, con la mirada brillante de inteligencia y de pasión, agudo, brillante en sus reacciones y en sus frases hechas como burlas, irónico, honrado hasta el sacrificio, exigente para los demás y para consigo mismo, cordial con sus amigos, modesto para todos.

Era un afanoso que amaba su oficio de Arquitecto desde el conocimiento de su realidad profunda y no desde la falsa brillantez de las palabras, atento a la naturaleza de las cosas, sensible a las texturas de los materiales, enamorado del buen hacer, cuidadoso de la proporción, intuidor y constructor de espacios, metido en las cosas, selectivo, propiamente con sentido de profecía, con oído hacia las palabras, varias encarnaciones de la realidad, amigable con quienes de digna. La Arquitectura era para él conatur y su espacio naturalmente espacio para la vida, a la que hay que enseñar de belleza, de elegante expresividad, nacida de la sencillez de una expresión controlada, emergente de lo cotidiano.

Construir con la mirada alerta a las lecciones de la historia y el mundo en el cual la Arquitectura se enseña, en establecer límites de tiempo, lo forma, entre el ayer y el mañana.

Esta clara y exigente actitud hizo de Coderch el más creativo e innovador de los arquitectos de su momento, libre de la tentación de los lugares comunes y de las modas baratas que él rechazaba con gall ardor que los habitáculos reales.

A su atención, comprometida con la realidad, no podían escapar las exigencias que imponían a su circunstancia inmediata o ligera, la constante renovación a que la sociedad está sometida ni las nuevas posibilidades que a su entorno se ofrecían para su conocimiento de la historia y su vocación artesana hacia de esas circunstancias no sólo objeto de cuidados estudio, sino estímulo de constante investigación con fin a esta palabra el equívoco sentido de emergente aventura.

Su constante y medida crítica de los dogmatismos arquitectónicos hicieron de Coderch un adelantado de quienes muchos años más tarde pondrán a flor de los racionalismos arquitectónicos.

Así, desde su sincera y lógico análisis, José Antonio Coderch supo dar forma, antes que tal vez venga otro arquitecto en España, a nuevas fórmulas con recuperadoras de valores despreciados por los dictámenes progresistas vanguardistas, desde el entendido profundo de las cosas que siempre descubren matices no descubiertos, palabras no dichas, lecciones que aún no han sido dichas.

Sus casas, tan distintas y tan bellas no son sino fruto de una sabiduría hecha realidad en un tiempo nuevo, casas de siempre fundadas en su tierra y en su luz reflejadas en el mar de las Calas de Girona los matices de siempre, armados de un renovado entendimiento.

Casas de nunca antes y para siempre jamás, nacidas de la inteligencia de una búsqueda apoyada en el entendido y en el sentido del espacio cotidiano, que es como decir del propio tiempo y a la tierra en que cada arquitectura se enseña.

Trasladado incómoda de una búsqueda nunca interrumpida, no sintió demasiado afecto por los profetas de la creación de uno que pretendían y aún pretenden romper con la historia, convirtiendo la investigación arquitectónica en riesgo que otros amaban que pagar. No por ganas, lo que es necesario, dice y repite mil veces, sino arquitectos que trabajan hasta el agotamiento sobre sus mesas para encontrar solución a los concretos problemas que reclaman nuestro esfuerzo.

A Coderch nunca le importó estar en la vanguardia de las ideas nuevas, o de las nomenclaturas indiscutibles y fue precisamente así, desde ese desentono, que él fue el que sacó a su día sus muchos jóvenes arquitectos que aprendieron de su decir y nacieron la lección necesaria: tiempo de producción, emergencia de nuevas, libre de compromisos.

Coderch sólo mantuvo el exigente compromiso personal de entender la vida (y también la historia) desde su esencial entidad de hombre entregado a la aproximada búsqueda de la perfección, con que empezó en su grande y en lo chico, con esa mirada renovada que pensaba realmente la realidad para encontrar en el esfuerzo personal la solución exacta que funde el ayer con el mañana y que se vive con el anticipo que no siempre se ha sabido ver en su obra.

Al escribir sobre estas palabras, que mi admiración, y afecto a José Antonio Coderch no pueden negar a quienes me han pedido conocimiento me sermenté, me doy cuenta de cómo en qué medida no se puede separar su obra de su vida, aproximadamente vida, en la que se fundieron el hombre y el arquitecto porque la Arquitectura fue desde el principio, un espacio y serenidad en implacable impaciencia, cargada de compromisos éticos, que convierten en favor humano el rechazo a tanta torpeza, pedantería, tópico y zafiedad que entorno que se hería.

Muchos no lo comprenden y tal vez nunca lo comprenderán, ni los que se venían ni los que se están completando, ni los que trabajan con la obra más hecha ni los que no entienden que se puede vivir sin feiras los que no se engañan, los que dicen, los que envían o los que copian.

Como no lo comprenden tampoco quienes no acceden a entender que pueden producirse arquitectos que en Coderch fue tan plena, entre impaciencia y serenidad, entre búsqueda y seguridad, entre



el resplandor hacia las permanentes lecciones de la Historia y el desprecio más absoluto por las recetas que se repiten.

José Antonio Coderch formó, con modesta precisión y claridad, algunas de las concreciones que más tarde han venido a formar parte de nuestro cotidiano lenguaje: tradición viva, Arquitectura emergente, entrega al oficio de Arquitecto y tanto otros que por sí solos justificaban nuestro agradecimiento.

Es, que fue un gran creativo, jamás rompió con la Historia ni aceptó la afirmación de la necesaria ruptura, entendida así a muchas cosas que hoy se presentan con aire de resator progresista y bajo ser, desde su lógica crítica, protagonista de una Arquitectura que le apoyó en siglos de cultura dando vida precisamente por esto a nuevas modas y formas nuevas.

Casas sencillas, sencillas como resultado en su obra, una forma de entender el hombre que hoy comienza a ser de nuevo apropiada, desde su lógica proyección histórica, no como individuo aislado en su libertad sino como ser que requiere y se explica en el entorno de donde toma su realidad.

Como también, resonaba ya en su obra cuando tanto, como pretendían monopolizar el espacio de la nueva Arquitectura, memoria de la historia, la memoria (nunca interrumpida) del pasado como apertura para la nueva creación, la tradición viva entendida en su único sentido posible, como engendra operativa (fundamento del saber entendido en el imprescindible colectivo de los pueblos) y de las distintas comunidades sociales.

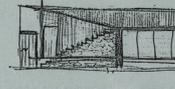
Porque amaba el quehacer emergente, aunque él no conocía demasiado los siglos, porque se necesitaba en el hacer cotidiano de su trabajo cotidiano, aunque en él toda forma era resultado de un entendido y un hacer profuso de impaciencia, porque miraba hacia su entorno en que en el día hubiera del conformismo o de protestas que complicas, por todo ello y por tantas cosas más, José Antonio Coderch hoy seguirá siendo un ejemplo a seguir y una lección que admirar.

Es la una de las inteligencias más lúcidas que han alumbrado la Arquitectura española de este apasionante y desposado siglo XX, inteligencia que no necesitó de conformismo a modo de para vivir, sino que descubrió en el entrelazo de sus propias ideas el camino de un constante descubrimiento.

Es la y es para quienes le conocimos y admiramos un ejemplo de hombre, que jamás traicionó sus propias ideas, ni renunció de su propia aventura personal, que tuvo guardado sus hallazgos que a nadie entregó y que pagó un alto precio por su inimitable libertad.

Es la muestra además, el análisis del equívoco y del equívoco, de la escalada sobre el mismo o en la propia mente.

Es la un hombre que no supo, o no quiso, otra manera de actuar que sus palabras que siendo Arquitecto y así hombre y Arquitecto reconocieron identificadas, el mismo camino.



El rechazo todo dogmatismo y quiso vivir el riesgo de su audacia de hombre, entregado a búsqueda de la seguridad que persigue y que rechaza cualquier adscripción a modas del momento. Fue un hombre entero, creador desde el espacio y el conocimiento, creador desde el análisis y estudio de la realidad y no desde las palabras engorrosas o los lugares retorcidos y manipulados.

Fue en la vida, en la que creó accidentalmente entendida como lugar de encuentro de lo inminente y de la trascendencia, de contradicciones y de complejidades, donde él encontró la constante e inagotable fuente de su inspiración, que como si el decir un día, nos encuentra siempre habiendo, sosteniendo a prueba la vida sabiduría y la sabiduría renovada.

Frente de lo concreto, que buscaba la fuente de la creatividad en la forma o lo imposible, que en la política de lo realizable y ponía en el pequeño detalle la misma pasión que reclama la más importante de las Arquitecturas, supo a través de ese camino cotidiano del nacimiento a una obra que ha llenado más de 50 años de Arquitectura española con ejemplos de la más alta calidad.

José Antonio, amigo mío y maestro, cuantas veces echo de menos tus brillantes palabras, tu especial manera de entender nuestro común quehacer de arquitectos: tu exigente crítica, tu calidez y entrañable afecto y tu apasionado y lógico razonar que tantas veces me llevó hasta tu despacho, cuando era un joven profesor, acompañado de mis alumnos, en tus años difíciles, para que fueras ejemplo -buen ejemplo- de mi y de quienes conmigo se llegaron para conocer y para poder guardar el recuerdo de tu excepcional calidad de hombre.

Esta misma tarde tu Úrsula adelantó al sol de la mañana y sobre mi mesa la fotografía que me mandaste en la Navidad del 1978, han traído hasta mí el eco de tus palabras.

También tú, como Machado, cambias tu canción para la que contigo quieres cantar, incómodamente, hablandome desde el arcano de tus ocultas enseñanzas, desde tus murejas y tus terrazas, desde las persianas y tradas de tus estapas o compases arquitecturales, desde la elegancia y difícil simplicidad de tus calmos interiores que guardan el eco de lo grande que les dio vida y tu oculta palabra para quienes quieren recordar el camino del siglo, nuevo y noble quehacer del arte y del maestro que ha llenado más de 50 años de vida.

De la imprenta duda ante lo excesivamente racional, lo excesivamente cierto, el rechazo de un concepto de verdad que encierra otras verdades. Gracias a ti, que se ve la arquitectura como la su vida, no sólo año, ni sólo honra, compleja y contradictoria pasión que un quehacer que usando de esas herramientas hizo su camino pensando en el hombre que se debate en el mundo.

Figura 61 e 62 - Artígo dedicado a Jose Antonio Coderch de Sentmenat na revista madrileña Arquitectura N. 268 (Set./Out.1987) [https://www.coam.org/es/fundacion/biblioteca/revista-arquitectura-100-anios/etapa-1987-1990/revista-arquitectura-n268-Septiembre-October-1987

E também se verifica a introdução dos seguintes parágrafos finais:

Goethe dizia²⁴: ‘O tema apropriado da história do mundo e da humanidade, o tema único e mais profundo, ao qual todos os outros lhe estão subordinados, é o conflito entre fé e descrença. Todas as épocas em que a fé domina, não importando a forma como é apresentada, são brilhantes, elevam o coração e dão frutos no presente e no futuro. Pelo contrário, todas as vezes em que a descrença, de qualquer maneira, afirmou a sua triste vitória, mesmo quando brilham por um tempo com um falso resplendor, desaparece de vista a posteridade, porque não há ninguém que goste de se preocupar para conhecer o que não deu frutos.’

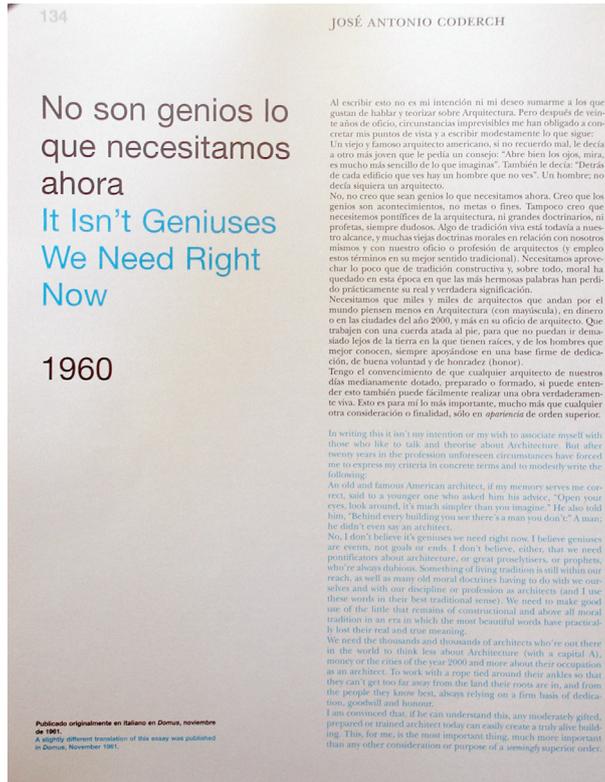
Uma frase de Einstein, preside o nosso atelier há muitos anos e diz assim: ‘A coisa mais bonita que um homem pode sentir é o lado misterioso da vida. Nele está o berço da Arte e da Ciência verdadeira.’ E aqui, mesmo que pareça contraditório, volto ao princípio quando dizia que não tenho vontade de dar lições a ninguém, com uma profunda e sincera convicção.”²⁵⁸

Nestes dois pontos, conseguimos perceber duas ideias que são fundamentais na obra de J. A. Coderch, a ideia de fé e mistério. O conceito de fé era já abordado, mesmo que timidamente, na versão de 1961, quando o arquiteto remetia para os problemas religiosos e morais — o novo título é também um sintoma dessa ideia de fé. A mudança de título de “No son genios lo que necesitamos ahora” para “Espiritualidad de la Arquitectura” é significativa. O título inicial de 1961 evidencia, à partida, uma posição do autor que cativará o leitor mesmo que não partilhe da mesma opinião. O seu caráter expressivo aproxima-o mais uma vez ao conceito de *manifesto*, de marcação de uma atitude. “Espiritualidad de la Arquitectura” é uma expressão ampla e generalista que, ao não entrar em grandes detalhes, poderia ser seguida por um texto que explorasse um projeto em específico ou até um arquiteto — a espiritualidade da arquitetura pode estar num conceito como a luz ou a sombra, da mesma forma que poderia ser um tema que um projeto de arquitetura transmite. Apesar da transformação do texto, as publicações de “No son genios lo que necesitamos ahora” continuam, até aos dias de hoje, quase sempre fiéis às primeiras publicações.

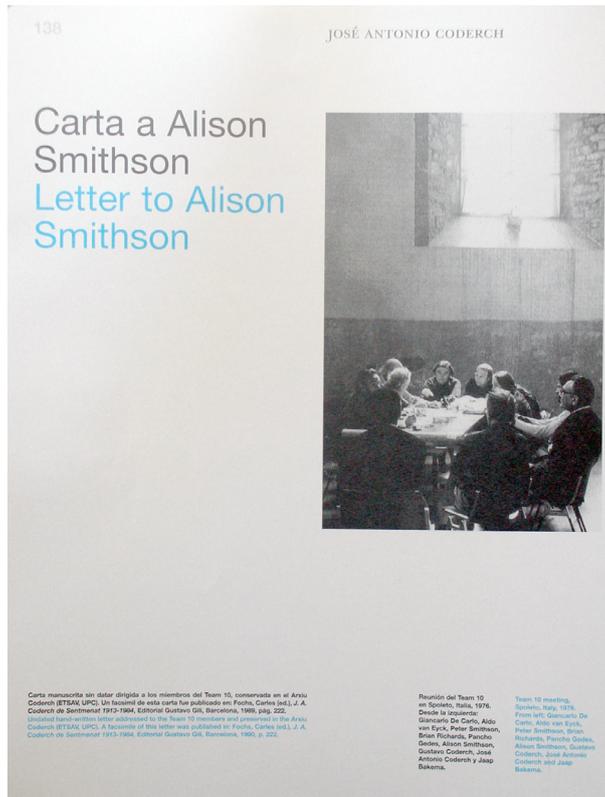
Passados mais de dez anos desde o discurso de ingresso à *Reial Acadèmia Catalana de Belles Arts de Sant Jordi*, em 1989, o Colégio de Arquitetos da Catalunha (COAC) produz um vídeo documental²⁵⁹ de J. A. Coderch onde este lê “Espiritualidad de la Arquitectura” introduzindo vários comentários. No volume II, correspondente à nossa proposta de tradução, serão apresentados esses mesmo comentários, considerando-os como uma recepção feita pelo próprio arquiteto, passados mais de vinte anos desde a

258 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José – *Espiritualidad de la Arquitectura*. *Carrer de la Ciutat*. N.6 (1979)

259 DONATO, Emili – **J. A. Coderch i de Sentmenat** [registro vídeo] Espanha: COAC/ Sis Arquitectes, 1984. Vídeo disponível no site da Fundación Arquia (59 min.)



63



64

Figura 63 - Artículo dedicado a *No son genios lo que necesitamos ahora/ It isn't geniuses we need right now* na revista 2G N. 33 (2005) [https://kupdf.net/queue/2g-jose-antonio-coderch_596f4abbd0d60bf1da88e77_pdf?queue_id=1&x=1595355365&z=ODkuMTgxLjZOS4xMTY=]

Figura 64 - Artículo dedicado a *Carta a Alison Smithson/ Letter to Alison Smithson* na revista 2G N. 33 (2005) [https://kupdf.net/queue/2g-jose-antonio-coderch_596f4abbd0d60bf1da88e77_pdf?queue_id=1&x=1595355365&z=ODkuMTgxLjZOS4xMTY=]

sua escrita.

Ao longo dos anos 1980, surgem novamente várias publicações sobre o percurso do arquiteto. Em 1987, três anos após a morte de J. A. Coderch, a revista *Arquitectura* (COAM) publica um artigo de Javiel Carvajal²⁶⁰ (Figura 61 e 62) a recordar o *homem arquiteto*. Este constrói uma especie de *ode* a J. A. Coderch, salientando “as suas frases cortantes como chicotes”²⁶¹, a sua honestidade e exigência, consigo e com os outros. Relembra o *manifesto* de 1961:

“Disse e repetiu muitas vezes, *Não são génios o que precisamos agora*. Mas sim arquitetos que trabalhem exaustivamente para encontrar soluções aos problemas que reclamam o nosso esforço.”²⁶²

A noção de trabalho e de que com ele tudo se pode alcançar é uma das mensagens fundamentais de texto. O artigo de Carvajal é uma recordação nostálgica sobre o amigo a quem se dirige no último parágrafo, dizendo:

“Graças a ti quis ver a Arquitectura como tu vias, nem só arte, nem só técnica, paixão complexa e contraditória de uma tarefa que, usando essas ferramentas, faz o seu caminho pensando no homem que está lutando no mistério.”²⁶³

A pertinência destes comentários de Carvajal não são tanto pelo seu interesse teórico, mas sim pela sua proximidade a J. A. Coderch.

Os comentários selecionados representativos da década de 1990 recaíram sob dois arquitetos que tal como Carvajal mantinham uma relação de amizade com o arquiteto catalão. Ambos foram publicados pelo primeiro número da *Web Architecture Magazine* em 1996. O primeiro comentário é de Peter Smithson²⁶⁴, membro do Team 10, tal como J. A. Coderch. O autor recorda a primeira vez que se deparou com o texto, por ocasião da publicação do número dedicado ao Team 10 organizado por Alison Smithson — esta informação não deixa de ser expressiva tendo em conta que, em dezembro de 1961, um ano antes da publicação no Reino Unido, Bakema tinha enviado, para os membros do grupo, o *postboxletter* onde o texto era apresentado. Smithson ressalta que uma das frases o marcou por lhe parecer “muito espanhola”²⁶⁵:

260 CARVAJAL, Javier - José Antonio Coderch de Sentmenat. *Arquitectura* (COAM). N. 268 (Set./Out.1987)

261 Tradução livre da autora, a partir de: CARVAJAL, Javier - José Antonio Coderch de Sentmenat. *Arquitectura* (COAM). N. 268 (Set./Out.1987)

262 Tradução livre da autora, a partir de: CARVAJAL, Javier - José Antonio Coderch de Sentmenat. *Arquitectura* (COAM). N. 268 (Set./Out.1987)

263 Tradução livre da autora, a partir de: CARVAJAL, Javier - José Antonio Coderch de Sentmenat. *Arquitectura* (COAM). N. 268 (Set./Out.1987)

264 MURO, Carles; SALVADÓ, Ton – Comentario por Peter Smithson In *Sobre Non son genios*. *Web Architecture Magazine* WAM 01 (Jul./Ago.1996)
Disponível em: <http://www.arranz.net/web.arch-mag.com/1/recy/recy1p.html#comm2>

265 Tradução livre da autora, a partir de: MURO, Carles; SALVADÓ, Ton – Comentario por Peter Smithson In *Sobre Non son genios*. *Web Architecture Magazine* WAM 01 (Jul./Ago.1996) Disponível em: <http://www.arranz.net/web.arch-mag.com/1/recy/recy1p.html#comm2>

Introducción a la arquitectura de una ética

Introduction to the Architecture of an Ethics

José Antonio Coderch de Sentmenat nació en 1913 y murió en 1984 en Barcelona. Esas fechas delimitan su vida y su obra. Pero el pensamiento que destila su arquitectura, de gran coherencia interna, supera esos límites temporales, su propia idiosincrasia y el reducido marco geográfico en que se desarrolló, y ofrece una reflexión sobre la arquitectura desde un sentimiento ético. Esa profundidad implícita sea quizá una de las razones por las que, aun siendo reconocido como el más importante arquitecto catalán posterior a la II Guerra Mundial, su obra esté muy poco difundida.

Sociedad

Coderch es una figura peculiar dentro de la cultura arquitectónica y, al mismo tiempo, responde a una recurrencia de la sociedad barcelonesa donde vivió, siempre atenta a las vicisitudes de la cultura europea, suficientemente fuerte como para ofrecer soluciones específicas, pero sin el peso necesario como para crear una corriente propia. Es fácil trazar un paralelismo con Antoni Gaudí, la otra gran figura autóctona, y no tanto porque reflexionen sobre los mismos aspectos de la arquitectura, sino por el tipo de valoración que han recibido. En ambos casos, su obra se concentra principalmente en Cataluña, sus contactos con el mundo arquitectónico internacional fueron limitados y no participaron directamente en ningún movimiento propagandístico cultural. Personajes aislados, ambos tendieron a concentrarse en su obra, pues desde sus años de formación inician una reflexión propia, lo cual no significa que no se planteasen las mismas cuestiones que la cultura arquitectónica del momento.

Sus proyectos se tienden a estudiar como hechos aislados y se valoran sólo los aspectos más directamente sensitivos, sin entender la propuesta que encierran, su coherencia. Así, a pesar del gran reconocimiento que se ha hecho de José Antonio Coderch en España, y mucho más en Cataluña, el posible camino que abriera no se ha desarrollado. Coderch no lo puso fácil. Sus escasos textos no hablan directamente de arquitectura, ni de problemas concretos; se diría que le inhibió cierto pudor. Por sus declaraciones, podría entenderse que detrás de esta actitud existe un rechazo a la academia y, especialmente, por proximidad, a la academia moderna, a la modernidad como estilo, a cualquier *a priori* formal. En "No son genios lo que necesitamos ahora", su escrito más importante, no propone una arquitectura, sino una reflexión moral. Reclama una tradición renovada del oficio de

RAFAEL DIEZ (Barcelona, 1964) es doctor arquitecto, profesor asociado de Proyectos Arquitectónicos en la Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona (ETSAB) y profesor de la Universitat Internacional de Catalunya. Su tesis doctoral 'Coderch, Variacions sobre una casa' fue premiada por la Fundació Caja de Arquitectos (2001) y publicada en 2003.

José Antonio Coderch de Sentmenat was born in 1913 and died in Barcelona in 1984.

These years delimit his life and work. But the great internal coherence of his thinking, distilled within his architecture, goes beyond these temporal limits, his own idiosyncrasy and the reduced geographical framework where it developed, to provide a reflection on architecture from an ethical standpoint. Although recognised as the most important Catalan architect after World War II, this implicit depth is perhaps one of the reasons his work has not been widely disseminated.

Society

Coderch is a peculiar figure within architectonic culture. While at once responding to the continuance of the Barcelona society he lived in, he was always attentive to the vicissitudes of European culture and sufficiently strong as to offer specific solutions, but without the weight needed for creating his own tendency.

It is easy to draw parallels with the other great local figure, Antoni Gaudí, and not so much because they reflect on the same aspects of architecture, but for the kind of appraisal their work received. In both cases their work is mainly concentrated in Catalonia. Their contacts in the world of international architecture were limited and neither participated directly in a propagandistic cultural movement. As isolated personalities both tended to concentrate on their own work. From their formative years onwards each man initiated a process of self reflection, though that does not mean they didn't formulate the same questions as the architectonic culture of their times.

Their projects tend to be studied in isolation and are valued only for their most directly sensitive aspects, without understanding the coherence of the proposition they contain.

Notwithstanding the great recognition José Antonio Coderch has received in Spain, and even more so in Catalonia, the headway that might have been made has not been developed.

Coderch did not make things easy. His few texts don't speak directly about architecture or concrete problems. It could be that a certain modesty prevented him from doing so. Given his declarations, a rejection of the academy, and especially of the modern academy, of modernity as a style, of any formal *a priori*, might be seen to underlie the attitude of his declarations.

RAFAEL DIEZ (Barcelona, 1964) holds a doctorate in architecture, and is associate professor of Architectural Projects in the Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona and professor in the Universitat Internacional de Catalunya. His doctoral thesis 'Coderch, Variacions on a house' was awarded a prize by the Fundacion Caja de Arquitectos (2001) and published in 2003.

“Em Espanha, os meus pais costumavam dizer-me que um cavalheiro, um aristocrata, é uma pessoa que não pode fazer certas coisas, a não ser quando a Lei, a Igreja e a maioria as aprovem e permitem.”²⁶⁶

No nosso entender esta frase é “muito espanhola”, porque está ligada a uma ideia social e política acabando por poder refletir aquilo que Smithson imaginava acontecer em Espanha, nos anos 1960. A forma como o arquiteto termina o seu discurso é significativa, até porque parece ser um comentário às críticas que apontaram o dedo a J. A. Coderch por considerarem o seu *manifesto* algo ligado à política. Inicia a conclusão com um alerta para o facto das palavras poderem ser enganosas refletindo uma postura errada do escritor, ao passo que as obras são mais éticas e menos falaciosas. Peter Smithson termina com a frase:

“As palavras podem ter ajudado (eu duvido), mas o edifício é que é a ética.”

O segundo comentário é de Enric Sòria²⁶⁷, e segue a linha lançada por Peter Smithson. O discurso inicia-se com uma contextualização pessoal do momento de publicação de “No son genios lo que necesitamos ahora”. Segundo o autor, quando o texto é divulgado em 1961 encontrava-se a iniciar os estudos em arquitetura, referindo ainda que naquele momento, e devido à situação que se vivia em Espanha com o regime, tinha muito interesse nos movimentos anti franquistas.

“O artigo para mim foi uma benéfica projeção da experiência e personalidade daquela arquitetura (de Coderch), tão compreensível, de propósitos tão sensíveis, luminosa e progressista.”²⁶⁸

Sòria recorda, com pesar, a interpretação política que “os círculos políticos” à sua volta concederam ao texto, acusando J. A. Coderch de um “pensamento de direita, baseado na crença numa sociedade hierárquica”²⁶⁹. Efetivamente, não nos parece difícil imaginar uma interpretação errada das premissas apresentadas por J. A. Coderch, embora consideremos esses pontos de vistas forçados e justificados em excertos descontextualizados, sem uma análise aprofundada.

Em 2005, a revista *2G* dedica a J. A. Coderch o número 33, com textos de Kenneth Frampton e Rafael Diez. Embora se dedique à apresentação de onze projetos de habitações unifamiliares, neste

266 Tradução livre da autora, a partir de: MURO, Carles; SALVADÓ, Ton – Comentario por Peter Smithson In Sobre Non son genios. *Web Architecture Magazine* WAM 01 (Jul./Ago.1996) Disponível em: <http://www.arranz.net/web.arch-mag.com/1/recy/recy1p.html#comm2>

267 MURO, Carles; SALVADÓ, Ton – Comentario por Enric Sòria In Sobre No son genios. *Web Architecture Magazine* WAM 01 (Jul./Ago.1996) Disponível em: <http://www.arranz.net/web.arch-mag.com/1/recy/recy1p.html#comm>

268 Tradução livre da autora, a partir de: MURO, Carles; SALVADÓ, Ton – Comentario por Enric Sòria In Sobre No son genios. *Web Architecture Magazine* WAM 01 (Jul./Ago.1996) Disponível em: <http://www.arranz.net/web.arch-mag.com/1/recy/recy1p.html#comm>

269 Tradução livre da autora, a partir de: MURO, Carles; SALVADÓ, Ton – Comentario por Enric Sòria In Sobre No son genios. *Web Architecture Magazine* WAM 01 (Jul./Ago.1996) Disponível em: <http://www.arranz.net/web.arch-mag.com/1/recy/recy1p.html#comm>

“No son genios lo que necesitamos”

Por
JUAN CARLOS BAUMGARTNER

Ilustración
ZAMARRIPA

HACE YA MÁS de 20 años tuve la oportunidad de mudarme a vivir a Chicago, gracias a la oferta de trabajo de una firma de arquitectura con operaciones en varias ciudades de Estados Unidos. Años después, decidí independizarme e iniciar mi propia firma en la ciudad de los vientos. Si bien, hoy en día nuestro trabajo se concentra primordialmente en América Latina, hice de Chicago una segunda ciudad natal; aquí nací como arquitecto y regreso cada año, en el verano, por varias semanas con mis tres hijos, quienes ya adoptaron a la ciudad también.

Hoy, caminando por una de las avenidas de la ciudad, sin mucha prisa ni rumbo muy establecido, me encontré en una calle que remata al río; las banquetas limpias como en pocos lugares y la brisa de verano que te ayuda olvidar lo drástico que puede ser el invierno. En ese momento, recordé un artículo que leí hace cerca de 20 años y que me ha acompañado como reflexión desde entonces.

En 1961, la revista *Domus* publicó un texto breve del arquitecto español José Antonio Coderch titulado: *No son genios lo que necesitamos ahora*. El artículo, que de casualidad llegó a mis manos en 1996 cuando iniciaba mi carrera, es una crítica a la forma de enseñar arquitectura que posteriormente determina en gran medida la forma en la que los arquitectos salen a ejercer su profesión.

Al inicio del texto, Coderch recuerda la anécdota de “un viejo y famoso arquitecto americano, si no recuerdo mal, le decía a otro mucho más joven que le pedía un consejo: “Abre bien los ojos, mira, es mucho más sencillo de lo que imaginas”. También le decía: “Detrás de cada edificio que ves, hay un hombre que no ves.” Un hombre; no decía siquiera un arquitecto.

Coderch hace una reflexión de cómo en casi cualquier escuela de arquitectura se nos enseña a



Es urgente que los miles de arquitectos que andan por el mundo, piensen más en su oficio y menos en dinero.

@zamarripa.mx

mundo diseñando piensen menos en arquitectura con A mayúscula; en dinero, o en la ciudad del futuro y más en su oficio.

Chicago me recuerda esta idea de la arquitectura de los genios versus la del arquitecto desconocido con pasión y honestidad. Chicago el playground del famoso Mies Van Der Rohe, quien vale la pena aclarar que no estudió arquitectura y ni siquiera terminó el bachillerato, cuenta con menos edificios de este arquitecto de los que uno asumiría; esta ciudad, en gran medida, está hecha de piezas diseñadas por cientos de “hombres detrás del edificio”, pocos edificios de Chicago son resultado del trabajo de “genios”. Lo que sí logró transmitir Van Der Rohe fue este concepto originalmente planteado por San Agustín: “La belleza es la manifestación de la verdad”, el cual llevó a la arquitectura en cada una de sus obras.

Es así como caminar por esta ciudad me recuerda sin cesar las palabras de Coderch: “No son genios lo que necesitamos ahora”, y me pregunto cuántas décadas más tendrán que pasar para dejar de buscar genios en arquitectura. **£**

@baumgarj

número são publicados “No son genios lo que necesitamos ahora” de 1961 (Figura 63), e a carta a Alison Smithson de 1967 (Figura 64). O artigo de Rafael Diez, “Introducción a la arquitectura de una ética/ Introduction to the Architecture of an Ethics”²⁷⁰ (Figura 65), organiza-se em três pontos fundamentais: “Sociedade”; “Coderch” (em 20 projetos, ao longo de quatro décadas); e “Arquitectura e Ética”. Quando inicia a reflexão sobre a sociedade na obra do arquiteto catalão, aborda o *manifesto* de 1961 dizendo:

“Em ‘No son genios lo que necesitamos ahora’, a sua peça escrita mais importante, não propõe uma arquitetura, mas sim uma reflexão moral.”²⁷¹

Segundo o autor, essa ‘reflexão moral’ proposta por J. A. Coderch é coerente quando analisamos as suas obras. Numa das frases, Diez aponta para a impossibilidade de uniformização da sociedade tendo em conta o seu objetivo e bem comum, que remete para a ideia de sociedade hierarquizada que nos fala J. A. Coderch. O autor toca ainda na questão política expressando que, se o consideramos conservador ou reacionário, temos ao menos de entender a sua postura “realista, modesta, que reconhece as limitações da função de arquiteto”²⁷². Rafael Diez termina o discurso relacionando J. A. Coderch com a posição do escritor russo Lev Tolstói, quando este escreveu em 1897 *O que é a arte?*, que segundo Diez:

“Não nos explica o que é a arte, mas sim o ofício do escritor, deixando claro que como seres humanos, como seres sociais, não podemos sobrepor as questões estéticas às questões éticas.”²⁷³

Ao longo da década de 2010, vários estudos sobre J. A. Coderch e até sobre “No son genios lo que necesitamos ahora” foram levados a cabo. Contudo, queríamos apresentar um comentário menos académico, ao passo que tínhamos a vontade de apresentar uma perspetiva de alguém fora do contexto europeu. Estes foram os critérios que fizeram com que seleccionássemos o artigo do arquiteto mexicano Juan Carlos Baumgartner, para a revista *Glocal*²⁷⁴ (Figura 66). O autor recorda o momento em que leu o artigo de J. A. Coderch pela primeira vez, em 1996, quando iniciava a sua carreira. Confessa ter ficado na altura surpreendido com a atualidade, apesar de se terem passado trinta anos desde a primeira publicação. Em 2018, na preparação deste artigo, quando volta a ler “No son genios lo que necesitamos ahora”, torna a surpreender-se com a sua atualidade passados quase sessenta anos. Consideramos que a atualidade do discurso de J. A. Coderch não se reflete através do ensino, como referido por

270 DIEZ, Rafael - Introducción a la arquitectura de una ética/Introduction to the Architecture of an Ethics. 2G. N. 33 (2005)

271 Tradução livre da autora, a partir de: DIEZ, Rafael - Introducción a la arquitectura de una ética/Introduction to the Architecture of an Ethics. 2G. N. 33 (2005)

272 Tradução livre da autora, a partir de: DIEZ, Rafael - Introducción a la arquitectura de una ética/Introduction to the Architecture of an Ethics. 2G. N. 33 (2005)

273 Tradução livre da autora, a partir de: DIEZ, Rafael - Introducción a la arquitectura de una ética/Introduction to the Architecture of an Ethics. 2G. N. 33 (2005)

274 BAUMGARTNER, Juan Carlos - No son genios lo que necesitamos ahora. *Glocal*. N. 46 (Ago./Set. 2018)

“DEAR ALISON” The Diffusion of J.A. Coderch’s Work through his Participation in Team Ten

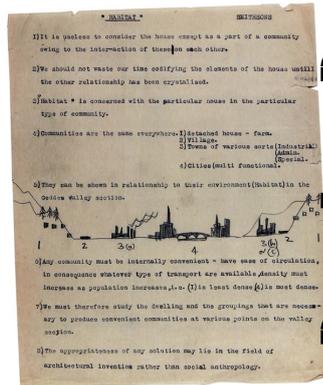
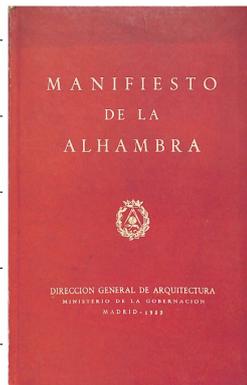
Julio Garnica González-Bárcena

Architect and associate professor at the Department of Theory and History of Architecture at the ETSAB-UPC
juliogarnica@coac.net

Architect and associate professor at the Department of Theory and History of Architecture at the ETSAB-UPC since 2004. He has published several books and articles, has curated of several exhibitions on 20th-century Spanish architecture, and has been a lecturer in different architecture international conferences. In addition to his teaching and research activities, he also works in his own architecture studio.

67

Ana Esteban-Maluenda Universidad Politécnica de Madrid Team 10 Absent The individual architects rather than the collective in Spanish journals of the 1960s



68

Figura 67 - Artículo de Julio Garnica na revista Histories of Postwar Architecture (HPA) N. 4 (2019) [https://hpa.unibo.it/article/view/9815]

Figura 68 - Artículo de Ana Maluenda na revista Joelho N. 10 (2019) [https://impactum-journals.uc.pt/joelho/article/view/_10_2]

Baumgartner, quando diz:

“A maioria das escolas de arquitetura continua a atuar da mesma maneira e, consequentemente, muitos recém formados saem em busca de se tornarem eles próprios o próximo génio da arquitetura.”²⁷⁵

Sentimos que, na realidade, os valores não se alteraram ao longo do tempo, continuando a existir pessoas movidas pelo poder ou pelo dinheiro, deixando de lado as responsabilidades da vivência em sociedade, adotadas apenas por alguns.

Até agora analisámos comentários publicados na imprensa e que denotam uma reflexão mais pessoal do texto de J. A. Coderch. Assim, seleccionámos, por último, dois momentos de receção de “No son genios lo que necesitamos ahora” em 2019 feita por dois investigadores espanhóis, Ana Maluenda e Julio Garnica. Esta é uma receção com um carácter mais académico e menos pessoal.

No artigo de Julio Garnica, “‘Dear Alison’ The diffusion of J. A. Coderch’s work through his participation in Team Ten”²⁷⁶ (Figura 67), encontramos referência ao texto de 1961 apesar de não ser a temática principal do artigo. O mesmo não podemos dizer para o artigo de Ana Maluenda, “Team 10 Absent. The individual architects rather than the collective in Spanish journals of the 1960s”²⁷⁷ (Figura 68), publicado pela revista *Joelho* em 2019, e que aborda os fatores que levaram à divulgação do Team 10 na imprensa espanhola, apresentando J. A. Coderch como uma das principais razões. O texto “No son genios lo que necesitamos ahora” é salientado como a contribuição mais importante de um arquiteto espanhol para o grupo, sendo que a autora já tinha feito referência ao *manifesto* na sua tese doutoral doze anos antes, em 2007. Aqui o manifesto tem um papel mais ativo no discurso, a autora analisa algumas especificidades como, por exemplo, o facto da nota introdutória que acompanhou a publicação da *Domus* poder levar o leitor a pensar que é a própria revista a pedir a J. A. Coderch que escreva o texto. A autora lança ainda a possibilidade da própria revista italiana ter cortado o texto por questões editoriais fazendo-o encaixar nas páginas a ele destinadas.

Este questionamento por parte da autora é algo que tentamos mimetizar ao longo desta dissertação. Acreditamos que é através de uma atitude crítica e de questionamento que é possível alcançar um certo nível de conhecimento.

275 Tradução livre da autora, a partir de: BAUMGARTNER, Juan Carlos - No son genios lo que necesitamos ahora. *Glocal*. N. 46 (Ago./Set. 2018)

276 GARNICA, Julio – “Dear Alison” The diffusion of J. A. Coderch’s work through his participation in Team Ten. *Histories of Postwar Architecture* (HPA). Bolonha. 2611-0075. N.4 (2019), p. 230-241

277 ESTEBAN-MALUENDA, Ana – Team 10 Absent. The individual architects rather than the collective in Spanish journals of the 1960s. *Joelho*. Coimbra. N. 10 (2019), p.26-38 1647-9548

CONCLUSÃO

A nossa receção do artigo em 2020, e a atualidade que consideramos ter, deve-se ao facto de considerarmos um hino ao esforço, ao trabalho e à dedicação e não um “canto à mediocridade”, como apontou Moragas. Enquanto alunos de arquitetura devemos retirar da mensagem de J. A. Coderch, com cerca de sessenta anos, os valores por ele defendidos, e aplicá-los em tudo aquilo que fazemos, principalmente estabelecendo uma coerência entre a nossa essência enquanto seres humanos e o nosso trabalho de arquitetos, contribuindo de uma forma responsável para uma sociedade.

Tivemos a oportunidade de conversar com José Charters Monteiro, arquiteto português que experienciou não só o “papel de tradutor” por várias ocasiões como também o papel de cofundador e diretor de uma revista especializada, a *Arquitectura e Vida*. Quando lhe perguntámos que relação pensa que o tempo tem com a tradução, este ressaltou: “Tem sempre relação, seguramente! Constantemente nos relacionamos com o nosso tempo pessoal e com o nosso tempo social.”²⁷⁸ Para nós o exercício da tradução permitiu aprofundar a reflexão sobre as palavras de J. A. Coderch à luz de 2020. Encontramos três temas essenciais neste discurso do arquiteto catalão que consideramos, enquanto alunos de arquitetura, significativos na transição para a nossa vida profissional, sendo eles: a comunicação e crítica; o pragmatismo *versus* experimentalismo; e o tempo.

A crítica no caso de J. A. Coderch é o próprio *manifesto*, onde não só apresenta os aspetos negativos como apresenta ao leitor o caminho a seguir. Uma atitude acrítica seja em que perspetiva for, pessoal ou profissional, é sempre uma atitude que nos impede de aprender e desenvolver. Apesar de ser necessário um conhecimento geral prévio para efetuarmos uma crítica, ou então essa seria num sentido superficial e não em profundidade, o fundamental é questionar. No momento em que iniciamos os nossos estudos em arquitetura acredito que todos tivemos a dificuldade em criticar não só os nossos trabalhos como o dos outros, principalmente porque a maioria de nós ainda não tinha um conhecimento prévio. A crítica é uma forma de comunicação fundamental não só no campo da arquitetura como também essencial no campo da sociedade.

Um dos autores que pessoalmente temos maior afeição, por via até da atenção que dá ao texto como ferramenta de arquitetura, é Mark Wigley, que em “A banalidade da Arquitectura” declara:

“Para ser preciso, a arquitectura não é produção de objetos. É muito mais a produção de um discurso, uma discussão ou argumentação apaixonada sobre os enigmas dos objetos.”²⁷⁹

Entendemos esse discurso de que nos fala Wigley não sobre os enigmas dos objetos mas sim um discurso sobre a sociedade, o contexto por detrás desses objetos. A arquitetura tem uma ligação

278 Entrevista a José Charters Monteiro (15-06-2020) - Disponível no Anexo XX

279 WIGLEY, Mark - A Banalidade da Arquitectura. *Prototypo*. N. 7 (Ago. 2002)

inquebrável com a sociedade, e com o seu tempo, o que nos leva ao conceito que anunciava Immanuel Kant em 1781²⁸⁰ quando dizia que o tempo e o espaço são fundamentais à compreensão humana. Não deixa de ser significativo tanto J. A. Coderch como Wigley abordarem o entusiasmo que devemos ter. O arquiteto catalão diz que o amor é o mais importante, sendo “aceitação e entrega”, ao passo que Wigley destaca com “apaixonadamente”.

O pragmatismo e o experimentalismo são duas valências que estão presentes no discurso de J. A. Coderch em momentos distintos. O arquiteto catalão refere, por exemplo:

“Uma base formalista e dogmática, sobretudo se é parcial, é má por si própria, salvo raras e catastróficas ocasiões.”²⁸¹

O próprio percurso académico em arquitetura é um balancear entre momentos de experimentação e de pragmatismo. Não podemos, à partida, ficar só pela experimentação, como também não podemos ser pragmáticos ou convencidos ao ponto de achar que a primeira ideia é a melhor logo à partida. Quando referimos ‘logo à partida’ é porque, na realidade, podemos posteriormente entender que aquela ideia inicial tinha a sua força e o seu fundamento, mas só conseguiremos lá chegar depois de termos explorado uma série de outras ideias. O que nos leva ao último ponto, o tempo. O arquiteto catalão no *manifesto* de 1961 fala da pressa:

“Devemos colocar-nos contra o dinheiro, a vaidade do êxito, o excesso de propriedade ou a ganância, a ligeireza e a pressa, a falta de vida espiritual ou de consciência.”²⁸²

Para J. A. Coderch a questão temporal está presente logo no título, o advérbio de tempo “agora” carrega em si já uma reflexão sobre o presente. À partida, o leitor fica a saber que se irá falar do hodierno, não deixando de ser curioso que essa relação que o título faz, e que poderia perder-se por ser um texto de 1961, não acontece, e a atualidade é transversal a todo o *manifesto*. Quando o arquiteto catalão fala sobre a pressa de querermos ser mestres e génios da noite para o dia é ainda hoje um dos muitos males da sociedade. A aprendizagem leva tempo e só através do trabalho e do questionamento constante é que podemos torná-la ligeiramente mais eficaz e rápida. O tempo é a própria condicionante que nos obriga a passar da experimentação para o pragmatismo. O tempo é ainda fundamental do ponto de vista da linguagem, tal como Walter Benjamin menciona em *Tarefa do Tradutor*, dizendo que a tradução permite à obra original alcançar “o seu desenvolvimento último, mais amplo e sempre renovado”²⁸³. A publicação *Linguagem, tradução, literatura*²⁸⁴, editada e traduzida por João Barrento que organiza textos de Walter

280 KANT, Immanuel - **Crítica da Razão Pura**. 6ª edição. Fundação Calouste Gulbenkian. 2008. 9789723106237

281 Tradução livre da autora, a partir de: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura*. N. 73 (Dez.1961)

282 Tradução livre da autora, a partir do *postboxletter* n.8 (Dezembro de 1961), cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre.

283 BENJAMIN, Walter - **Linguagem, Tradução, Literatura** (filosofia, teoria e crítica). 1ª ed. Porto: Assírio & Alvim, 2015. P. 94

284 BENJAMIN, Walter - **Linguagem, Tradução, Literatura** (filosofia, teoria e crítica). 1ª ed. Porto: Assírio & Alvim, 2015. 978-972-37-1827-0

Benjamin, apresenta-nos “Tradução, os pós e os contras”, um diálogo entre Günther Anders e Benjamin onde apresentam uma expressão de Stresemann que dizia:

“Fala-se francês em todas as línguas.”²⁸⁵

Comentando ainda: “O sentido da tradução é essencialmente o de representar a língua estrangeira na própria”. Tendo isto em conta, apesar do *manifesto* de J. A. Coderch apresentar um certo carácter universal, está fortemente ligado à cultura espanhola e ao seu passado. Esta é, para nós, a razão pela qual o texto não foi traduzido pela portuguesa *Arquitectura* em 1961, tendo em conta ainda que é o único artigo integral publicado entre 1957 e 1974 que não passa pelo processo de tradução.

As perguntas apresentadas na introdução, tal como esta questão da não tradução em Portugal, por vezes não foram solucionadas com uma resposta definitiva, sendo que lançámos algumas hipóteses quando isso acontecia. Essas hipóteses são significativas porque, apesar de não apresentarem factos, levam o leitor a compreender que a reflexão é mais importante. O objetivo principal foi sempre contar a história que levou J. A. Coderch a escrever “No son genios lo que necesitamos ahora” ao mesmo tempo que mostrávamos ao leitor que as múltiplas publicações do *manifesto* não são encerradas em si, mas são o reflexo de relações entre as imprensas e entre arquitetos.

Em relação, por exemplo à questão *Mas afinal quem são os génios que J. A. Coderch considera não serem precisos?*, a conclusão a que chegamos através de toda a reflexão é que não podemos generalizar atribuindo aos mestres do moderno dos anos 1920 e 1930. Embora Le Corbusier seja claramente um dos arquitetos que J. A. Coderch considerava desnecessários — é constantemente mencionado pelo arquiteto catalão como um arquiteto que nunca lhe despertou interesse. Da mesma forma não podemos generalizar em relação ao facto do texto poder ser uma possível crítica interna a elementos do Team 10. Ambas as generalizações poderiam ter fundamentos que as alimentariam. Por exemplo J. A. Coderch refere-se a Mies como um verdadeiro mestre/génio:

“Mies podia fazer o que quisesse, simplesmente, porque era um grande mestre.”²⁸⁶

Consideramos que o arquiteto catalão poderia estar a falar de alguns arquitetos em particular, mas que até poderiam ser de ambos os grupos, embora, acreditamos que os génios desnecessários que J. A. Coderch se referia, eram os autoproclamados, os que não tinham humildade.

Acima de tudo é importante que o leitor entenda que esta é a nossa leitura crítica de “No son genios lo que necesitamos ahora” e que cada um poderá fazer uma leitura diferente, tendo em conta as suas próprias experiências, circunstâncias e o seu contexto enquanto arquitetos e pessoas.

285 BENJAMIN, Walter – **Linguagem, Tradução, Literatura** (filosofia, teoria e crítica). 1ª ed. Porto: Assirio & Alvim, 2015. P. 107-109

286 Tradução livre da autora, a partir de: SÒRIA, Enric - **Conversaciones con J. A. Coderch de Sentmenat**. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos. (1997) p.62

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- . AMADÓ, Roser; DOMÈNECH I GIRBAU, Lluís. «Barcelona, Los años 40: Arquitectura Para después De Una Arquitectura». Cuadernos De Arquitectura Y Urbanismo. 2008, N. 121, p.4-7, disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/CuadernosArquitecturaUrbanismo/article/view/121820>
- . ANTUNES, Alfredo da Mata [et. al.] – **Arquitectura Popular em Portugal**, Volume 1 – Zona 1: Minho, Zona 2: Trás-Os-Montes, 3ª edição, Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1988
- . AUCA - Arquitectura Urbanismo Construcción Arte. N. 14 (1969) (disponível em: http://arla.ubiobio.cl/index.php?r=numero-ch%2Fver_detalle_numero&numero=53&revista=2)
- . BAUMGARTNER, Juan Carlos - No son genios lo que necesitamos ahora. Glocal. N. 46 (Ago./Set. 2018) disponível em: https://issuu.com/glocal_design/docs/glocal_46_cropmarks_ok?e=8965625/65251019
- . BELTRAN, Mercè – Coderch revive em el recuerdo de Correa. La Vanguardia. (24 Mai. 2001) disponível em: <http://joseantoniocoderch.org/wp-content/uploads/2015/02/22-Coderch-revive-en-el-recuerdo-a-Correa-LV-25mayo2001.pdf>
- . BENJAMIN, Walter – The Task of the Translator. In Selected Writings, Volume 1 1913-1926, 5ª edição. The Belknap press of Harvard University Press, 2002. 0-674-94585-9
- . BENJAMIN, Walter – **Linguagem, Tradução, Literatura (filosofia, teoria e crítica)**. 1ª ed. Porto: Assírio & Alvim, 2015. 978-972-37-1827-0
- . BENTO D'ALMEIDA, Patrícia; MARAT-MENDES, Teresa; TOUSSAINT, Michel – A publicação da investigação científica produzida no LNEC nas revistas Arquitectura, Binário e Técnica. Cidades Comunidades e Territórios, N° 39 (2019) 2182-3030
- . BERGERA, Iñaki - Photography and modern architecture in Spain - Focusing the Gaze. In **Photography & Modern Architecture, Conference proceedings**. Centro de Estudos Arnaldo Araújo, ESAP-CESAP. Porto. 2015
- . BOHIGAS, Oriol - **Joaquim Gomis fotógrafo**. IVAM Centre Julio Conzález, catalogue from exhibition. Valencia (1997)
- . BUCKLEY, Craig – **After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a new century**. New York: GSAPP Books, 2014. 978-1-883584-87-0
- . CANO, Isabel de Rentería - **Detalles en la arquitectura de J. A. Coderch**. Barcelona: Escuela Técnica y Superior de Arquitectura La Salle, Universidad Ramon Llull. 2013. Tese de doutoramento
- . CAPITEL, Antón - José Antonio Corderch, del mar a la ciudad. In **J. A. Coderch 1945-1976**. Xarait Ediciones, 1978
- . CATARINO DE ALMEIDA, Tiago Alexandre – **Arquitectura e Binário, 1940-1979: As (in)**

visibilidades das mulheres na arquitectura portuguesa. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017. Dissertação de mestrado.

. CHARITONIDOU, Marianna – **An Action Towards Humanization: Doorn manifesto in a transnational perspective** in REVISITING POST-CIAM GENERATION. Debates, proposals and intellectual framework. Porto: CEEA/ESAP-CESAP, 2019, p. 69-86

. CODERCH, José Antonio – No son genios lo que necesitamos ahora. Domus. N. 384. (Nov. 1961) p. 59,60

. CODERCH, José Antonio – No son genios lo que necesitamos ahora. Arquitectura. N. 73 (Dez. 1961)

. CODERCH, José – No son genios lo que necesitamos ahora. In *De revistas*. Cuadernos de Arquitectura. N.46 (Dez. 1961)

. CODERCH, José – No son genios lo que necesitamos ahora. Arquitectura (COAM). N. 38 (Fev. 1962)

CODERCH, José - Architecture pour l'homme ou architecture géniale. L'Architecture d'Aujourd'Hui. N.100 (Fev./Mar. 1962)

. CODERCH, José – No son genios lo que necesitamos ahora. Temas de Arquitectura (TA). N. 37 (1962)

. CODERCH, José – No son genios lo que necesitamos ahora. Hogar y Arquitectura. N. 42 (Set./Out.1962)

. CODERCH, José – It is not geniuses that we need now. Architectural Design. N. 12 (Dez.1962)

. CODERCH, José – No son genios lo que necesitamos ahora. Nueva Forma. N. 106 (Nov. 1974)

. CODERCH, José - Memoria estudio sobre una posible solución del problema de las barracas. Nueva Forma. N. 106 (Nov. 1974)

. CODERCH, José – It is not geniuses that we need now. A+U: Architecture and Urbanism. N.62 (1976)

. CODERCH, José – Espiritualidad de la Arquitectura. Carrer de la Ciutat. N.6 (1979)

. CODERCH, José - Nous n'avons plus besoin de génies. Techniques et Architecture. N.371 (Abr/Mai 1987)

. CODERCH, José - Les génies inutiles. 13 Étoiles: Reflets Du Valais, Wallis Im Bild. N.11 (Nov. 1989)

. CODERCH, José Antonio – No son genios lo que necesitamos ahora. 2G. N. 33 (Abr. 2005)

. CODERCH, J. A. – No son genios lo que necesitamos ahora. Diagonal. N.30 (2011)

. COLOMINA, Beatriz – **Architectureproduction**. New York: Princeton Architectural Press, 1988

. COLOMINA, Beatriz – **Privacy and Publicity, Modern Architecture as Mass Media**. Cambridge: MIT Press, 1994

. COLOMINA, Beatriz; BUCKLEY, Craig – **Clip, Stamp, Fold: The Radical Architecture of Little Magazines 196X to 197X**. New York: ActarD Inc. 2011. 9788496954526

. CORREIA, Nuno – A crítica arquitectónica, o debate social e a participação portuguesa nos “Pequenos Congressos” – 1959/1968. Revista Crítica de Ciências Sociais. N. 91 (Dezembro, 2010) p. 41-57

. CORREIA, Nuno – O início da 3ª série da revista Arquitectura em 1957: a influência das leituras de Casabella-Continuità e Architectural Review. Revista de História da Arte. Lisboa. 1646-1762. N. 12 (2012),

p. 79-93

. CORREIA, Nuno – La llamada ‘Escuela de Barcelona’ en la revista *Arquitectura*, Portugal 1961-1970. In **Las Revistas de Arquitectura (1900-1975): Crónicas, Manifiestos, Propaganda**. Actas Preliminares. Pamplona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra (2012) p. 427-436

. COSTA, Alexandre Alves – **Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa. Outros Textos sobre Arquitectura Portuguesa**, 2ª Edição. Porto: FAUP Publicações, 1995. 972-9483-11-6

. COSTA, Alexandre Alves – **Dissertação**, Porto, Concurso para Professor Agregado da E. S. B. A. P., 1979; edição consultada: 2ª ed., Porto, ed. do curso de arquitectura da E. S. B. A. P., 1982.

. COSTA, Pedro Miguel Correia Baía da – **Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitectónica portuguesa 1951-1981**. Coimbra: [s.n.], 2014. Tese de doutoramento.

. COSTA, Pedro Miguel Correia Baía da – Appropriating Modernism: From the Reception of Team 10 in Portuguese Architectural Culture to the SAAL Programme (1959-74). *Footprint – Delft Architecture Theory Journal*, Volume 5, N°2 (2011) p. 49-70. 1875-1504

. CRYSLER, C. Greig – **Writing Spaces: Discourses of Architecture, Urbanism and the Built Environment, 1960–2000**. Londres: Routledge. 2003. 9780203402689

. CUNHA LEAL, Joana; MAIA, Maria Helena; CARDOSO, Alexandra – **TO AND FRO: Modernism and Vernacular Architecture**. 1ª Edição. Porto: CEEA Editions| Centro de Estudos Arnaldo Araújo da CESAP/ESAP, 2013. 978-972-8784-47-8

. DE MOURA CORREIA, Nuno Carlos Pedroso – **Crítica e debate arquitetónico na 3.ª série da revista “Arquitectura”, Portugal, 1957-1974**. Barcelona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, 2015. Tese doutoral.

. DIAS, Tiago Luis de Noronha Lopes – **Ética e Arquitetura: A Responsabilidade de uma novíssima crítica em Portugal**. X Seminário Docomomo Brasil, Arquitetura Moderna e Internacional: Conexões Brutalistas 1955-75 Curitiba. 15-18.Out.2013 – PUCPR

. DIEZ, Rafael - Introducción a la arquitectura de una ética/Introduction to the Architecture of an Ethics. *2G*. N. 33 (2005)

. DONATO, Emili – **J. A. Coderch i de Sentmenat** [registo vídeo] Espanha: COAC/ Sis Arquitectes, 1984. Vídeo disponível no site da Fundación Arquia (59 min.)

. DONATO, Emili – José Antonio Coderch: Entre el arte y el mito. *La Vanguardia*. (5 Abr. 1988) disponível em: <http://joseantoniocoderch.org/wp-content/uploads/2015/02/16-Jos%C3%A9-Antonio-Coderch-Entre-el-arte-y-el-mito-LVCultura-5abril1988.pdf>

. EMANUEL, Muriel - **Contemporary architects**. Londres: The Macmillan Press, 1980. 978-1-349-04186-2

- . ESTEBAN-MALUENDA, Ana – Team 10 Absent. The individual architects rather than the collective in Spanish journals of the 1960s. *Joelho*. Coimbra. N. 10 (2019), p.26-38 1647-9548
- . ESTEBAN MALUENDA, Ana – **La modernidad importada: Madrid 1949-1968: cauces de difusión de la arquitectura extranjera**. Madrid: E.T.S. Arquitectura (UPM), 2007. Tese doutoral. Disponível em: <http://oa.upm.es/45735/>
- . FERNANDEZ, Sérgio; **Percurso – Arquitectura portuguesa 1930/1974**, Porto: FAUP Publicações, 2ª edição, 1988
- . FIGUEIRA, Jorge - Nuno Portas, Hestnes Ferreira, Conceição Silva: Sobressaltos em Lisboa, anos 1960. *Revista Crítica de Ciências Sociais* n.91. Coimbra 2010
- . FIGUEIREDO, Rute - **Arquitectura e discurso crítico em Portugal: 1893-1918**. Lisboa: Colibri, D.L. 2007. 978-972-772-708-7
- . FLORES, Carlos - La Arquitectura de Jose Antonio Coderch y Manuel Valls, 1942-60. In Actas del Congreso Internacional - **De Roma a Nueva York: Itinerarios de la nueva arquitectura española 1950-1965** (1998) p.67-77
- . FOCHS, Carlos - **J. A. Coderch de Sentmenat: 1913-1984**. 5ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998. 84-252-1387-8
- . FRAMPTON, Kenneth – **Modern Architecture, A Critical History**, Thames & Hudson, reimpressão da 4ª edição, Londres, 2018. 0-500-20257-5
- . FRAMPTON, Kenneth – Homenaje a Coderch. *2G*. Barcelona. 1136-9647. N° 33 (2005)
- . FURTADO, Gonçalo; CARDOSO, Ana Sofia – A Mediatização do Habitar: na “Arquitectura Portuguesa” da 1ª metade do século XX. *Sebentas d’Arquitectura*. Lisboa. 2183-4032. N. 8 (2018), p. 21-72.
- . GADANHO, Pedro – **Arquitectura em público: 15 anos de expansão mediática nas páginas de um jornal português**, 1ª Edição. Porto: Dafne Editora, 2010. 978-989-8217-11-0
- . GARCÍA, Ana Rodríguez – **“No son genios lo que necesitamos ahora’. Una reflexión sobre el escrito de J. A. Coderch en el contexto de Team 10”**, in I Congreso Pioneros de la Arquitectura Moderna Española: Vigencia de su pensamiento y obra. Actas digitales de las Comunicaciones aceptadas al Congreso (Madrid: Fundación Alejandro de la Sota, 2014) / coord. por Teresa Couceiro Núñez, 2014. 978-84-697-0296-3. p. 852-862
- . GARCÍA, Ana Rodríguez – **Huellas de lo vernáculo en Team 10: Alison y Peter Smithson, Ando van Eyck, José Antonio Coderch**. Madrid: Universidad Politécnica de Madrid – Escuela Técnica Superior de Arquitectura. 2016. Tese de doutoramento
- . GARNICA, Julio – “Dear Alison” The diffusion of J. A. Coderch’s work through his participation in Team Ten. *Histories of Postwar Architecture (HPA)*. Bolonha. 2611-0075. N.4 (2019), p. 230-241.
- . KANT, Immanuel - **Crítica da Razão Pura**. 6ª edição. Fundação Calouste Gulbenkian. 2008. 9789723106237

- . KRACAUER, Siegfried – **The Mass Ornament – Weimar Essays**. Cambridge: Harvard University Press, 1995
- . LEJEUNE, Jean-François – **Built Utopias in the Countryside: The Rural and the Modern in Franco's Spain**. Delft University of Technology, 2019. Tese de doutoramento
- . LOPES BARRADAS, Ana Mafalda – **O científico de uma crítica: Nuno Portas e a Revista Arquitectura 1957 | 1974**. Porto: Universidade do Porto, 2012. Dissertação de mestrado
- . LUCCHINI, Marco; JAEN Y URBAN, Gaspar – “Homage to Catalonia”: A glance to Barcelona architecture through the Milanese architectural magazines of the ‘50s-‘60s. *Przestrzeń i Forma*, N.35 (2018) p. 9-24
- . MAIA, Maria Helena; CARDOSO, Alexandra – **Portuguese in CIAM X**, Trabalho apresentado em 20th Century New Towns. Archetypes and Uncertainties. In 20th Century New Towns. Archetypes and Uncertainties. Conference Proceedings, Porto, 2014. 978-972-8784-57-7
- . MOIX, Llàtzer – La última lección de J. A. Coderch de Sentmenat. *La Vanguardia*. (4 Nov. 1988) disponível em: <http://joseantoniocoderch.org/wp-content/uploads/2015/02/17-La-%C3%BAltima-lecci%C3%B3n-de-JACS-LVLibros-4noviembre1988.pdf>
- . MORAGAS, Antoni; FLORES, Carlos – ¿Son o no son genios lo que necesitamos ahora? *Diagonal*. N.35 (2013) (Disponível online em: <http://www.revistadiagonal.com/articles/analisi-critica/son-o-no-son-genios-lo-que-necesitamos-ahora/>)
- . MOYA, Luis - Comentario de Luis Moya In CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura* (COAM). N. 38 (Fev. 1962)
- . MURO, Carles; SALVADÓ, Ton – Comentario por Enric Sòria In Sobre Non son genios. *Web Architecture Magazine WAM 01* (Jul./Ago.1996) Disponível em: <http://www.arranz.net/web.arch-mag.com/1/recy/recy1p.html#comm>
- . MURO, Carles; SALVADÓ, Ton – Comentario por Peter Smithson In Sobre Non son genios. *Web Architecture Magazine WAM 01* (Jul./Ago.1996) Disponível em: <http://www.arranz.net/web.arch-mag.com/1/recy/recy1p.html#comm2>
- . NAVARRO, María Isabel – La crítica italiana y la arquitectura española de los años 50. Pasajes de la arquitectura española en la segunda modernidad. In **Las Revistas de Arquitectura (1900-1975): Crónicas, Manifiestos, Propaganda**. Actas Preliminares. Pamplona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra (2012) p. 61-100
- . OCKMAN, Joan - **Architecture culture 1943-1968: a documentary anthology**. New York: Columbia Books of Architecture, imp. 1996. 0-8478-1522-6
- . PATTEEUW, Véronique – Architecture, Writing and Criticism in the 1960s and 1970s: The little magazine as agent provocateur. *Architectural Theory Review*. 2010. 15:3. Pág. 281-297. 1326-4826
- . PIZZA, Antonio; ROVINA, Josep M. - **Coderch 1940-1964: en busca del hogar**. Barcelona: COAC, 2000. 84-88258-83-6

- . PIZZA, Antonio; ROVIRA, Josep M.- **En busca del hogar. Coderch 1940-1964** (catálogo de exposição). Florença: Mandragora. 2002
- . PIZZA, Antonio - José Antonio Coderch y Domus, “No son genios lo que necesitamos ahora” In **Imaginando la casa mediterránea - Italia y España en os años 50**. Catalogo de exposição. Ediciones Asimétricas. (2019) 978-84-17905-09-5
- . POMÉS, Poldo – **Recordando a Coderch**. [registo de vídeo] Espanha: MINIM, 2014. Trailer do documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ze7a6P9kp4o>
- . PORTAS, Nuno – **Arquitectura(s) - Teoria e Desenho, Investigação e Projecto**, 1ª Edição. Porto: FAUP Publicações, 2005. 972-9483-71-X
- . PORTAS, Nuno – **A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação**. Capítulo XV da edição portuguesa de ZEVI, Bruno, História da arquitectura moderna, Lisboa: Ed. Arcádia, 1970.
- . PORTAS, Nuno – Portugal: Contextual Interpretation and the Importation of Models, 9H, N° 5, 1983, pág. 41-42;
- . RATTENBURY, Kester – **This is Not Architecture – Media Constructions**. London: Routledge, 2002
- . REIS, Sofia - **74-86, Arquitectura em Portugal – Uma leitura a partir da imprensa**. Coimbra: Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2007. Tese de mestrado.
- . RISSELADA, Max; VAN DEN HEUVEL, Dirk – **Team 10: 1953-81: in search of a Utopia of the present**. Rotterdam: NAI Publishers. 2005
- . RODRIGUES, Inês Lima – “No son genios lo que necesitamos ahora” Las relaciones entre la Escuela de Barcelona y la Escuela de Oporto, a través de las revistas (1961-1974) **In Las Revistas de Arquitectura (1900-1975): Crónicas, Manifiestos, Propaganda**. Actas Preliminares. Pamplona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura Universidad de Navarra (2012) p. 635-644
- . RODRIGUES, José Manuel (Coord.) **Teoria e Crítica de Arquitectura - Século XX**. Lisboa: Caleidoscópio / O.A., 2010. 9789896580650
- . SECO, Rui – Antes do recomeço: a cidade nas revistas Arquitectura e Binário. Cidades, Comunidades e Territórios. Lisboa. 2182-3030. N. 33 (2016), p. 133-143. 2182-3030
- . SOLÀ-MORALES, Ignasi – José Antonio Coderch en el mundo arquitectónico europeo. La Vanguardia. (13 Nov. 1984) disponível em: <http://joseantoniocoderch.org/wp-content/uploads/2015/02/8-JACS-en-el-mundo-arquitect%C3%B3nico-europeo-LV-13noviembre1984.pdf>
- . SÒRIA, Enric - **Conversaciones con J. A. Coderch de Sentmenat**. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos. (1997) 84-89882-00-2
- . TÁVORA, Fernando – O Problema da Casa Portuguesa, Cadernos de Arquitectura. Lisboa. N. ° 1 (1947)
- . TÁVORA, Fernando – O encontro de Royaumont. Arquitectura. N° 79 (Jul.1963)

- . Team 10 meetings: 1953-1984. New York: Rizzoli, cop. 1991. Exemplar fotocopiado. 0-8478-1311-8
- . TORMENTA PINTO, Paulo Alexandre – A ideia de cidade a partir do manifesto de Doorn. Sebentas d'Arquitectura. Lisboa. 2183-4032. N. 6 (2011), p. 117-120
- . TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50**, 2ª edição, Porto: FAUP Publicações, 1997. 9729483302 9789729483301
- . TOSTÕES, Ana – **Arquitetura Moderna Portuguesa 1920 – 1970**. Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), em parceria com Ministério da Cultura, Lisboa, 2004.
- . TOSTÕES, Ana – A diáspora ou a arte de ser português. Camões – Revista de letras e culturas lusófonas. N.22 (2013), p. 23-40
- . TOSTÕES, Ana – **Rebels with a cause. Aldo van Eyck and Pancho Guedes, how to find a meaning for the act of built** in REVISITING POST-CIAM GENERATION. Debates, proposals and intellectual framework. Porto: CEAA/ESAP-CESAP, 2019, p. 39-52. 978-972-8784-85-0
- . VERSTEGEN, Ian – **Arnheim, Gestalt and Media: An Ontological Theory**. Cham, Switzerland: Springer Nature Switzerland AG, 2019. 9783030029692
- . WIETHOFF, Alexander; HUSSMANN, Heinrich – **Media Architecture: Using Information and Media as Construction Material**. Berlin: De Gruyter. 2017. 978-3110451375
- . WIGLEY, Mark - A Banalidade da Arquitectura. Prototipo. N. 7 (Ago. 2002)

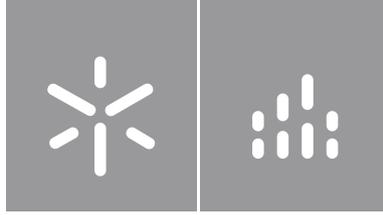


Universidade do Minho
Escola de Arquitetura

Rita Emília Ferreira Fernandes

**“Não é de génios que precisamos agora”,
uma leitura crítica do texto de J. A. Coderch
seguida de uma proposta de tradução**

Volume II



Universidade do Minho

Escola de Arquitectura

Rita Emília Ferreira Fernandes

**“Não é de génios que precisamos agora”,
uma leitura crítica do texto de J. A. Coderch
seguida de uma proposta de tradução**

Volume II

Dissertação de Mestrado Ciclo de Estudos Integrados ao Grau
Mestre em Arquitectura

Cultura Arquitectónica

Trabalho efetuado sob a orientação de

**Professor Doutor João Ricardo
Rosmaninho Duarte Silva**

**Professor Doutor Pedro Miguel
Correia Baía da Costa**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0>

NOTAS DE EDIÇÃO

O Volume II está organizado em torno da nossa proposta de tradução de “No son genios lo que necesitamos ahora” para português. Organizámos a tradução distinguindo três vozes: a reflexão escrita de J. A. Coderch (corpo principal); os comentários orais que o arquiteto faz, em 1984, quando volta a ler o discurso de ingresso à Real Academia de Belas Artes de São Jorge (linhas de texto correspondente a 2/3 do corpo principal); e a nossa voz que procura ajudar o leitor, introduzindo uma nova camada de compreensão, através de notas de tradução e comentários (coluna da esquerda) — ainda do ponto de vista da expressão decidimos: por um lado evidenciar a voz do arquiteto catalão através de uma letra serifada¹, contrastando com a letra correspondente às nossas notas de tradução e comentários; por outro optámos por colocar os comentários de J. A. Coderch numa proporção menor que o manifesto visto tratar-se de uma recepção posterior do próprio.

A tradução do manifesto do arquiteto catalão que propomos não é metáfrase², da mesma forma que não é baseada em apenas uma das suas divulgações — tendo sido conjugados parágrafos de publicações distintas. Esta escolha de não seguir apenas uma deve-se ao facto do texto ter sofrido mudanças ao longo das múltiplas divulgações na imprensa escrita especializada. Ao longo da investigação não encontramos nenhuma tradução integral em português do texto de J. A. Coderch, apesar de no decorrer das cerca de seis décadas de vida de “No son genios lo que necesitamos ahora”, este tenha sido continuamente publicado, comentado e estudado. A acompanhar a nossa proposta de tradução decidimos apresentar a publicação do *manifesto* na revista portuguesa *Arquitectura*³, assinalando os momentos de supressão e transformação sofridos pelo texto.

1 Utilizada uma letra serifada próxima das utilizadas pela *Domus* e pela *Arquitectura*.

2 Uma tradução metáfrase corresponde a uma interpretação literal. Esta nossa proposta tem por base uma tradução livre, não deixando de respeitar as várias fontes.

3 CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura*, N. 73 (Dez.1961).

NO SON GENIOS LO QUE NECESITAMOS AHORA

Texto publicado em Portugal no número 73 da revista *Arquitectura*. Destacado a itálico e entre [] os parágrafos não publicados e apenas a itálico os que foram divulgados alterados.

[Al escribir esto no es mi intención ni mi deseo sumarme a los que gustan de hablar y teorizar sobre Arquitectura. Pero después de veinte años de oficio, circunstancias imprevisibles me han obligado a concretar mis puntos de vista y a escribir modestamente lo que sigue:]

Un viejo y famoso arquitecto americano, si no recuerdo mal, le decía a otro mucho más joven que le pedía un consejo: “Abre bien los ojos, mira, es mucho más sencillo de lo que imaginas.” También le decía: “Detrás de cada edificio que ves hay un hombre que no ves.” Un hombre; no decía siquiera un arquitecto.

NO, no creo que sean genios lo que necesitamos ahora.

Creo que los genios son acontecimientos, no metas o fines. Tampoco creo que necesitamos pontífices de la arquitectura, ni grandes doctrinarios, ni profetas, siempre dudosos. Algo de tradición viva está todavía a nuestro alcance, y muchas viejas doctrinas morales en relación con nosotros mismos y con nuestro oficio (metier) de arquitecto y con nosotros mismos. Creo que necesitamos sobre todo, buenas escuelas y buenos profesores. Necesitamos aprovechar la escasa tradición constructiva y sobre todo la tradición moral, en esta época en que las más hermosas palabras han perdido su verdadera significación.

Necesitamos que miles y miles de arquitectos que piensen menos en Arquitectura, en dinero o en las ciudades del año 2000, y más en su oficio de arquitecto. Que trabajen con una cuerda atada al pie, para que no puedan ir demasiado lejos de la tierra en la que tienen raíces, y de los hombres que mejor conocen; siempre apoyándose en una base firme de dedicación, de buena voluntad y de honradez.

1 O título original em castelhano é: “No son genios lo que necesitamos ahora”, a tradução literal e mais próxima do original para língua portuguesa seria: “Não são génios o que precisamos agora”. A nossa escolha teve em conta uma formulação com maior precisão linguística no caso do português. A complexidade da própria tradução passa por questões como esta. Assim consideramos que “Não é de génios o que precisamos agora” é a forma correta de traduzir.

2 Em algumas versões, por exemplo na *Domus* em novembro de 1961, este parágrafo inicial não é divulgado. Mas a razão pela qual decidimos incluir nesta proposta de tradução, prende-se ao facto de considerarmos uma introdução importante ao texto e onde o arquiteto anuncia, ainda que timidamente, não se tratar de um artigo de teoria da arquitetura. Fonte da tradução: *Postboxletter* n.8 (Dezembro de 1961), cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre.

3 Esta referência a *Kindergarten Chats* evidencia a relação, que o número 73 da revista *Arquitectura* tentou fazer quando publica o texto de J. A. Coderch — seguindo-se da tradução de dois capítulos do livro. Encontramos, no restante discurso de ambos, momentos de convergência de ideais. É fundamental ter em conta que o arquiteto americano escreve *Kindergarten Chats* no início do século XX, enquanto J. A. Coderch escreve *No son genios lo que necesitamos ahora*, já na segunda metade desse século.

4 A frase em itálico só é divulgada na *Domus*, na portuguesa *Arquitectura* e na *Nueva Forma*. Escolhemos incluí-la nesta proposta de tradução pela mensagem que transmite, reforçando que somos, até certo ponto, influenciados pelo ensino. Fonte da tradução: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura*. N. 73 (Dez.1961).

5 A escolha desta versão deve-se pelo reforço que esta publicação faz com as palavras entre parêntesis. A honra é recorrentemente referenciada pelo arquiteto como um das qualidades fundamentais. Fonte da tradução: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. In *De revistas. Cuadernos de Arquitectura*. N. 46 (Dez.1961)

NÃO É DE GÉNIOS QUE PRECISAMOS AGORA¹

Ao escrever isto, não é a minha intenção, nem o meu desejo, juntar-me aos que gostam de falar e teorizar sobre arquitetura. Mas tive que expôr as minhas opiniões e, portanto, senti-me obrigado a apresentar, com toda a humildade, o seguinte.²

Um velho e famoso arquiteto americano, se bem me recordo, dizia a um outro mais jovem que lhe pedia um conselho: “Abre bem os olhos, vê, é muito mais sensível do que imaginas.” Também lhe dizia: “Por detrás de cada edifício que vês existe um homem que não vês.” Um homem, não dizia sequer um arquiteto.

*Este arquiteto era [Louis] Sullivan e escreveu isto em Kindergarten Chats.*³

NÃO, não creio que seja de génios que precisamos agora.

Creio que os génios são acontecimentos, não metas ou fins. Nem acredito que precisemos de Pontífices de Arquitectura, nem grandes doutrinários, nem profetas, sempre duvidosos. Algo de tradição viva ainda está ao nosso alcance, e muitas antigas doutrinas morais, em relação com o nosso ofício de arquitetos e connosco mesmo. *Creio que precisamos, sobretudo, de boas escolas e de bons professores.*⁴ Precisamos aproveitar a escassa tradição construtiva e, sobretudo, a tradição moral, neste tempo em que as palavras mais sublimes perderam o seu verdadeiro significado.

Precisamos que os milhares e milhares de arquitetos que andam pelo mundo pensem menos em Arquitectura (com maiúscula), em dinheiro ou em cidades do ano 2000 e mais no seu ofício de arquitetos. Precisamos que trabalhem com uma corda atada ao pé, para não irem mais longe do que a terra em que têm raízes e dos homens que melhor conhecem, apoiando-se sempre numa base firme de dedicação, boa vontade e honradez⁵.

Honra! Honra! A honra não é não trair a mulher. A honra é outra coisa. As pessoas agora não sabem o que significa.

[Tengo el convencimiento de que cualquier arquitecto de nuestros días medianamente dotado, preparado o formado, si puede entender esto también puede fácilmente realizar una obra verdaderamente viva. Esto es para mí lo más importante, mucho más que cualquier otra consideración o finalidad, sólo en apariencia de orden superior.]

Creo que nacerá una auténtica y nueva tradición viva de obras que pueden ser diversas en muchos aspectos, pero que habrán sido llevadas a cabo con un profundo conocimiento de lo fundamental y con una gran conciencia, sin preocuparse del resultado final que, afortunadamente, en cada caso se nos escapa y no es un fin en sí, sino una consecuencia.]

Creo que para conseguir estas cosas, hay que desprenderse antes de muchas falsas ideas claras, de muchas palabras huecas, y trabajar de uno en uno, con la buena voluntad que se traduce en acción propia y enseñanza, más que en doctrinarismo.

Creo que la mejor enseñanza es el ejemplo; trabajar vigilando continuamente para no confundir la flaqueza humana, el derecho a equivocarse, capa que cubre tantas cosas, con la voluntaria ligereza, la inmoralidad o el frío cálculo del trepador.

[Imagino a la sociedad como una especie de pirámide, en cuya cúspide estuvieran los mejores y menos numerosos, y en la amplia base las masas. Hay una zona intermedia en la que existen gentes de toda condición que tienen conciencia de algunos valores de orden superior y están decididos a obrar en consecuencia. Estas gentes son aristócratas y de ellos depende todo. Ellos enriquecen la sociedad hacia la cúspide con obras y palabras, y hacia la base con el ejemplo, ya que las masas sólo se enriquecen por respeto o mimetismo. Esta aristocracia hoy prácticamente no existe, ahogada en su mayor parte por el materialismo y la filosofía del éxito. Solían decirme mis padres que un caballero, un aristócrata es la persona que no hace ciertas cosas, aun cuando la Ley, la Iglesia y la mayoría las aprueben o las permitan. Cada uno de nosotros, si tenemos conciencia de ello, debemos individualmente constituir una nueva aristocracia. Este es un problema urgente, tan apremiante que debe ser acometido enseguida. Debemos empezar pronto y después ir avanzando despacio sin desánimo. Lo principal es empezar a trabajar y entonces, sólo entonces, podremos hablar de ello.]

La sociedad se enriquece espiritualmente hacia la cumbre con obras y palabras, hacia la base por mimetismo y respeto a una aristocracia que hoy prácticamente

6 Estes dois parágrafos não foram publicados nem na *Domus*, nem na portuguesa *Arquitectura*, nem na *Nueva Forma*. A omissão, principalmente na *Domus*, pode ter a ver com o facto do arquiteto não os ter incluído quando enviou a Giovanni “Gio” Ponti, ou foram apenas cortados na edição. Nas restantes publicações, com exceção da *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, as palavras/ou expressões correspondentes a “aparentemente” e “não são suficientes” (página 15) aparecem em itálico ou sublinhadas — nesta proposta de tradução optámos pelo negrito e itálico. Fonte da tradução: *Postboxletter* n.8 (Dezembro de 1961), cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre.

7 Optou-se por traduzir a expressão “Que huelen a sobaquina de guardia” que é uma expressão espanhola com sentido pejorativo. Na legendagem do vídeo esta é traduzida para inglês como “which reek of cheap revisionism”. A nossa proposta de tradução advém desta em inglês por considerarmos mais específica e por manter o sentido da frase de J. A. Coderch.

8 A expressão “sangue frio” é a tradução que decidimos escolher para “the cold calculation of the climber or getter-on”. Consideramos que deste modo o sentido mantém-se, sendo uma expressão mais familiar pelo leitor português. Fonte da tradução: *Postboxletter* n.8 (Dezembro de 1961), cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre.

9 Este parágrafo nas versões que seguem a linha da *Domus* (*Arquitectura* e *Nueva Forma*) não é divulgado na íntegra. Fonte da tradução: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. In *De revistas. Cuadernos de Arquitectura*. N. 46 (Dez.1961)

Tenho a convicção de que qualquer arquiteto dos nossos dias, dotado, preparado ou formado medianamente, pode entender isto e facilmente realizar uma obra verdadeiramente viva. Isto, para mim, é o mais importante, muito mais do que qualquer outra consideração ou finalidade, que **aparentemente** deveria ter precedência.

Creio que é através dos trabalhos, os quais podem variar profundamente em todos os aspectos, e quando realizados com um sólido conhecimento do que é fundamental e com grande consciência, sem se preocupar com o resultado final (que felizmente, de qualquer forma, nos escapa e não é um fim, mas uma consequência), que nascerá uma nova tradição autêntica e viva.⁶

Creio que, para alcançar estas coisas, há que deixar cair muitas ideias falsas, muitas palavras vazias, e trabalhar com boa vontade procurando desenvolver uma ação e uma pedagogia próprias, mais do que uma doutrina.

Como nas ideologias modernas, que tresandavam a revisionistas baratas⁷ porque vinham do século das luzes até ao século XIX. Ou seja, em vez de se andar para a frente anda-se para trás.

Creio que a melhor pedagogia é o exemplo; trabalhar vigiando continuamente para não confundir a fragilidade humana, o direito a errar — camada que oculta muitas coisas, como a ligeireza voluntária, a imoralidade ou o sangue frio.⁸

Imagino a sociedade como uma espécie de pirâmide, onde no cume estão os melhores e em menor número, e na ampla base as massas. Há uma zona intermédia onde as pessoas de todas as condições que tem consciência de alguns valores de ordem superior e estão decididos a trabalhar em consequência. Estas pessoas são aristocratas e deles depende tudo. Eles enriquecem a sociedade, o topo com obras e palavras, e a base com o próprio exemplo, visto que as massas só enriquecem por respeito ou mimetismo.⁹

Como a cópia em toda a América.

no existe, ahogada en gran parte por el materialismo, por la filosofía del éxito. En España, me explicaban mis padres, un caballero, un aristócrata, es la persona que no hace ciertas cosas que la Ley, la Iglesia, y la mayoría aprueban o permiten. Hay que constituir una nueva aristocracia de uno en uno. Creo que es la única manera de no perder el tren. Hay que ir despacio y empezar pronto. Empezar cada uno de nosotros y en todo caso hablar luego de ello.

Al dinero, al éxito, al exceso de propiedad o de ganancias, a la ligereza, a la prisa, a la falta de vida espiritual o de conciencia hay que enfrentar: la dedicación, el oficio, la buena voluntad, el tiempo, el pan de cada día y, sobre todo, el amor, que es aceptación y entrega, no posesión y dominio. A esto hay que aferrarse.

Se considera que cultura o formación arquitectónica es ver, enseñar o conocer más o menos profundamente las realizaciones, los signos exteriores de riqueza espiritual de los grandes maestros. Se aplican a nuestro oficio los mismos procedimientos de clasificación que se emplean (signos exteriores de riqueza económica) en nuestra sociedad materialista. Luego nos lamentamos, porque ya no hay grandes arquitectos menores de sesenta años, porque la mayoría de los arquitectos son malos, porque las nuevas urbanizaciones resultan antihumanas casi sin excepción en todo el mundo, porque se destrozan nuestras viejas ciudades y se construyen casas y pueblos como decorados de cine a lo largo de nuestras hermosas costas Mediterráneas.

10 Na maior parte das publicações não encontramos “tecnologia e burocracia estatais incompatíveis com a liberdade e a iniciativa criadora. Com o Sagrado.” Esta é uma adição por parte do arquiteto quando revê o texto para o utilizar como discurso de ingresso à Real Academia de Belas Artes em 1977. Fonte da tradução: CODERCH, José – *Espiritualidad de la Arquitectura. Carrer de la Ciutat*. N.6 (1979)

11 Na publicação da *L'Architecture d'Aujourd'Hui* a única palavra que não foi traduzida no texto é “caballero” aqui traduzido para “cavalheiro”. Fonte da tradução: *Postboxletter* n.8 (Dezembro de 1961), cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre.

12 Fonte da tradução: *Postboxletter* n.8 (Dezembro de 1961), cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre.

13 Na maior parte das versões não é publicada a expressão “sem desânimo”. Fonte da tradução: CODERCH, José – *Espiritualidad de la Arquitectura. Carrer de la Ciutat*. N.6 (1979)

14 A escolha desta versão prendeu-se ao facto de nos parecer mais clara na mensagem. J. A. Coderch, quando lê a *Espiritualidad de la Arquitectura*, em 1984, acrescenta a expressão a vermelho/italico “que isto sim é importante”, reforçando a ideia que devemos amar aquilo que fazemos. Fonte da tradução: *postboxletter* n.8 (Dezembro de 1961), cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre.

Esta aristocracia hoje praticamente não existe, afagada pelo materialismo, a filosofia de êxito, a tecnologia e burocracia estatais incompatíveis com a liberdade e a iniciativa criadora. Com o Sagrado.¹⁰

E repito, com o Sagrado.

Em Espanha, os meus pais costumavam dizer-me que um cavalheiro, um aristocrata, é uma pessoa que não pode fazer certas coisas, a não ser quando a Lei, a Igreja e a maioria as aprovem e permitem.¹¹ Devemos todos, cada um de nós, individualmente constituir uma nova aristocracia.¹²

Isso é um pouco presunçoso, mas é verdade. Disse assim e creio que é assim, nada mais.

Este é um problema urgente. Temos de começar em breve e depois ir avançando devagar, sem desânimo. O principal é começar a trabalhar e depois, em todo o caso, falar disso.¹³

Levo 42 anos de trabalho e todavia ainda não há tradição.

Devemos colocar-nos contra o dinheiro, a vaidade do êxito, o excesso de propriedade ou a ganância, a ligeireza e a pressa, a falta de vida espiritual ou de consciência. Em vez disso, devemos introduzir dedicação, ofício, boa vontade, tempo, o pão de cada dia e, sobretudo, amor; — *que isto sim é importante* —, que é aceitação e entrega, não possessão e domínio — isso tudo deve ser tomado em consideração, pois esses são os verdadeiros valores.¹⁴

Considera-se que cultura ou formação arquitetónica é ver, ensinar ou conhecer mais ou menos profundamente as realizações – símbolos exteriores de riqueza espiritual – dos grandes Mestres atuais e do passado. Aplicam-se no nosso ofício os mesmos procedimentos de classificação – símbolos exteriores de riqueza económica – que se aplicam na nossa sociedade materialista. Posto isto nos lamentamos de que já não há grandes arquitetos, de que a maioria dos arquitetos são maus, de que as novas urbanizações resultam anti-humanas, quase sem exceção no mundo inteiro, de que se destroem as nossas velhas cidades e se constroem casas e cidades como cenários

Es por lo menos curioso que se hable y se publique tanto, sobre los signos exteriores de los grandes maestros (signos muy valiosos en verdad), y no se hable apenas de su valor moral.

[¿No es extraño que se hable o escriba de sus flaquezas como cosas curiosas o equívocas y se oculte como tema prohibido o anecdótico su posición ante la vida y ante su trabajo? ¿No es curioso también que tengamos aquí, muy cerca, a Gaudí (yo mismo conozco a personas que han trabajado con él) y se hable tanto de su obra y tan poco de su posición moral y de su dedicación?]

Es curioso que se hable o escriba de sus flaquezas como cosas curiosas o equívocas, y se oculte como tema prohibido o anecdótico su posición ante la vida y ante su trabajo.

Es curioso, aquí tenemos a Gaudí muy cerca (yo mismo conozco personas que lo han tratado personalmente en su trabajo), que se hable tanto de su obra y tan poco de su posición moral y de su dedicación. Es más curioso todavía el contraste entre lo mucho que se valora la obra de Gaudí, que no está a nuestro alcance, y el silencio o ignorancia de la moral o la posición ante el problema de Gaudí que, esto sí, está al alcance de todos nosotros.

Con grandes maestros de nuestra época pasa prácticamente lo mismo.

Se admiran sus obras, o mejor dicho, las formas de sus obras y nada más, sin profundizar para buscar en ellas lo que tienen dentro, lo más valioso, que es precisamente lo que está a nuestro alcance. Claro está que esto supone aceptar nuestro propio techo o límite, y esto no se hace, porque casi todos los arquitectos, quieren tener mucho dinero, o ser Le Corbusier;

15 Na maior parte das versões o arquiteto especifica “não há grandes arquitetos com menos de sessenta anos”. Escolhemos a versão que suprime a idade por considerarmos que não é fundamental este pormenor. Fonte da tradução: CODERCH, José – *Espiritualidad de la Arquitectura. Carrer de la Ciutat*. N.6 (1979)

16 Esta mensagem que J. A. Coderch deixa em meados dos anos 1980 aplica-se hoje em 2020. Esta ponderação deve estar presente em qualquer intervenção arquitetónica, não esquecendo o passado nem as ferramentas que hoje nos estão disponíveis.

17 Na maior parte das versões o arquiteto não utiliza a palavra “contraste”. Na leitura de 1984 acrescenta ainda “que isto sim está ao nosso alcance ou pelo menos devíamos tentar que esteja”. Fonte da tradução: CODERCH, José – *Espiritualidad de la Arquitectura. Carrer de la Ciutat*. N.6 (1979)

18 O uso das frases interrogativas não é transversal às publicações do texto. As divulgações na *Domus*, na portuguesa *Arquitectura* e na *Nueva Forma*, não as apresentam, transformando-as em afirmações. Estas diferenças entre afirmação e interrogação alteram a relação entre o autor e o leitor - no caso da interrogação, por exemplo, o autor ao confrontar o leitor diretamente, estabelece com ele um contacto mais próximo - razão pela qual fazemos uso da interrogação. Fonte da tradução: CODERCH, José - *No son genios lo que necesitamos ahora*. In *De revistas. Cuadernos de Arquitectura*. N. 46 (Dez.1961)

19 Esta frase não aparece na maioria das publicações. Encontramo-la apenas na *Team 10 Primer* e no livro de Joan Ockman *Architecture Culture 1943-1968*. Fonte da tradução: *Postboxletter* n.8 (Dezembro de 1961), cedido pelo arquivo do arquiteto, no Jaap Bakema Study Centre.

de filmes ao longo das nossas belas costas mediterrânicas.¹⁵

*Quase ninguém aprendeu, ou se deu conta, de que os arquitetos da nossa época estão perante um desafio importantíssimo e brutal, fazer compatível a espiritualidade das velhas cidades, dos velhos edifícios, com a rica, riquíssima, tecnologia da construção que temos agora.*¹⁶

É curioso o contraste entre o muito que se valorizam as obras dos grandes mestres, que não estão ao nosso alcance, e o silêncio ou ignorância do seu valor moral ou posição perante o problema, — *que isto sim está ao nosso alcance ou pelo menos devíamos tentar que esteja.*¹⁷ Não é estranho que se fale e se escreva sobre as fragilidades como coisas curiosas e erradas e se oculte, como tema proibido ou anedótico, as suas posições perante a vida e perante o trabalho?

Não é também curioso que tenhamos aqui, muito perto, Gaudí (eu mesmo conheço pessoas que trabalharam com ele) e se fale tanto da sua obra e tão pouco da sua posição moral e da sua dedicação?

É ainda mais curioso o contraste entre a valorização da obra de Gaudí, que não está ao nosso alcance, e o silêncio ou ignorância da moral ou da posição de Gaudí perante um problema, que isto sim está ao nosso alcance.¹⁸

Nós não podemos alcançar o seu génio, mas devemos emular a sua devoção e trabalho. Todos os arquitetos conseguem fazer isso se assim o desejarem. Devemos concentrar-nos nas coisas que somos capazes de fazer e não o contrário.¹⁹

Com os grandes mestres da nossa época passa-se, exatamente, o mesmo.

Não são numerosos, esta é a verdade.

Admiram-se as suas obras, ou melhor dito, as formas das suas obras e nada mais, sem aprofundar para procurar nelas o que têm por dentro, o mais precioso, o que está ao nosso alcance, precisamente. Claro que isto supõe aceitar o nosso próprio limite, o que nos é possível quando se quer ser um Le Corbusier ou ganhar muito

Y esto el mismo año en que acaban sus estudios de Arquitecto. Hay aquí un arquitecto, recién salido de la Escuela, que ha publicado ya una especie de manifiesto impreso en papel muy valioso, después de diseñar una silla, si podemos llamarla así.

La verdadera cultura espiritual de nuestra profesión siempre ha sido patrimonio de unos pocos. La postura que permite el acceso a esta cultura, es patrimonio de casi todos, y esto no lo aceptamos, como tampoco aceptamos el comportamiento cultural, que debería ser obligatorio y estar en la conciencia de todos.

Antiguamente el Arquitecto tenía firmes puntos de apoyo. Existían muchas cosas que eran aceptadas por la mayoría como buenas o inevitables, y la organización de la sociedad, tanto en sus problemas sociales como económicos, religiosos, políticos, etc., evolucionaban lentamente. Existía, por otra parte, más dedicación, menos orgullo y una tradición viva en la que apoyarse. Las clases elevadas tenían un concepto más claro de su misión, y rara vez se equivocaban en la elección de los arquitectos de valía; y la cultura espiritual se propagaba naturalmente. Las pequeñas ciudades crecían como plantas, en formas distintas, pero de una manera lenta y viva. Raramente existía ligereza, improvisación o irresponsabilidad. Se realizaban obras de todas clases, que tenían un valor humano que se da hoy muy excepcionalmente. Rara vez también se planteaban problemas de crecimiento, ni se tenía la sensación, como ocurre ahora, de que la evolución de la sociedad es muy difícil de prever, como no sea a muy corto plazo.

Hoy día, las clases dirigentes han perdido el sentido de su misión, y tanto la aristocracia de la sangre, como la del dinero, la de la inteligencia, la de la Iglesia, la de la política, salvo rarísimas y personales excepciones, contribuyen decisivamente,

20 No livro “Conversaciones con J. A. Coderch de Sentmenat” de Enric Sòria, J. A. Coderch diz, acerca de Le Corbusier: “Nunca o quis conhecer. Não tinha classe. [...] Era indelicado e fátuo. Como arquiteto [...] acho que foi bastante mediocre. Como urbanista, nefasto e como panfletário, genial. Causou muitos danos àqueles que o seguiram.” (p.46-47) Estas afirmações do arquiteto catalão mostram que Le Corbusier era para ele um dos gênios desnecessários.

21 A frase onde o arquiteto aborda o manifesto realizado por um aluno não foi utilizada no discurso de ingresso à Real Academia de Belas Artes em 1977. Alguns artigos apontam para o facto de J. A. Coderch atribuir um sentido negativo à palavra manifesto, opinião que não partilhámos. Consideramos, que o arquiteto catalão ao transmitir a ideia que a pessoa em questão não estava pronta, concede ao conceito de manifesto importância, parecendo afirmar que tal não pode ser feito por qualquer um. Fonte da tradução: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura*. N. 73 (Dez.1961).

22 O arquiteto quando, na leitura em 1984, faz estes dois comentários sobre o comunismo e um dos seus instrumentos (os gulags), parecia estar, claramente, a criticar. Ao mesmo tempo, podemos interpretar que, segundo J. A. Coderch, o comunismo e o seu processo de institucionalização (de repreensão quando o “comportamento cultural” não é transversal) não são compatíveis.

23 Fonte da tradução: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. In De revistas. *Cuadernos de Arquitectura*. N. 46 (Dez.1961)

dinheiro;

Além disso, Le Corbusier²⁰ não é santo da minha devoção, nem como arquiteto nem como pessoa.

Isto no mesmo ano em que acabam os estudos em Arquitetura. Há aqui um arquiteto, recém formado da Escola, que publicou uma espécie de manifesto impresso em papel depois de ter desenhado uma cadeira, se é que a podemos chamar assim²¹.

A verdadeira cultura espiritual da nossa profissão sempre foi património de poucos. A postura que permite o acesso a esta cultura é património de quase todos, e isto não aceitamos, como nem aceitamos o comportamento cultural, — *como diziam os comunistas*²² —, que deveria ser obrigatório e estar na consciência de todos.

Não me refiro aos gulags mas sim às relações entre as pessoas.²² Em suma, a boa educação que é a única coisa que corrige os imbecis.

Antigamente, o arquiteto tinha fortes pontos de apoio. Existiam muitas coisas que eram aceites pela maioria como boas ou, então, inevitáveis, — *isso é importante, como boas* —, e a organização da sociedade, tanto nos seus problemas sociais como económicos, religiosos, políticos, etc., evoluía lentamente. Existia, por outro lado, mais dedicação, menos orgulho e uma tradição viva onde se apoiar. Com todos os seus defeitos, as classes superiores tinham um conceito mais claro da sua missão, e raramente se enganavam na eleição dos arquitetos de valia; — *essa é uma grande verdade* —, assim, a cultura espiritual propagava-se naturalmente. As pequenas cidades cresciam como plantas, em diferentes formas, mas com lentidão e desfrutando da vida coletiva. Raramente existia ligeireza, improvisação ou irresponsabilidade. Realizavam-se obras de todas as classes com um valor humano que hoje é muito excepcional. Por vezes, mas não com frequência, surgiam problemas de crescimento, mas sem essa sensação, hoje inevitável, de que a evolução das cidades é muito rápida e muito difícil de prever, se não no curto prazo.²³

Hoje em dia, as classes dirigentes perderam o seu sentido de missão e, tanto a aristocracia de sangue, como a do dinheiro, da inteligência, da Igreja, da política,

por su inutilidad, espíritu de lucro, de poder y falta de conciencia de sus responsabilidades al desconcierto arquitectónico actual.

Por otra parte, las condiciones en las que tenemos que basar nuestro trabajo varían continuamente. Existen problemas religiosos, morales, sociales, económicos, de enseñanza, de familia, de fuentes de energía, etc., que pueden cambiar de forma imprevisible la faz y la estructura de nuestra sociedad (son posibles cambios brutales cuyo sentido se nos escapa) y que impiden hacer previsiones honradas a largo plazo.

Como he dicho ya tantas veces, no tenemos la clara tradición viva, qué es imprescindible para la mayoría de nosotros. Las experiencias realizadas hasta ahora, en nuestra profesión no son suficientes para que de ellas se desprenda el camino imprescindible que haya de seguir la gran mayoría de los arquitectos que ejercen su oficio en todo el mundo. En el mejor de los casos se busca la solución en formalismos y tópicos de gloriosos y viejos maestros de la arquitectura actual, prescindiendo de su espíritu, de su circunstancia y, sobre todo, ocultando cuidadosamente con grandes y magníficas palabras, nuestra gran irresponsabilidad ambición y ligereza.

24 Fonte da tradução: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura*, N. 73 (Dez.1961).

25 Fonte da tradução: CODERCH, José - Espiritualidad de la Arquitectura. *Carrer de la Ciutat*, N.6 (1979)

26 Optou-se por traduzir a palavra catalã "estulticia", utilizada pelo arquiteto para absurdidade. O uso de expressões ou palavras catalãs não deixa de ser significativo. Esta questão da língua no caso do arquiteto catalão está claramente associada a questões ideológicas. Recordamos o leitor que J. A. Coderch lutou na Guerra Civil Espanhola pelo lado vencedor, o *Bando Nacional*, que decide banir as línguas regionais espanholas quando chega ao poder.

27 Na leitura em 1984 o arquiteto acrescenta este comentário, demonstrando dúvida da grande contribuição das experiências levadas a cabo até aquela data. Se no *manifesto* de 1961 e no discurso em 1977 este parágrafo demonstrava alguma esperança, em 1984, J. A. Coderch está cético em relação a essas contribuições.

28 Fonte da tradução: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. In De revistas. *Cuadernos de Arquitectura*, N. 46 (Dez.1961)

salvo raríssimas exceções, contribuem decisivamente com a sua inutilidade, espírito de lucro, de poder, e falta de consciência e responsabilidade para a confusão arquitetónica atual.²⁴

Bem, isto na realidade passa-se com tudo, e é consequência das ideologias nascidas no século XVIII e que vão crescendo em força à medida que chegam à nossa época.

Por outro lado, as condições nas quais temos de trabalhar variam continuamente. Existem problemas religiosos, morais, sociais, económicos, de ensino, de família, de fontes de energia, etc., que podem alterar, de forma imprevisível a face e a estrutura da nossa sociedade (são possíveis alterações brutais cujo sentido nos escapa) e que nos impedem de fazer previsões honradas a longo prazo.²⁵

Chesterton já dizia que o futuro não existe, que o futuro é para os médiocres. Porque é como um muro branco e vazio, onde todas as pessoas podem escrever em letras tão grandes quanto a sua própria estupidez. Mas, em vez disso, a parede do passado está cheia de nomes, de escritos e de coisas, não há espaço para a absurdidade²⁶ do nosso tempo.

Como referi nas alíneas anteriores, não temos a clara tradição viva que é imprescindível para a maioria de nós. As experiências levadas a cabo até agora e que, sem dúvida, em alguns casos representam uma grande contribuição, — *disto duvido um pouco*²⁷—, **não são suficientes** para revelar o caminho essencial que a maioria dos arquitetos, que praticam a sua profissão no mundo inteiro, devem seguir. Na ausência desta clara tradição viva, e no melhor dos casos, a solução é procurada em formalismos, na aplicação rigorosa do método ou da rotina, e nos tópicos dos gloriosos e antigos mestres da arquitetura atual, prescindindo do seu espírito, da sua circunstância e, acima de tudo, ocultando, cuidadosamente, com grandes e magníficas palavras, a nossa grande irresponsabilidade (que muitas vezes é apenas falta de pensamento), a nossa ambição e ligeireza.²⁸

Quero anunciar que isso é um ato de orgulho. Este tremer de mãos que tenho, tenho-o sempre e chama-se tremor familiar e não é o que disse um aluno de arquitetura: "Como se encontra senhor Coderch? Qual é o nome da doença

Es ingenuo creer como se cree que el ideal y la práctica de nuestra profesión pueden condensarse en slogans como el del sol, la luz, el aire, el verde, lo social y tantos y tantos otros. Una base formalista y dogmática, sobre todo si es parcial, es mala en sí, salvo en muy raras y catastróficas ocasiones. De todo esto se deduce, a mi juicio, que en los caminos diversos que sigue cada arquitecto consciente, tiene que haber algo común, algo que debe estar en todos nosotros, y aquí es donde vuelvo al principio de esto que he escrito, sin ánimo de dar lecciones a nadie, con una profunda y sincera convicción.

[El viejo Goethe decía: “El tema propio de la historia del mundo y de la humanidad, su tema único y el más profundo, al que todos los demás están subordinados, es el conflicto entre fe e incredulidad. Todas las épocas en las que domina la fe, no importa la forma en que se presente, son brillantes, levantan el corazón y dan frutos en el presente y en el futuro. Po el contrario, todas las épocas en las que la incredulidad, de la manera que sea, afirma su triste victoria, incluso cuando sucede que brillan por un tiempo con un falso resplandor, desaparecen de la vista en la posteridad, porque no hay nadie al que le guste molestarse en conocer lo que no ha dado fruto.”]

29 No original J. A. Coderch diz “he quedado como un duque.” Traduzimos para “Permaneci como um duque” porque a mensagem é de indiferença perante a pergunta do aluno.

30 Neste comentário o arquiteto volta a usar uma expressão catalã, agora através de um coloquialismo, “no es fotin, cony” que traduzimos como “não se riam!”

31 Optámos por apresentar o diálogo contado por J. A. Coderch em francês lançando na mesma uma tradução para português.

32 Fonte da tradução: CODERCH, José - No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura*, N. 73 (Dez.1961).

33 Na maior parte das publicações esta frase não é apresentada da mesma forma apesar de manter, transversalmente, o sentido. Fonte da tradução: CODERCH, José – Espiritualidad de la Arquitectura. *Carrer de la Ciutat*, N.6 (1979)

34 No livro “Conversaciones con J. A. Coderch de Sentmenat” de Enric Sòria, J. A. Coderch diz: “Pensar que é possível inovar em tudo é um absurdo. Eu já lhe falei sobre essa frase lúcida de Goethe, que mais tarde aprendi que era chinesa.” Esta afirmação, apesar de não especificar a frase que se tratava, leva-nos a pensar que é muito provavelmente esta que J. A. Coderch refere no discurso de ingresso à Real Academia de Belas Artes de S. Jorge.

que faz tremer?” Não sabem o nome da doença? Parkinson, sim senhor. Permaneci como um duque²⁹. E aqui me perdi... independentemente do seu espírito, da sua circunstância e, acima de tudo, ocultando, cuidadosamente, com grandes e magníficas palavras, a nossa grande irresponsabilidade (que muitas vezes é apenas falta de pensamento), a nossa ambição e a nossa leveza. Em suma, o caminho fácil. Há relativamente pouco tempo fui visitar a minha tia que tem noventa anos que é francesa mas vive na Suíça e tem dinheiro. E o Le Monde, um dos diário mais repugnantes que existe, para além do Cambio 16 e do El País e todos esses. (Não se riam!)³⁰ E ela levou-me a visitar uma obra de um amigo seu arquiteto que segundo ela era uma maravilha porque era feito de aço, alumínio e vidro como se o aço, o alumínio e o vidro servissem para algo em si próprios. Como esperava, a obra era um asco, era uma obra da ONU, era uma verdadeira porcaria. Então, eu disse-lhe que as obras não devem ser feitas assim. E a minha tia disse: “Então como se devem fazer?” E eu disse-lhe que se deve colocar três elementos fundamentais: amor, tempo e sofrimento. Quando disse a palavra sofrimento ela respondeu-me: “Voilà, l’espagnol est sorti!” / “Cá está, o espanhol a falar!”. E eu disse-lhe: “¡Bien Madame, bien sûre!” / “Sim Madame, claro!”³¹. Tinha muito orgulho. Ora bem, onde estávamos?

É ingênuo crer, como acontece, que o ideal e a prática da nossa profissão possam ser condensados em *slogans* como o sol, a luz, o ar, o verde, o social e muitos outros. Uma base formalista e dogmática, sobretudo se é parcial, é má por si própria, salvo raras e catastróficas ocasiões.³² De tudo isso, deduz-se, na minha opinião, que nos diversos caminhos que cada arquiteto consciente segue, deve haver algo em comum, algo que deve estar em todos nós, sem esquecer a História e a sua sabedoria antiga.³³

Goethe dizia³⁴: “O tema apropriado da história do mundo e da humanidade, o tema único e mais profundo, ao qual todos os outros lhe estão subordinados, é o conflito entre fé e descrença. Todas as épocas em que a fé domina, não importando a forma como é apresentada, são brilhantes, elevam o coração e dão frutos no presente e no futuro. Pelo contrário, todas as vezes em que a descrença, de qualquer maneira, afirmou a sua triste vitória, mesmo quando brilham por um tempo com um falso resplendor, desaparece de vista a posteridade, porque não há ninguém que goste de

[Una frase de Einstein, que no es santo de mi devoción, preside nuestro despacho desde hace muchos años, dice así: “La cosa más hermosa que un hombre pueda sentir es el lado misterioso de la vida. En él está la cuna del Arte y de la Ciencia verdadera”.]

[Y aquí, aunque parezca contradictorio, vuelvo al principio de cuanto he expresado, sin ánimo de dar lecciones a nadie, con una profunda y sincera convicción.]

35 Originalmente o autor usa a expressão “Bueno esto se esta convirtiendo en el Rosario de la Aurora”. Traduzimo-la não *metafrásicamente* mas sim por sentido para “Ora bem, isto parece nunca mais acabar”.

36 Em 1958 num artigo de Sartoris sobre a arquitetura espanhola, para a *Architectural Design*, dizia: “Agora que o conceito de funcionalismo espalhou os princípios de uma arquitetura não baseada em regras definidas, mas sim na razão, parece que o vento se voltou para os setores onde a inteligência e a lógica estão no controle. Graças às teorias modernas, a arquitetura espanhola de hoje está a embarcar num curso rumo ao desenvolvimento, como há muito não se verificava”. Fonte da tradução: SARTORIS, Alberto - *Current Spanish architecture. Architectural Design*, N.5 (1958). p.204.

37 Este comentário de J. A. Coderch acerca do projeto do Instituto Francês parece transmitir uma falta de liberdade na sua conceção.

38 Nas outras versões o arquiteto não utiliza estes excertos de Goethe e Einstein. Incluímos nesta nossa proposta de tradução porque reflete e reforça a mensagem de J. A. Coderch. Fonte da tradução: CODERCH, José – *Espiritualidad de la Arquitectura. Carrer de la Ciutat*. N.6 (1979)

se preocupar para conhecer o que não deu frutos”.

Estejam atentos ao que vos vou dizer.

Foi no século XVIII, o século das luzes, que começou a má arquitetura que chega até nós. Há cem anos não havia nenhum coliseu, e a má arquitetura começa quando deixava de haver fé e começavam os idealismos, as ideologias, melhor dito que se não podia ser mal interpretado!

Isto é tão importante, porque do século XVIII, XIX para trás, não existia má arquitetura em nenhum lugar do mundo, seja uma palhota, seja uma casa hindu, seja uma aldeia espanhola, ou inglesa, ou francesa, ou o que seja. Nem sequer as casas de madeira dos americanos! Não havia má arquitetura, embora eles estivessem embebidos na ideologia daqui, apesar das necessidades.

Ora bem, isto parece nunca mais acabar.³⁵

Todas as épocas, e repito, todas as épocas em que a incredulidade, seja de que maneira for, afirmou a sua triste vitória, mesmo quando brilham por um tempo com um falso esplendor, desaparece de vista a posteridade, porque não há ninguém que goste de se preocupar para conhecer o que não deu frutos. Não deu frutos? A prova que temos agora é o facto de termos agora de seguir o neo funcionalismo³⁶. E quem disse isso? Pois, alguém... Eu não o conheço. Mas os arquitetos seguem como borregos o neo funcionalismo. E a mim me recriminaram e me atiraram à cara, recentemente numa revista italiana, porque me dediquei a fazer edifícios recortados em vez de ter continuado na linha do admirável Instituto Francês, que é um edifício em que fizemos o que podemos. E não podemos muito.³⁷

Uma frase de Einstein, — *que não é santo da minha devoção* —, preside o nosso atelier há muitos anos e diz assim: “A coisa mais bonita que um homem pode sentir é o lado misterioso da vida. Nele está o berço da Arte e da Ciência verdadeira.”³⁸

E qual é o mistério? Qual é o lado misterioso da vida? Não sei se ele o tinha, mas o certo é que se apercebeu que existia. E aqui, mesmo que pareça contraditório... Ora bem, como isto era uma conferência acabava assim.

Assim, por mais que pareça contraditório, volto ao princípio quando dizia, com uma profunda e sincera convicção, que não tenho vontade de dar lições a ninguém.

Isto não é nada... Nem tudo é da cor do vidro com que se vê. Quem diz que é injusto que a água molha e o fogo queima

J. A. Coderch, 1961

39 J. A. Coderch volta a utilizar uma expressão em catalão “l'aigua bullent” traduzida para português como “água a ferver”, poderia ser ainda “água fervente” ou “água ebuliente”.

40 Na conclusão do discurso o arquiteto diz: “¡Otros mas brutos que yo han sido, vive Dios que es verdad!; traduzimos brutos como piores apesar de provavelmente a palavra mais literal ser algo como “menos inteligentes”.

é um imbecil! Como aquele que me perguntou: “e a água a ferver³⁹?” Estúpido! Ainda me lembro dele. Bem! E isto já acabou! Explicado todo o discurso de ingresso à Real Academia de Belas Artes. Existiram outros piores que eu.⁴⁰ Deus sabe!

J. A. Coderch, 1961-1984

**“Não é de génios que precisamos agora”,
uma leitura crítica do texto de J. A. Coderch
seguida de uma proposta de tradução**

Rita Emília Ferreira Fernandes

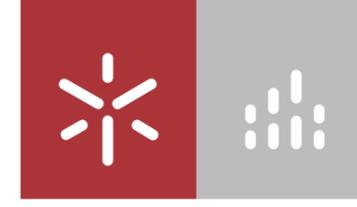
Anexos



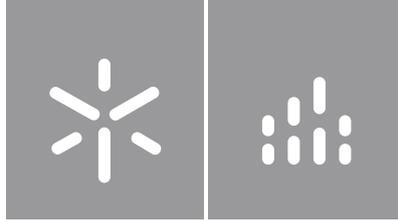
Rita Emília Ferreira Fernandes

**“Não é de génios que precisamos agora”,
uma leitura crítica do texto de J. A. Coderch
seguida de uma proposta de tradução**

Anexos



Universidade do Minho
Escola de Arquitetura



Universidade do Minho

Escola de Arquitectura

Rita Emília Ferreira Fernandes

**“Não é de génios que precisamos agora”,
uma leitura crítica do texto de J. A. Coderch
seguida de uma proposta de tradução**

Anexos

Dissertação de Mestrado Ciclo de Estudos Integrados ao Grau
Mestre em Arquitectura

Cultura Arquitectónica

Trabalho efetuado sob a orientação de

**Professor Doutor João Ricardo
Rosmaninho Duarte Silva**

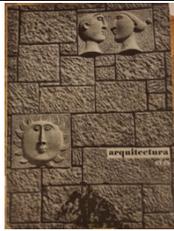
**Professor Doutor Pedro Miguel
Correia Baía da Costa**

ÍNDICE

ANEXO I - Tabela 1 - 3ª série da revista <i>Arquitectura</i> (PT)	5
ANEXO II - Tabela 2 - Textos traduzidos na <i>Arquitectura</i> durante a 3ª série	19
ANEXO III - Gráfico 1 - Números, por ano, de algumas revistas especializadas	25
ANEXO IV - Gráfico 2 - Artigos com temas internacionais e artigos traduzidos por números da revista <i>Arquitectura</i>	27
ANEXO V - Gráfico 3 - Diretores da 3ª Série da revista <i>Arquitectura</i> e números que tiveram ao seu cargo	29
ANEXO VI - Gráfico 4 - Duração das séries da revista <i>Arquitectura</i> , em anos; e números da revista por série	31
ANEXO VII - Gráfico 5 - Algumas Secções e intervenientes da <i>Arquitectura</i>	33
ANEXO VIII - Gráfico 6 - Intervenções de Carlos S. Duarte na <i>Arquitectura</i>	35
ANEXO IX - Gráfico 7 - Intervenções de Carlos S. Duarte na <i>Arquitectura</i> (títulos)	37
ANEXO X - Gráfico 8 - Intervenções de Pedro Vieira de Almeida na <i>Arquitectura</i>	39
ANEXO XI - Gráfico 9 - Intervenções de Pedro Vieira de Almeida na <i>Arquitectura</i> (títulos)	41
ANEXO XII - Gráfico 10 - Intervenções de Nuno Portas na <i>Arquitectura</i>	43
ANEXO XIII - Gráfico 11 - Intervenções de Nuno Portas na <i>Arquitectura</i> (títulos)	45
ANEXO XIV - Gráfico 12 - Artigos traduzidos e publicados na <i>Arquitectura</i> , tendo em conta a língua original	47
ANEXO XV - Gráfico 13 - Número de artigos traduzidos durante a 3ª série da <i>Arquitectura</i> tendo em conta a origem da sua primeira publicação	49
ANEXO XVI - Gráfico 14 - Artigos não traduzidos na revista <i>Arquitectura</i> , tendo em conta a língua publicada	51
ANEXO XVII - Levantamento de números com temas internacionais publicados na revista <i>Arquitectura</i> tendo uma procedência estrangeira	53
ANEXO XVIII - Infomapa do percurso de alguns artigos publicados na <i>Arquitectura</i>	59
ANEXO XIX - Infomapa do percurso do texto de J. A. Coderch	61
ANEXO XX - Questionário enviado a José Charters Monteiro	63
ANEXO XXI - Perguntas enviadas a Joaquim Moreno	69
ANEXO XXII - Tabela 3 - revista <i>Binário</i> entre 1958 a 1974	71
ANEXO XXIII - Gráfico 15 - Artigos com temas internacionais, por número da revista <i>Binário</i>	95
ANEXO XXIV - Gráfico 16 - Artigos da revista <i>Binário</i> com temáticas estrangeiras	97

ANEXO I - Tabela 1 - 3ª série da revista *Arquitectura* (PT)

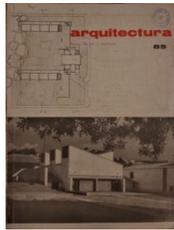
3ª Série <i>Arquitectura</i> (arquitectura–planeamento–design–artes plásticas)						
N.º	Ano	Mês	Tema de Capa	Tema internacional	Capa	Diretor
57/58	1957	Janeiro/Fevereiro		<p>“Concurso para o Pavilhão de Portugal em Bruxelas”</p> <p>“Três obras de Mário Ridolfi”</p> <p>“Notícias, Exposições e Crítica de Livros”</p>		Alberto Pessoa
59	1957	Julho		<p>“Carlo Scarpa”</p> <p>“Notícias, Exposições e Crítica de Livros”</p>		
60	1957	Outubro	<p>“”Modern” Style, “Art Nouveau” e “Arte Nova”” Manuel do Rio Carvalho</p>	<p>“”Modern” Style, “Art Nouveau” e “Arte Nova”” Manuel do Rio Carvalho</p> <p>“O Naturalismo Humanista de Hogan” Nikias Skapinakis</p> <p>“Notícias, Exposições e Crítica de Livros”</p>		
61	1957	Dezembro	<p>“Blocos na Avenida dos Estados Unidos” Pedro Cid, Manuel Laginha e João Esteves</p>	<p>“A pré-fabricação em Hertfordshire” Croft de Moura</p> <p>“Notícias, Exposições e Crítica de Livros”</p>		Frederico Sant’Ana
62	1958	Setembro	<p>“Centro Médico em Negrelos” Germano de Castro</p>	<p>“Sobre a arquitectura nos países nórdicos” Leopoldo de Almeida e Gomes da Silva</p> <p>“A acústica de salas e a sua forma” Karl Ziegler</p> <p>“Notícias, Exposições e Crítica de Livros”</p>		
63	1958	Dezembro		<p>“Antologia do Movimento Moderno: Introdução a Howard” Carlos S. Duarte</p> <p>“Garden Cities of Tomorrow” Traduções de textos de Lewis Mumford e Ebenezer Howard</p>		

				<p>“Expo 58: Posição Cultural. A representação internacional na exposição” F. Gomes da Silva e Nuno Portas</p> <p>“Das revistas estrangeiras”</p> <p>“Notícias, Crítica, Exposições”</p>	
64	1959	Janeiro/Fevereiro	<p>“Notícias, Crítica, Exposições”</p>	<p>“Os meus pensamentos, preocupações e esperanças” Richard Neutra</p> <p>“Tese ao X Congresso CIAM” Viana de Lima, Fernando Távora e O. Filgueiras</p> <p>“A Unidade Horizontal de Tuscolano” Adalberto Libera</p> <p>“Das revistas estrangeiras”</p> <p>“Notícias, Crítica, Exposições”</p>	
65	1959	Junho	<p>“Bloco das Águas Livres” Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral</p>	<p>“Das revistas estrangeiras” Nuno Portas</p> <p>“Notícias, Crítica, Exposições”</p>	
66	1959	Novembro/Dezembro	<p>“A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal” Nuno Portas</p>	<p>“Aditamento à Grille CIAM d’ Urbanisme” Otávio Lixa Filgueiras</p> <p>“Duas obras de Richard Neutra” Carlos Duarte</p> <p>“Das revistas estrangeiras” Nuno Portas</p> <p>“Notícias, Crítica, Exposições”</p>	
67	1960	Abril	<p>“Prédios de rendimento em Lisboa” Leopoldo de Almeida</p>	<p>“Frank Loyd Wright” Januário Godinho</p> <p>“Frank Loyd Wright” Leopoldo de Almeida</p> <p>“Problemas do ensino de Arquitetura” Jean Labout</p>	

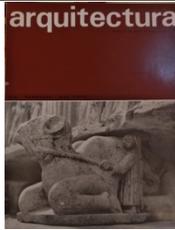
				“Notícias, Crítica, Exposições”		
68	1960	Julho	“3 obras de Álvaro Siza Vieira. Habitação Carneiro de Melo” Nuno Portas	“Considerações sobre o “Urbanismo”” Lorenzini Campos “Núcleo “Les Buffets” em Fonteney-aux-Roses” Guy Lagneau “Sociologia da Habitação” Paul Chombart de Lauwe “Crítica de livros” Nuno Portas		
69	1960	Novembro/Dezembro	“Uma realização da Câmara Municipal do Porto: Conjunto habitacional da Pasteleira” Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas	“Alvar Aalto” Jorge C. Silva “Em vez de um artigo...” Alvar Aalto “Duas obras do mestre finlandês: Sunila, Plano de urbanismo da cidade de Imatra” “Notícias, Exposições e Crítica de Livros”		
70	1961	Março	“Tabacaria Havaneza e Sucursal do Banco Burnay no Chiado” F. Gomes da Silva	“Notícias, Crítica, Exposições”		
71	1961	Julho	“Arquitecto Fernando Távora: 12 anos de actividade profissional. Algumas obras do arquitecto Fernando Távora” Nuno Portas	“O problema dos bairros antigos” Robert Auzzelle “A influência do betão armado e dos progressos técnicos e científicos sobre a Arquitectura presente e futura” Luigi Nervi “Notícias, Crítica, Exposições”		Rui Mendes Paula
72	1961	Outubro	“Renovação urbana” Manuel Laginha	“Roehampton, 1961” João Reis Machado		

73	1961	Dezembro	“5 obras de José A. Coderch e M. Valls Vergés” Nuno Portas	<p>“Non son genios lo que necesitamos ahora” José A. Coderch</p> <p>“A obra de José A. Coderch e M. Valls Vergés” Nuno Portas</p> <p>“Louis Sullivan e a Escola de Chicago” Carlos Duarte</p> <p>“Kindergarten Chats” de Louis Sullivan dois capítulos traduzidos por Carlos Duarte</p> <p>“Notícias, Crítica, Exposições”</p>		
74	1962	Março	“Sede do Grémio da Lavoura de Abrantes” João Braula Reis, Bartolomeu Cabral e Vaco Croft de Moura	<p>“Estrutura e Forma” Louis Kahn</p> <p>“Aspectos económicos da industrialização da construção” Alfred Duccio Turin</p> <p>“Notícias, Crítica, Exposições”</p>		
75	1962	Junho	“A obra do arquitecto Maurício de Vasconcellos” Vasco Lobo	<p>“Pavilhão de Bruxelas”</p> <p>“B. E. A. – British European Airways”</p> <p>“Notícias, Crítica, Exposições”</p>		
76	1962	Outubro	“Arquitectura no Mundo”	<p>“Aspectos económicos da industrialização da construção (II)” Alfred Duccio Turin</p> <p>“Arquitectura no Mundo”</p> <p>“Notícias, Crítica, Exposições”</p>		
77	1963	Janeiro	“Extrenato D. Manuel de Melo no Barreiro” S. Formozinho Sanchez	<p>“Problemas de Hoje” George Candilis</p> <p>“Arquitectura no Mundo”</p> <p>“Centro de serviço na cidade de Londres”</p> <p>“Planeamento esclarecido: o centro de Hammersmith”</p>		Rui Mendes Paula

				“Notícias, Crítica, Exposições”	
78	1963	Maio	“Tecidos estampados e loiças”	“As modernas estruturas de madeira” Tomás J. E. Mateus “Na Dinamarca a arte utilitária toma caminho errado?” “Notícias, Crítica, Exposições”	
79	1963	Julho	“Habitação em Vila Viçosa” Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas	“O encontro de Royaumont” Fernando Távora “Unidade habitacional H. L. M. em Créteil, França” Paulo Bossard “Arquitectura no Mundo” “Notícias, Crítica, Exposições”	
80	1963	Dezembro	“Hotel do Mar. Comentário de Goulart Medeiros” Conceição Silva	“Arquitectura no Mundo” “Notícias, Crítica, Exposições”	
81	1964	Março	“Alguns aspetos do problema habitacional na cidade de Lisboa”	“Considerações sobre o Urbanismo e suas relações com o turismo em Espanha” Federico Correa “Notícias, Crítica, Exposições”	
82	1964	Junho	“Escola Francesa no Porto” Luís Cunha	“Planeamento habitacional em Espanha” Luís Vassalo Rosa “Congresso do I. C. S. I. D. em Paris” “Móveis para habitações económicas em Espanha” “Arquitectura no estrangeiro” “Notícias, Crítica, Exposições”	
					Rui Mendes Paula

83	1964	Setembro	“Conhecimento da Arte Moderna e Arte Popular” Ernesto de Sousa	“Notícias, Crítica, Exposições”	
84	1964	Novembro	“Notas de uma viagem a Macau” Leopoldo de Almeida	“Notas de uma viagem a Macau” Leopoldo de Almeida “Pintura e escultura duma década – 1954-64” Rui Mário Gonçalves “Arquitectura no Mundo”	
85	1964	Dezembro	“Escola Primária em Vila Nova de Gaia” Fernando Távora	“Arquitectura no Mundo – Arquitectura do “béton brut” no Japão” “Um urbanista do século XVI – Akbar” Maria João Madeira Rodrigues	
86	1965	Janeiro/Fevereiro	“A reconstrução do Teatro Nacional D. Maria” Mesa Redonda	“O grande cisma do Ocidente” José Augusto França	
87	1965	Março/Abril	“Museu de Arte e Arqueologia do Seminário Maior do Porto” Luís Cunha	“Noticiário”	
88	1965	Maio/Junho	“Casa de chá da Boa Nova. Comentário de Nuno Portas e L. Vassalo Rosa” A. Siza Vieira	“Le Corbusier” “Concursos Internacionais” “Arquitectura Brasileira Contemporânea” Sílvio de Vasconcelos “Fala a “Arquitectura”” Michel Ragon	
89-90	1965	Dezembro	“Plano Diretor do parque nacional da península de Setúbal” José Rafael Botelho	“Atualidade de Le Corbusier” Nuno Portas “Lembrança de Le Corbusier”	

91	1966	Janeiro/Fevereiro	“Habitação coletiva em Olivais-Norte” Artur Pires Martins e Palma de Melo	<p>“Algumas reflexões sobre a cidade americana” Raul Hestnes Ferreira</p> <p>“A posição do Urbanismo” S. J. Van Embden</p> <p>“Situação actual da pintura e da escultura em Madrid” Henry Galy-Carles</p> <p>“Método da composição arquitectónica” D. G. Thorney</p> <p>“Propostas visuais do movimento internacional</p> <p>“Nova Tendência””</p>		Rui Mendes Paula
92	1966	Março/Abril	“Edifício DIALAP” Carlos Manuel Ramos e A. Teixeira Guerra	“Noticiário”		
93	1966	Maio/Junho	“Habitação em Sesimbra” Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas	<p>“Um hotel em Palma de Maiorca” José A. Coderch e Manuel Valls</p> <p>“O 1º Congresso Internacional sobre a Instrução Profissional do Artista” Eduardo Nery e Fernando Conduto</p> <p>“O computador modificará a prática da arquitectura?” Jonathan Barnett</p>		
94	1966		“Alemanha 66” Carlos Duarte	<p>“Arquitectura no Mundo”</p> <p>“Alemanha 66” Carlos Duarte</p> <p>“Igreja em Mannheim” H. Striffler</p> <p>“Habitações em Colónia” O. Ungers</p> <p>“Liceu em Beuel” J. Schurmann</p> <p>“A acústica da Filarmónica de Berlim” R. S. Lanier</p> <p>“Noticiário”</p>		
95	1967	Janeiro/Fevereiro	“O Plano de Chelas”	<p>“Arquitectura no Mundo”</p> <p>“Uma cidade não é uma árvore” Christopher</p>		

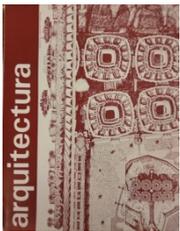
				Alexander com introdução de Carlos S. Daurte "Definição do Design" Sergio Asti "Noticiário e Informações"		
96	1967	Março/Abril	"O exotismo e o espaço na Arte Portuguesa Quinhentista" Ernesto de Sousa	"Arquitectura no Mundo" "Noticiário e Informações"		Rui Mendes Paula
97	1967	Maio/Junho	"Arte Urbana" Francisco P. Keil Amaral e José Santa Bárbara	"Arquitectura no Mundo" "Algumas considerações sobre a Bauhaus" Gunther Weimer "Conjunto habitacional Juan XXIII" Nuno Portas "A composição arquitectónica e a construção industrializada" G. Blachère "Noticiário"		
98	1967	Julho/Agosto	"Novas instalações do Banco do Alentejo" Daciano Monteiro da Costa	"Arquitectura no Mundo" "Aspectos e correntes actuais da Arquitectura Americana" Raul Hestnes Ferreira "Conjunto La Ronda Guinardo" Nuno Portas "Noticiário"		
99	1967	Setembro/Outubro	"Arquitectura no Mundo" (Archigram)	"Arquitectura no Mundo" "Actualidade de Adolf Loss" L. Noronha da Costa "Noticiário"		
100	1967	Novembro/Dezembro	"A exposição de Longra-Airborne" Daciano M. Costa	"Arquitectura no Mundo" "Noticiário"		Rui Mendes Paula

101	1968	Janeiro/Fevereiro	“Banco Fonseca & Burnay”	<p>“Arquitectura no Mundo”</p> <p>“O desafio à Arquitectura Moderna” Claude Schnaidt</p>	
102	1968	Março/Abril	“Unidade Habitacional da Cooperativa Pio XII, Segóvia”	<p>“Arquitectura no Mundo”</p> <p>“A paisagem e a obra do Homem” Christian Norberg-Schulz</p> <p>“Unidade Habitacional da Cooperativa Pio XII, Segóvia”</p> <p>“Noticiário”</p>	
103	1968	Maio/Junho	“Ideias para a Zona Central de Olivais, Lisboa” Trabalhos de alunos da ESBAL	<p>“Arquitectura no Mundo”</p> <p>“Fábrica de Transformadores”</p> <p>“Diester”. Saragoça” J. Rafael Moneo</p> <p>“Método de projectar em arquitectura” Geoffrey H. Broadbent</p> <p>“Noticiário”</p>	
104	1968	Julho/Agosto	“Uma loja em Barcelona” Oscar Tusquets e Luis Closet	<p>“Arquitectura no Mundo”</p> <p>“Uma loja em Barcelona” Oscar Tusquets e Luis Closet</p> <p>“Noticiário”</p>	
105-106	1968	Setembro/Dezembro	“O conjunto industrial da Sociedade Central de Cervejas”	<p>“Semiologia e Urbanística” Roland Barthes</p> <p>“O ordenamento dos aglomerados” Robert Auzelle</p> <p>“A pintura francesa dos últimos vinte anos” Henry Galy-Carles</p> <p>“Estudos históricos de base para a elaboração de planos de urbanização” Teresa Zarebska</p> <p>“Arquitectura no mundo”</p>	

				“Noticiário”	
107	1969	Janeiro/Fevereiro	“Conjunto de apartamentos “Santa Agueda”” Martorell, Bohigas e Mackay	<p>“A chamada Escola de Barcelona” Rafael Moneo e Nuno Portas</p> <p>“O trabalho de Federico Correa e Alfonso Mila em Cadaqués” Cristian Cirici</p> <p>“Apartamentos Punta Brava” José Bonet Beltran</p> <p>“Casa Fonts” Cantalops Valeri</p> <p>“Apartamentos em Castelldefels” Domenech, Puig e Sabater</p> <p>“Casa Bayes” Jaime Rodrigo, Luis Cantalops</p> <p>“Casas de férias “Costa de la Calma”” Martorell, Bohigas e Mackay</p> <p>“Considerações visuais sobre a cidade jardim” Federico Correa</p> <p>“Bases para o estudo da Costa da Região de Barcelona” Manuel de Sòla-Morales e Luis Cantalops Valeri</p> <p>“Noticiário”</p>	
108	1969	Março/Abril	“Hotel da Balaia” Conceição Silva	<p>“A criatividade” David Bohm</p> <p>“Noticiário”</p> <p>“Crítica das exposições” Francisco Bronze</p>	
109	1969	Maio/Junho	“4 Obras de Maurício de Vasconcelos” Júlio Moreira	<p>“Resumos em inglês e francês”</p> <p>“Crítica das exposições”</p> <p>“Noticiário”</p>	

110	1969	Julho/Agosto	“Conjunto de habitações económicas em Olivais-Sul” Vasco Croft, Justino Morais e Joaquim Cadima	“Resumos em inglês e francês” “A política francesa de urbanismo e habitação” “Da imprensa” “Critica das exposições”		
111	1969	Setembro/Outubro	“A Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa”	“Resumos em inglês e francês” “Habitação e renovação urbana” R. C. Stones “Noticiário. Critica de livros”		
112	1969	Novembro/Dezembro	“O novo edifício da Caixa de Providência de Setúbal” Raul Chorão Ramalho	“Resumos em inglês e francês” “Uma filosofia do ensino?” John R. Lloyd “Noticiário”		
113	1970	Janeiro/Fevereiro	“Edifício Comercial da Rua Braamcamp, Lisboa” Nuno Teotónio Pereira	“Resumos em inglês e francês” “Subsídio para a forma urbana” E. Agosti, Cioni Mori e F. Grossi “Críticas”		Carlos Santos Duarte
114	1970	Março/Abril	“O Plano Diretor da cidade do Funchal” José Rafael Botelho	“Resumos em inglês e francês” “O futuro da arquitectura” Dennis Sharp “A habitação social nos países em vias de desenvolvimento. Dois projetos em Bogotá, Colômbia.” “Critica das exposições”		
115	1970	Maio/Junho	“A nova refinaria da Sacor no Porto”	“Resumos em inglês e francês” “Da Imprensa” “Noticiário” “Pessimismo e imaginação na Arquitectura Espanhola de Hoje”		

				<p>“A arquitectura pessimista, uma subarquitectura” Ramon Maria Puig</p> <p>“Aeroporto “al Kitsch”” Lluís Clotet</p> <p>“Símbolos de improvisação da Espanha turística” Christian Cirici e Albert Ráfols-Casamada</p> <p>“Aviões e civilizações” José Bonet e Lluís Domènech</p> <p>“Viver em Barcelona” Lluís Domènech e Christian Cirici</p> <p>“As casas para ricos ou o problema da distinção temática prévia” Oriol Bohigas</p> <p>“Progresso tecnológico e arquitectura progressiva” Lluís Clotet Ballús</p> <p>“Considerações sobre a formalização das funções” José Alemany Barris e Xavier Sust Fatjó</p> <p>“A imaginação no poder” Oscar Tusquets</p>	
116	1970	Julho/Agosto		<p>“Resumos em inglês e francês”</p> <p>“Da Imprensa”</p> <p>“Crítica das exposições”</p>	
117-118	1970	Setembro/Dezembro	<p>“A construção Hospitalar em Portugal”</p>	<p>“Resumos em inglês e francês”</p> <p>“Os complexos de internamento H. Gainsborough e J. Gainsborough</p> <p>“O mobiliário e equipamento dos</p>	

				deficientes motores” Sheila B. Jones	
119	1971	Janeiro/Fevereiro		“Resumos em inglês e francês” “Construction et Humanism-Cannes 1970” L. M. Amoroso Lopes	
120	1971	Março/Abril	“As estruturas” David George Emmerich	“Resumos em inglês e francês” “As estruturas” David George Emmerich	
121-122	1971	Maio/Agosto	“Paisagem Rural”	“Resumos em inglês e francês” “Abertura de novas áreas e planeamento de paisagens nos países tropicais” G. Budowski “Caracterização do jardim na paisagem rural. A biologia na proteção dos cursos de água” E. Bittmann “A síntese do arquitecto-paisagista” Garrett Eckbo “Conservação da Natureza e dos recursos naturais durante a transformação da paisagem nos países em vias de desenvolvimento” Jean Paul Harroy	
123	1971	Setembro/Outubro	“Paolo Soleri. A filosofia da vida urbana” Henryk Skolimowsky	“Resumos em inglês e francês” “A arquitectura e o design face a face” Claude Parent “Paolo Soleri. A filosofia da vida urbana” Henryk Skolimowsky “Noticiário”	

124	1972	Maio	"Alguns trabalhos do arquitecto Luiz Cunha"	<p>"Resumos em inglês e francês"</p> <p>"Conforto Térmico. Adaptação por António Lobato de Faria do capítulo "Human Comfort" do livro "Heat" de N. S. Billington"</p>	
125	1972	Agosto	"Conjunto Infante, Funchal"	<p>"Resumos em inglês e francês"</p> <p>"Panorama"</p> <p>"A Sociologia e o problema urbano" Manuell Castells</p> <p>"A Construção como um processo" D. A. Turin</p>	
126	1972	Outubro	"Conservatório Regional de Aveiro Calouste Gulbenkian"	<p>"Resumos em inglês e francês"</p> <p>"Panorama"</p> <p>"Em defesa da teoria urbanística" M. Solá-Morales</p> <p>"Transporte urbano – serviço contra consumo" A. Iglesias, E. Leira, D. Quero, J. Solana e A. Vélez</p>	
127-128	1973	Abril/Junho	"Edifício Castil"	<p>"Resumos em inglês e francês"</p> <p>"Os computadores na construção" W. J. Reiners</p>	
129	1974	Abril	"Casas germinadas em Queijas" Raul Hestnes Ferreira	<p>"Panorama"</p> <p>"Equipamento para ventilação e condicionamento de ar" Fred Porges</p>	
130	1974	Maio		<p>"Panorama"</p> <p>"Abaixo os falsos Messias" Michael Sorkin</p> <p>"Os programas de computadores ao serviço dos arquitectos" Kaiman Lee e Ralph Meyer</p>	

ANEXO II - Tabela 2 - Textos traduzidos na *Arquitectura* durante a 3ª série

Nome do artigo na <i>Arquitectura</i> (<i>Nome original do artigo</i>)	Número (Mês, Ano)	Autor original	Língua original	Autor da Tradução	1ª Publicação (Mês, Ano)
Introdução a Howard: Garden cities of To – Morrow	63 (Dez. 1957)	Ebenezer Howard	Inglês	Carlos S. Duarte	Sem identificação
Problemas do Ensino de <i>Arquitectura</i>	67 (Abr. 1960)	Jean Labatut	Inglês	Luís Fernandes Pinto	Conferência na “Texas Society of Architects” (Nov. 1955)
Em vez de um artigo (<i>Instead of an Article</i>) (entrevista)	69 (Nov./Dez. 1960)	Alvar Aalto e Siegfried Giedion	Inglês	Jorge Silva	Arkkitehti n.1/2 (1958)
O problema dos bairros antigos	71 (Jul. 1961)	Robert Auzelle	Francês	Sem identificação	Sem identificação
No son genios lo que necesitamos ahora	73 (Dez. 1961)	Coderch	Espanhol	Não traduzido	Domus n. 384 (Nov. 1961)
Kindergarten Chats (dois capítulos do livro)		Louis Sullivan	Inglês	Carlos S. Duarte	Kindergarten Chats (ed. Scarab Fraternity Press, 1934)
Estrutura e Forma	74 (Mar. 1962)	Louis Kahn	Inglês	Pedro Vieira de Almeida	Palestra
Problemas de Hoje	77 (Jan. 1962)	G. Candilis	Francês	Bartolomeu Costa Cabral?	Sem identificação
Centros de Serviço na cidade de Londres		W. I. Carruthers	Inglês	Luís Vassalo Rosa	The Town Planning Review (Abr. 1962)
Planeamento esclarecido: uma arte criadora. O centro de Hammersmith		Noel Moffet	Inglês	Luís Vassalo Rosa	Journal of the Town Planning Institute (Jun. 1962)
Considerações sobre o urbanismo e suas relações com o turismo em Espanha	81 (Mar. 1964)	Federico Correa	Espanhol	Sem identificação	Arquitectura n. 55 (COAM-Madrid)
Algumas apreciações críticas da moderna arquitectura japonesa. Uma opinião severa	85 (Dez. 1964)	Sem identificação	Italiano	Sem identificação	Casabella n. 273 (número dedicado ao Japão)
A influência ocidental avaliada por um arquitecto japonês		Yuichiro Kojiro	Inglês	Sem identificação	The Japan Architect (Set. 1961)
Bruno Zevi defende a arquitectura moderna japonesa das críticas da “House Beautiful” (<i>A respeito de Shibui</i>)		Bruno Zevi	Italiano	Sem identificação	L'Espresso
Aspectos da actividade profissional no Japão		Yoshinbu Ashihara	Francês	Sem identificação	L'Architecture d'Aujourd'hui n.98

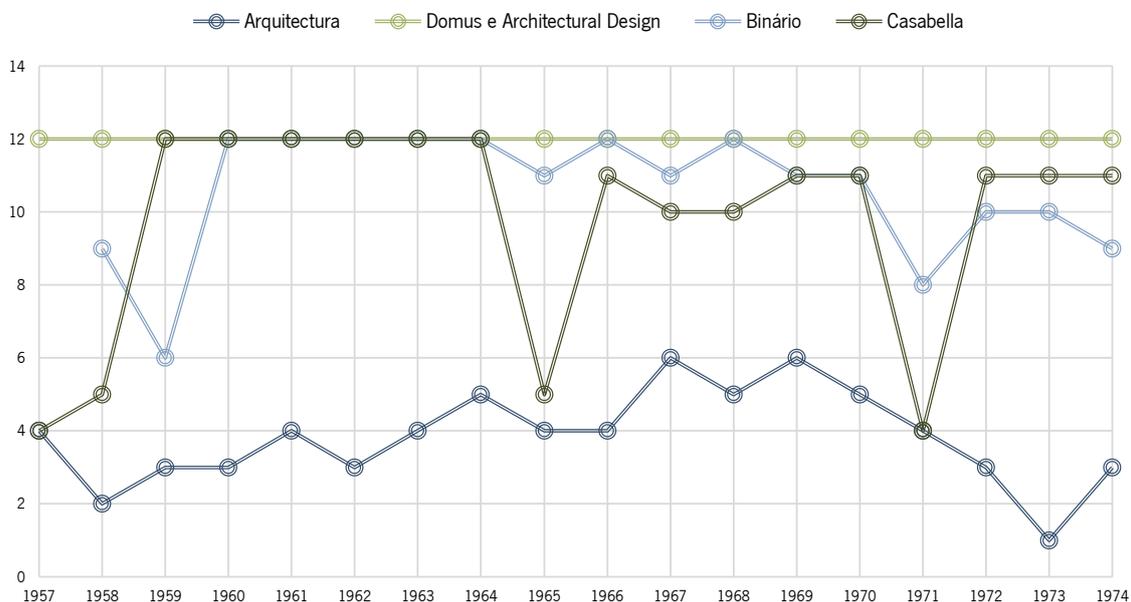
<i>(Notes sur l'architecture au Japon)</i>					
Michel Ragon (entrevista)	88	Alfredo Margarido e Rui Mário Gonçalves	Francês	Alfredo Margarido e Rui Mário Gonçalves	Sem identificação
O discurso de André Malraux no funeral de Le Corbusier	(Mai./Jun. 1965)	André Malraux	Francês	Não traduzido	Sem identificação
Lembrança de Le Corbusier (introdução de Carlos Duarte seguido de excertos de textos de Le Corbusier)	89-90 (Dez. 1965)	Le Corbusier	Francês	Não traduzido	Vers une Architecture; Entrevista à revista <i>Zodiac</i> em 1960; Manière de Penser l'Urbanisme
O computador modificará a prática da arquitetura?	93 (Mai./Jun. 1966)	Jonathan Barnett	Inglês	Sem identificação	Architectural Record (Jan. 1965)
Reyner Banham escreve sobre Corbusier no aniversário da sua morte <i>(The Last Forgiver)</i>	94 (1966)	Reyner Banham	Inglês	Sem identificação	Architectural Review (Ago. 1966)
Ove Arup fala de Arquitectos e Engenheiros		Ove Arup (discurso)	Inglês	Sem identificação	RIBA Journal (Ago. 1966)
Números e Utopias		L. M. Boschini	Italiano	Sem identificação	Casabella n.305 (1966)
Um inquérito de Michel Ragon nos Estados Unidos <i>(Ou va l'architecture américaine ?)</i>		Michel Ragon	Francês	Sem identificação	Bauen und Wohnen
Uma cidade não é uma árvore	95 (Jan./Fev. 1967)	Christopher Alexander	Inglês	Carlos S. Duarte	Architectural Forum
Notícias do Japão <i>(Architecture and Individuality)</i>	96 (Mar./Abr. 1967)	Sem identificação	Inglês	Sem identificação	The Japan Architect n.120
Planeando para a sociedade do futuro		Stanford Anderson	Inglês	Sem identificação	ARENA – Architectural Association Journal n.98
Uma estética do ambiente		R. G. Hopkinson	Inglês	Sem identificação	Architectural Review (Abr. 1966)
O triste fim do Novo Brutalismo <i>(The sad end of the New Brutalism)</i>	98 (Jul./Ago. 1967)	Robin Boyd	Inglês	Sem identificação	Architectural Review n. 845
Um artigo de Henri Lefebvre <i>(Propositions)</i>		Henri Lefebvre	Francês	Sem identificação	L'Architecture d'Aujourd'hui (Jul.1966)
Archigram e o mundo do futuro <i>(“Archigram” o la “Nueva Arquitectura”)</i>	99 (Set. / Out. 1967)	Francisco González Quintana	Espanhol	Sem identificação	Hogar y Arquitectura (Set./Out. 1967)

Os arquitectos e a industrialização nos programas habitacionais <i>(Failure of industrialized buildin in housing programme)</i>	100 (Nov./Dez. 1967)	Alexander Pike	Inglês	Sem identificação	Architectural Design (Nov. 1966)
Ainda a Ópera de Sidney <i>(El escandalo de la Opera de Sidney)</i>		Félix Candela	Espanhol	Sem identificação	Arquitectura (México) Arquitectura (Madrid, Dez.1966)
O desafio à Arquitectura Moderna	101 (Jan./Fev. 1968)	Claude Schnaidt	Inglês	Sem identificação	Architecture, Formes + Fonctions n. 12
A paisagem e a obra do Homem	102 (Mar./Abr. 1968)	Christian Norberg-Schulz	Sem identificação	Sem identificação	Sem identificação
Método de projetar em Arquitectura	103 (Mai./Jun. 1968)	Geoffrey H. Broadbent	Inglês	Sem identificação	Architects Journal
Semiologia e Urbanística	105-106 (Set. /Dez. 1968)	Roland Barthes	Francês (traduzido do italiano)	Nuno Portas e José Charters Monteiro	Napoles Op. Cit. n.10
Estudos históricos de base para a elaboração de planos de urbanização		Teresa Zarebska	Sem identificação	Sem identificação	Sem identificação
O trabalho de Federico Correa e Alfonso Mila em Cadaqués	107 (Jan./Fev. 1969)	Cristian Cirici	Espanhol	Sem identificação	Sem identificação
A chamada escola de Barcelona		Rafael Moneo e Nuno Portas	Espanhol e Português	Sem identificação	Sem identificação
Considerações visuais sobre a cidade jardim		Sem identificação	Sem identificação	Sem identificação	Sem identificação
Base para o estudo da Costa da Região de Barcelona		M. Solà-Morales e Luis	Sem identificação	Sem identificação	Sem identificação
A Criatividade	108 (Mar./Abr. 1969)	David Bohm	Inglês	Sem identificação	ARENA – Architectural Association Journal
A política francesa de Urbanismo e habitação (relatório)	110 (Jul./Ago. 1969)	Secretariado técnico geral do Ministério da Habitação Francesa	Francês	Sem identificação	Sem identificação
Habitação e renovação urbana	111 (Set./Out. 1969)	R. C. Stones	Inglês	Sem identificação	The Town Planning Review
Uma filosofia de ensino?	112 (Nov./Dez. 1969)	John R. Lloyd	Francês	Sem identificação	L'Architecture d'Aujourd'hui (número dedicado aos problemas do ensino da arquitectura)
Um ensino da arquitectura		Ricardo Porro	Francês	Sem identificação	

Subsídios para a forma urbana	113 (Jan./Fev. 1970)	Ettore Agosti, Mariaemma Cioni Mori, Franco Grossi	Italiano	Sem identificação	Casabella (número dedicado à arte urbana)
O futuro da Arquitectura	114 (Mar./Abr. 1970)	Dennis Sharp	Inglês	Sem identificação	Architect and Building News
A arquitectura pessimista, uma subarquitectura	115 (Mai./Jun.1970)	Ramon Maria Puig	Espanhol	Sem identificação	Sem identificação
Aeroporto "al Kitsch"		Lluís Clotet	Espanhol	Sem identificação	Sem identificação
Simbolos de improvisação da Espanha Turística		Cristian Cirici e Albert Ráfols- Casamada	Espanhol	Sem identificação	Sem identificação
Aviões e civilização		José Bonet e Lluís Domènech	Espanhol	Sem identificação	Sem identificação
Viver em Barcelona		Lluís Domènech e Cristian Cirici	Espanhol	Sem identificação	Sem identificação
As casas para ricos ou o problema de distinção temática prévia		Oriol Bohigas	Espanhol	Sem identificação	Sem identificação
Progresso tecnológico e arquitectura progressiva		Lluís Clotet Ballús	Espanhol	Sem identificação	Sem identificação
Considerações sobre a formalização das funções		José Alemany Barris e Xavier Sust Fatjó	Espanhol	Sem identificação	Sem identificação
A imaginação do poder		Oscar Tusquets	Espanhol	Sem identificação	Sem identificação
As estruturas	120 – (Mar./Abr. 1971)	David George Emmerich	Francês	Sem identificação	L'Architecture d'Aujourd'hui n. 141
Abertura de novas áreas e planeamento de paisagens nos países tropicais	121-122 (Mai./Ago 1971)	G. Budowski	Sem identificação	Sem identificação	Sem identificação
A biologia na protecção dos cursos de água		E. Bittmann	Sem identificação	Sem identificação	Sem identificação
A síntese do arquitecto-paisagista		Garrett Eckbo	Sem identificação	Sem identificação	Sem identificação
Conservação da Natureza e dos recursos naturais durante a transformação da paisagem nos países em vias de desenvolvimento		Jean Paul Harroy	Sem identificação	Sem identificação	Sem identificação
Paolo Soleri: A filosofia da vida	123 (Set./Out. 1971)	Henryk Skolomowsky	Inglês	Sem identificação	Architectural Association Quartely
A arquitectura e o "design" face a face		Claude Parent	Francês	Sem identificação	L'Architecture d'Aujourd'hui
Conforto térmico. Adaptação por António Lobato Faria do	124	N.S. Billington	Inglês	António Lobato Faria	Sem identificação

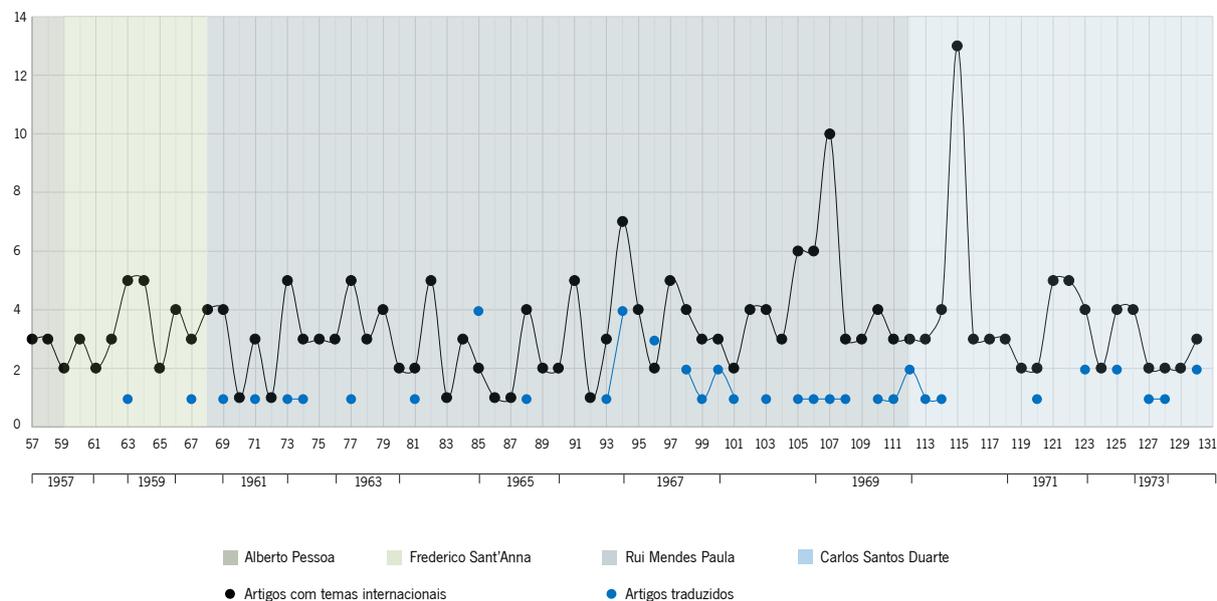
capítulo "Human Confort" do livro "Heat" de N.S. Billington	(Mai. 1972)				
A Construção como um processo	125 (Ago. 1972)	D. A. Turin	Inglês	Margarida S. Lobo	Transactions of the Bartlett Society (1968)
A sociologia e o problema urbano		Manuell Castells	Francês	Sem identificação	Sociologie et Sociétés
Em defesa da teoria urbanística	126	M. Solà-Morales	Espanhol	Sem identificação	Sem identificação
Transportes urbanos – serviço contra consumo		A. Iglesias, E. Leiria, D. Quero, J. Solana e A. Vélez	Espanhol	Sem identificação	Sem identificação
Os computadores na construção <i>(Computers in building)</i>	127-128 (Abr./Jun. 1973)	W. J. Reiners	Inglês	Sem identificação	Building (Dez. 1970)
Abaixo os falsos messias <i>(Down with False Messiahs)</i>	130 (Mai. 1974)	Michael Sorkin	Inglês	Sem identificação	Architectural Association Quarterly (Out./Dez. 1972) [nº dedicado à Arquitectura e Política]
Os programas de computadores ao serviço dos arquitectos		Kaiman Lee e Ralph Meyer	Inglês	Sem identificação	Sem identificação

ANEXO III - Gráfico 1 - Números, por ano, de algumas revistas especializadas



Através do gráfico 1 podemos compreender a frequência de números por ano de duas revistas portuguesas, a *Arquitectura* e a *Binário* durante 1957-1974, comparando com uma revista internacionais, *Domus* (IT), *Casabella* (IT), *Architectural Design* (UK) e *L'Architecture d'Aujourd'hui* (FR). De uma primeira análise podemos compreender a diferença, ainda significativa, entre os números lançados pela *Arquitectura* e pela *Binário*. A segunda apresenta uma média de números por ano de cerca de 10 números, tendo a *Arquitectura* uma média de 4 números. Esta aproximação numérica da *Binário* à *Architectural Design* e *Domus*, e a outras estrangeiras que mantem regular o número de publicações deve-se, muito provavelmente, ao facto de esta ter constituído um conselho de redação internacional que traz as novidades e acaba por não estar tão à mercê do que acontecia no país. A *Arquitectura*, por sua vez, acaba por ser um reflexo da situação do país, não deixando de ser curioso a queda que a revista sofre desde 1969 culminando em 1973, com a publicação de apenas um número quando estávamos a um ano da revolução que transformaria o país de um regime opressivo a uma democracia.

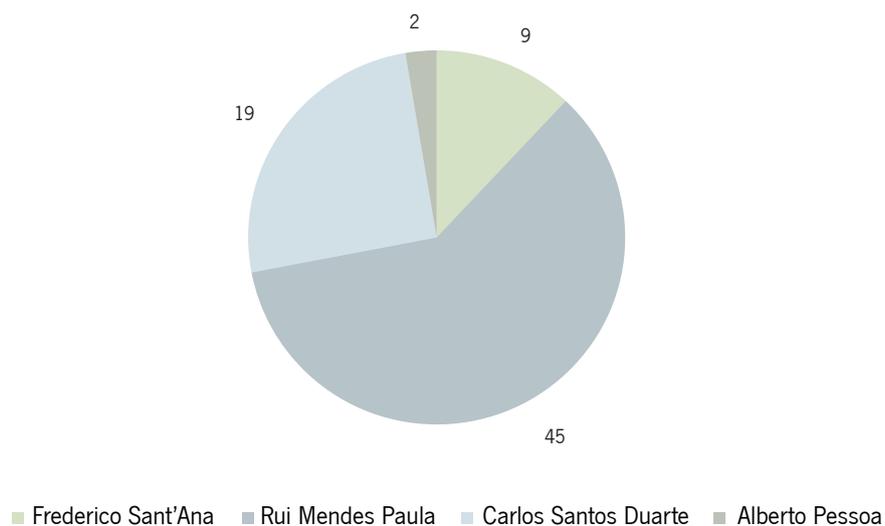
ANEXO IV - Gráfico 2 - Artigos com temas internacionais e artigos traduzidos por números da revista *Arquitectura*



Ao longo dos setenta e dois números que compõem a 3ª Série da revista *Arquitectura* entre 1957 e 1974, pôde-se assistir, não só a um amplo conjunto de artigos que dão a conhecer obras que estão a ser realizadas pelos arquitetos portugueses, como também reunir vários artigos que tinham a intenção de trazer ao leitor um maior conhecimento dos temas que estavam a ser explorados no exterior. O gráfico 2 pretende mostrar o número de artigos que reportam as temáticas internacionais em cada número da revista, tendo em conta a amostra selecionada, permitindo compreender máximos e mínimos no que diz respeito à difusão desses artigos na revista portuguesa. O máximo absoluto representado no gráfico corresponde ao número 115 de Maio/Junho de 1970 e trata-se de um número inteiramente dedicado à arquitetura espanhola contendo vários artigos teóricos de arquitetos catalães. Esta associação de picos de artigos de teor internacional à arquitetura espanhola acaba por ser a norma. Quando analisamos os máximos relativos, por exemplo o correspondente ao número 107 de Janeiro/Fevereiro de 1969, percebemos que acontece ser igualmente um número dedicado ao panorama espanhol, particularmente à Escola de Barcelona onde são apresentados um conjunto de projetos levados a cabo por arquitetos a ela associados, como é o caso de Manuel de Sòla-Morales, Luis Contallops Valeri, Federico Correa, Alfonso Mila, entre outros. A arquitetura espanhola é assim uma das temáticas internacionais mais exploradas e apresentadas na *Arquitectura* juntamente à americana, alemã e japonesa como podemos verificar através do gráfico 7. A justificação parece bastante óbvia, não só se trata do país geograficamente mais perto de Portugal, como também pela facilidade linguística, as obras e os artigos de qualidade produzidos pelos arquitetos vizinhos, formaram um conjunto de fatores válidos a ter em conta.

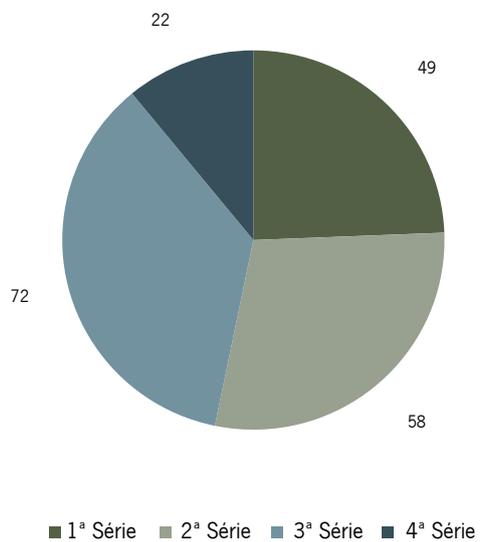
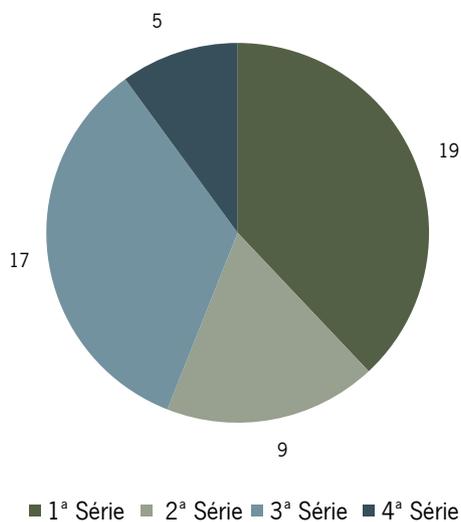
Mas então o que é que acontece nos pontos mínimos? Estes pontos certamente correspondem a números em que não se deu destaque a arquitetos ou obras estrangeiras, onde apenas se apresentou um ou outro assunto.

ANEXO V - Gráfico 3 - Diretores da 3ª Série da revista Arquitectura e números que tiveram ao seu cargo



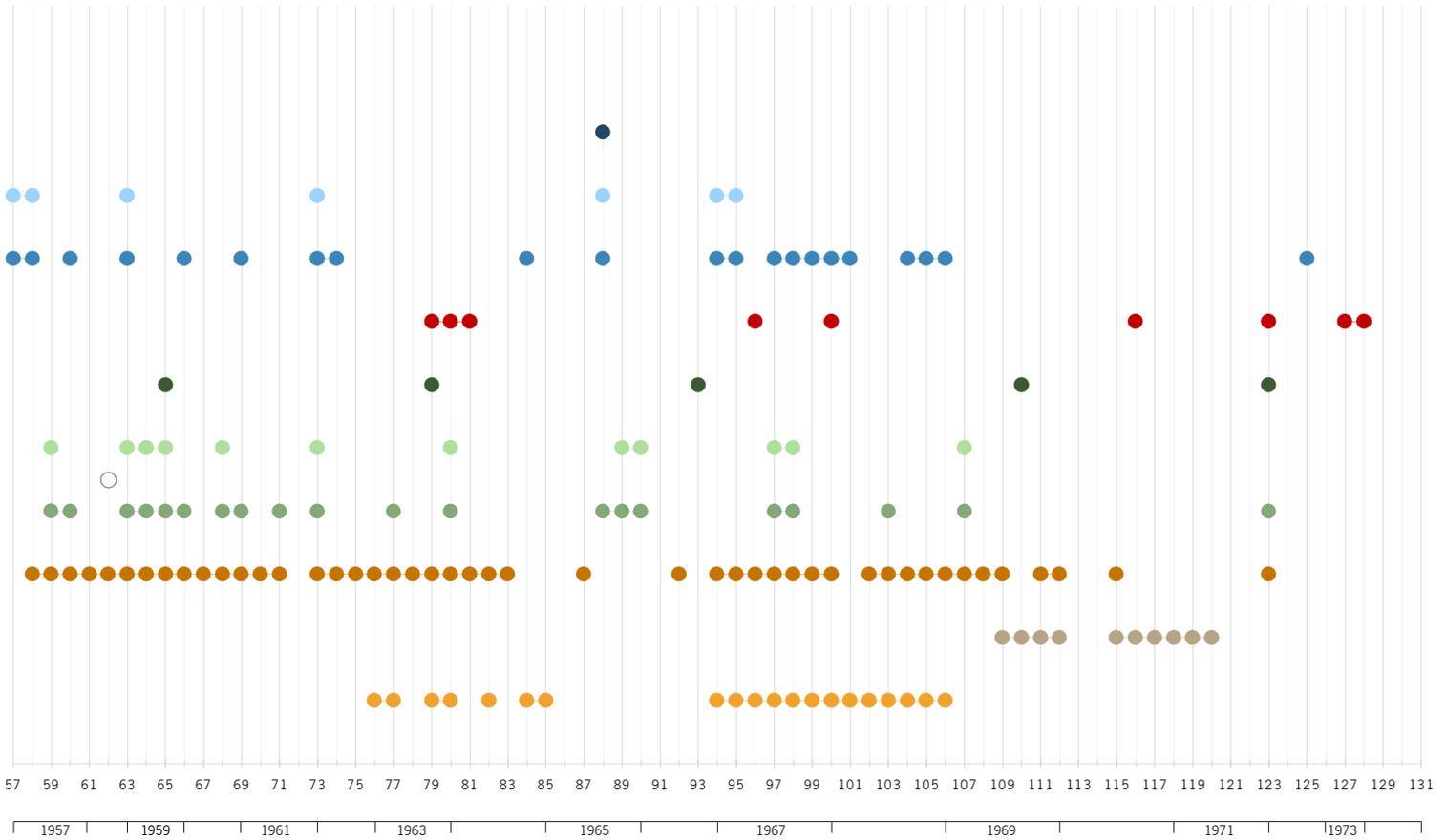
A 3ª Série da revista portuguesa ficou marcada pelos três diretores que tomaram as rédeas da revista por momentos diferentes. Frederico Sant'Ana de 1957 a 1960, Rui Mendes Paula de 1960 a 1969 e Carlos Duarte de 1969 até ao fim da série em 1975 para dar lugar a José Ressano Garcia Lamas já na 4ª série da revista. Carlos Duarte apresenta-se não só como o diretor com mais números publicados, como também, tal como Nuno Portas, um dos intervenientes mais ativos do periódico. Alberto Pessoa, que aqui surge representado com dois números, remete-nos para o número zero da terceira série, o número 57-58 de janeiro/fevereiro de 1957.

ANEXO VI - Gráfico 4 - Duração das séries da revista *Arquitectura*, em anos; e números da revista por série



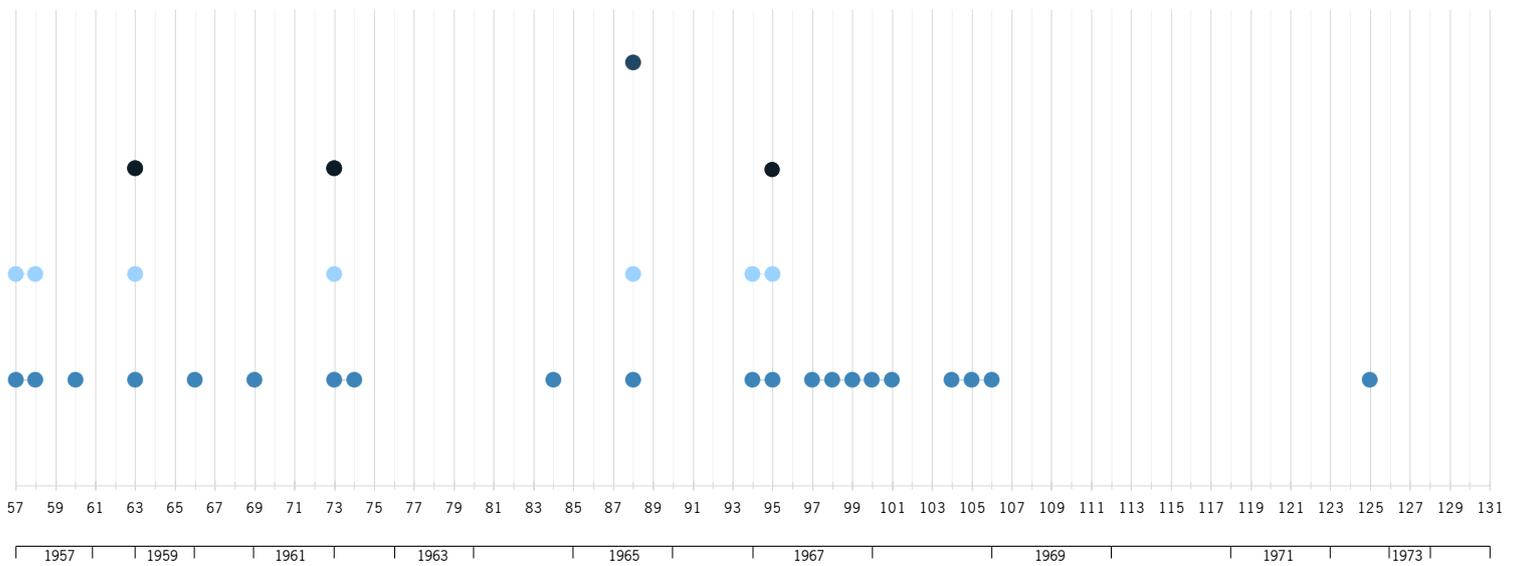
A 3ª série da revista *Arquitectura* (1957-1974), tal como o gráfico acima indica, constitui o maior conjunto de números por série da história da revista com setenta e dois números.

ANEXO VII - Gráfico 5 - Algumas Secções e intervenientes da *Arquitectura*



- Número em que existe a secção “Arquitectura no Mundo” ou “Arquitectura no Estrangeiro”
- Número em que existe a secção “Resumos em Inglês e Francês”
- Número em que existe a secção “Notícias, Exposições e Crítica de Livros”; “Notícias, Crítica, Exposições” ou “Noticiário”
- Intervenções de Nuno Portas na revista *Arquitectura* (não inclui projetos em que este é interveniente)
- Nuno Portas passa a integrar a Comissão diretiva da revista
- Artigos de Nuno Portas onde se debruça sobre a arquitetos/obras internacionais
- Projetos de arquitetura, apresentados na revista, com Nuno Portas como um dos arquitetos
- Intervenções de Pedro Vieira de Almeida na revista *Arquitectura*
- Intervenções de Carlos S. Duarte na revista *Arquitectura*
- Artigos de Carlos S. Duarte que se debruça, sobre arquitetos/obras internacionais
- Projetos de arquitetura, apresentados na revista, com Carlos S. Duarte como um dos arquitetos

ANEXO VIII - Gráfico 6 - Intervenções de Carlos S. Duarte na *Arquitectura*



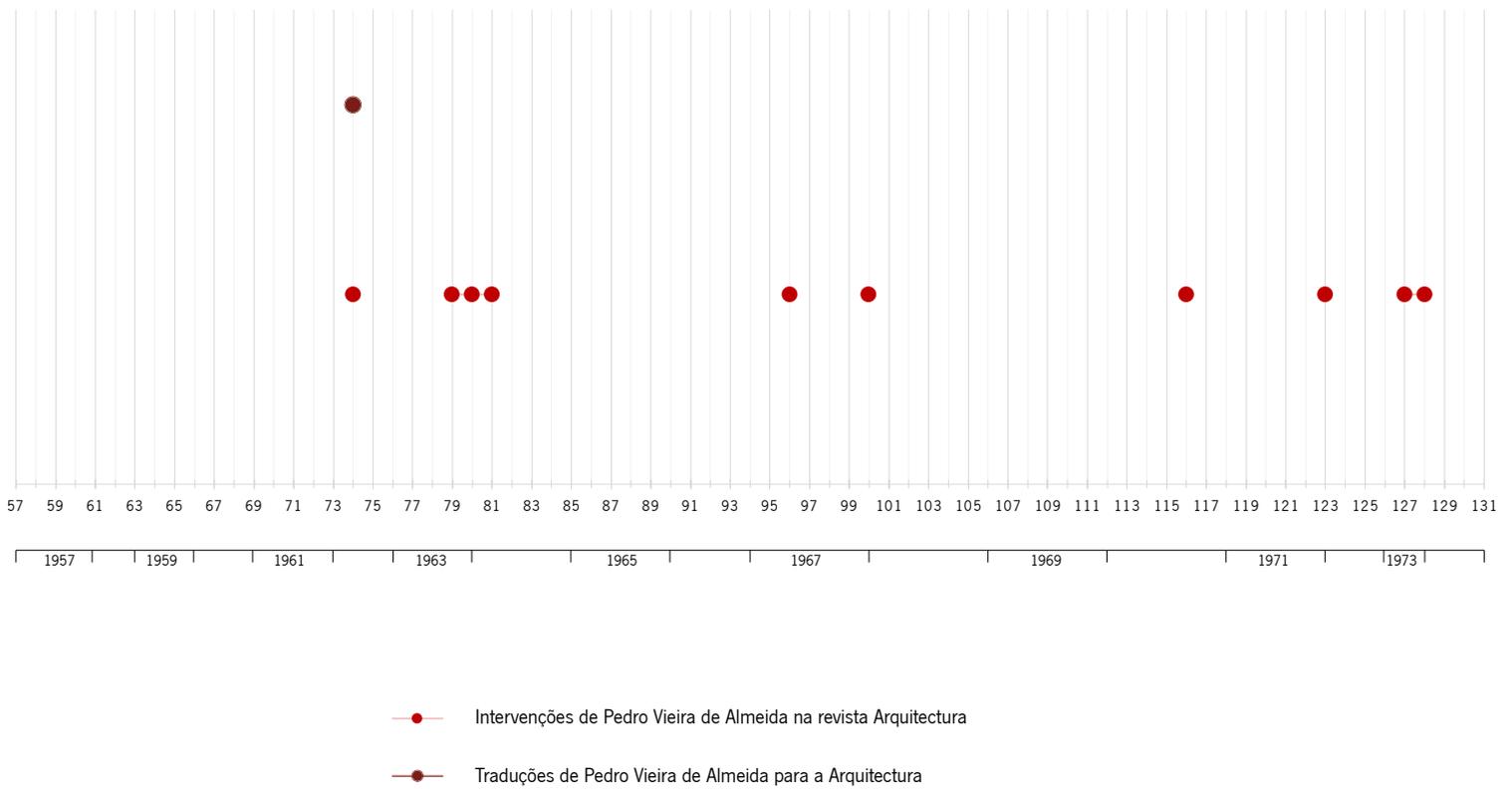
- Intervenções de Carlos S. Duarte na revista *Arquitectura*
- Traduções de Carlos S. Duarte publicadas na revista *Arquitectura*
- Artigos de Carlos S. Duarte que se debruça, sobre arquitetos/obras internacionais
- Projetos de arquitetura, apresentados na revista, com Carlos S. Duarte como um dos arquitetos

ANEXO IX - Gráfico 7 - Intervenções de Carlos S. Duarte na *Arquitectura* (títulos)



- Intervenções de Carlos S. Duarte na revista *Arquitectura*
- Projetos de arquitetura, apresentados na revista, com Carlos S. Duarte como um dos arquitetos
- Traduções de Carlos S. Duarte publicadas na revista *Arquitectura*

ANEXO X - Gráfico 8 - Intervenções de Pedro Vieira de Almeida na *Arquitectura*

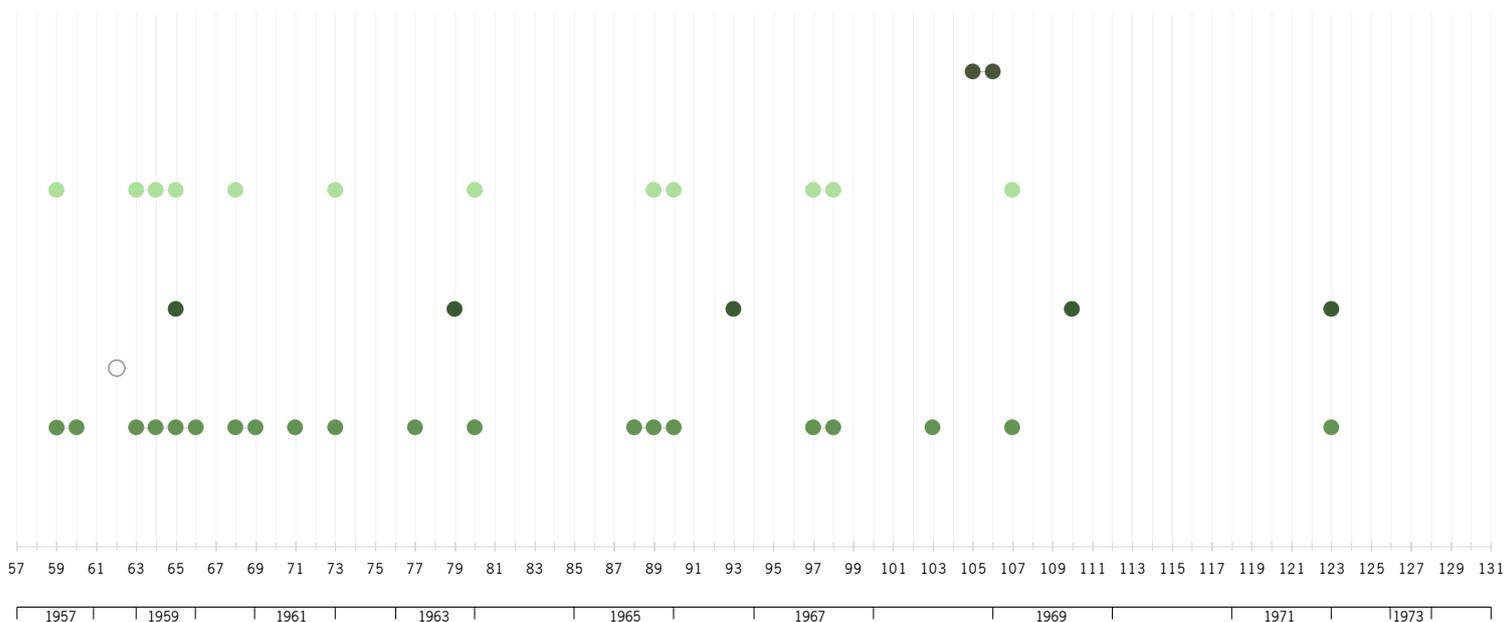


ANEXO XI - Gráfico 9 - Intervenções de Pedro Vieira de Almeida na *Arquitectura* (títulos)

Uma análise da obra de Siza Vieira	Comentários				
Capela do Seminário Dominicano do Olival (comentário)	A propósito da retrospectiva de Vieira da Silva	Duas igrejas: Sagrado Coração de Jesus e Paroquial de Almada	O design sem risco	Ensaio sobre o espaço da arquitectura (I)	Ensaio sobre o espaço da arquitectura (II)
		Estrutura e Forma (tradução)		Ensaio sobre o espaço da arquitectura (III)	

- Intervenções de Pedro Vieira de Almeida na revista *Arquitectura*
- Traduções de Pedro Vieira de Almeida para a *Arquitectura*

ANEXO XII - Gráfico 10 - Intervenções de Nuno Portas na *Arquitectura*



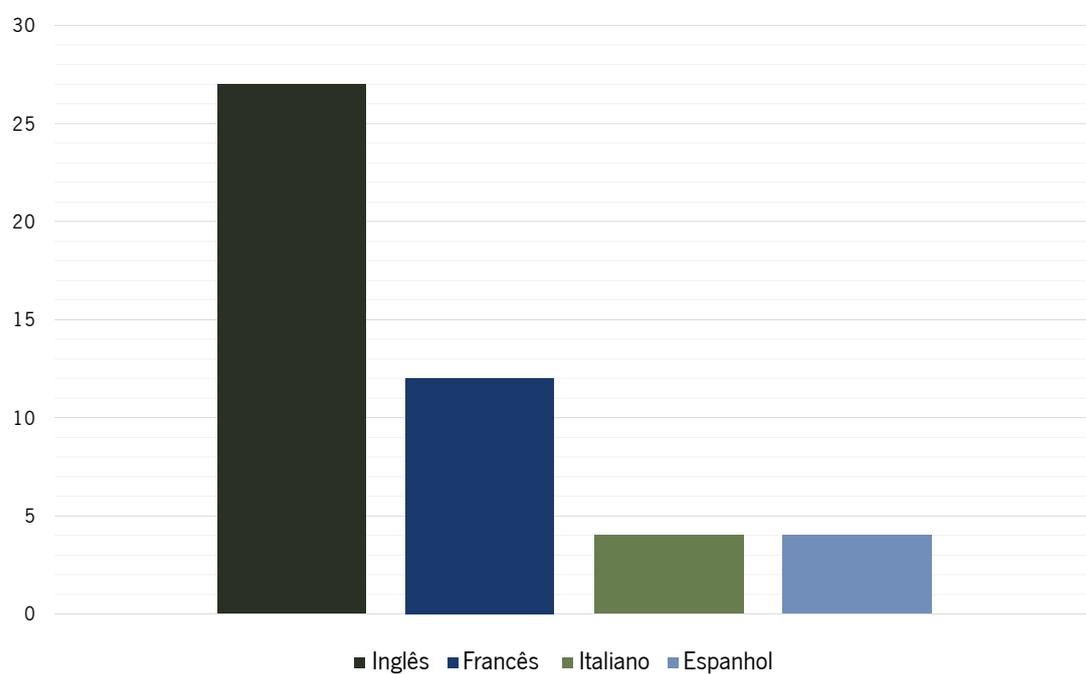
- Intervenções de Nuno Portas na revista *Arquitectura*
- Projetos de arquitetura, apresentados na revista, com Carlos S. Duarte como um dos arquitetos
- Nuno Portas passa a integrar a Comissão diretiva da revista
- Artigos de Nuno Portas que se debruça, sobre arquitetos/obras internacionais
- Traduções de Nuno Portas publicadas na revista *Arquitectura*

ANEXO XIII - Gráfico 11 - Intervenções de Nuno Portas na *Arquitectura* (títulos)

A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal		Das revistas estrangeiras		Considerações sobre o organismo distributivo das habitações	Arquitecto Fernando Távora: 12 anos	Casa de Chá Boa Nova, Álvaro Siza Vieira	Actualidade de Le Corbusier	Carlo Scarpa	Arquitectura religiosa moderna em Portugal	A chamada Escola de Barcelona (em conjunto com Rafael Moneo)	Habitação em Torre em Olivais-Norte	
Bloco das Águas Livres		3 obras de Álvaro Siza Vieira	Crítica de Livros	Notas em torno das realizações portuenses	Habitação em Vila Viçosa + Habitação na Praia das Maças	Complexo oficial e comercial STET (comentário ao projeto)	Conjunto La Ronda Guinardo (comentário ao projeto)	Desenho e apropriação do espaço habitacional	Uma experiência pedagógica na ESBA do Porto	Semiologia e Urbanística (tradução)	Igreja Sagrado Coração de Jesus, Lisboa (testemunho de um dos autores)	Centro S. Sebastião da Pedreira
				A obra de J. A. Coderch e M. Valls Vergés	Uma experiência pedagógica na ESBA do Porto	Habitação em Sesimbra	Conjunto habitacional Juan XXIII (comentário ao projeto)					
								Conceito da casa em pátio como célula social		Notas sobre a situação profissional dos arquitectos		

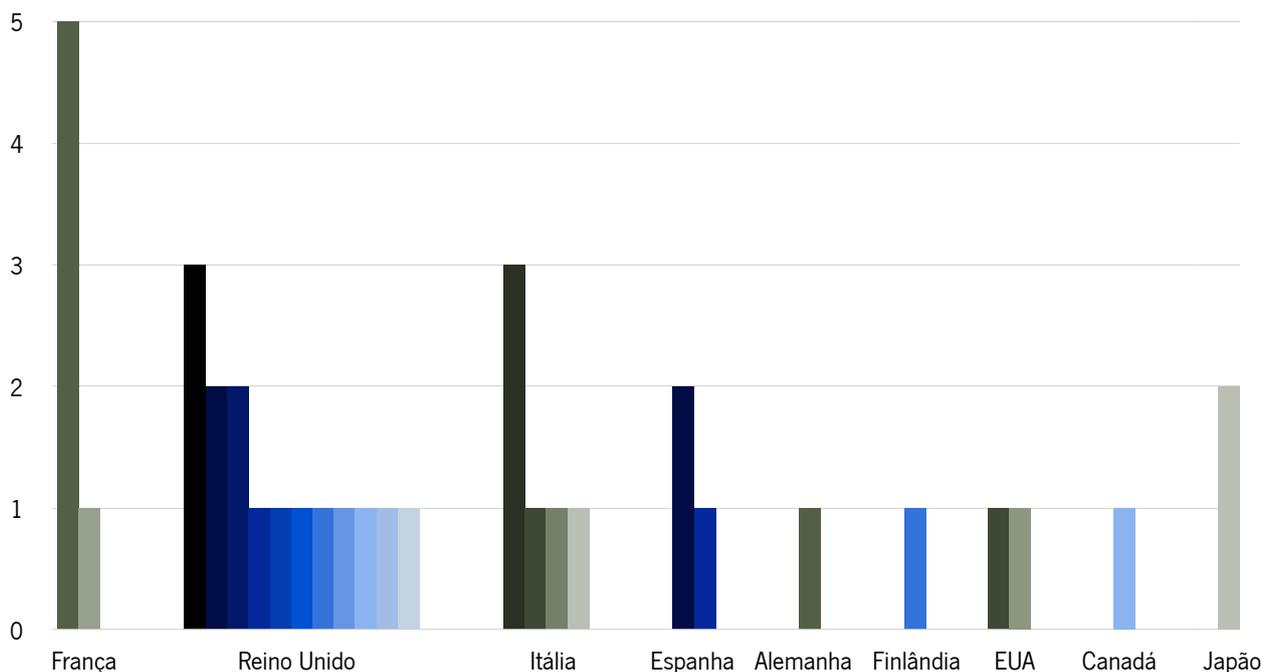
- Intervenções de Nuno Portas na revista *Arquitectura*
- Projetos de arquitetura, apresentados na revista, com Nuno Portas como um dos arquitetos
- Traduções de Nuno Portas publicadas na revista *Arquitectura*

ANEXO XIV - Gráfico 12 - Artigos traduzidos e publicados na *Arquitectura*, tendo em conta a língua original



ANEXO XV - Gráfico 13 - Número de artigos traduzidos durante a 3ª série da *Arquitectura*

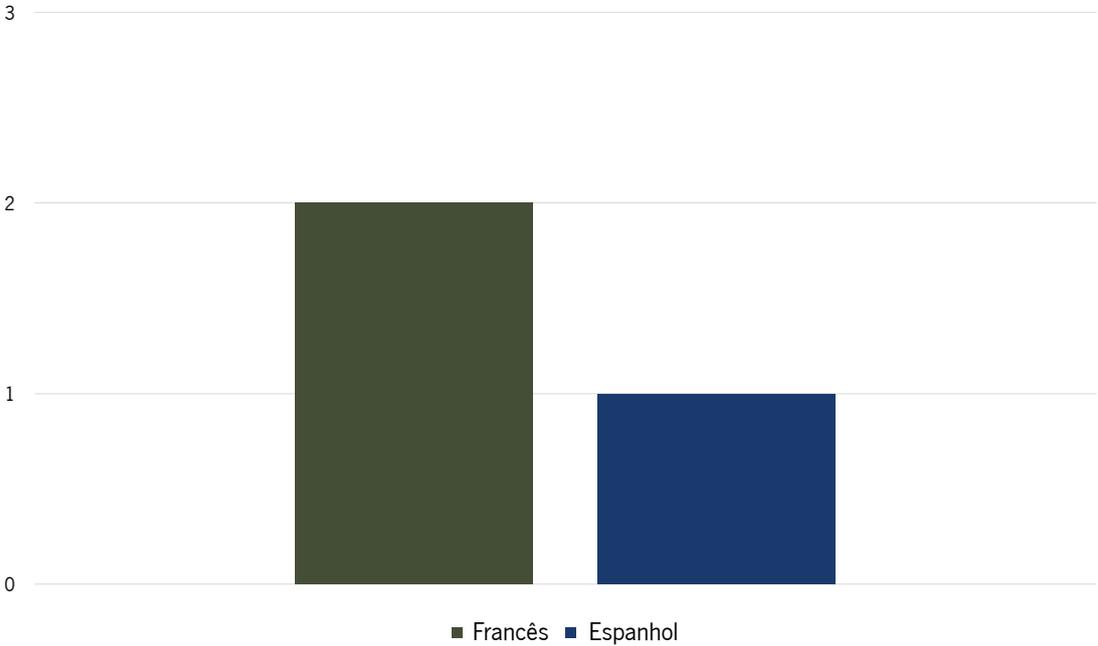
tendo em conta a origem da sua primeira publicação



- L'Architecture d'Aujourd' Hui
- Architecture, Formes + Fonctions
- Architectural Review
- The Town Planning Review
- ARENA - Architectural Association Journal
- Architectural Design
- Journal of the Town Planning Institute
- RIBA Journal
- Architects Journal
- Transactions of the Barlett Society
- Architectural Association Quartely
- Building
- Architect and Building News
- Casabella
- Domus
- Napoles Op.Cit.
- L'Espresso
- Arquitectura (Madrid)
- Hogar y Arquitectura
- Bauen und Wohnen
- Arkkitehti
- Architectural Record
- Architectural Forum
- Sociologie et Sociétés
- The Japan Architect

	França
	Reino Unido
	Itália
	Espanha
	Alemanha
	Finlândia
	EUA
	Canadá
	Japão

ANEXO XVI - Gráfico 14 - Artigos não traduzidos na revista *Arquitectura*, tendo em conta a língua publicada



ANEXO XVII - Levantamento de números com temas internacionais publicados na revista

Arquitectura tendo uma procedência estrangeira

A

Alvar Aalto

Werk n.7 – Jul. 1949

Casabella n.230

Arquitectura n.66 – Nov./Dez. 1959 | Das revistas internacionais

Arkkitehti n. 1 / 2 - 1958

Sketches – 1958 | Instead of an article

Arquitectura n.69 – Nov./Dez. 1960: Alvar Aalto – Jorge C. Silva

A indústria, o homem e a paisagem: Sunila – um exemplo de planificação industrial realizada há 21 anos

Em vez de um artigo (retirado de: Arkkitehti n. 1 / 2 – 1958)

Uma das últimas obras do mestre finlandês: O plano de urbanização da cidade de Imatra

(Tradução da monografia editada na Finlândia)

L'Architettura n.86 – O Centro Cultural de Wolfsburgo

Arquitectura n.80 – Dez. 1963 | Arquitectura no Mundo: Um novo trabalho de Alvar Aalto – O Centro Cultural de Wolfsburgo

Archigram

Hogar y Arquitectura – Set./Out. 1967 | Archigram o la Nueva Arquitectura – Francisco González Quintana

Archigram – Reyner Banham (tradução do artigo original para espanhol)

Arquitectura n.99 – Set./Out. 1967 | Arquitectura no Mundo: Archigram e o mundo do futuro (tradução de um excerto do artigo de F. G. Quintana)

“A Criatividade” | David Bohm

ARENA – Architectural Association Journal

Arquitectura n. 108 – Mar./Abr. 1969 | (tradução do artigo na integra – sem identificação do autor da tradução)

“A imaginação no poder” | Oscar Tusquets

Arquitectura n. 115 – Mai./Jun. 1970 |

“As estruturas” | David George Emmerich

L'Architecture d'Aujourd' hui n. 141

Arquitectura n. 120 – Mar./Abr. 1971 | (tradução do artigo na integra – sem identificação do autor da tradução)

“A arquitectura e o “design” face a face” | Claude Parent

L'Architecture d'Aujourd' hui

Arquitectura n. 123 – Set./Out. 1971 | (tradução do artigo na integra – sem identificação do autor da tradução)

“A sociologia e o problema urbano” | Manuell Castells

Sociologie et Sociétés

Arquitectura n. 125 – Ago. 1972 | (tradução do artigo na integra – sem identificação do autor da tradução)

“A Construção como um processo” | D. A. Turin

Transactions of the Bartlett Society 1968

Arquitectura n. 125 – Ago. 1972 | (tradução do artigo na integra – por Margarida S. Lobo)

B

Bauhaus

Arquitectura n.97 – Mai./Jun. 1967 | Algumas considerações sobre a Bauhaus – Gunther Weimer

C

Candilis

Arquitectura n.77 – Jan. 1963 | Problemas de Hoje (texto em português, sem identificação do autor da tradução)

CIAM

Arquitectura n.66 – Nov./Dez. 1959 | Aditamento à Grille CIAM d'Urbanisme

Coderch

Zodiac, no. 5 (1959): 147 - Joan Teixidor, "Jose Coderch & Manuel Valls"

Domus, no. 364 (1960):1-4 - Gio Ponti, "Un albergo e centotrentum case a Torre Valentina, Costa Brava"

Forum, vol. II, no.9 (1959): 292- 299 - "Bebouwingsplan voor Torre Valentina"

Bauen + Wohnen, no. 6 (1960): 203-207 - "Siedlung von Einfamilien-häusern und ein Hotel an der Costa Brava",

Architecture d'Aujourd'hui, no. 89 (1960): 27 - "Project d'hotel et de villas a Torre Valentina, Costa Brava",

AW Architektur und Wohnform-Innendekoration, no. 6 (1960): 21-24 - "Hotel und Ferienhausprojekt bei Palamós an der Costa Brava"

Architectural Design, no. 5 (1960): 198-199 - "Hotel & Apartments at Torre Valentina"

Bonytt, no. 9 (1960): 151- 153 - Liv Schiodt, "Under forvandlingens lov",;

Binario, no. 31 (1961): 197- 202 Rafael Echaide - "Espanha. Os pequenos congressos"

DBZ Deutsche Bau Zeitschrift, no. 2 (1961): 143-146 - "Hotel und Apartmenthäuser in Torre Valentina, Costa Brava"

Domus, no. 384 (1961): 1-10 | Non son genios lo que necesitamos ahora – José A. Coderch

Arquitectura n.73 – Dez. 1961 | Non son genios lo que necesitamos ahora – José A. Coderch (texto em espanhol)

A obra de José A. Coderch e M. Valls Vergés – Nuno Portas

Arquitectura (Madrid), no. 28 (1962) | Non son genios lo que necesitamos ahora – José A. Coderch

Hogar y Arquitectura (Madrid), no. 42 (1962) | Non son genios lo que necesitamos ahora – José A. Coderch

L'Architecture d'Aujourd'hui (Paris), no. 100 (1962) | Non son genios lo que necesitamos ahora – José A. Coderch

Architectural Design (London), no. 12 (1962) | Alison Smithson. (ed.), "Team 10 Primer 1953-1962 | Non son genios lo que necesitamos ahora – José A. Coderch

Deutsche Bauzeitschrift, no. 2 (1961): 143-146 - "Hotel und Apartmenthäuser in Torre Valentina, Costa Brava",

Werk, no. 49 (1962): 186-212 - "Spanische Architektur",

Realités, no. 207 (1963): III-IV; "Village de vacances sur la Costa Brava"

Lotus: Architectural Annual 1964-1965 (1965): 26-31 - "Urbanización Torre Valentina, Gerona Costa Brava: José A. Coderch, Manuel Valls",

Bouw, no. 52 (1968): 2142-2147 - "J. A. Coderch", Zodiac, no. 15 (1965): 58-61; RED, "Twee woonhuizen in Spanje : architect José A. Coderch en Manuel Valls"

Arquitectura n.93 – Mai./Jun. 1966 | Um hotel em Palma de Maiorca – Coderch e Valls

A+U: Architecture and Urbanism n.62 | Non son genios lo que necesitamos ahora – José A. Coderch (número monográfico dedicado ao arquiteto)

1977 – Coderch integra no seu discurso de ingresso na Real Academia de San Jorge sob o título Espiritualidade da arquitetura o texto Non son génios lo que necesitamos ahora

Carrer de la Ciutat n.6 | "Espiritualidad de la Arquitectura" (publicação do discurso de ingresso)

E

Expo 67

Architects Journal – Jun. 1967

Arquitectura n.98 – Jul./Ago. 1967 | Arquitectura no Mundo: Rescaldo da Expo 67 (tradução de excerto do artigo da Architects Journal)

Escola de Barcelona

Zodiac | Número dedicado a Espanha

Arquitectura n.107 – Jan./Fev. 1969 | A chamada escola de Barcelona – Nuno Portas e Rafael Moneo

L'architettura | A chamada escola de Barcelona – Nuno Portas (Publicado num número especial da revista dedicado a Barcelona)

F

Frank Lloyd Wright

Casabella n. 227

Arquitectura n.65 – Jun. 1959 | Das revistas internacionais

Architectural Forum n.6 – Jun. 1959

Arquitectura n.66 – Nov./Dez. 1959 | Das revistas internacionais

H

Henri Lefebvre

L'Architecture d'Aujourd'hui – Jul. 1967 | Propositions - Henri Lefebvre

Arquitectura n.98 – Jul./Ago. 1967 | Arquitectura no Mundo: Um artigo de Henri Lefebvre (tradução do artigo de Jul. 1967 da revista francesa)

“Habitação e renovação urbana” | R. C. Stones

The Town Planning Review

Arquitectura n. 111 – Set./Out. 1969 | (tradução do artigo na integra – sem identificação do autor da tradução)

J

Japão

Kenchiku Bunka n. 148 – Fev. 1959

Arquitectura n.66 – Nov./Dez. 1959 | Das revistas internacionais

The Japan Architect – Set. 1961 | A influência ocidental avaliada por um arquiteto japonês – Yuichiro Kojiro

The Japan Architect – Oct. 1962 | Centro Cultural de Okayama – Kunio Maekawa

Casabella n. 273 | Japão: Algumas apreciações críticas da moderna arquitetura Japonesa (artigo não assinado)

The Japan Architect – Jun. 1963 | Centro Cultural de Michigan – Kenzo Tange

The Japan Architect – Nov. 1963 | O município de Tatebayashi – Arq. Kiyonori Kikutake

Arquitectura n.82 – Jun. 1964 | Arquitectura no Mundo: O município de Tatebayashi – Arq. Kiyonori Kikutake

L'Espresso (semanário) | A respeito de Shibui – Bruno Zevi

L'architecture d'Aujourd'hui n. 98 | Notes sur l'architecture au Japon – Yoshinbu Ashihara

Werk, Bauen + Wohnen – Nov. 64 | Centro Cultural de Michigan – Kenzo Tange

The Japan Architect – Nov. 64 | Ginásio Nacional de Yoyogi – Kenzo Tange, Koji Kamaya e grupo URTEC

Arquitectura n.85 – Dez. 1964 | Arquitectura no Mundo: Arquitectura do “Beton Brut” no Japão – Carlos Duarte

Centro Cultural de Okayama – Kunio Maekawa

Japão: Algumas apreciações críticas da moderna arquitetura Japonesa (extrato de um artigo não assinado no número 273 da revista Casabella)

A influência ocidental avaliada por um arquiteto japonês – Yuichiro Kojiro (extrato de um artigo publicado no The Japan Architect)

Bruno Zevi defende a arquitetura moderna japonesa das críticas de “House Beautiful” (extrato do artigo A respeito de Shibui – Bruno Zevi no L'Espresso)

Aspectos da atividade profissional no Japão (extrato do artigo Notes sur l'architecture au Japon – Yoshinbu Ashihara publicado no n.98 da L'architecture d'Aujourd'hui)

Centro Cultural de Michigan – Kenzo Tange

Ginásio Nacional de Yoyogi – Kenzo Tange, Koji Kamaya e grupo URTEC

The Japan Architect n.120 | O centro internacional de Congressos de Kyoto

Arquitectura n.96 – Mar./Abr. 1967 | Arquitectura no Mundo: Notícias do Japão

O centro internacional de Congressos de Kyoto (tradução de um excerto do artigo do n.120 do The Japan Architect)

Jonathan Barnett

Architectural Record – Ago. 1963 |

Arquitetura n.93 – Mai./Jun. 1966 | O computador modificará a prática da arquitetura? (tradução do artigo publicado na Architectural Record)

Jorn Utzon

L'architettura Jun./Jul. 1966

Arquitetura n.94 – 1966 | Solidariedade internacional com Jorn Utzon

L

Le Corbusier

Arquitetura n.30 | Le Corbusier – Carlos Duarte

Arquitetura n. 88 – Mai./Jun. 1965 | Le Corbusier – Carlos Duarte (artigo do n.30 da revista)

O discurso de André Malraux no funeral de Le Corbusier

Zodiac n.7 | 5 perguntas a Le Corbusier

O Tempo e o Modo (1ª série) n. 30 – Set. 1965 | Le Corbusier, ainda actual? – Nuno Portas

Arquitetura n. 89-90 – Dez. 1965 | Actualidade de Le Corbusier – Nuno Portas

Lembrança de Le Corbusier

5 Perguntas a Le Corbusier (entrevista publicada no n.7 de Zodiac)

Architectural Review – Ago. 1966 | The last formgiver | Reyner Banham

Architectural Design – Set. 1966 | Le Corbusier's Museum

Arquitetura n.94 – 1966 | Reyner Banham escreve sobre Corbusier no aniversário da sua morte (excerto e tradução de um artigo de Reyner Banham para a revista Architectural Review)

Museu de Le Corbusier (excerto de um artigo da Architectural Design, Set. 1966)

Louis Kahn

Arquitetura n.74 – Mar. 1962 | Estrutura e Forma (texto em português, tradução de Pedro Vieira de Almeida)

M

Michel Ragon

Arquitetura n. 88 – Mai./Jun. 1965 | Michel Ragon Fala a “Arquitetura” (entrevista feita ao crítico em Paris por Alfredo Margarido e Rui Mário Gonçalves)

Werk, Bauen + Wohnen | Ou va l'architecture américaine? – Michel Ragon

Arquitetura n.94 – 1966 | Um inquérito de Michel Ragon nos Estados Unidos (tradução de um excerto do artigo Ou va l'architecture américaine?)

Mies Van der Rohe

Casabella n. 228

Architectural Design n.9 – Set. 1959

Arquitetura n.66 – Nov./Dez. 1959 | Das revistas internacionais

“Método de projetar em Arquitetura” | Geoffrey H. Broadbent

Architects Journal

Arquitetura n.103 – Mai./Jun. 1968 (tradução do artigo completo)

N

“Números e Utopias”

Casabella n. 305, 1966 | L. M. Boschini

Arquitectura n.94 – 1966 (tradução)

O

Ove Arup

RIBA Journal – Ago. 1966 | Ove Arup

Arquitectura n.94 – 1966 | Ove Arup fala de arquitectos e engenheiros (tradução de um excerto do discurso proferido por Ove Arup na entrega da Medalha Real de Ouro RIBA a 20 de Junho de 1966)

Owen Luder

L'architettura n. 140 | O centro comercial de Portsmouth, comentário de Renato Pedio

Arquitectura n.98 – Jul./Ago. 1967 | Arquitectura no Mundo: O centro comercial de Portsmouth

“O triste fim do Novo Brutalismo” | Robin Boyd

Architectural Review n. 845 | The sad end of New Brutalism

Arquitectura n.98 – Jul./Ago. 1967 | Arquitectura no Mundo (tradução de um excerto publicado no n. 845 da AR)

“O desafio à Arquitectura Moderna” | Claude Schnaidt

Architecture, Formes + Functions n.12

Arquitectura n.101 – Jan./Fev. 1968 | ver nota

“O futuro da Arquitectura?” | Dennis Sharp

Architect and Building News

Arquitectura n. 114 – Mar./Abr. 1970 | (tradução do artigo na integra – sem identificação do autor da tradução)

“O arquitecto e a luta de classes” | Hannes Meyer

“Leva Fronta” – 1931 (Praga) | “Sete perguntas sobre arquitectura” entrevista ao arquitecto

Rote Aufbau – 1932 (Berlim)

Schweizer Staedtebauer bei den Sowjets – 1932 (Basileia) | O arquitecto na luta de classes

O Tempo e o Modo, (nova série) n.91 – Out. Nov. Dez 1971 (tradução do artigo da revista de Basileia)

P

“Planeando para a sociedade do futuro” | Stanford Anderson

MIT – Out. 1966 | Colóquio “Os caminhos do futuro e as suas relações com o ambiente controlado pelo homem”

Arena – Architectural Association Journal – Mar. 1967 | Stanford Anderson (artigo que serve de resumo do colóquio)

Arquitectura n.96 – Mar./Abr. 1967 | Stanford Anderson (tradução de um excerto da Arena – Architectural Association Journal)

“Planeamento esclarecido: uma arte criadora. O centro de Hammersmith” | Noel Moffet

Journal of the Town Planning Institute – Jun. 1962

Arquitectura n. 77 – Jan. 1963 | tradução de Luís Vassalo Rosa

Problemas do Ensino

L'architecture d'Aujourd'hui – número dedicado aos problemas do ensino | Uma filosofia de ensino? – John R. Lloyd

Um ensino da arquitectura – Ricardo Porro

Arquitectura n. 67 – Abr. 1960 | Problemas do ensino de arquitectura – Jean Labatut (texto de uma conferência pronunciada na Convenção de Texas Society Architects em Nov. 1955 - tradução de Luís Fernandes Pinto

Arquitectura n. 112 – Nov./Dez. 1969 | Uma filosofia de ensino? – John R. Lloyd (tradução do artigo na integra – sem identificação do autor da tradução)

Um ensino da arquitectura – Ricardo Porro (tradução do artigo na integra – sem identificação do autor da tradução)

Paolo Soleri

Architectural Association Quartely | Paolo Soleri: A filosofia da vida urbana – Henryk Skolomowsky

Arquitetura n. 123 – Set./Out. 1971 | Paolo Soleri: A filosofia da vida urbana – Henryk Skolomowsky (tradução do artigo na íntegra – sem identificação do autor da tradução)

R

Richard Neutra

Arquitetura n.66 – Nov./Dez. 1959 | 2 obras de Richard Neutra

Roland Barthes

Op. Cit. 10 | Semiologia e Urbanística

Arquitetura n. 105-106 – Set. /Dez. 1968 | Semiologia e Urbanística (tradução do artigo completo publicado na revista de Nápoles – notas complementares de Nuno Portas que, com José Charters Monteiro, preparou a tradução)

Royaumont

Arquitetura n.79 – Jul. 1963 | O encontro de Royaumont – Fernando Távora

S

“Subsídios para a forma urbana” | Ettore Agosti, Mariaemma Cioni Mori, Franco Grossi

Casabella – número dedicado à arte urbana

Arquitetura n. 113 – Jan./Fev. 1970 | (tradução do artigo na íntegra – sem identificação do autor da tradução)

T

Torre Velasca em Milão: Discussão Banham/ Rogers

L'architettura n.40 – Fev. 1959

Arquitetura n.65 – Jun. 1959 | Das revistas internacionais

Architectural Review n. 747 – Abr. 1959

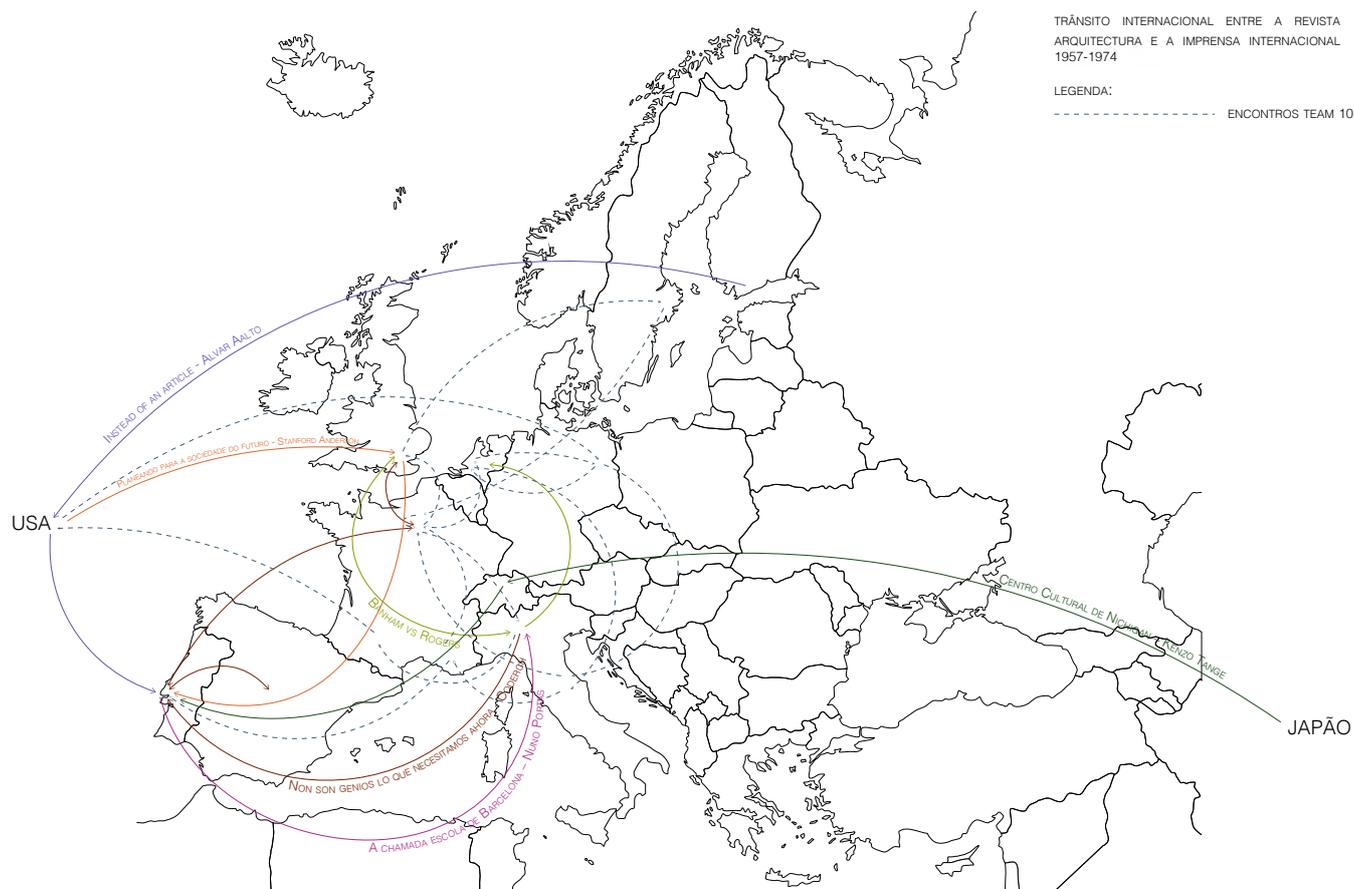
U

“Uma estética do ambiente” | R. G. Hopkinson

Architectural Review – Abr. 1967

Arquitetura n.96 – Mar./Abr. 1967 (tradução de um excerto do artigo publicado na Architectural Review)

ANEXO XVIII - Infomapa do percurso de alguns artigos publicados na *Arquitectura*



ANEXO XIX - Infomapa do percurso do texto de J. A. Coderch



ANEXO XX - Questionário enviado a José Charters Monteiro

José Charters Monteiro

respostas, em 2020-06-15

A-JCM/JCM-ENTREVISTAS 2020

Temas / Questões para o Arq. José Charters Monteiro

1 - Como e quando a tradução passou a fazer parte da sua vida?

No liceu, quando frequentei o 5º, o 6º e o 7º ano (1959 a 1962), estudei com regularidade, a par dos textos oficiais para o ensino em Portugal, pelos textos oficiais adoptados nos equivalentes anos do ensino em França, quer para as disciplinas de ciências como de letras.

Esta metodologia permitiu-me ultrapassar as limitações quanto a temas e seu desenvolvimento; optei, pessoalmente, por uma aprendizagem comparativa entre os conteúdos nas duas realidades de ensino.

Foi um procedimento que me permitiu maior abrangência nos conteúdos e no seu desenvolvimento.

Esta opção, de aprendizagem comparativa por dentro de línguas diferentes, acompanhou-me na vida de estudante de arquitectura quer em Portugal (1.º ano de Arquitectura na ESBAL) quer em Itália (curso completo de Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura do Politécnico de Milão, agora tendo a língua italiana como padrão, mas à qual se acostavam textos de outras línguas, como o inglês ou o espanhol).

Por dentro desta atitude desenvolveu-se um método comparativo na aprendizagem, assente numa constante remissão de conceitos em diferentes línguas. É um processo algo paralelo à história do território, da cidade e da própria arquitectura, nos diferentes países, lugares, culturas.

Assim, a *tradução* tornou-se uma constante do conhecimento e da aprendizagem; onde uma palavra numa língua e o seu equivalente noutra língua, ainda que bem traduzida, ou o melhor traduzida possível, no limite, se não correspondem exactamente, porque resultam de diferentes contextos e experiências não exactamente coincidentes; serão equivalentes.

Um exemplo? A palavra *cidade*; porque em cada língua/lugar/história corresponde a uma diferente e complexa experiência e materialidade.

De certa maneira *traduzir* implica conhecer, adequar, transmitir numa diferente língua aquilo que está expresso noutra língua, com os seus específicos meios de registar experiência e conhecimento.

Numa palavra, a *tradução* instala-se em nós logo que entramos em contacto com outra língua.

Pessoalmente, ao aperceber-me de que a minha língua não estava só, porque havia muitas mais, instalou-se a necessidade de comunicar, traduzindo. Comigo, esta necessidade nasce quando, aos 5 ou 6 anos de idade, entrei em contacto com crianças de língua alemã e húngara que vieram como refugiadas para Portugal após a II Grande Guerra.

2 - Qual a sua primeira tradução?

Terei feito muitas pequenas traduções para uso próprio enquanto estudante.

Traduções de carácter cultural, técnico, ou mesmo comercial, destinadas a diferentes públicos, surgem nos anos '60, em 1964, quando já frequentava a Faculdade de Arquitectura de Milão. Foram textos muito diversificados, desde navegação e pilotagem de aviões, até catálogos de matérias-primas especializadas, caso de polímeros aplicáveis nas áreas de produtos em plástico e têxteis.

Na minha área disciplinar, fiz uma tradução de espanhol para italiano, em 1969, de textos publicados na emergente revista “Controspazio”, editada em Milão (1969/1981)*.

Neste mesmo ano e em 1970, a pedido de Nuno Portas, fiz o registo escrito (a partir de gravação sonora) da conferência de Vittorio Gregotti no SNA/SPUIA na Sociedade de Belas Artes em Lisboa.

Fiz ainda algumas outras traduções, em circunstâncias muito pontuais.

* “Controspazio” Novembre 1969, n.º 6, pag 54 a 58, “Appunti critici sull’insegnamento dell’architettura in Spagna” por Antonio Fernandez-Alba

3 - Que impacto os textos/livros traduzidos tiveram na construção da cultura arquitetónica em Portugal, principalmente durante os anos 1960 e 1970?

Embora não tendo presente uma listagem dos textos/livros que em Portugal se traduziram/editaram nas décadas de '60 e de '70 – e não terão sido muitos! – julgo que a maioria terão sido originais nas línguas francesa, inglesa e espanhola; e talvez por esta ordem em número de originais traduzidos, referidos àquelas línguas.

Haveria que considerar também, complementarmente, as publicações periódicas, e nas línguas originais, obtidas por assinatura ou compradas a livrarias/editores estrangeiros e portugueses.

Ainda que não traduzidas na íntegra, estas obras em língua original não portuguesa possibilitaram citações/transcrições na imprensa portuguesa da época.

Entre outras poderão ser recordadas, com língua original italiana, obras de Leonardo Benevolo, de Bruno Zevi.

Apenas uma específica pesquisa bibliográfica às edições portuguesas dos anos '60 e '70 poderá esclarecer e documentar com segurança o espectro editorial, de originais traduzidos para português, no Portugal desses anos.

O impacto da edição em português desses títulos e originais em línguas que não o português carece ser avaliado, ainda que o número total de arquitectos em Portugal, nessas décadas de '60 e '70, não ultrapasse cerca de 850.

A influência por via escrita/editada seria, nessas décadas, muito inferior à que exercia a publicação de novos projectos e obras. O arquitecto-leitor não correspondia, em geral, ao perfil do arquitecto português; mais interessado nas manifestações práticas do projectar.

Esta caracterização do arquitecto português, correspondia, afinal, ao perfil prático e pragmático da formação do arquitecto saído das duas escolas de belas-artes de então (Lisboa e Porto).

A actividade editorial na área da arquitectura, da cidade e do planeamento, em Portugal, era muito escassa e a tradução para português de originais de outras línguas não possuía uma numerosa classe de arquitectos que justificasse editar originais traduzidos para português.

4 - Qual é a tarefa do tradutor para si?

Em primeiro lugar, a tarefa do tradutor é compreender profundamente o texto no quadro multifacetado da língua original – onde se poderá encontrar/transmitir uma complexa teia de componentes históricas, culturais, sociais; afinal e em geral, coloca-se a questão de compreender o universo da cultura da língua a traduzir.

Depois, pelo lado da língua que é tradução, há que procurar as suas equivalências relativamente aos temas e suas relações que estão presentes no original.

É precisamente aqui que se manifestam as maiores dificuldades no processo de tradução, evidenciadas sempre que à língua de chegada não correspondem, parcial ou totalmente, os âmbitos de conhecimento e relacionamento de conceitos que estejam presentes no original a traduzir.

Para dar um exemplo, poderei referir que uma língua que tenha desenvolvido vocabulário e conceitos, toda uma cultura ligada ao território, à cidade, à arquitectura (mas também a técnicas e âmbitos disciplinares específicos e complementares), estará mais dotada para pensar e realizar a sua própria realidade construída.

Existe uma relação claramente interactiva entre pensar e realizar, onde a escrita se torna uma forma de registo e de comunicação.

Neste sentido, a língua portuguesa, no seu desenvolvimento histórico e enquanto instrumento de registo e de comunicação, tem uma particular fase de enriquecimento (também por contaminação por outras línguas como o francês e o italiano, sobretudo) nos séculos XVII e XVIII, correspondente ao domínio colonial na Índia e no Brasil; que obrigou quer à construção de “infra-estruturas” militares e “equipamentos” religiosos, quer à fundação de novos aglomerados e cidades, no Brasil. Para tanto contribuíram muitos engenheiros e arquitectos militares, originários de Itália, França, Países Baixos. Com os novos técnicos e as novas frentes de actividade colonial, Portugal apreendeu um novo vocabulário e pôde dispor de obras escritas que ampliaram e contribuíram para o enriquecimento da língua portuguesa.

Na actualidade, e num diferente contexto, a contaminação de muitas línguas é feita sobretudo pelo inglês; actualmente, o caso do “português” do Brasil é um exemplo fortíssimo de língua “contaminada” pelo inglês, mas não só; o “brasileiro” também é um caso muito forte de miscigenação com o italiano, o espanhol e até o japonês.

5 - Os Pequenos Congressos (1959-1968)

5.1. Os Pequenos Congressos realizados, essencialmente, durante os anos 1960 foram catalisadores do debate da arquitectura em Espanha e em Portugal. Existem dois números da revista *Arquitectura* dedicados exclusivamente à arquitetura espanhola, onde artigos de arquitetos intervenientes nos Pequenos Congressos são apresentados - evidenciando a revista como motor de divulgação e de reflexão dos encontros em que os arquitetos participavam. Nestes congressos não só participaram figuras da Península Ibérica, como também participaram arquitetos estrangeiros, por exemplo: George Candilis, Giancarlo de Carlo, Vittorio Gregotti, ou Peter Eisenman. Penso que durante os finais dos anos 1960 o Arq. José Charters Monteiro estava a estudar em Milão, ouviu falar destes Pequenos Congressos?

Entre 1963 e 1969 residi em Milão, onde frequentei o curso de Arquitectura na *Facoltà di Architettura* do *Politecnico di Milano*. No entanto, nos verões entre 1964 e 1969 regresssei sempre a Portugal onde mantive contacto com ex-colegas da ESBAL (1.º ano 1962/1963), com arquitectos, Nuno Portas, Luís Pacheco, Conceição e Silva, Artur Pires Martins; mas também com arquitectos e professores da ESBAP (Porto), Carlos Ramos, Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira, Luís Cunha e outros.

Não acompanhei os referidos congressos em Espanha daqueles anos, embora soubesse que então se iniciava uma nova fase de relacionamento entre arquitectos portugueses e espanhóis. Na década seguinte, em 1976 e 1978, com o I e II SIAC (*Seminario Internacional de Arquitectura Contemporanea*; I SIAC em Santiago de Compostela e II SIAC em Sevilha), aprofundaram-se temas comuns, então em debate pelas gerações mais novas.

Foi uma época importante na aproximação dos arquitectos de Itália, França, Espanha e Portugal; que deixou um positivo rasto para o maior e renovado relacionamento entre arquitectos europeus.

6 - A tradução da obra de Aldo Rossi – tradução depois de 1974

6-1 Numa nota de Ana Tostões no ensaio *A diáspora ou a arte de ser portugueses (2)* para a revista *Camões* ela escreve: “José Charters Monteiro estuda no Politécnico de Milão com Aldo Rossi, torna-se seu discípulo e traduz para português *L’Architettura della Città* (1966) de Rossi, que será publicado como *Arquitectura da Cidade, Lisboa: Cosmos, 1977.*” Nesta dissertação um dos objetivos é também compreender que relação existia, e se existia, entre o autor da tradução e o autor do original. No seu caso parece que se estabeleceu primeiro uma relação de amizade e depois acabou por acontecer a tradução. Qual foi o maior desafio da tradução da *L’Architettura della Città*?

Aldo Rossi foi meu professor nos dois últimos anos de curso (1967/68 e 1968/1969, 4.º e 5.º ano do curso de arquitectura).

O projecto/tese de composição arquitectónica (*Milano, Porta Ticinese*, pertencente desde 2012 ao acervo do *Centre George Pompidou*, Paris) constituiu a tese de formatura em Novembro de 1969.

Aldo Rossi, além de meu professor, permaneceu em contacto comigo após o meu regresso a Portugal em Dezembro de 1969.

Em coerência com alguns intercâmbios que estabeleci entre Portugal e a faculdade de arquitectura de Milão – professores/arquitectos italianos, nomeadamente a divulgação e oferta de exemplares da obra “*Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*” (SNA 1961), no meu regresso a Portugal incumbi-me de traduzir e publicar “*A Arquitectura da Cidade*” (Aldo Rossi, Milão 1966).

A tradução inicia-se em 1972 mas, por motivos alheios, é de imediato interrompida até 25 de Abril de 1974.

Nesta data é retomada a tradução e a recolha de imagens ilustrativas.

Após o I SIAC (Santiago de Compostela, Set/Out 1976) é finalizada a tradução e a edição da obra (*Cosmos, Lisboa*) sai a público em Dezembro de 1977.

A tradução de “*A Arquitectura da Cidade*” colocou algumas dificuldades.

Em primeiro lugar trata-se de um texto com referências a conceitos e bibliografia temática que não estava disponível em Portugal, mesmo nas respectivas edições originais.

Em segundo lugar, as teorias, conceitos e exemplos em que se alicerçam as teses da obra, eram desconhecidas da quase totalidade do próprio público de arquitectos; que, fazia uma leitura sem que possuísse o necessário conhecimento das referências contidas na obra, nomeadamente cidades, edifícios, história urbana.

Em terceiro lugar, a escrita de Aldo Rossi é enxuta, mas plena de analogias e, muitas vezes, disponível para diferentes e até contraditórias interpretações que se desejavam ter acostadas e presentes.

Quem traduz deve seguir o texto mas terá também que avaliar qual a hipótese de tradução que seja a mais rigorosa mas simultaneamente mais inteligível.

A linguagem escrita da arquitectura, como sempre em qualquer língua e cultura, desenvolve-se em paralelo com o maior conhecimento disciplinar.

Mais investigação, maior conhecimento, mais se aperfeiçoam conceitos e a linguagem própria capaz de os transmitir.

Portugal, à época, não tinha a sua linguagem disciplinar desenvolvida e disponível para conceitos que não dominava ou lhe eram estranhos. Este, o grande desafio desta tradução, que evoluiu da primeira edição (Edições Cosmos 1977) para a segunda edição (Edições Cosmos 2001) e, desta, talvez definitivamente para a terceira edição (Edições 70, 2016).

A primeira e a última edição estão separadas por 39 anos!

1 Portugal não participa inicialmente nos Pequenos Congressos, passa a participar, em 1967 com o VIII Congresso de Tarragona.

2 TOSTÕES, Ana – A diáspora ou a arte de ser português. *Camões – Revista de letras e culturas lusófonas*. N.º 22 (2013), p. 23-40

7 - A tradução na revista *Arquitectura* – tradução antes de 1974

7-1 Um dos textos traduzidos na revista foi o *Semiologia e Urbanística 3* de Roland Barthes, no qual a *Arquitectura* indica Nuno Portas e José Charters Monteiro como autores da tradução. Será que podia falar um pouco de como é que esta tradução aconteceu? Quem escolheu o texto? É também indicado na revista que o texto é traduzido a partir de uma versão em italiano da revista *Op. Cit.* e não da sua versão original em francês. Porque é que fizeram a escolha de traduzir o texto a partir de uma tradução?

Nos meus contactos com o Arq.º Nuno Portas, nas minhas vindas de férias a Portugal entre 1964 e 1969, e mesmo depois, até Março de 1972, abordámos o tema das obras sobre arquitectura e sobre a cidade. Foram conversas de troca de informações sobre o panorama editorial em geral e em particular sobre as edições italianas, então como ainda agora, muito numerosas em cada ano que passa.

O texto referido, de Roland Barthes, sobre um tema e um posicionamento disciplinar muito em voga, de que se esperavam grandes e positivos desenvolvimentos (afinal, como então previ e disse a NP: “a montanha está a parir um rato!”; estávamos fora de estrada!...), o texto, devo dizer, não o recordo; possivelmente conversámos sobre ele e a sua tradução e, possivelmente, o meu nome aparece como co-tradutor (o que agora me espanta) por amabilidade, então, de NP.

A escolha do texto terá sido de NP; o contacto com a *Arquitectura* era de NP. Traduzido do italiano?! Estranho. Podia ter sido do francês, perfeitamente.

7-2 Existe um conjunto significativo de traduções na revista em que não é identificado o autor. Participou em mais alguma tradução publicada na *Arquitectura*?

Sinceramente não tenho ideia de colaboração minha com outros textos na *Arquitectura*.

8 - A tradução: o tradutor e o tempo

8.1. Nesta investigação o filtro da tradução, ao isolar certos textos na revista *Arquitectura*, fez com que se destacasse um certo sincronismo entre **o tempo e tradução**. Artigos como “Problemas de Hoje” 4 de George Candilis, “Planeando para a sociedade do futuro” 5 de Stanford Anderson, “Archigram e o mundo do futuro” 6 de Francisco Quintana, “O futuro da Arquitectura” 7 de Dennis Sharp ou ainda “Non son genios lo que necesitamos ahora” 8 de Coderch - que é publicado na revista em espanhol - são alguns dos que manifestam a preocupação do arquiteto com o presente e com o futuro. Essa inquietação parece ser um reflexo do tempo que se estava a viver na altura - com o pós-guerra e a possibilidade de o mundo seguir um rumo diferente. Que relação pensa que a tradução tem com o tempo?

Tem sempre relação, seguramente!

Constantemente nos relacionamos com **o nosso tempo pessoal** e com **o nosso tempo social**.

No presente, no passado, e ao que deste elegemos, no futuro e ao que dele pretendemos.

Os temas (títulos) indicados possuem uma clara pertença à tipologia dos problemas de então quer nos campos social, político, e nos propósitos disciplinares para os espaços sociais e privados. Olhando para traz, vimos nestes títulos e nos seus conteúdos uma utopia pós-bélica, de reorganização profunda das sociedades e dos espaços habitados. O final da II GG prometia, parecia pretender este sonho.

Agora, hoje, em plena pandemia virótica, não diria que se não pense numa diferente, como de certa forma também à época destes textos se pensava, relação entre o homem e o planeta; uma relação nova, não auto-destrutiva.

Mas entre os interesses instalados que o não desejam, por um lado, e o diferente posicionamento de quem se lhe opõe (aos interesses instalados, destrutivos) percebe-se ser quase impossível alavancar uma mudança de rumo: da presente relação destrutiva entre homem e natureza para um equilíbrio que compatibilize homem e planeta.

José Charters Monteiro

Nota final

Na revista **Arquitectura e Vida**, de que fui co-fundador e primeiro director, fiz numerosas traduções para português de textos e de gravações de entrevistas de originais em espanhol, francês e italiano.

Dirigi: números 1 a 12 – Fev 2000 a Jan 2001 e números 70 a 97 – Abr 2006 a Out 2008

3 BARTHES, Roland – Semiologia e Urbanística. *Arquitectura*. N.º 105-106 (Set./Dez. 1968), p. 180-182

4 CANDILIS, George – Problemas de Hoje. *Arquitectura*, N.º 77 (Jan. 1962)

5 ANDERSON, Stanford – Planeando para a sociedade do futuro. *Arquitectura*, N.º 96 (Mar./Abr. 1967)

6 QUINTANA, Francisco – Archigram e o mundo do futuro. *Arquitectura*, N.º 99 (Set./Out. 1967)

7 SHARP, Dennis – O futuro da Arquitectura. *Arquitectura*, N.º 114 (Mar./Abr. 1970)

8 CODERCH, José – Non son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura*, N. 73 (Dez. 1961)

ANEXO XXI - Perguntas enviadas a Joaquim Moreno

Questões Arq. Joaquim Moreno

1. Será que podemos considerar a revista *Arquitectura* como uma *little magazine*? (apesar de o arquiteto já ter desvendado a resposta na troca de mensagens, gostava de o ouvir falar um pouco sobre este assunto)
2. Veronique Patteeuw refere que “[...] these periodicals functioned as laboratories of thought, exploring both the boundaries of the discipline and diverse ways of critical writing.”¹ Que critérios uma *little magazine* deve responder para ser “classificada” como tal?
3. A tradução: o tradutor e o tempo
 - 3.1. Nesta investigação o filtro da tradução, ao isolar certos textos na revista *Arquitectura*, fez com que se destacasse um certo sincronismo entre o tempo e tradução. Artigos como “Problemas de Hoje”² de George Candilis, “Planeando para a sociedade do futuro”³ de Stanford Anderson, “Archigram e o mundo do futuro”⁴ de Francisco Quintana, “O futuro da *Arquitectura*”⁵ de Dennis Sharp ou ainda “Non son genios lo que necesitamos ahora”⁶ de Coderch - que é publicado na revista em espanhol - são alguns dos que manifestam a preocupação do arquiteto com o presente e com o futuro. Essa inquietação parece ser um reflexo do tempo que se estava a viver na altura - com o pós-guerra e a possibilidade

¹ PATTEEUEW, Véronique – Architecture, Writing and Criticism in the 1960s and 1970s: The little magazine as agent provocateur. *Architectural Theory Review*. 2010 n.º 3, volume 15. 281-297. 1326-4826

² CANDILIS, George – Problemas de Hoje. *Arquitectura*, N.º 77 (Jan. 1962)

³ ANDERSON, Stanford – Planeando para a sociedade do futuro. *Arquitectura*, N.º 96 (Mar./Abr. 1967)

⁴ QUINTANA, Francisco – Archigram e o mundo do futuro. *Arquitectura*, N.º 99 (Set./Out. 1967)

⁵ SHARP, Dennis – O futuro da *Arquitectura*. *Arquitectura*, N.º 114 (Mar./Abr. 1970)

⁶ CODERCH, José – Non son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura*, N. 73 (Dez. 1961)

de o mundo seguir um rumo diferente. Que relação pensa que a tradução pode ter com o tempo?

4. Na entrevista de 2016 ao programa *Afinidades* da RTP o Arq. Joaquim Moreno fala da relação mestre/professor – mestre associado a um ensino beaux-arts e professor vinculado a uma ideia de transformação continua e de uma posição de questionamento. O que me fez relacionar com o caso de estudo desta investigação, o texto “No son genios lo que necesitamos ahora”⁷ de Coderch publicado pela revista *Arquitectura*. O arquiteto catalão defende uma ideia de ensino que coloca o doutrinarismo de parte, e onde se pode ler:

“Creo que necesitamos sobre todo, buenas escuelas y buenos profesores. [...] Creo que para conseguir estas cosas hay que desprenderse antes de muchas falsas ideas claras, de muchas palabras e ideas huecas y trabajar de uno en uno, con la buena voluntad que se traduce en acción propia y enseñanza, más que en doctrinarismo. Creo que la mejor enseñanza es el ejemplo; trabajar vigilando continuamente para no confundir la flaqueza humana, el derecho a equivocarse - capa que cubre tantas cosas, con la voluntaria ligereza, la inmoralidad o el frío cálculo del trepador.”

Esta relação que estabeleço entre o Arq. Joaquim Moreno e este manifesto de Coderch pode traduzir-se em: *Não são mestres o que precisamos agora. Não são doutrinas o que precisamos agora. São professores o que precisamos agora.*

Tem alguma relação particular com este texto?

⁷ CODERCH, José – No son genios lo que necesitamos ahora. *Arquitectura*, N.73 (Dez. 1961)

ANEXO XXII - Tabela 3 - revista *Binário* entre 1958 a 1974

Revista <i>Binário</i> (1958-1974)			
N.º	Ano	Mês	Tema internacional
1	1958	Abril	“O arquitecto na sociedade industrial” Walter Gropius “Noticiário”
2	1958	Maio	“A arquitectura de Pier Luigi Nervi” G. C. Argan “Um apartamento por Alvin Lustig” Olga Guelf
3	1958	Junho	“Discurso proferido por Alvar Aalto a propósito da “Exposição da Arquitectura Finlandesa” em Londres” “Imóvel Pirelli – Milão” Estudio Ponti “Noticiário”
4	1958	Julho	“Escola sindical de Bernau” Hannes Mayer “O “Designer” e a transmissão dos valores” Leo Leoni “Noticiário”
5	1958	Agosto	“Finn Juhl e o mobiliário dinamarquês” Bent Salicath “O desenho de cadeiras confortáveis” Dargan Bullivani “Ascensores” Edward Parker
6	1958	Setembro	“Depoimento” Óscar Niemeyer “O papel provável das superfícies electoluminescentes na evolução futura da iluminação” Jean Dourgnon
7	1958	Outubro	“A construção dos conjuntos habitacionais em Orleães (França)” J. Coiffard, M. Dechaut, Bazin “Notícias”
8-9	1958	Novembro/Dezembro	“O desenvolvimento da arquitectura contemporânea e a consciência da irradiação” Gakuji Yamamoto “Os blocos habitacionais de Langham House” James Stirling e James Gowan ““O Poema electrónico” de Le Corbusier” Le Corbusier, Janis Zenakis “O desenho industrial” W. Wagenfeld “Ascensores” Edward Parker “Notícias”
10	1959	Janeiro	“Cinema “Esedra” – Itália” Eugenio Rossi, Madeline D'Arsonvals “Fábrica Dunlop em Amiens” Han “Notícias”
11	1959	Agosto	“Unidade experimental no México” Mário Pani, Salvador O. Flores, Domingo G. Ramos, Henrique Morales, Victor Villa “Construção de Silos para cereais em Marrocos” M. J. Viel “Monografia de alguns Silos construídos m Marrocos” M. J. Despeyroux “Uma descoberta no campo da fabricação do vidro – O “float Glass” “Notícias”
12	1959	Setembro	“A arquitetura na América entre Câncer e Capricórnio” Luis Boróbio “Notícias”
13	1959	Outubro	
14	1959	Novembro	“O Arquitecto no Japão” Kenzo Tange “Notícias”
15	1959	Dezembro	“As fabulosas cúpulas de Richard Fuller”

			<p>“Notícias”</p> <p>“O desenvolvimento e a importância atual da Mowilith” Heinrich Koch</p> <p>“Mowilith para pinturas” August Schaefer</p> <p>“Mowilith na construção” Joachim Ebigt</p> <p>“Outros exemplos das aplicações múltiplas da Mowilith” Peter Jeckel</p>
16	1960	Janeiro	<p>“A sede da Unesco em Paris”</p> <p>“Pavilhões de aulas do Colégio de Gastelueta em Negury, Viscaya (Espanha)” Alberto Cagigal Gutierrez</p> <p>“A idade dos plásticos estratificados” Anatole Julius</p> <p>“Notícias”</p>
17	1960	Fevereiro	
18	1960	Março	<p>“A cidade e o automóvel” Robert Auzelle</p> <p>“Agência em Lisboa de uma companhia de aviação” Eduardo Anahory</p> <p>“Uma tentativa de pré-fabricação na construção de casas económicas na Holanda” Frans van Haasterl</p> <p>“Os aeroportos e as cidades” Pierre D. Cot</p> <p>“Notícias”</p>
19	1960	Abril	<p>“Walter Gropius”</p> <p>“Minoru Yamasaki – o arquiteto da alegria e da serenidade”</p> <p>“Notícias”</p>
20	1960	Maio	<p>“Saint Malo. Saint Servaint – Hospital Intercomunal de cirurgia” Henry Auffret, J. Hardion</p> <p>“As ciências do homem em França – ciências humanas e habitação” Jean-Louis Bruch</p> <p>“A ponte de Tancarville” Marcel Huet</p> <p>“Ruão reencontrou as suas antigas casas de madeira” Yvan Christ</p> <p>“A exposição “Paris construit” Jean Gallotti</p> <p>“Notícias”</p>
21	1960	Junho	<p>“A incógnita da cidade moderna” Luiz Boróbio</p> <p>“O trânsito moderno nas cidades é aéreo e subterrâneo” Ernst Mathees</p> <p>“Notícias”</p>
22	1960	Julho	<p>“A arte e a educação”</p> <p>“Aspetos do Palácio da Alvorada” ambos de Lúcio Costa</p> <p>“Teatros oficiais no setor cultural de Brasília” Oscar Niemeyer</p> <p>“O sonho e a realidade em Urbanística” Huertas Lobo</p>
23	1960	Agosto	<p>“Giraudoux e o espírito do urbanismo” Perre Sudreau</p> <p>“Casa de fim de semana em Alportuche” Eduardo Anahory</p> <p>“Evolução histórica do conceito de cidade” Huertas Lobo</p> <p>“A”Escola de construção” mais influente do mundo” Sigrid v. Voss</p> <p>“Notícias”</p>
24	1960	Setembro	<p>“O futuro de Paris” Pierre Sudreau</p> <p>“1ª Jornadas Luso-Brasileiras de Engenharia Civil” Marcelo Rocha</p> <p>“A evolução histórica do conceito de cidade” Huertas Lobo</p> <p>“Um “snack-bar” e loja de discos em Lisboa” Eduardo Anahory</p>

			"A segurança no trabalho protege a vida do operário" J. B. Lieber
25	1960	Outubro	"40 anos da arquitetura espanhola" César Ortíz-Echagüe "Grupo "Les Buffets" em Fontenoy-aux-Roses" J. Dimitrijevic, G. Lagneau, M. Weill, J. Penotet "Frank Lloyd Wright aproximou-nos da arte oriental?" Luís Boróbio "Alguns aspetos da arquitetura moderna holandesa: as suas origens e o seu desenvolvimento de 1900 até aos nossos dias" Frans van Haasten "Notícias"
26	1960	Novembro	
27	1960	Dezembro	"Instrução geral sobre os planos de urbanismo" "União europeia para a apreciação da técnica na construção" ambos de Pierre Sudreau "40 anos da arquitetura espanhola (conclusão)" César Ortíz-Echagüe "Notícias"
28	1961	Janeiro	"As aldeias-centros, pontos de apoio da estrutura rural renovada" Gaston Bardet "Monumentos destruídos na Alemanha oriental" "Notícias"
29	1961	Fevereiro	"Apresentação" Hans Karl Vacano "Organização de espaços" "Construção de estradas" ambos de Erich Deirich "A construção de habitações sociais – retrospecto e perspectiva" Fritz Jaspert "A obra de arte na construção" Karl Badberger "Sala de concertos Beethoven em Bonn" S. Wolske "O bairro Hansa na planificação global de Berlim" Hans Stephan + 9 artigos sobre o bairro
30	1961	Março	"Paris – Rond-Point de la Défense" Robert Auzelle "Casa de habitação e comércio em Frankfurt" Otto Appel "Torção de peças de secção delgada" Telémaco van Langendonck "Os artistas acompanham as novas tendências de construção em larga escala" Sylvia Adburgham "Garrafeiras acima do solo" Peter Falconer "Notícias"
31	1961	Abril	"Espanha- os pequenos congressos" "A América constrói novas casas de espetáculos" ambos de Rafael Echaide "Barras rectas fletidas com linhas elásticas reversa" Telémaco van Langendonck "Notícias"
32	1961	Maior	"Notícias"
33	1961	Junho	"Arquitetura em evolução" C. A. Doxiadis
34	1961	Julho	"Anteprojecto de ampliação de Guadalajara (Espanha) para 40.000 habitantes e zona industrial média" Alberto Cagigal "A imagem da cidade" "Paul Rudolph, um dos arquitectos norte-americanos de mais forte personalidade" ambos de Jacqueline Tirwhitt "Febre de construção de novos hotéis para o desenvolvimento do Turismo" Luscombe Whyte "A poluição atmosférica e os espaços verdes urbanos" Hans Ulrich Schmidt

			“Notícias”
35	1961	Agosto	“Utilização do oxigénio na indústria siderúrgica” Marc Allard
36	1961	Setembro	“Essa maravilhosa profissão que se chama Engenharia Civil” M. D. Morris “Novos materiais de construção utilizados no Reino Unido” “Novas habitações para os holandeses” ambos de Rolt Hammond “Notícias”
37	1961	Outubro	“Condições e imperativos do urbanismo” Robert Auzelle “O Palácio dos Congressos de Berlim” Hugh A. Stubbins “Unidade de habitação” “VI Bienal de S. Paulo” ambos de Le Corbusier “Forças de formação da Arquitetura Americana Contemporânea: a influência de Richard Neutra.” “Mies van der Rohe fala uma linguagem maravilhosa” “Victor Gruen – homem com uma missão” “As grelhas são a marca de contraste de Edward Stone” “Eero Saarinen tinha imaginação, versatilidade, bom senso” “Minoru Yamasaki – o arquitecto “da serenidade e do encanto”” “I. M. Pei – arquitecto “da elegância sossegada e da simplicidade”” Frances Stahl
38	1961	Novembro	“Forças de formação da Arquitetura Americana Contemporânea (conclusão): I. M. Pei – arquitecto “da elegância sossegada e da simplicidade”” “Paul Rudolph, “força arquitetónica por direito próprio”” “Victor Lundy acredita na expressão pessoal” “O sistema métrico e o sistema inglês” todos de Frances Stahl “Surge um conjunto novo no meio da segunda cidade da Grã-Bretanha J. M. Robson “Notícias”
39	1961	Dezembro	“O futuro das nossas cidades” Constantino A. Doxiadis “A cooperação de habitação na França” Léon Robert “Unidade residencial de L’Hay-les-Roses” Billard, A. Mahe, R. Lesage “Victor Lundy acredita na expressão pessoal”
40	1962	Janeiro	“O que é o zonamento?” “Habitação e renovação urbana em algumas cidades da Europa” “Habitação e urbanismo na Escandinávia” Romeo Mondello
41	1962	Fevereiro	“Projeto para a construção do centro paroquial de Santo Estevão Prolomártir em Cuenco” José H. Sobrini, José L. Esteve, José L. Rokiski “Antologia – discurso preliminar da Carta de Atenas” Jean Giraudoux “Carta de Atenas – encontro insólito de Giraudoux e Le Corbusier” Carlos Antero Ferreira “Notas sobre os limites e a população numa zona central” Romeo Mondello “O centro de compras de Rockland” Ian Martin e Victor Prus “A cada um dos seus quilómetros” Roberto Aron “Notícias”
42	1962	Março	“O alojamento na Europa – Tendências e planos de 1960 (resumo de um ensaio preparado pelo Secretariado da Comissão Económica da Europa)” “Nota de introdução”

			<p>“Novos edifícios de exposição na Holanda” ambos de B. F. Reiner</p> <p>“Aspectos psicológicos da higiene da habitação” R. H. Hazemann</p> <p>“As cores nos hospitais” Elmar Berkovich</p> <p>“Um hotel na Dinamarca (impressões de uma viagem)” Aníbal S. A. Vieira</p> <p>“Notícias: a evolução até ao aço nervurado “TOR”” Stefan Sorely</p>
43	1962	Abril	<p>“Criação na irradiação” A. V.</p> <p>“Palácio de Sua Alteza o Príncipe Herdeiro em Tóquio” Yoshiro Taniguchi</p> <p>“O palácio metropolitano de festivais de Tóquio” Kunio Maekawa</p> <p>“Algumas considerações sobre as paredes acústicas esculpidas no Auditório principal” Royokichi Mukay</p> <p>“A arte nos adornos” Masayuky Nagare</p> <p>“Palácio dos festivais da cidade de Tóquio” Antonin Raymond</p> <p>“Plano e superintendência de salões de exposição do Centro Internacional de Comércio de Tóquio” Masachika Murata</p> <p>“Descrição dos Salões de exposição do Centro Internacional de Comércio de Tóquio” Masachika Murata</p> <p>“Linha geral do projeto estrutural de edifícios do Centro Internacional de Comércio de Tóquio – Edifício número 1, 2 e 3” F. Yokoyama, Y. Tuboi, H. Narita</p> <p>“Piscina interior metropolitana de Tóquio” Masachika Murata</p> <p>“A casa japonesa e a sua racionalidade e sentimentos poéticos” Yoshiro Taniguchi</p> <p>“Processo “Takenaka” de fundações com caixões” Tsugio Ohuci</p>
44	1962	Maio	<p>“Produtos para a indústria de construção” Philip Will Jr.</p> <p>“A casa da Família Williams” Wurster, Bernardi, Emmons</p> <p>“Congresso Mundial de Habitação, Urbanismo e Arranjo dos Territórios”</p> <p>“Aspetos económicos da industrialização de construção” Ducio Turim</p> <p>“A mecanização e a mudança dos aspetos das cidades” Romeo Mondello</p> <p>“Notícias”</p>
45	1962	Junho	<p>“Richard Neutra”</p> <p>“Arquivo do distrito de Los Angeles”</p> <p>“Arquivo do distrito de Los Angeles (Los Angeles County Hall of Records)” Neutra e Alexander, Honold, Rex H. C. Light e J. R. Friend</p> <p>“Raios solares e difusão da luz” Andre Hardy</p> <p>“Carta ao Dr. Adler”</p> <p>“Uma área no meio do desenvolvimento dos E. U. atrasada pelo progresso” R. J. Neutra</p> <p>“Fisiologia do Teatro” Richard Neutra</p> <p>“Embaixada dos E.U.A., Karachi, Paquistão” (dois artigos) Neutra e Alexander</p> <p>“Los Angeles Child Guidance Clinic” Neutra</p>
46	1962	Julho	<p>“A Feira Mundial de Seattle” onze artigos</p> <p>“Moradia em Denver (Colorado)” Charles S. Sink</p> <p>“A cidade moderna, caso único na História” William S. Foster</p> <p>“O desenvolvimento imobiliário ao serviço do urbanismo” Romeo Mondello</p>
47	1962	Agosto	<p>“Urbanismo como vocação” John Friedmann</p> <p>“Edifício Crown Zellerbach – S. Francisco da Califórnia”</p>

			<p>“Palladio, arquiteto do Renascimento italiano” Carlos Antero Ferreira</p> <p>“Antologia: os quatro livros de arquitetura”</p> <p>“Flower Hill, Pittsburgh” I. M. Pei e associados</p> <p>“A indústria de construção – produtos, técnicas, organização” Edward D. Gray</p> <p>“Alguns critérios de fenómeno urbano” Romeo Mondello</p> <p>“Notícias”</p>
48	1962	Setembro	<p>“O primeiro projeto americano concluído de remodelação urbanística do centro comercial numa cidade” Victor Gruen</p> <p>“Conjunto da praça central de Rochester – características”</p> <p>“Sociedade em progresso”</p> <p>“Projeto de remodelação do Golden Gateway (S. Francisco) Wursters, Bernardi e Emmons. De Mars e Reay</p> <p>“Notícias: Arnhem, harmoniosa cidade holandesa. Seis milhões de campistas prefeririam dormir numa cama”</p> <p>“Aspetos da indústria paulista”</p>
49	1962	Outubro	<p>“Brasília – vítima ainda uma vez” Carlos Antero Ferreira</p> <p>“A evolução técnica e científica da vida urbana” Wolfgang Triebel</p> <p>“Notícias”</p>
50	1962	Novembro	<p>“Renovação do centro comercial de Dallas, Texas”</p> <p>“Projeto das torres do Capitólio em Sacramento (Califórnia)” Wurster, Bernardi & Emmons/ Edward Larrabee Barnes/ De Mars & Reay</p> <p>“Place Ville Marie, Montreal (Canadá)” I. M. Pei</p> <p>“Zona a nascente de Washington Square (“Society Hill”) Philadelphia Pennsylvania” Wright, Andrade, Amenta & Gane</p> <p>“Milwaukee, uma cidade com os olhos posto no futuro”</p>
51	1962	Dezembro	<p>“A membrana estrutural” Kolbjorn Saether</p> <p>“Projetos de “cascas” finas aplicadas a estruturas arquitetónicas de formas irregulares” Kolbjorn Saether</p> <p>“Notícias”</p>
52	1963	Janeiro	<p>“Projeto gigante de redesenvolvimento em Berlim Ocidental”</p> <p>“Plano de urbanização para Tóquio” Kenzo Tange</p> <p>“Islamabad” Doxiadis</p> <p>“Plano de desenvolvimento para Navajo, New México” Livingston and Blayney</p> <p>“Universidade da Califórnia”</p> <p>“Plano de desenvolvimento – comissões urbanizadora do “campus” e secção de arquitetos e engenheiros”</p> <p>“Instalações universitárias de recreio do Strawberry Canion” Wurster, Bernardi & Emmons</p> <p>“South Central Coast Campus – estudo para escolha do local” Lawrence Livingson Jr.</p> <p>“Plano para uma comunidade em Marlboro, New Jersey”</p>
53	1963	Fevereiro	<p>“On present-day planning concepts and trends”</p>
54	1963	Março	<p>““equística” e ciência regional” C. A. Doxiadis</p> <p>“Hartford Building – Chicago, Illinois” Skidmore, Owings & Merrill</p>

			<p>“Edifício do primeiro Banco Nacional” Skidmore, Owings & Merrill e Preston M. Geren</p> <p>“Convento “casa rainha do mundo”” Ernst Van Dorp</p> <p>“Edifício da Caixa Económica Postal” Hideo Kosaka</p> <p>“Palace Hotel, Tóquio” Takenaka Komuten</p> <p>“Torre San-Ai, Tóquio” Nikken Sekkei Komuten</p> <p>“A restauração da Robie House de Frank Loyd Wright”</p> <p>“Banco Lambert, Bruxelas” Skidmore, Owings & Merrill</p> <p>“Banco Chase Manhattan, Nova Iorque”</p> <p>“Harris Trust and Savings Bank, Chicago”</p> <p>“Notícias”</p>
55	1963	Abril	<p>“Exposição e Congresso Internacional de Pré-fabricação” E. Stucchi</p> <p>“Primeiro Congresso Internacional de Pré-fabricação: Tema 1, Tema 2, Tema 3 e Tema 4” C. Bonnome, A. Lamaro, G. Lombardo e G. Blachère</p> <p>“Casas pré-fabricadas, progressiva indústria americana” Jerome J. Madigan</p> <p>“Daqui a cem anos...” C. A. Doxiadis</p> <p>“Notícias”</p>
56	1963	Maio	<p>“O convento de Santa Maria de la Tourette” Le Corbusier</p> <p>“O urbanismo espacial é o urbanismo do futuro”</p> <p>“Casa da Rádio, Paris” Henry Bernard</p> <p>“Royan, cidade moderna”</p> <p>“Museu-Centro Cultural do Havre” Raimond Audigier e Guy Lagneau</p> <p>“Escola Intercomunal “Les Blagis”, Sceaux” P. Herbé e A. Aubert</p> <p>“O primeiro “metro” francês suspenso”</p> <p>“Centro de Investigações I. B. M. – La Gaude” Marcel Breuer e Robert B. Gatje</p> <p>“Luminescência cristalina e iluminação” Joseph Janin</p> <p>“Notícias”</p>
57	1963	Junho	<p>“Anatomia dos subúrbios americanos” Myer R. Wolfe/ Arthur Yoshioka</p> <p>“Um arquiteto português na Alemanha: Bona- cidade-campo- azul e verde”</p> <p>“Düsseldorf – oásis meigo em fundo industrial”</p> <p>“Hannover – uma lição romântica”</p> <p>“Berlim – a jugosa”</p> <p>“Munique – a cidade cromática” todos de Augusto P. Brandão</p>
58	1963	Julho	<p>“Filadélfia – ontem... hoje... e amanhã...” Edmond N. Bacon</p> <p>“Principais problemas urbanísticos em Fort Worth” F. J. Brian Baker</p> <p>“Forth Worth 1970” Victor Gruen</p> <p>“A poluição do ar – problema de interesse geral” Benjamim Linsky</p> <p>“Memorial dos 26 santos mártires do Japão” Kenji Imai</p> <p>“Casa em Parker – Colorado” Charles S. Sink</p> <p>“Notícias”</p>
59	1963	Julho	<p>“Lawton House – S. Francisco, Califórnia” Rex Whitaker Allen</p> <p>“Marine Park – San Diego, Califórnia” Victo Gruen</p> <p>“Notícias”</p>

60	1963	Setembro	<p>“Declaração de Delos”</p> <p>“Simpósio de Delos”</p> <p>“Centro cívico de Marin County (a última obra de Frank Lloyd Wright)”</p> <p>“Teoria do desenvolvimento urbano (considerações em abstrato)” C. A. Doxiadis</p> <p>“Receita para o centro comercial ideal” Victor Gruen</p> <p>“René Sarger e a técnica de placas pré-esforçadas”</p> <p>“Os grandes conjuntos residenciais em França – causas e fisionomia dos grandes conjuntos”</p> <p>“Notícias”</p>
61	1963	Outubro	<p>“Forças que formarão a Ecumenópole” C. A. Doxiadis</p> <p>“A natureza da evolução urbana” Myer R. Wolf</p> <p>“Perspetivas para o futuro – um homem e um plano” William Pereira</p> <p>“O mundo da Equística” Christopher Rand</p> <p>“Telescópio solar em Kitt Peak – Arizona” Skidmore, Owings & Merrill</p> <p>“Tubos de betão pré-esforçados e depósitos pré-moldados de betão pré-esforçados” Peter Doanides</p> <p>“A Ponte de Cristal” Peter Rawstorer</p> <p>“Notícias”</p>
62	1963	Novembro	<p>“Adolf Loos e a arquitectura anti-ornamental” Ricardo Estarriol</p> <p>“O Instituto Richard J. Neutra – Los Angeles, Califórnia” C. P. Damen</p> <p>“Iluminação nos Estados Unidos”</p> <p>“Construções “Airform””</p> <p>“El Dorado Hills – novo modelo para comunidades do futuro” Victor Gruen</p> <p>“Dois museus em Los Angeles” William L. Pereira</p> <p>“Notícias”</p>
63	1963	Dezembro	<p>“Laboratório da fábrica de automóveis SEAT em Barcelona” César Ortiz-Echagüe e Rafael Echaide</p> <p>“Habitações para estudantes casados – Yale University” Paul Rudolph</p> <p>“Projeto para a Universidade de Bagdad” Walter Gropius</p> <p>“A cidade da erudição” Giulio Carlo Argan</p> <p>“Congresso Anual do American Institute Planners”</p> <p>“Notícias”</p>
64	1964	Janeiro	<p>“O Auditório e o Centro Cívico de Monons Terrasse, de Frank Lloyd Wright” Herbert Jacobs</p> <p>“A evolução da cidade espanhola” Francis Violich</p> <p>“Interrelação de tempo, lugar e homem no planeamento urbano” Myer R. Wolfe</p> <p>“Piscinas e lagos ornamentais” Thomas D. Church</p> <p>“Arena Stage, Washington, D. C.” Harry Weese</p> <p>“O novo avião supersónico “CONCORDE””</p> <p>“Decoração da Faculdade de Ciências de Marselha” Jacques Montier</p> <p>“O arco gigante de Sidney”</p> <p>“Realizações francesas recentes”</p> <p>“Notícias”</p>
65	1964	Fevereiro	<p>“A nova função do arquiteto” C. A. Doxiadis</p> <p>“Escritórios e atelier Weber & Fairfax – San Francisco, Califórnia”</p>

			<p>“As cidades e o desenvolvimento urbano” Victor Gruen</p> <p>“Decoração de interiores de um Banco em Nova Iorque” Skidmore Owings & Merrill</p> <p>“Acerca do livro “Architecture in Transition”” A. V.</p> <p>“O Homem e a necessidade da luz” W. Arndt</p> <p>“Notícias”</p>
66	1964	Março	<p>“Escola primária em San Francisco”</p> <p>“Agência de um Banco – San Bruno, Califórnia” Wurster, Bernard and Emmons</p> <p>“Concurso de montras integradas na 4ª quinzena Air France”</p> <p>“Notícias”</p>
67	1964	Abril	<p>“Os jardins japoneses únicos na sua forma e significado” Francisco A. Kéri</p> <p>“A propósito da exposição “Novas igrejas na Alemanha”” João F. S. Barrento</p> <p>“Sede da Air-France no conjunto Maine-Montparnasse, Paris”</p> <p>“Edifício para estacionamento e exposições” Tucker, Sadler and Bennett</p> <p>“”Parking” em San Francisco”</p> <p>“Notícias”</p>
68	1964	Maior	<p>“Edifício de apartamentos em Bremen” Alvar Aalto</p> <p>“O edifício-torre – marco da década de 60” Eberhard Schultz</p> <p>“Edifícios altos de apartamentos em Los Angeles” Victor Gruen</p> <p>“Projeto para um conjunto residencial – Nova Iorque” Thomas H. Hodne</p> <p>“Edifício de apartamentos em Harumi, Tóquio” Kunio Maekawa</p> <p>“Conjuntos residenciais – novos subúrbios das cidades francesas”</p> <p>“Móveis franceses”</p> <p>“Cálculo de cargas de calor solar” David W. MacCurdy</p> <p>“Richard Buckminster Fuller, o poeta da tecnologia”</p> <p>“Notícias”</p>
69	1964	Junho	<p>“Residência em Claremont, Califórnia” Richard J. Neutra</p> <p>“Moradia da família Friedland, perto de Filadélfia” Richard J. Neutra</p> <p>“Moradia de forma circular, em Castela” E. Chinarro</p> <p>“Residência na praia – New Jersey” Marcel Breuer</p> <p>“Uma casa esculpida com blocos de betão” Paul Rudolph</p> <p>“Casa de um arquiteto em Long Island, New York” Edward J. Matthews</p> <p>“Moradia em Long Island Sound, Connecticut – E.U.A” John M. Johansen</p> <p>“Notícias”</p>
70	1964	Julho	<p>“Arquiteto Kunio Mayekawa”</p> <p>“Novos edifícios da Universidade de Gakushuin” Kunio Mayekawa</p> <p>“Centro Cultural de Okayama” Kunio Mayekawa</p> <p>“Centro cultural de juventude da Prefeitura de Kanagawa” Kunio Mayekawa</p> <p>“Um instituto científico na Universidade da Califórnia – o Lawrence Hall of Science” Anshen & Allen</p> <p>“Câmara Municipal de Hong-Kong” A. Filch e R. J. Philips</p> <p>“Centro musical de Gumma – Japão” Antonin Raymond</p> <p>“Escola primária no cimo de uma duna de areia” Wallace Holm, AIA</p> <p>“Notícias”</p>

71	1964	Agosto	<p>“Centro administrativo de Neufchatel-em-Bray” Robert Auzelle e Louis Roulle</p> <p>“Sede de um produtor de cosméticos (Edifício Shiseido, Tóquio)” Yoshiro Taniguchi</p> <p>“Concurso para o edifício Avianca em Bogotá” José P. Hurlado, Manuel Carrizosa e German S. Gnecco</p> <p>“Notícias”</p>
72	1964	Setembro	<p>“Conjunto residencial de Halen, perto de Berna” Atelier 5</p> <p>“Um retiro para pessoas idosas” Skidmore, Owings & Merrill</p> <p>“”A Colina” projeto para um conjunto residencial com casas em terraços” Roland Frey, Hermann Schröder e Claus Schmidt</p> <p>“Notícias”</p>
73	1964	Outubro	<p>“O segundo simpósio de Delos”</p> <p>“O centro de comércio mundial” Minoru Yamasaky</p> <p>“Urbanismo e construção no Japão” Romeo Mondelo</p> <p>“Edifício CBS” Eero Saarinen</p> <p>“Sede de uma companhia de seguros” William L. Pereira</p> <p>“Planeamento no sul de Espanha” Doxiadis</p> <p>“Apartamento em Los Angeles” Victor Gruen</p> <p>“Instituto de estomatologia de la Salpetrière” George Mathy</p> <p>“Notícias”</p>
74	1964	Novembro	<p>“Mobiliário modulado” Dieler Waeckerlin</p> <p>“O segredo do “design” dinamarquês” Steffen Ruus</p> <p>“A feira de mobiliário dinamarquês de 1964”</p> <p>“O livro e o móvel” H. M. Wilzemann e W. Stadelmaier</p> <p>“O projeto fisiológico de cadeiras de descanso” E. Grandjean e U. Burandt</p> <p>“Arquitetura só ou síntese arquitetónica?” André Bloc</p> <p>“A iluminação de locais” L. Gaymard</p> <p>“Notícias”</p>
75	1964	Dezembro	<p>“Mobiliário “Modus”” Kristian Vedel</p> <p>“A iluminação de locais” L. Gaymard</p> <p>“Notícias”</p>
76	1965	Janeiro	<p>“Situação da arquitetura na Alemanha” Gerhart Laage</p> <p>“Sala de concertos da Orquestra Filarmónica de Berlim” Hans Scharoun</p> <p>“Sala de concertos dos Mestres Cantores – Nuremberga” Harald Loebermann, BDA</p> <p>“Teatro municipal de Köln-Mülheim – Berlim” Marcel Felten, BDA</p> <p>“Igreja Maria Regina Martyrum – Berlim” Hans Schädel e Friedrich Ebert</p> <p>“Escola primária em Düsseldorf” Paul Schneider-Esleben</p> <p>“Faculdade de engenharia civil da Universidade técnica de Stuttgart” Rolf Gulbier, BDA</p> <p>“Centro cultural de Wolfsburgo” Alvar Aalto</p> <p>“Hotel Intercontinental – Frankfurt Main” O. Apel e H. Beckert</p> <p>“Câmara Municipal de Marl” J. van den Broek e J. Bakema</p> <p>“Centro de Investigação de Siemens Schuckerlwerke AG em Erlangen” Hans Mauer</p> <p>“Blocos residenciais em Fürstenried, Munique” Fred Angerer</p> <p>“A renovação de Bremen, novos conjuntos residenciais”</p>

			<p>“A obra de arte na escola – Hannover”</p> <p>“Arquitetura alemã ou arquitetura na Alemanha?” João F. S. Barrento</p> <p>“Notícias”</p>
77	1965	Fevereiro	<p>“Liceu feminino Munique” Ernst Maria Lang</p> <p>“Escola industrial em Düsseldorf” Heinz Kalenborn</p> <p>“Escola primária e secundária em Stuttgart-Weilimdorf” Albrecht Ebner</p> <p>“Faculdade de Arte e Arquitetura da Universidade de Yale” Paul Rudolph</p> <p>“Dois novos edifícios numa academia de Nova Inglaterra” The Architects Collaborative</p> <p>“Pavilhão atômico da exposição “Atomos em ação”” Walton Becket and Associates</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
78	1965	Março	<p>“Moradia em Denver – Colorado (E.U.A)” Charles Sink</p> <p>“Casas de férias, perto de Viena” Roland Rainer</p> <p>“Moradia numa encosta (Japão)” Takenaka Komuten</p> <p>“Moradia de um banqueiro” Takenaka Komuten</p> <p>“Vinte anos de construção de moradias na Holanda” Rienk Idenburg</p> <p>“Consequências sociais e culturais da urbanização” Frank p. Zeidler</p> <p>“Notícias”</p>
79	1965	Abril	<p>“Mies van der Rohe” J. B.</p> <p>Cinco obras de Mies</p> <p>“Consequências sociais e culturais da urbanização” Frank p. Zeidler</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
80	1965	Maiο	<p>“Permanência ou confusão?” Richard Neutra</p> <p>“Centro comemorativo Roberson” Richard Neutra</p> <p>“A primeira “cidade nova” dos Estados Unidos”</p> <p>“O espaço entre os edifícios” Edmund N. Bacon</p> <p>“Novos “campus” universitários da Universidade estadual de Nova York”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
81	1965	Junho	<p>“Catedral de S. Miguel de Conventry” Basil Spence</p> <p>“Igreja metodista (Texas, E.U.A.)” Pratt, Box & Henderson</p> <p>“Igreja de S. Patrício (Lodi, Wisconsin E.U.A.)” Klund, Knudsen</p> <p>“Capela da Academia de Forças Aéreas dos Estados Unidos (Colorado Springs) Skidmore, Owings & Merrill</p> <p>“Igreja de um mosteiro beneditino” Marcel Breuer</p> <p>“Igreja “TempPELLaukio” (Helsínquia)” Timo e Tuomo Suomalainen</p> <p>“Duas igrejas “em redondo””</p> <p>“A moderna construção de igrejas na Alemanha”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
82	1965	Julho	<p>“Piscina coberta em Marl (Alemanha)”</p>

			<p>“Ginásio municipal de Mie (Japão)” Masachika Murata</p> <p>“Estádio olímpico de Komazawa” Masachika Murata</p> <p>“Hipódromo em Phoenix (Arizona)” Victor Gruen</p> <p>“Uma “marina” na Califórnia” Livingstone and Blayney</p> <p>“Teatro Municipal de Frankfurt” O. Apel e H. Beckert</p> <p>“Centro recreativo de um retiro para pessoas idosas (Colónia – Riehl)” Marcel Fellen</p> <p>“Centro artístico de Hovikodden, Noruega (projeto)” Jon Eivar e Svein-Erik</p> <p>“Sobre a escala do humano: desafio e resposta no antropocosmos” Doxiadis</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
83	1965	Agosto	<p>“Edifício de escritórios de uma companhia de Aviação (Des Plaines, Illinois)” Skidmore, Owings & Merrill</p> <p>“Edifício de um banco, Düsseldorf” Paul Schneider-Esleben</p> <p>“Complexo industrial em Trilport (França)” J. M. Legrand/ J. Rabinel</p> <p>“Edifício parlamentar em Hannover” dieter Oesterlen</p> <p>“Centro cívico na Califórnia” Victor Gruen</p> <p>“Projeto para um autocine na ilha de Luanda” Vasco Costa</p> <p>“Sobre a escala do humano: desafio e resposta no antropocosmos” Doxiadis</p> <p>“8º congresso mundial da U.I.A.”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
84	1965	Setembro	<p>“Esboço para um retrato” Maurice Jardo</p> <p>“Antologia – Le Corbusier”</p> <p>“Dois self-services americanos” Skidmore, Owings & Merrill</p> <p>“Frank Lloyd Wright na Europa” Herbert Jacobs</p> <p>“Edifício de um Banco (Lourenço Marques)” Luis F. R. Catalão</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
85	1965	Outubro	<p>“Resistindo às forças da inércia” Doxiadis</p> <p>“Renovação da área central de Fresno (Califórnia)” Victor Gruen</p> <p>“Renovação de uma zona costeira” Victor Gruen</p> <p>“A cidade linear-central” Peter Seidel</p> <p>“Necessidade de expansão regional e da organização permanente no planeamento das grandes cidades” Carlos Lodi</p> <p>“Reservatório de água potável (Paris)”</p>
86-87	1965	Novembro/Dezembro	<p>“Centro cívico de Hampstead (Inglaterra)” Basil Spence</p> <p>“A música do betão pré-esforçado” Toshihiko Kimura</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
88	1966	Janeiro	<p>“Associação internacional de Urbanistas”</p> <p>“Europa-Center (Berlim)” Helmut Hentrich</p> <p>“O terceiro Simpósio de Delos”</p> <p>“Notícias”</p>

89	1966	Fevereiro	<p>“Código dos deveres profissionais da Associação internacional de Urbanistas (redação provisória)”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
90	1966	Março	<p>“Cidades maiores ou mais cidades?” J. Vink</p> <p>“Hotel Forte-Royal (Guadalupe)” R. Creyeaux, J. Tessier</p> <p>“Notícias”</p>
91	1966	Abril	<p>“Liceu em Düsseldorf” Heinz Kalenborn</p> <p>“Escola primária em Düsseldorf” H. Heintrich e H. Pelsching</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
92	1966	Maio	<p>“Ante-plano para o desenvolvimento de Copacabana, Rio de Janeiro” Cedus e Doxiadis</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
93	1966	Junho	<p>“O génio visto pelo génio” Walter Gropius</p> <p>“A promessa do novo mundo” Lewis Mumford</p> <p>“Modernismo consciente” George M. Ewing</p> <p>“Um pintor português expõe em Hamburg”</p> <p>“Mármore de Itália – rotas possíveis” Antero Ferreira</p>
94	1966	Julho	<p>“Casa Roses” Coderch e Walls</p> <p>“Mármore de Itália – rotas possíveis” Antero Ferreira</p> <p>“Casa Uriach” Coderch e Walls</p> <p>“Campus de Chicago da Universidade de Illinois” Skidmore, Owings and Merrill</p> <p>“Notícias”</p>
95	1966	Agosto	<p>“A ponte suspensa” R. M. Boynton</p> <p>“Digressão a um futuro plástico” Armand G. Winfield</p> <p>“Notícias”</p>
96	1966	Setembro	<p>“20 anos da arquitetura japonesa” Ryuichi Hamaguchi</p> <p>“Pavilhão japonês na Feira de Nova Iorque” Kunio Maekawa</p> <p>“Campus de Chicago da Universidade de Illinois” Skidmore, Owings and Merrill</p> <p>“Edifício de escritórios em França” Beurdeley e Lhuillier</p> <p>“Associação Internacional de Urbanistas”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
97	1966	Outubro	<p>“Centro de Música “De Doelen” – Roterdão” E. H. Kraaijvanger</p> <p>“A cidade cogumelo”</p> <p>“A região de Paris e os problemas da sua urbanização”</p> <p>“Vitor Hugo e Notre-Dame – Sacro Santa Ecclesia Parisiensis</p> <p>“Antologia – Nossa senhora de Paris”</p> <p>“Das pinturas de Altamira às esculturas de Calder” Henrique A. Jorge</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>

98	1966	Novembro	<p>“Convento jesuíta em Munique” Paul Schneider-Esleben</p> <p>“Teatro municipal em Dortmund” Heinrich Rosokotten</p> <p>“Projeto para igreja metodista – Dallas, Texas” Pratt, Box & Henderson</p> <p>“A arquitetura inglesa a meio do século” Theo Crosby</p> <p>“Temas de poesia e do génio na história da arquitetura italiana dos séculos XV a XX” Augusto P. Brandão</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
99	1966	Dezembro	<p>“Arte e arquitetura” Ove Arupe</p> <p>“Picasso contra Picasso” Luís Boróbio</p> <p>“Biografia resumida de Eugène Emmaniel Viollet-le-Duc</p> <p>“Antologia - Viollet-le-Duc”</p> <p>“Notícias”</p>
100	1967	Janeiro	<p>“Relatório de fim de ano dos membros portugueses da Associação Internacional de Urbanistas”</p> <p>“Centro de Belas Artes – Grinnel, Iowa (E.U.A.)” Skidmore, Owings and Merrill</p> <p>“Churchill College (Cambridge, Inglaterra)” Richard Sheppard, Robson</p> <p>“Livros”</p>
101	1967	Fevereiro	<p>“O mês da Equística – Atenas (1967)”</p> <p>“Casa de férias na Suíça” Bruno Onneger</p> <p>“Material de cofragem para edifícios de alvenaria alveolares” P. Begevin</p> <p>“IV simpósio de Delos (relatórios)”</p> <p>“Museu de arte Americana – Nova Iorque” Marcel Breuer</p> <p>“Livros”</p>
102	1967	Março	<p>“Edifício residencial Fasan – Stuttgart” W. Tiegel e W. Lehmbrock</p> <p>“Edifício administrativo em Düsseldorf” Paul Schneider-Esleben</p> <p>“Le Corbusier arquiteto do século XX” Angel Benito</p> <p>“Centro comercial do Elba – Hamburgo” Schwebes & Schoszberger</p> <p>“Loja em Constança – Suíça” Bruno Onneger</p> <p>“Notícias”</p>
103-104	1967	Abril/Maio	<p>“Projeto de renovação urbana em Hamburg” Neue Heimat e Hans Konwiarz</p> <p>“Duas moradias de Richard Neutra”</p> <p>“O maior túnel submarino do mundo”</p> <p>“Teatro nacional do Japão – Tóquio” Hiroyuki Iwamamoto</p> <p>“Notícias”</p>
105	1967	Junho	<p>“O 19º salão de mobiliário dinamarquês” J. D. Lawrence</p> <p>“A evolução de produção escandinava de móveis”</p> <p>“Móveis para um viver democrático” Ulf Hard of Segerståd</p> <p>“O mobiliário nórdico perante a liberalização aduaneira na Europa e no Mundo” Kare Wiloch</p> <p>“Situação atual da indústria do mobiliário na Finlândia”</p> <p>“Notícias”</p>
106	1967	Julho	<p>“Renovação urbana em Filadélfia” Skidmore, Owings and Merrill</p>

			<p>“Iluminação artificial e urbanismo – iluminação de auto-estradas e pontes de acesso a localidades” J. C. Baillif</p> <p>“Novas escolas nos Estados Unidos” Joan E. Kernes</p> <p>“Bibliografia de Calder” Henrique A. Jorge</p> <p>“Projeto residencial em Kansas City, U.S.A.” Victor Gruen</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
107	1967	Agosto	<p>“A natureza da evolução humana” Myer R. Wolf</p> <p>“Um urbanista ocidental na União Soviética” Romeo Mondelo</p> <p>“Convento dominicano em Hamburgo” Jörn Rau, Walter Bunsmann, Paul G. Scharf</p> <p>“Laboratório perto de Tóquio” Takenaka Komuten</p> <p>“Um “Hospital” no Japão” Takenaka Komuten</p> <p>“O padrão das ruas e a sua geometria” Christopher Alexander</p> <p>“Notícias”</p>
108	1967	Setembro	<p>“2ª jornadas Luso-Brasileiras de Engenharia Civil”</p> <p>“Experiências na solução do problema de habitação popular no estado da Guanabara” Mauro R. Viegas</p> <p>“Aproveitamentos hidráulicos de fins múltiplos no Vale do Zambeze” A. A. Manzanares</p>
109	1967	Outubro	<p>“1967 – centenário do nascimento de Frank Lloyd Wright” Herbert Jacobus</p> <p>“Uma cronologia de propriedade territorial – influência nos padrões de desenvolvimento suburbano” Myer R. Wolfe</p> <p>“Retrospectivas sobre o “mal” de Fresno” Herbert Jacobus</p> <p>“Notícias”</p>
110	1967	Novembro	<p>“Texto programa da Associação Internacional dos Urbanistas” M. Correia</p> <p>“A industrialização da Construção Civil no Brasil” Carlos da Silva</p> <p>“Uma aldeia antiga e uma aldeia nova em Salamanca” Donald R. Sawier</p> <p>“Notícias”</p>
111	1967	Dezembro	<p>“A cidade ocidental em 1985” Jean Winghart</p> <p>“A nova função do Industrial Design” T. Maldonado</p> <p>“Novos teatros da Alemanha” Günther Kühne</p> <p>“O mês da equística – 1968 (Atenas)”</p> <p>“Industrialização da construção – o método quadricular” R. M. E. Diamond</p> <p>“Livros”</p>
112	1968	Janeiro	<p>“Complexo Cooperativo na Granja de Mourão” José A. B. P. Forjaz</p> <p>“A respeito do artigo “Aproveitamentos de fins múltiplos no Vale do Zambeze”” A. A. Manzanares</p> <p>“Acordo básico de cooperação entre os Governos de Portugal e Brasil”</p> <p>“2ª jornadas Luso-Brasileiras de Engenharia Civil”</p> <p>“Notícias”</p>
113	1968	Fevereiro	<p>“Notas sobre a arquitectura e funções humanas” Richard Neutra</p> <p>“Teatro municipal de Ingolstadt - Alemanha” Hardt-Waltherr Hämer, Marie-B. Hamer-Buro</p> <p>“O comboio aéreo francês e o arranjo do território”</p>

			<p>“Arquitetura de interiores – exemplos finlandeses” Marika Hansen</p> <p>“Edifício da Real Sociedade Médica – Londres” D. Lasdun</p> <p>“Edifício de escritório em Tóquio” Ebihara</p> <p>“Divergências terminológicas luso-brasileiras” Heitor L. Araújo</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
114	1968	Março	<p>“Feira internacional do Móvel, Colônia, 1968”</p> <p>“Desenvolvimento urbano no Brasil” Rubens M. Pereira</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
115	1968	Abril	<p>“V Simpósio de Delos”</p> <p>“Habitat 67” Moshe Safdie e Davi, Barrot, Boulva</p> <p>“A teoria urbana” Frank P. Zeidler</p> <p>“Notícias”</p>
116	1968	Maio	<p>“A quinzena técnica de Paris”</p>
117	1968	Junho	<p>“Notícias”</p> <p>“Livros”</p>
118	1968	Julho	<p>“Os 50 anos de Bauhaus” J. B.</p> <p>“A feira escandinava de mobiliário 1968”</p> <p>“Notícias”</p>
119	1968	Agosto	<p>“Praia-piscina flutuante” Eduardo Anahory</p> <p>“A feira escandinava de mobiliário 1968 – II parte”</p> <p>“A nova torre de telecomunicações de Hamburgo” F. Trautwein/ F. Leonhardt</p> <p>“Notícias”</p>
120	1968	Setembro	<p>“Antologia – a propósito de um prefácio de Freyssinet”</p> <p>“A feira escandinava de mobiliário 1968 – III parte”</p> <p>“Brasil: plano nacional da habitação”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
121	1968	Outubro	<p>“Pavilhões japoneses para a Expo’ 70 (Osaka)”</p> <p>“A feira escandinava de mobiliário 1968 – IV parte”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
122	1968	Novembro	<p>“O sistema Pert e o raciocínio Cartasiano” Américo Martins</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
123	1968	Dezembro	<p>“Centro artístico na Noruega” John Eikvar</p> <p>“Livros”</p>
124	1969	Janeiro	<p>“A cidade deixou de existir?” Charles Delfante</p> <p>“Conjunto “barras paralelas”” R. Creveaux/ J. Tessler</p> <p>“Um tipo de moradia geminada” Roy Stout/ Patrick Litchfield</p> <p>“Edifício da Câmara de Comércio de Osaka” Takenaka Komuten</p>

			<p>“A arte nas universidades americanas”</p> <p>“Objetivo do planejamento urbano no Brasil” Jorga Wilhelm</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
125	1969	Fevereiro	<p>“Instalações do Banco Nacional Ultramarino em Dili” Fernando S. Campos</p> <p>“Igreja de S. Francisco de Sales” Marcel Beuer e H. Beckhard</p> <p>“VII Congresso Brasileiro de Arquitetos”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
126	1969	Março	<p>“Brasília, hoje” Lúcio Costa</p> <p>“Uma cidade para homens” Oscar Niemeyer</p> <p>“Embaixadas em Brasília”</p> <p>“O Salão de Artes Domésticas 1969, em Paris”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
127	1969	Maio	<p>“Problemas da habitação europeia” K. Schmiedeknecht</p> <p>“Estrutura habitável global” L. F. Davantazi, P. Ranzani, B. Munari</p> <p>“1919-1969: 50 anos dum foro chamado Bauhaus” Armando Strozenberg</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
128	1969	Abril	<p>“Antologia” Maxime Descombin</p> <p>“O Palácio dos Arcos, Brasília” Oscar Niemeyer</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
129	1969	Junho	<p>“A função social dos bairros pobres na América Latina – alguns aspetos positivos” Juan A. Casasco</p> <p>“Edifício BIG – Rio de Janeiro” Paulo Antunes/ Fernando Paes Leme</p> <p>“Edifício comercial numa estação terminal de Tóquio” Takenaka Komuten</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
130-131	1969	Julho/Agosto	<p>“A função social dos bairros pobres na América Latina” Juan A. Casasco</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
132	1969	Setembro	<p>““Mas del Puig” casa de um arquiteto na Catalunha” José A. Coderch</p> <p>“Casa unifamiliar em Greenwich, Connecticut (E.U.A.)” John M. Johansen</p> <p>“Projeto de renovação urbana de Toronto” Webb, Zefara, Menkes</p> <p>“Congresso Internacional da International Federation for Housing and Planning”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
133	1969	Outubro	<p>“Premier Congrès Européen de la Lumière”</p> <p>“Chaminé para a linha de Pittsburg”</p> <p>“Lojas de uma companhia de aviação em África”</p>

			“Notícias”
134	1969	Novembro	“De aço e vidro era o mundo de Mies van der Rohe” “Razões e objetivos do plano habitacional do Brasil” Mário Trindade “Livros” “Notícias”
135	1969	Dezembro	“Primeiro congresso europeu da luz” “Luz e civilização” Lino Richard “Um plano para o Rio de Janeiro” Lucio Costa “Notícias”
136	1970	Janeiro	“O ordenamento dos aglomerados” Robert Auzelle “Livros” “Notícias”
137	1970	Fevereiro	“Aeroporto de Schiphol (Amsterdão)” Kho Liang le “A propósito do “Salon des artistes decorateurs 1969”” “Livros” “Notícias”
138	1970	Março	“Edifícios de serviços no Japão” Takenaka Komuten “Livros” “Notícias”
139	1970	Abril	“Richard Neutra” J. B. “Os dez mandamentos da nova arquitetura para o teatro” “O novo teatro de Ulm (Alemanha Ocidental)” Fritz Schäfer “Teatro em Houston (E.A.U.)” Ulrich Frazen “Théâtre de la Ville, Paris” “Teatro nacional romeno, Bucareste” H. Maicu, R. Belea, N. Cucu “Livros” “Notícias”
140	1970	Maio	“Projeto de desenvolvimento da faixa costeira de Santos (Brasil)” Flavio Pastore, Luigi Villavecchia “Projeto para a sede da Renault (Paris)” Oscar Niemeyer “Fachadas leves em aço” M. P. Blancheteau “Um monumento restaurado – o p Palácio de Belas-Artes de S. Francisco” “Livros” “Notícias”
141	1970	Junho	“Arquitetura industrial” F. Wild “Uma fábrica de discos” Takenaka Komuten “Investigação para a construção” Takenaka Komuten “Uma central atômica” “Arquitetura industrial no mundo” “Notícias”

142-143	1970	Julho/Agosto	<p>“Casa e atelier de um arquiteto” Wilfried Beck-Erlangen</p> <p>“Casa em Espanha” J. A. Coderch</p> <p>“A natureza da casa como local de produção de vida” Naboru Kawazoe</p> <p>“Do mundo da construção”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
144	1970	Setembro	<p>“Aeroportos” A. V.</p> <p>“Terminais para passageiros” D. Alford</p> <p>“Meios de aumentar a capacidade dos aeroportos” M. A. Warskow</p> <p>“Aeroporto de Louisville (U.S.A.)</p> <p>“Do mundo da construção”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
145	1970	Outubro	<p>“Edifício de um banco” Heutrich, Mallows, Stucke, Harrison, W. O. Caln</p> <p>“Ginásio de uma universidade americana” Ritchie and Partners</p> <p>“Armazém na Califórnia” Victor Gruen</p> <p>“Loja de artigos femininos” Victor Gruen</p> <p>“Edifício IBM” Takenaka Komuten</p> <p>“Do mundo da construção”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
146	1970	Novembro	<p>“A arquitetura no futuro” Geoffrey Broadbent</p> <p>“Uma loja no Porto” Ghisiaine Lossy</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
147	1970	Dezembro	<p>“O Homem e a cidade no ano 2000”</p> <p>“Reflexões sobre as megaestruturas urbanísticas e a arquitetura celular” Luiz Cunha</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
148			
149			
150	1971	Março	<p>“Teatro da Universidade de Hull” Peter Moro</p> <p>“Do mundo da construção”</p> <p>“Notícias”</p>
151	1971	Abril	<p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
152	1971	Maiο	<p>“Edifício-sede de uma empresa de telecomunicações, São Paulo” Hoffmann Bosworth</p> <p>“Novo marco carioca – o hotel Nacional Rio” Oscar Niemeyer</p> <p>“Notícias”</p>
153	1971	Junho	<p>“Edifício administrativo e laboratórios New Haven (Estados Unidos)” Marcel Breuer</p> <p>“Livros”</p>

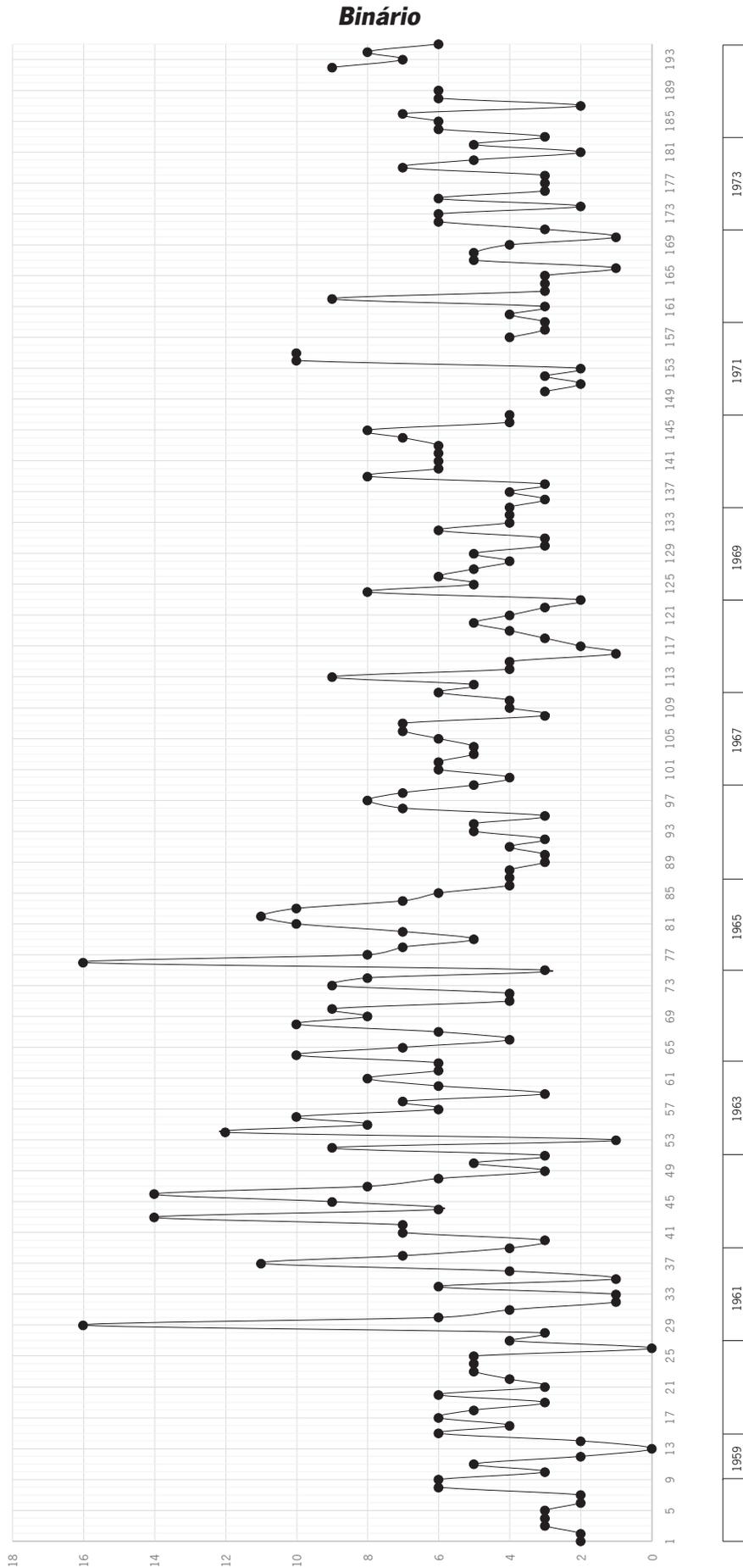
154-155	1971	Julho/Agosto	<p>“Residências de estudantes, Universidade de East Anglia” Denys Lasdun</p> <p>“Edifícios residenciais, Universidade de Stirling” R. Mattheus, Johnson-Marshall</p> <p>“Conjunto residencial na Escócia” H. E. Buteux</p> <p>“St. Antony’s College. Oxford” Howell, Kilick, Partridge and Arnis</p> <p>“Uma escola em Londres” John Bancroft</p> <p>“Henrique Mindlin, 1911-1971”</p> <p>“Lucio Costa não volta mais a Brasília...”</p> <p>“Do mundo da construção”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
156	1971	Setembro	
157	1971	Outubro	<p>“Hospital dominicano de Santa Cruz” Rex Whitaker Allen</p> <p>“Expansão de um hospital” Rex Whitaker Allen</p> <p>“Hospital em Madera, Califórnia (projeto)” Rex Whitaker Allen</p> <p>“Notícias”</p>
158	1971	Novembro	<p>“Feira escandinava de mobiliário de 1971” Svend Erik Moller</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
159	1971	Dezembro	<p>“Crimes arquitetônicos” Doxiadis</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
160	1972	Janeiro	<p>“A nova arquitetura” Douglas Davis</p> <p>“Ruas de peões em Leeds” E. W. Stanley</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
161	1972	Fevereiro	<p>“Edifício religioso em Madrid” Cecilio Sanchez Robles</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
162	1972	Março	<p>“Hotel D. João II” Nicolai Fikoff/ Júlio Neuparth</p> <p>“Uma “micro-fazenda” em São Paulo” Corrado Balducci</p> <p>“Hospital do Sagrado Coração”</p> <p>“Escola de Medicina pediátrica” ambos de Rex Whitaker Allen</p> <p>“Design inglês recente”</p> <p>“50 anos de arquitetura brasileira”</p> <p>“Do mundo da construção”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
163	1972	Abril	<p>“A reinvenção da calçada à portuguesa - obras de Eduardo Nery” J. Constantino</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
164-165	1972	Mairo/Junho	<p>“Prêmios da Concrete Society em 1972”</p> <p>“Livros”</p>

			“Notícias”
166	1972	Julho	“Livros”
167-168	1972	Agosto/Setembro	“Residência colonial em S. Paulo, Brasil” Corrado Balduccini “Ponte na Grécia” A. Ikonomou “O problema do ruído na indústria C. F. Palmer “A criatividade de Richard Buckminster Fuller” “Do mundo da construção”
169	1972	Outubro	“Universidade comercial de Nagoya” Takenaka Komuten “Centro de comércio mundial “World Trade Center”” “Livros” “Notícias”
170	1972	Novembro	“Notícias”
171	1972	Dezembro	“Códigos de edificações e conforto acústico” L. Nishikawa “Livros” “Notícias”
172-173	1973	Janeiro/Fevereiro	“Hotel no aeroporto de Dublin” Stephenson, Gibney “Desenvolvimento e crescimento urbano no Brasil” Robens Vaz da Costa “Administração empresarial e construção” T. W. Miners “Do mundo da construção” “Livros” “Notícias”
174	1973	Março	“Realizações britânicas – arquitetura, urbanismo, engenharia” “Notícias”
175	1973	Abril	“Projeto de entradas com computador” Jeffery A. Turnbull “Biblioteca e arquivo em Marbach am Neckar (Alemanha)” “A casa ecológica” Andrew Mackillop “Tempos improdutivos nas operações de construção” S. Peer e T. R. North “Livros” “Notícias”
176	1973	Maiο	“Arquitetura Religiosa” Erdmann Kimmig “Antologia: Picasso contra Picasso” “Livros”
177-178	1973	Junho-Julho	“Centro de Artes do Rio de Janeiro” “Moderna arquitetura do betão” Patricio Palomar Collado “Notícias”
179	1973	Agosto	“1ª Bienal internacional de arquitetura (São Paulo)” “Alguns projetos apresentados” “À margem da bienal” “Arquitetura dos tempos livres” “Cálculo e desenho automáticos na Profabril” Colin Amery “Livros” “Notícias”

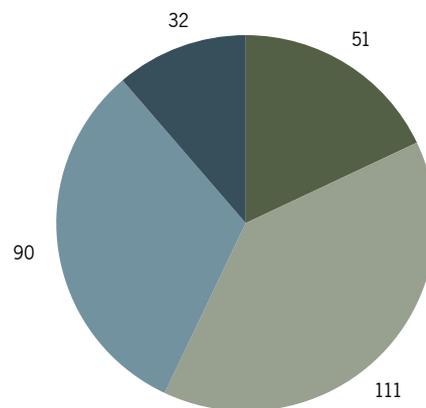
180	1973	Setembro	<p>“Edifício-sede de uma companhia de seguros, Osaka” Takenaka Komuten</p> <p>“Dois edifícios de escritórios, Colónia” Peter Neufert</p> <p>“A derrota de Le Corbusier”</p> <p>“Notícias”</p> <p>“No mundo da construção”</p>
181	1973	Outubro	<p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
182	1973	Novembro	<p>“Os sistemas de pré-fabricação e a crise de habitação” Walter McQuade</p> <p>“Um sistema de construção escolar industrializada” Paul Lenssen</p> <p>“No mundo da construção”</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
183	1973	Dezembro	<p>“Hotel e centro de congressos em Hamburgo”</p> <p>“As normas brasileiras para avaliações de imóveis nas expropriações”</p> <p>“Notícias”</p>
184- 185	1974	Janeiro-Fevereiro	<p>“A última obra de Haus Scharoun – o teatro Municipal de Wolfsburg</p> <p>“A obra do arquiteto Haus Scharoun (1893-1972)”</p> <p>“Piscina coberta em Hamburgo”</p> <p>“Igreja de Santa Cruz, Brasília” Helena M. V. de Carvalho</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
186	1974	Março	<p>“A habitação unifamiliar” R. Neutra</p> <p>“Casa na Praia das Maças” P. Neufert</p> <p>“Casa de arquiteto” Ubaldo Carpigiani</p> <p>“Residência de ministro”</p> <p>“Uma casa toda branca” Corrado Balduccini</p> <p>“Tempos livres e o instinto “lúdico””</p> <p>“Notícias”</p>
187	1974	Abril	<p>“Salão internacional do móvel (Colonia)”</p> <p>“Livros”</p>
188	1974	Maiο	<p>“Projeto inglês para uma escola secundária integral” Clive Booth</p> <p>“Casas de madeira pré-fabricadas” Pedro L. Demeterco e Ney F. P de Azevedo</p> <p>“Powell & Moya – medalha de ouro de arquitetura de 1974”</p> <p>“Lâmpadas fluorescentes” Th. Besselaar</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>
189	1974	Junho	<p>“Búzios – uma vila portuguesa no Brasil” Luiz C. F. Neves</p> <p>“”Front de Seine””</p> <p>“O Boulevard periférico de Paris” R. Dussart</p> <p>“Centro da O.N.U. (Viena)” Johann Staber</p> <p>“Livros”</p> <p>“Notícias”</p>

190	1974	Julho	
191	1974	Agosto	
192	1974	Setembro	<p>"Edifício da biblioteca central de Birmingham"</p> <p>"Clube de ténis de Dublin" Stephenson Gibney</p> <p>"Igreja em Bristol" Percy Thomas</p> <p>"O teatro vivo – projetos ingleses" John Elliot</p> <p>"Projeto de engenharia hidráulica em Hong Kong" Peter Iliffe-Moon</p> <p>"Nove nomes brasileiros de design"</p> <p>"Notícias do design"</p> <p>"A tese do Brasil ao XII congresso mundial da U. I. A. "</p> <p>"Notícias"</p>
193	1974	Outubro	<p>"A arquitetura industrial e o planeamento urbano e regional" O. W. Grube</p> <p>"Estação de tratamento de águas para a região parisiense"</p> <p>"Ilha de betão para prospeção e armazenamento de petróleo" C. G. Doris</p> <p>"Escolas de design"</p> <p>"Walter Gropius na Gulbenkian"</p> <p>"Compatação de estradas e pistas com cilindros vibratórios" R. G. Jefferies</p> <p>"No mundo da construção"</p>
194	1974	Novembro	<p>"Duas moradias em bloco (Luanda)" Vasco Santos e Teixeira da Cruz</p> <p>"Centro comercial em Inglaterra" Eric Watson</p> <p>"Centro recreativo e comercial em Nova Iorque" Steven P. Papadatos</p> <p>"A miséria da especulação ou a exploração da miséria"</p> <p>"Em exemplo de design italiano: Bruno Munari" J. Constantino</p> <p>"No mundo da construção"</p> <p>"Livros"</p> <p>"Notícias"</p>
195	1974-1975	Dezembro-Janeiro	<p>"A nova face do design num país de designers: a Dinamarca"</p> <p>"Obras de Munari"</p> <p>"Classificação mecânica de madeiras estruturais" Victor Serry</p> <p>"Ordenação do território: o exemplo holandês"</p> <p>"Livros"</p> <p>"Notícias"</p>

ANEXO XXIII - Gráfico 15 - Artigos com temas internacionais, por número da revista



ANEXO XXIV - Gráfico 16 - Artigos da revista *Binário* com temáticas estrangeiras



- Artigos que referenciam obras ou arquitetos japoneses
- Artigos que referenciam obras ou arquitetos americanos
- Artigos que referenciam obras ou arquitetos alemães
- Artigos que referenciam obras ou arquitetos espanhóis